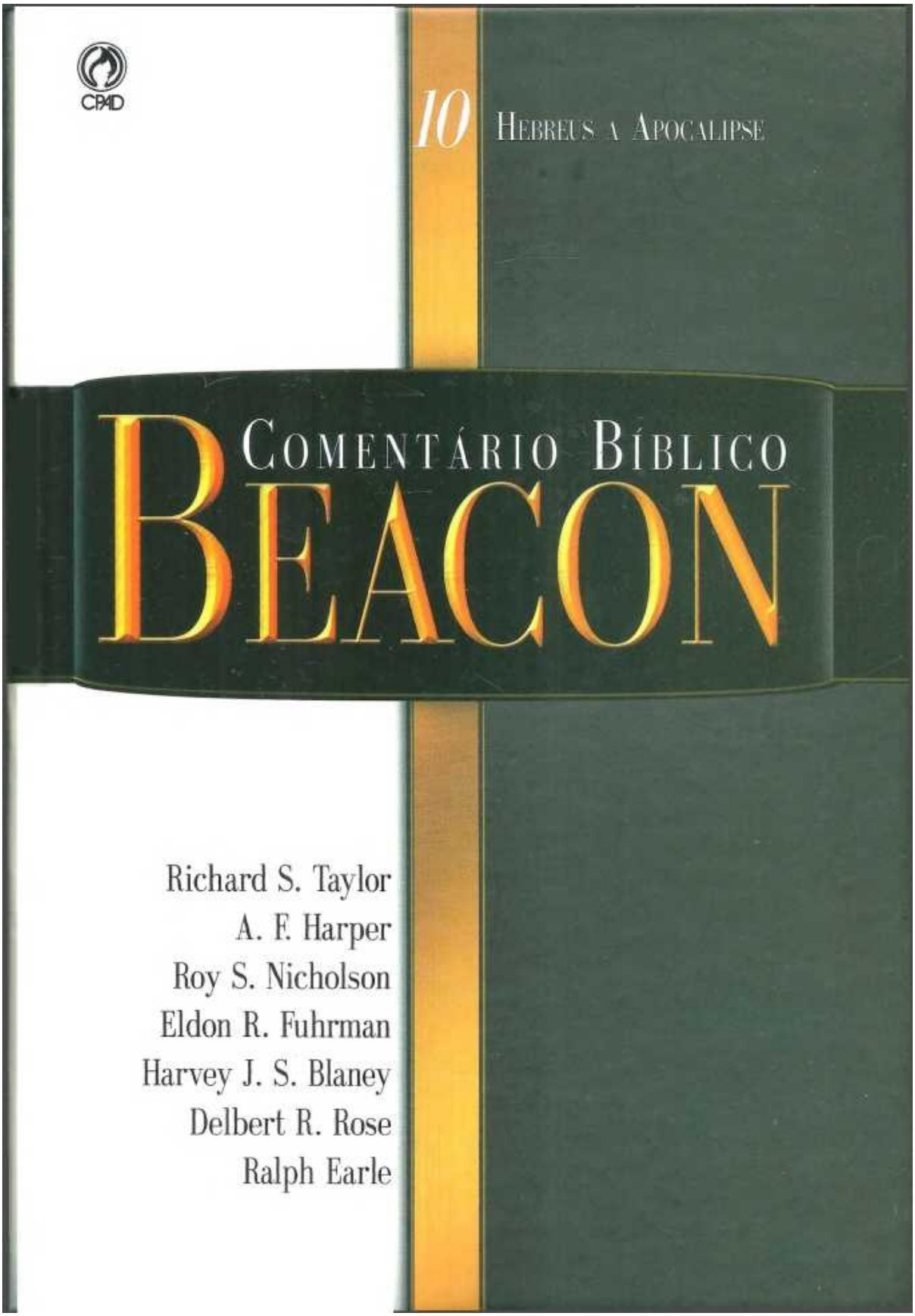
CPAD

10 HEBREUS A APOCALIPSE

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

Richard S. Taylor
A. F. Harper
Roy S. Nicholson
Eldon R. Fuhrman
Harvey J. S. Blaney
Delbert R. Rose
Ralph Earle


CPAD
10
HEBREUS A APOCALIPSE
COMENTÁRIO BÍBLICO
BEACON
Richard S. Taylor
A. F. Harper
Roy S. Nicholson
Eldon R. Fuhrman
Harvey J. S. Blaney
Delbert R. Rose
Ralph Earle

1. HEBREUS
2. A PESSOA DE CRISTO É DEFINITIVA
3. 0 SACERDÓCIO DE CRISTO É DEFINITIVO
4. A PAIXÃO DE CRISTO É DEFINITIVA
    1. 3. Uma Prática Constante (10.25)
5. A NOSSA CONFISSÃO DE FE E DEFINITIVA
    1. 4. Um Ultimato Terrível (12.18-29)
    2. Notas
    3. Bibliografia

Comentário Bíblico

A Epístola aos

HEBREUS

Richard S. Taylor

Introdução

A. Autoria

A epístola aos Hebreus é anônima. Esse é o fato isolado mais importante em relação à sua origem. Sua autenticidade não está

sendo questionada. Tudo que podemos fazer é observar a evidência externa fornecida pela Igreja e a evidência interna da própria epístola, e a partir delas tirarmos nossas próprias conclusões em relação a quem foi o seu autor.

1. *Evidência Externa*

Clemente de Roma (95 d.C.) usa Hebreus 3.2; 11.37 em sua primeira epístola aos Coríntios 17.1, 5. O Pastor de Hermas (datada por Goodspeed em 95-100 d.C.) também mostra estar familiarizado com esta epístola. Ela não se encontra no Cânone Muratoriano (final do século II).

Westcott escreve: "Perto do final do século II encontram-se evidências de que existia um conhecimento dessa epístola em Alexandria, no norte da África, na Itália, e no Oeste europeu. Desde o tempo de Pantaenus acreditava-se em Alexandria que a Epístola aos Hebreus, pelo menos indiretamente, era obra do apóstolo Paulo e de autoridade canônica; e esta opinião, apoiada em diferentes formas por Clemente e Orígenes, veio a ser aceita de modo geral pelas igrejas gregas orientais no século III".[1]

"Aproximadamente na mesma época, uma tradução latina da epístola recebeu um reconhecimento limitado no norte da África, mas não como uma obra do apóstolo Paulo".[2]

"Na Itália e no Oeste europeu, a epístola não foi reconhecida como sendo de Paulo e, conseqüentemente, pelo que tudo indica, não era reconhecida como canônica".[3] Nas versões siríacas, ela era claramente tratada como um apêndice das epístolas paulinas.

Westcott declara mais adiante: "Em resumo, quando o livro começou a circular, três opiniões distintas acerca dele já haviam obtido aceitação local. Em Alexandria, a epístola grega era vista não como um escrito direto de Paulo, mas, indiretamente, como uma tradução livre das suas palavras ou uma reprodução dos seus pensamentos. No norte da África, ela era conhecida até certo ponto como obra de Barnabé e reconhecida como autoridade secundária. Em Roma e no Oeste

europeu, não foi incluída na coleção das epístolas paulinas e não tinha peso apostólico".[4]

Em seguida, nos voltamos diretamente ao testemunho dos antigos Pais da Igreja. Clemente de Alexandria (195 d.C.) acreditava que a epístola aos Hebreus foi escrita por Paulo aos judeus na língua hebraica (aramaica) e, mais tarde, traduzida por Lucas e publicada entre os gregos. Conforme citado por Eusébio, ele escreveu: "Mas é provável que o título, Paulo, o apóstolo, não foi prefixado à epístola. Ao escrever aos Hebreus, que haviam formado um preconceito em relação a ele, e suspeitavam dele, ele sabiamente oculta seu nome, para evitar um prejulgamento do conteúdo da epístola".[6] Se Paulo, de fato, escreveu Hebreus, esta é a melhor sugestão que poderia ser feita quanto ao motivo de omitir o seu nome no início da epístola.

A opinião de Orígenes (220 d.C.), o maior estudioso bíblico da Igreja Antiga, é citada com freqüência. Ele disse: "Parece que os pensamentos são do apóstolo, mas o estilo e a fraseologia pertencem a uma outra pessoa que anotava o que o apóstolo dizia, e escrevia, quando lhe convinha, o que o seu mestre havia falado [...] Mas quem de fato escreveu a epístola, somente Deus sabe".[6]

Westcott conclui: "Os alexandrinos ressaltavam o aspecto da canonicidade e, certos dela, colocaram-na junto com os escritos de Paulo. Os Pais orientais enfatizavam o aspecto da autoria e, acreditando que a epístola não era propriamente de Paulo, negaram sua autoridade canônica [...] Acreditamos que a autoridade canônica da epístola independe de ser ou não de autoria paulina. A percepção espiritual do Oriente pode ser unida ao testemunho histórico do Ocidente. E, se entendemos que o julgamento do Espírito se faz sentir por meio da consciência da comunidade cristã, então nenhum livro da Bíblia é mais reconhecido por meio do consentimento universal, ao dar uma visão divina dos fatos do Evangelho repleta de lições para todos os tempos, do que a epístola aos Hebreus."[7]

Quando nos voltamos para o período da Reforma, notamos que Erasmo expressou suas dúvidas, não quanto à autoridade do livro,

mas quanto à sua autoria. Lutero negou a autoria paulina e sugeriu que pudesse ter sido escrito por Apoio. Calvino disse que não conseguia aceitar a autoria paulina. Ele acreditava que provavelmente Lucas, ou Clemente, escreveram esse livro.

2. *Evidência Interna*

Há similaridades no estilo e vocabulário entre a epístola aos Hebreus e os escritos de Lucas e Clemente de Roma. A descrição de Apoio em Atos (18.24-25) encaixa-se no perfil de autoria dessa epístola. Mas a Igreja Antiga não apresenta qualquer pista de que Apoio tenha sido o autor da Epístola aos Hebreus. Devemos deixar o assunto sem solução definida.

Muitos estudiosos têm destacado a clara diferença entre as epístolas de Paulo e a epístola aos Hebreus. Paulo escreve num estilo abrupto e com mudanças repentinas. Por outro lado, o estilo de Hebreus é "cuidadosamente polido e ritmicamente construído".[8]

A estrutura também é diferente. Paulo apresenta primeiro a doutrina e então a aplicação prática. Mas Hebreus alterna entre doutrina e exortação pelo menos uma meia dezena de vezes.

Também há uma diferença teológica. O livro de Hebreus é construído em torno do sumo sacerdócio de Cristo. Acristologia de Paulo, um dos assuntos mais importantes em suas epístolas, nunca toca nesse aspecto.

Este conjunto de fatos tem levado praticamente todos os estudiosos, quer liberais ou conservadores, a descartar a autoria de Paulo para o livro de Hebreus. Mesma a igreja católica romana tem modificado sua posição. Wikenhauser, um estudioso católico, escreveu: "Paulo não pode ter sido o autor imediato".[9]

B. Data

Kuemmel representa a posição liberal atual quando escreve: "A

epístola foi provavelmente escrita entre 80 e 90".[10] Concordamos com Westcott, no entanto, quando diz: "A carta pode ter sido escrita no período crítico entre 64 d.C., durante o governo de Gessius Florus, e 67 d.C., no início da guerra judaica, mais provavelmente pouco antes do início desta guerra".[11]

C. Destinatários

A visão tradicional é que o livro de Hebreus foi escrito para os cristãos judeus na Palestina. Mas Theodor Zahn sugere que ele se destinava ao grupo de cristãos judeus em Roma. Os cristãos de Jerusalém eram pobres e dependiam das ofertas das igrejas gentílicas. No entanto, Hebreus 6.10 indica que os leitores de Hebreus muitas vezes ajudaram os cristãos pobres. Alguns sugerem que Hebreus foi escrito para Alexandria. Mas essa idéia tem pouco apoio.

Em 1836 sugeriu-se pela primeira vez que Hebreus foi dirigido basicamente aos gentios. A maioria dos estudiosos protestantes hodiemos defende essa posição, juntamente com os católicos. Wikenhauser escreve: "Precisamos admitir que as evidências hoje deixam claro que a Epístola aos Hebreus não foi dirigida aos cristãos judeus em primeiro lugar".[12] Kuemmel concorda. Mas J. Cambier diz: "No entanto, a ênfase ao longo da carta acerca da superioridade da nova dispensação religiosa comparada com a antiga é melhor explicada se pensarmos na epístola como sendo enviada aos cristãos judeus".[13] Para nós, este argumento parece irrefutável. Concordamos comDonald Guthrie quando escreve: "Um claro contrapeso a favor dos cristãos judeus precisa ser admitido, se o título tradicional do livro deve merecer algum crédito".[14] Everett F. Harrison diz: "O caráter hebraico-cristão da epístola parece suficientemente provado".[15]

"Os da Itália vos saúdam" (13.24) é mais corretamente traduzido por: "Aqueles que vêm da Itália enviam saudações" (RSV). O texto grego traz: "aqueles longe de" *(apo).* O fato de a primeira notícia de Hebreus vir de Roma (1 Clemente) é um suporte considerável para a idéia de que esta epístola foi escrita para Roma. Esta é a posição da

maioria dos estudiosos hoje. Guthrie e Harrison deixam esta questão em aberto. Harrison parece favorecer a idéia dos destinatários serem os cristãos da Palestina.

D. Propósito

Isto depende, é claro, de como identificamos os leitores. O ponto de vista tradicional que Guthrie descreve como "o mais amplamente difundido"[16] é que Hebreus foi escrito para advertir os cristãos judeus contra a apostasia de voltar ao judaísmo. A intenção da epístola parece claramente ser de mostrar a superioridade do cristianismo em relação ao judaísmo. Os versículos de abertura, bem como os primeiros capítulos, mostram o caráter definitivo de Jesus Cristo como a revelação final e perfeita de Deus à humanidade.

A palavra-chave de Hebreus é "melhor" (ou "superior" ou "mais excelente"). Cristo é superior aos anjos, a Moisés ou Josué. O cristianismo é uma aliança superior. O cristianismo tem um descanso melhor, um sacerdócio melhor e altar e sacrifício melhores. Tudo isso seria obviamente mais significativo para os leitores judaico-cristãos do que para os gentios.

—Ralph Earle

Esboço

I. A Pessoa de Cristo é Definitiva, 1.1—4.16

A. Mais do que um Anjo — um Filho, 1.1—2.4

B. Menos do que um Anjo — um Homem, 2.5-18

C. Maior do que Moisés, 3.1-19

D. O Descanso Necessário, 4.1-16

II. 0 Sacerdócio de Cristo é Definitivo, 5.1—7.28

A. Um Sumo Sacerdote Perfeito, 5.1-10

B. A Necessidade de Perfeição, 5.11—6.20

C. O Sacerdócio da Perfeição, 7.1-28

III. A Paixão de Cristo é Definitiva, 8.1—10.25

A. Cristo e a Nova Aliança, 8.1-13

B. A Nova Aliança e o Sangue de Cristo, 9.1-28

C. O Caminho para o Santo dos Santos, 10.1-22

D. As Obrigações do Santo dos Santos, 10.23-25

IV. A nossa Confissão de Fé é Definitiva, 10.26—13.25

A. A Alternativa para a Fé, 10.26-39

B. As Credenciais da Fé, 11.1-40

C. A Perseverança da Fé, 12.1-29

D. O Caminho da Fé, 13.1-19

E. Conclusão, 13.20-25

- A PESSOA DE CRISTO É DEFINITIVA
- 0 SACERDÓCIO DE CRISTO É DEFINITIVO
- A PAIXÃO DE CRISTO É DEFINITIVA
  - 3. Uma Prática Constante (10.25)
- A NOSSA CONFISSÃO DE FE E DEFINITIVA
  - 4. Um Ultimato Terrível (12.18-29)
  - Notas
  - Bibliografia

A PESSOA DE CRISTO É DEFINITIVA

Hebreus 1.1—4.16

A. Mais do que um Anjo — um Filho, 1.1—2.4

1. *O Deus que Fala* (1.1,2a)

Os primeiros quatro versículos formam um único período e constituem o prólogo de Hebreus. Nele lemos acerca da auto-revelação de Deus em seu Filho visível e histórico e a função deste Filho na criação, revelação, providência e redenção.

A sanidade e a certeza diante do caos e do murmúrio de muitas vozes são possíveis somente na redescoberta do fato de que Deus falou. Deus é iminente e transcendente nos afazeres dos homens. Jesus Cristo é o Autor e a Origem da fé cristã; ao nos defrontarmos com sua pessoa e ministério terreno estamos nos defrontando com Deus.

a*) A revelação passada de Deus* (1.1a). O autor inspirado está se referindo aqui não à revelação geral na natureza e na consciência, feita a todos os homens, mas à revelação especial, feita **aos pais,** i.e., à nação hebraica e seus antepassados. **A** pessoa de Deus, junto com sua santidade de caráter e vontade soberana para seu povo, foi revelada "muitas vezes e de várias maneiras".[1] Embora os tempos e os métodos variassem bastante, a forma era uniforme — **pelos profetas. O** escritor aos Hebreus está determinado a ajudar seus companheiros hebreus vacilantes a ouvir a mensagem completa de Deus transmitida por meio do seu Filho. E uma mensagem que excede em muito o que havia sido revelado até então, uma mensagem de redenção perfeita e que em seu caráter definitivo constitui um ultimato solene.[2]

do). Jesus não veio para negociar com o Diabo, mas para derrotar o usurpador com sua própria arma, a morte, e reivindicar aquilo que é seu (2.8-15; 1 Co 15.24,25).

A ação de Jesus em criar o universo material é secundária (sugerida por *dia* — **por,** lit., "por meio de" — com o genitivo) à do Pai, que é principal. Este é um conceito difícil e o seu significado completo pode nos iludir. Há uma base aqui para a doutrina de que o Filho é o Logos (Palavra) eterno, ao mesmo tempo que é o meio de expressão da divindade. Portanto, mesmo antes da criação, o Logos era essa natureza em Deus que possuía a capacidade de comunicação e concreção em potencial. Embora não seja o demiurgo dos gnósticos, o Logos era, não obstante, o mediador entre a ordem matéria-espaço-tempo e o espírito puro. Quando essas idéias dualistas de domínio (herdeiro) e criatividade são percebidas, mesmo que de forma vaga, a enormidade do pecado da rejeição de Cristo toma-se evidente (Jo 1.10-11).[5]

(2*)* *A expressão da Pessoa essencial de Deus* (1.3ab). Fica claro que esse Filho não é somente um Agente mas um Aspecto (podíamos assim dizer) da própria divindade. Ele não pode ser dissociado do ser essencial do Pai. Em primeiro lugar, como **o esplendor da sua glória,** Ele revela de forma perfeita a majestade de Deus.[6] No entanto, mais do que isto, Ele é **a expressa imagem da sua pessoa** (cf. Cl 1.15) ou, como a NVI traduz: a "expressão exata do seu ser". Isto é mais do que a imagem de Deus na qual o homem foi criado e, certamente, muito mais do que a expressão da santidade de Deus por meio dos seus atos poderosos; não é nada menos do que a revelação de forma concreta e visível do próprio Deus. Mas, visto que não vemos no Filho encarnado a expressão exata ou completa dos atributos absolutos de imensidade, imutabilidade, ou infinitude, podemos inferir que o ser essencial de Deus é primariamente *santo* e, em Jesus, vemos a expressão exata da personalidade em sua atividade criativa e amor redentor.[7]

(3) O *braço da providência de Deus* (1.3c). O Filho não é apenas o Agente da criação, mas Ele é o Agente da providência, **sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder.** O poder de nosso Senhor não está na sua habilidade mobilizadora, mas somente na sua palavra falada. "Quero; sê limpo. E logo ficou purificado da lepra" (Mt 8.3). "Então, levantando-se, repreendeu os ventos e o mar, e seguiu-se

uma grande bonança" (Mt 8.26). Em muitas dessas ocasiões, na verdade, ao longo de todo seu ministério, este domínio tranqüilo sobre a natureza foi exibido. Seus milagres não eram o exercício de um dom especial que Deus podia ter dado temporariamente a um homem; eles eram o exercício de suas próprias prerrogativas. Como tal, eles não eram nada mais do que reflexos tímidos desse controle e supervisão mais amplos que mantêm o equilíbrio e a precisão no universo. E Aquele que é o Senhor das estrelas e planetas é Senhor das circunstâncias em nossa vida.

Esse senhorio pertence essencialmente ao Filho eterno. Na natureza humana da sua teantrópica pessoa Ele era sujeito à lei natural, como homem: Ele foi amamentado na sua infância; Ele cresceu em estatura e faculdades mentais; teve fome e sede; sofreu dor, tanto no corpo como na alma. Nosso Senhor nunca usou o seu poder para escapar ou aliviar os fortes vínculos com sua humanidade (Mt 4.3). Como Filho nascido de uma virgem, Ele foi sujeito à vontade de seu Pai, e "aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu" (5.8). Mas seu senhorio essencial nunca se alterou. Quando ensinou e agiu, falou e agiu como homem, em respeito constante ao Pai. Porém, ao mesmo tempo, Ele falou e agiu — quer perdoando pecados ou curando corpos ou ressuscitando mortos ou acalmando as tempestades — com a segurança e a realeza do Senhor. A dialética do humano e do divino encontra sua síntese em suas próprias palavras: "Eu e o Pai somos um" (Jo 10.30).

Esta é a identidade tríplice que o escritor aos Hebreus procura estabelecer de maneira tão meticulosa no início do seu discurso: *Agente na criação,* o *Logos da revelação,* e o *Senhor da providência.*

3. *O Senhor Vitorioso* (1.3e—2.4)

a) *O trono retomado* (1.3e). Este Senhor divino é Aquele que **assentou-se à destra da Majestade, nas alturas.** Aqui temos o sujeito principal e o predicado do versículo 3. Tudo o mais modifica, identificando sua pessoa e especificando sua obra terrena. Afigura é de uma exaltação triunfante. Sua missão está cumprida, e Ele toma o seu lugar como "Vice-gerente" do Pai (simbolizado pela **destra).** Esse

é o seu lugar legítimo, onde exercita seu pleno poder como advogado (Mt 29.18).[8]

b) *Sua superioridade em relação aos anjos* (1.4-14). A afirmação final no prólogo é que Jesus era **mais excelente do que os anjos** (v. 4). Esta é uma conclusão tirada do fato de que ele retomou o seu lugar à direita do Pai. Então o autor prossegue em comprovar sua conclusão, a partir do AT. Se o Messias prometido pode ser demonstrado a partir das especificações do AT de ser mais do que um anjo, a afirmação da sua identidade como o Filho eterno será fortalecida. Qualquer objeção dos hebreus no campo escriturístico será removida, e a própria exposição do escritor acerca da pessoa do nosso Senhor será grandemente fortalecida. No versículo 4, portanto, encontramos uma demonstração de sua superioridade, e nos versículos 5-14 encontramos a alegação de que a superioridade do Senhor foi predita no AT.[9]

(1) *Superioridade demonstrada pelos acontecimentos* **(1.4).** A NVI traduz este versículo da seguinte maneira: "tornando-se tão superior aos anjos quanto o nome que herdou é superior ao deles". A medida da sua superioridade, em outras palavras, é a medida da diferença qualitativa entre Filho e criatura. Os verbos aqui sugerem *realização,* reconhecidamente como uma adoção subseqüente à sua obediência e como uma recompensa a ela. O Deus-homem, como tal, observado do ponto de vista da sua humilhação e ministério terreno, ganhou o direito de ocupar o honrado "lugar e posição" (NT Amplificado). Ele tornou-se superior aos anjos por causa da sua vitória pública. E embora tenha obtido o direito de retomar o seu lugar, o **mais excelente nome** foi herdado (v. 2, "herdeiro de tudo"), uma possível referência ao nascimento virginal e à filiação pré-encarnada de Cristo.

(2) *Superioridade provada pelas Escrituras* **(1.5-14),** Nesta passagem há seis citações distintas. O autor desafia seus leitores a citarem o nome do anjo a quem Deus disse: **Tu és meu Filho, hoje te gerei (5;** SI **2.7).**[10] A segunda citação **(2** Sm **7.14)** é uma aplicação a Cristo de uma promessa feita inicialmente a Davi em relação a Salomão. A terceira, da LXX, não pode ser claramente localizada no

AT, embora haja uma idéia similar em Salmos **97.7;** mas o argumento aqui é claro, que os anjos de Deus não seriam levados a adorar um igual. A própria citação é introduzida por uma clara referência à encarnação: **quando outra vez introduz no mundo o Primogênito** (6), ou "quando ele introduz o Filho primogênito novamente no mundo habitável" (NT Amplificado).[11]

Anjos são "espíritos", **ventos,** e os ministros angélicos são como **labareda de fogo**

(7) ; mas em forte contraste, o **Filho** reina em um **trono [...] pelos séculos dos séculos**

(8) .[12] **Aeqüidade é o cetro** — o princípio de governo e a base de autoridade. Isto emerge da santidade imaculada do Filho no trono, que amou a **justiça** e aborreceu a **iniqüidade**

(9) . O verdadeiro caráter é revelado, não por confissões pomposas, mas por preferências secretas. O que alguém ama e odeia é um verdadeiro indicador da sua alma. O Rei justo planeja implantar este tipo de afeição santa e aborrecimento santo em seus subordinados. Este é o aspecto afetivo da santidade cristã. Por causa da integridade do nosso Senhor, o Pai o exaltou com **óleo de alegria, mais do que** a seus **companheiros** (possivelmente significando irmãos terrenos; cf. 12.2).

A aplicação do Salmo 102 a Jesus nos versículos 10-12 é uma interpretação ainda mais radical ou ousada do AT. Este salmo é dirigido a Javé (Yahweh), Aquele cujo nome o judeu devoto não podia pronunciar; no entanto, o autor aos Hebreus afirma que este texto se refere ao nosso Senhor. Ou o seu argumento aqui é totalmente sem sentido ou ele distingue pelo Espírito Santo uma aplicação do AT a Jesus que não pode ser percebida superficialmente (cf. Lucas 24.27). O próprio texto é uma reafirmação da divindade eterna e imutável de Cristo, em uma linguagem poética sublime.

Finalmente, ele repete o desafio — agora com uma declaração de Salmos 110.1 — que o versículo 5 expressa da seguinte forma:

Porque a qual dos anjos disse jamais [...]? Esta declaração também foi usada por Jesus como prova de que o Cristo era muito mais do que o filho de Davi (Mt 22.41-46). Mas, enquanto a ênfase de Jesus estava no senhorio do Messias, a ênfase de Hebreus é que somente ao Filho, não a um anjo, foi dito o seguinte: **Assenta-te à minha destra, até que ponha os teus inimigos por escabelo de teus pés** (13). A proclamação do versículo 3 de que Jesus "assentou-se à destra da Majestade" é vista como sendo o cumprimento da profecia. Em contraste com o lugar do Filho no trono, os anjos estão ocupados constantemente com a ministração, em uma função subordinada, aos que **hão de herdar a salvação** (14), i.e., os crentes. Deveria ser uma grande consolação saber que os filhos de Deus têm o Filho e o Espírito como advogados, além da ajuda pessoal dos anjos.

Ao olhar para trás, podemos ver como o escritor, ao buscar apoio para a sua posição concernente ao Filho no AT, inclui elementos relacionados à humilhação do nosso Senhor como homem e elementos relacionados à sua glória pré-encarnada e pós-ressurreição. Trata-se da mesma Pessoa. Quando seu argumento está completo, o autor muda para a primeira de várias aplicações exortativas.

c) *Portanto, uma salvação superior* (2.1-4). A verdadeira preocupação da epístola agora está clara: visto que o Salvador é mais do que um anjo — o Filho — é duplamente imperativo **atentar, com mais diligência, para as coisas que já temos ouvido (1).** Podemos até estar desatentos à conversa de um vizinho, mas certamente prestaríamos muita atenção se estivéssemos diante de um importante governante. Assim, se valorizamos a nossa alma, somos constrangidos a atentar cuidadosamente para o evangelho que enaltece a majestade e importância da Pessoa que apresenta. O tempo presente do verbo **atentar** sugere a necessidade de cuidado continuado e vigilante. Caso contrário, estamos correndo o risco de passar despercebidos por essas verdades do evangelho. **Para que, em tempo algum, nos desviemos delas.** Afigura é de um barqueiro descuidado e preguiçoso correndo o risco de passar pelo porto seguro e ser levado pela correnteza. A frase **em tempo algum** é melhor traduzida por "jamais" (NVI) ou "de maneira alguma" (NT

Amplificado). Há muitas maneiras de os cristãos correrem o risco de ser levados pela correnteza.

A exortação está baseada em uma lógica simples: se a palavra dos anjos era **firme** (2; com autoridade e unida) e colocava seus destinatários debaixo de uma punição **justa** (apropriada) pela desobediência, **como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação?** (3).[13] Desprezar a lei mediada pelos anjos era uma coisa grave, mas desprezar (por negligência) a salvação mediada pelo Filho, que foi entregue aos homens por meio de acontecimentos e evidências comprovados, era muito mais grave ainda. Estas evidências eram tão válidas quanto aquelas que **confirmavam** a entrega da lei no monte Sinai (cf. 12.18-29). Esta salvação, **começando a ser anunciada pelo Senhor**

(3), foi **depois, confirmada** pelos apóstolos e outros discípulos; e seu testemunho foi apoiado pelo testemunho do próprio Deus, **por sinais, e milagres, e várias maravilhas, e dons do Espírito Santo** — "e com vários poderes e distribuições do Espírito Santo" (Mueller) — **por sua vontade (4).**

Os versículos 1-4 podem servir como texto-base para uma pregação. Este texto pode ser aplicado aos não-salvos, mas sua relevância primária é para os cristãos e sua aplicação é poderosa. Acompanhe o desenvolvimento abaixo.

"A Grandeza da Salvação". **Tão grande** (3) sugere a magnitude inexprimível (cf. 2 Co 1.10; Ap 1.18). Sua grandeza é vista: 1) No Senhor que a deu (v. 3b) — sua pessoa, seu poder e sua paixão. 2) Nos acontecimentos sobrenaturais que lhe serviram de berço (v. 4). 3) Na gravidade excessiva do perigo do qual ela nos liberta — do *pecado* com sua culpa, poder, contaminação e punição eterna (7.27).

No "Perigo da Negligência" vemos que: 1) Os cristãos estão em perigo de negligenciar esta tão grande salvação *a)* porque ela ainda é, em grande parte, invisível e espiritual,

b) por causa das influências perversas do mundo ao nosso redor, c) por

causa da tendência incrédula da mente carnal dentro do homem. 2) Os cristãos estão correndo o risco de negligenciar a salvação ao *a)* ignorar os recursos da graça, *b)* falhar em compartilhar o evangelho, *c)* negligenciar em obter a completa salvação do pecado interior.

"A Impossibilidade do Escape" sugere: 1) O perigo de atrofia espiritual que a negligência traz. 2) A ira divina em conseqüência da negligência (veja contexto; também 6.46; 10.23-31; 12.12-29).

B. **Menos do que um Anjo — um Homem,** 2.5-18

1. *O Destino do Homem* **(2.5-8)**

Começando com o versículo 5, observamos uma transição na exposição acerca da pessoa e propósito de Jesus, com uma ênfase agora não na sua filiação herdada, mas no significado e propósito da encarnação. Jesus não deve ser identificado com os anjos ou como um anjo. Ele deve ser identificado com os homens.

a) *O mundo futuro* **(2.5). A** cláusula **de que falamos** claramente liga a "grande salvação" (v. 3) e a presença de Jesus "à destra" do Pai com a futura "habitação terrena" (Mueller). Ela também sugere um escopo atemporal do tema e da abordagem de toda a epístola. O evangelho de Jesus Cristo não é apenas relevante para a era presente, mas é a chave para as eras vindouras, incluindo os novos céus e a nova terra. Este mundo-terra purificado e emancipado, que é o alvo de toda a história, Deus não **sujeitou** aos **anjos.**

b) *O seu Governante apontado* (2.6-8b). A citação de Salmos 8.4-6 revela o lugar do homem no plano de Deus. Fisicamente, em relação ao universo, ele é insignificante; então, por que Deus deveria se lembrar dele? (v. 6). Tanto em posição quanto em poder ele é inferior aos anjos, mas somente temporariamente (o gr. do versículo 7 indica "por um breve tempo" — Mueller). Apesar de sua pequenez física e sua posição inferior, Deus o coroou **de glória e de honra** (7) e **todas as coisas lhe** sujeitou **debaixo dos pés** (8a).[14] A extensão do domínio predestinado do homem abrange tudo: **nada deixou que lhe não esteja sujeito** (8b). A comissão do homem de sujeitar e governar

esta terra como representante de Deus foi concomitante com a criação (Gn 1.26-29). Sua tentativa de conquistar a ordem da natureza, consequentemente, não desagrada a Deus, porque faz parte da sua atribuição inicial. Mas essa atribuição era tanto espiritual quanto material, e, portanto, ir em busca do material em detrimento, ou mesmo rejeição, ao espiritual, é pecado. Além disso, de acordo com muitos teólogos, a atribuição do homem era conquistar o reino de Satanás. O homem foi criado para neutralizar o Diabo, diz Oswald Chambers.[15] Fica claro em Hebreus que a comissão do homem era, e é, de magnitude cósmica e eterna.

c) *Sua impotência atual* (2.8c). Mas o domínio do homem fracassou até aqui, porque **ainda não vemos que todas as coisas lhe estejam sujeitas.** Algumas coisas o homem tem dominado muito bem, mas no reino espiritual ele tem falhado tristemente.
Seu fracasso não foi em decorrência da imaturidade ou tempo insuficiente, mas devido a uma catástrofe interferente. Os que foram projetados para ser dominadores de Satanás se tornaram seus cativos.

2. *Cumprido em Jesus* (2.8c-9)

Há uma nota tranqüilizadora de esperança na frase **ainda não.** A tarefa não foi cancelada; ela ainda será cumprida. Mas não por meio dos recursos do primeiro Adão, porque estes estão falidos. Podemos não ver o homem como conquistador agora, mas **vemos [...] Jesus** (9), o segundo Adão, por meio de quem uma raça redimida terá não somente uma segunda chance mas um sucesso completo.[16] Esta declaração tão clara é o primeiro uso do nome **Jesus.** Até este ponto a referência, embora inequívoca, tinha sido encoberta; agora toda alusão indireta é deixada de lado e o nome sacro anunciado.
Pilatos colocou uma coroa de espinhos e um manto de púrpura em Jesus, e disse: “Eis aqui o homem” (Jo 19.5). Mas nem Pilatos nem a multidão realmente o viram. Eles olhavam com olhos que não podiam ver. Agora o autor de Hebreus dirige o olhar deles para Jesus de uma maneira similar e com um intenso desejo de que vejam com uma visão mais clara do que Pilatos ou os judeus em Jerusalém.

O que Pilatos proclamou sem compreender, esta epístola grifa com

ênfase: Eis aqui o *Homem!* Aquele que era co-igual com o Pai antes da criação do mundo, **fora feito um pouco menor** (por um breve período) **do que os anjos.** A honra que o homem perdeu cumpre-se abundantemente neste Homem, porque Ele é agora **coroado de glória e de honra,** à destra do Pai, diante dos anjos e nos corações dos seus discípulos. Mas a coroação foi por causa *(dia* com acusativo) **da paixão da morte.**[17]

A morte vergonhosa de Jesus tornou-se um embaraço para os Hebreus; mas eles precisam entender que este ato foi, na verdade, a glória dele e a esperança deles. Sua morte não foi um erro trágico, mas originada na **graça** de Deus, em sua determinação compassiva de prover redenção. Seus benefícios são **por todos** ("para cada indivíduo" — NT Ampl.). Isto certamente exclui uma expiação limitada ou qualquer sistema que busca separar o mérito da sua morte em graça comum e graça salvadora; **por todos** implica uma igualdade universal. Além disso, para que não se faça nenhuma tentativa de desvalorizar a experiência da morte do nosso Senhor ao interpretar erroneamente a palavra **provasse,** deve-se salientar que esta mesma palavra é usada em Mateus 16.18, Marcos 9.1, Lucas 9.27 e João 8.52, em que a força plena da morte humana, inteiramente experimentada, é inferida. Dods diz: "...de fato experimentando a amargura da morte".[18] No entanto, embora a morte seja real, ela não é um substituto legal exato, em que se obtém a redenção absoluta de todos os homens; sua morte foi **por** ("em favor de", *hyper* com ablativo), i.e., Ele morreu para tornar possível a salvação de **todos,** ou seja, um substitutivo em um sentido ético em vez de legal.

3. *O Propósito da Encarnação* (2.10-18)

A nítida declaração do propósito de Deus é dada no versículo 9, mas agora o autor expande sua tese. A explanação é dupla e é encontrada na repetição de *hina* ("para que") no texto grego, traduzido da seguinte forma: *a)* **para que, pela morte, aniquilasse** Satanás e libertasse seus subordinados (14) e *b)* **para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote** (17). Mas o autor primeiro estabelece a argumentação a favor da encarnação como uma base necessária para

o cumprimento destes dois objetivos.

a) *O tipo de Salvador necessário* (2.10-14a). A tarefa é trazer **muitos filhos** à **glória**

(10), i.e., à plena semelhança de Cristo e à plena consumação da redenção deles no céu. Mas para que isto pudesse ocorrer, **o Príncipe da salvação deles** precisava ser aperfeiçoado, **pelas aflições.** Isto não se refere ao aperfeiçoamento da santidade pessoal do nosso Senhor, mas às suas qualificações como **Príncipe** e primeiro da fila (cf. 12.2, em que a mesma palavra é traduzida por "autor"). Ele é tanto Salvador quanto Exemplo. Ele vai adiante de nós, não somente mostrando o caminho para a glória, mas limpando e construindo o caminho. Obviamente ao fazê-lo Ele precisa passar pela severidade e por privações. Em sua própria pessoa Ele precisa enfrentar o inimigo e conquistá-lo. Somente assim pode ser feito um caminho seguro para aqueles que seguem. Este não é um Príncipe que lidera da retaguarda e permite que seus homens lutem e morram. Ele é Alguém que vai adiante e luta e morre ele mesmo, para que seus seguidores possam viver e estar assegurados da vitória. Esta imposição de sofrimento não é cruel ou irracional, indigno de um grande Deus; em vez disso, **convinha que aquele, para quem são todas as coisas e mediante quem tudo existe** (10), fizesse assim. O plano da salvação é para a glória do próprio Deus, cuja sabedoria e graça eterna o planejou.

O termo **aflições** (no plural) sugere que o Calvário não se refere apenas ao único ato da crucificação mas às muitas formas de sofrimento que pertencem ao homem como homem, e às inúmeras aflições que nosso Senhor conheceu desde a manjedoura até a cruz.

Sua realeza conosco é dupla: *a)* Somos santificados por Ele e, desta forma, feitos à sua semelhança, e conduzidos a uma unidade e comunhão maravilhosa baseadas na semelhança moral, *b)* **Porque, assim o que santifica como os que são santificados, são todos de um** (11); i.e., eles têm um Pai. Jesus, o Deus-homem, pela encarnação, agora compartilha com o homem a paternidade de Deus como Criador; ao santificar seus próprios discípulos, Ele compartilha

com eles a santidade do Pai. Uma semelhança familiar é, por meio disso, estabelecida. Esta semelhança com Deus por intermédio da santificação é o significado mais profundo da filiação no NT. Por causa desta semelhança familiar estabelecida *a)* pela sua própria participação na natureza *humana* e *b)* pelo seu partilhar da natureza *santa,* Ele **não se envergonha de lhes chamar irmãos.**[19]

Para provar esta afirmação, o autor cita Salmos 22.22 e retira duas breves frases de Isaías 8.17-18.[20] Então segue a conclusão: Visto que os "filhos" e os "irmãos" **participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas** (14). A palavra **participam** (perfeito de *koinoneo,* "ter em comum") é clara e forte, significando que os irmãos são participantes mútuos e companheiros no sofrimento de sua situação humana; seria, portanto, inconcebível para o seu Príncipe ser uma criatura sobre-humana e distante, desligada da estrutura humana e não envolvido na agonia da vida.

b) O *propósito da sua morte* (2.14b, 15). O Logos tornou-se homem para que pudesse morrer; Ele morreu para que pudesse aniquilar **o que tinha o império da morte, isto é, o diabo** (14). Foi *por meio* da sua morte *(dia* com o genitivo) que Jesus foi habilitado a destruir o Diabo. Sua morte não foi casual, mas indispensável e dinâmica. As duas perguntas surgem ao mesmo tempo.

(1) Em que sentido Satanás detinha **o império da morte?** Hebreus deixa claro que a morte de Jesus não tinha que ver somente com o homem e seu pecado mas com Satanás e seu poder. Satanás não era para ser visto como um símbolo mitológico do mal, mas como uma pessoa com poder e autoridade, cujo reino das trevas competitivo estava profundamente envolvido no caos primitivo, na situação desagradável do homem, e, portanto, no propósito da encarnação e crucificação.[21]

E difícil determinar até que ponto Satanás detinha poder sobre a morte. Isso deve ter incluído a morte do homem (v. 15) e está claro que este poder tem um final terrível e inescapável à parte da morte

conquistadora de Cristo. A identificação cuidadosa desta pessoa como *diabolos,* o Acusador, pode sugerir que, como promotor, ele tinha o direito legal de exigir a morte como castigo pelo pecado do homem. Devemos lembrar que Deus e Satanás são governantes oponentes na luta pela vida e morte, e que o pecado do homem deu a Satanás uma vantagem real. Esta vantagem pode ter sido uma exigência para que o castigo pelo pecado divinamente ameaçador fosse exigido por completo. Mas exigi-lo por completo seria um fracasso ignominioso com a raça humana; ao passo que falhar em exigir o castigo da morte por completo seria uma rendição da integridade santa de Deus em virtude de uma palavra quebrada (1 Co 15.56). O pecado do homem colocava seu Criador numa situação embaraçosa e dava a Satanás uma base legal para pressionar o direito do fracasso, ou em relação ao homem ou em relação à integridade de Deus. Satanás não percebe uma terceira alternativa, mas exulta porque qualquer uma das duas situações embaraçosas vai trazer desonra para Deus diante dos anjos e demônios.

Outros vêem o poder da morte de Satanás não como o poder de um promotor que acredita que defende uma causa imbatível, mas como o poder legal de um executor; i.e., Satanás obteve de maneira legal o direito de matar. Eric Sauer vê a queda de Satanás como a origem da morte e a explicação da introdução da morte na ordem natural do mundo, muito antes da criação do homem. Neste ponto de vista, o pecado do homem trouxe a raça humana para debaixo do poder da morte de Satanás. Guerras, fome e pragas poderíam estar entre os artifícios de Satanás para destruir.

(2) Em que sentido o Acusador foi "destruído" por meio da morte de Jesus? A palavra vem de *katargeo,* "anular, libertar". Satanás não foi aniquilado, mas seu poder foi quebrado e cancelado legalmente, de uma maneira completa e final *(aoristo* do subjuntivo). Havia uma terceira alternativa para esta situação embaraçosa que Satanás não conseguiu prever. A encarnação seduziu Satanás a derrotar-se com a sua própria arma. Ao matar Jesus, ele perdeu seus direitos legais, porque matou Aquele que não havia pecado! E por meio da ressurreição, o poder da morte foi terminantemente quebrado. Se

Adão deu a Satanás a vantagem na batalha cósmica, Cristo desfez esta vantagem, e a vantagem voltou de uma vez por todas para Deus. Se Adão vendeu a raça humana como escrava a Satanás, Cristo a comprou. Reconhecidamente, isto tem que ver com a teoria da redenção, descartada há muito tempo pela Igreja como fantasiosa e primitiva. Mas algumas dessas idéias aparecem de maneira inequívoca nesta passagem das Escrituras — e em diversos textos em todo o NT.

Mas no versículo 15 encontramos a segunda metade da cláusula *hina* **(com medo da morte).** Cristo morreu não só para que o Diabo fosse destruído, mas para que **livrasse todos os que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à servidão.**

Gramaticalmente, estes dois propósitos estão coordenados, mas na experiência humana o **medo da morte** do homem deve ser relacionado com o **império da morte** de Satanás; portanto, a destruição do poder de Satanás seria em si mesmo o motivo — ou pelo menos um motivo parcial — para a libertação das vítimas de Satanás. E uma libertação completa da servidão que era resultado do seu vitalício **medo da morte.** Este é um tipo de escravidão deplorável, um terrível medo de morrer, que algema toda a raça humana. A **servidão** é quebrada pela libertação do **medo.** Os crentes em Jesus sabem que a morte foi conquistada pela própria morte e ressurreição de Cristo. Por isto, *a) "o* aguilhão da morte", que é o "pecado" (1 Co 15.56), foi removido pela expiação; portanto, a base da acusação de Satanás foi cancelada (Ap 12.10-11), e o julgamento após a morte não precisa ser temido. 6) A ressurreição de Cristo garante a ressurreição dos crentes em Cristo; conseqiientemente, uma esperança confiante e alegre desaloja o presságio tenebroso do domínio de Satanás. Portanto, eles não precisam mais viver com medo de Satanás, c) O poder da morte foi tirado de Satanás para que não pudesse matá-los antes da sua hora. Hoje, os crentes em Cristo vivem na certeza de que suas vidas estão nas mãos de Deus.

c) *Um sacerdócio pleno* (2. 16-18). A Encarnação foi necessária, não só para que Jesus fosse aperfeiçoado pelo sofrimento e morte como Salvador, mas para que também fosse aperfeiçoado como Sumo

Sacerdote. Como Salvador, Ele liberta do poder de Satanás; como Sumo Sacerdote, ele liberta da justa condenação de Deus. Os mesmos passos na argumentação usada nos versículos 9-15 são agora retomados, mas de forma resumida. Primeiro, sua humanidade é reafirmada, desta vez especificamente como israelita. **Ele não tomou os anjos, mas tomou a descendência de Abraão** (16). Se Ele tivesse sido um anjo não poderia ter realizado o tipo de ministério sacerdotal descrito em Hebreus. A humanidade universal sozinha também não teria sido suficiente; Ele precisava ser hebreu. Jesus era alguém da sua própria raça. **Pelo que** (17), i.e., por essa razão, era apropriado que **fosse semelhante aos irmãos** em todas as coisas. Teria sido incongruente para Ele ter descido do céu como o Leão da tribo de Judá, em pleno esplendor messiânico, como alguns judeus imaginavam. Este tipo de pessoa estaria afastado demais dos israelitas e seus pecados e necessidades para poder ajudá-los de forma sacerdotal. Somente alguém semelhante a eles, que compartilhasse plenamente dos seus sofrimentos, poderia tornar-se um **misericordioso e fiel sumo sacerdote naquilo que é de Deus.**

Há dois aspectos do ministério sacerdotal de Cristo: o divino e o humano, o propiciatório e o pastoral.

(1) *O propiciatório* (2.17c). Uma das tarefas principais do sumo sacerdote é propiciar o santo Deus ao lidar honesta e adequadamente com o problema do pecado. Nenhuma adoração que ignora o pecado é aceitável. A mancha da alta traição deve ser removida antes que a comunhão e a fraternidade possam ser estabelecidas entre o Soberano e seus subordinados. Este é o ofício do Mediador — representar Deus diante do traidor que está voltando e o traidor diante de Deus, e executar as condições de perdão especificadas pelo Soberano. Este certamente era um conceito familiar para os Hebreus, embora continue sendo um conceito de difícil compreensão para as mentes ocidentais. Este Mediador entre Deus e o homem é Jesus. Seu primeiro ofício como um Sacerdote misericordioso e fiel é **expiar os pecados do povo.** A palavra **expiar** ("reconciliação" na KJV), *hilaskesthai,* neste caso significa satisfazer pessoalmente as exigências justas em favor de outra pessoa. Deus é propiciado

(satisfeito) por esta expia-ção; portanto uma reconciliação pode estar baseada nela. Não é uma expiação das pessoas mas dos pecados das pessoas. E, portanto, uma anulação ou perdão dos pecados, e os pecadores são conseqüentemente libertos da culpa e da condenação. Esta é uma referência clara à função justificadora do sacerdote e não ao ministério de santificação. **O povo** forma o grupo de adoradores, não os descrentes ou os impenitentes; **pecados** são todas as violações, conhecidas ou desconhecidas.

(2) *O pastoral* (2.18). A conjunção coordenativa **Porque** *igar)* volta ao aspecto da semelhança do nosso Senhor com os seus irmãos (v. 17). Pois Ele não é apenas apto como Sumo Sacerdote para expiar pecados, mas para **socorrer aos que são tentados,** pois Ele mesmo padeceu, **sendo tentado. O** autor continua vindicando o plano divino que requer um Messias sofredor. Jesus sofreu, como homem, todas as vicissitudes da vida. Ele não só sofreu a terrível experiência da morte, mas também a luta de um ser moral. Ele enfrentou a tentação e suas lutas ferozes bem como os contratempos da vida e a dor da morte. Ele lutou na arena moral da humanidade. E suas batalhas não foram falsas. Ele não estava lutando com um pugilista contratado para treinar. **Sendo tentado, padeceu.** E isto fazia parte do seu aperfeiçoamento como Príncipe e Sacerdote — porque como poderia um Sacerdote realmente compartilhar dos sentimentos do seres humanos se não tivesse passado pelas mesmas coisas que eles passaram? Mas visto que entende por ter passado pela experiência, Ele **pode socorrer** — i.e., ajudar aqueles que clamam por socorro (cf. 13.6; também Mt 15.25; Mc 9.22, 24; At 16.9; 21.28; 2 Co 6.2; Ap 12.16).

C. Maior do que Moisés, 3.1-19

O autor demonstrou tanto a divindade quanto a humanidade do Messias e toda a adequação do seu sofrimento e morte. **Pelo que** (Em vista disso), ele agora desafia seus **irmãos santos,** que participam com ele na **vocação celestial,** a considerar cuidadosamente o **apóstolo e sumo sacerdote** da sua **confissão, Jesus Cristo** (l).[22] Esta comparação não é feita em relação aos anjos, Adão ou Abraão, mas em relação a Moisés. A voz de Moisés havia se tornado

virtualmente a voz de Deus no pensamento hebraico. Um apelo a Moisés respondia a todas as perguntas. A transferência de fé e lealdade de Moisés para o Homem da Galiléia era muito difícil, e a pressão para retornar a Moisés era constante.

Os devotos de Moisés podiam apontar para os milagres no Egito, os acontecimentos poderosos no Sinai e a saída da nação da terra do Egito. Os discípulos de Jesus podiam apontar somente para os milagres locais em indivíduos e um pequeno bando de seguidores desprezados. Moisés morreu com dignidade no topo de um monte e foi enterrado pelos anjos (Dt 34.9; Jd 9); Jesus passou por uma morte pública desonrosa e cruel nas mãos dos seus inimigos. Os discípulos de Jesus se apegaram à sua ressurreição e à promessa da glória futura — uma promessa que até então não mostrava sinais de materialização. E a ressurreição era prova de superioridade somente para aqueles que criam nela. Na tentativa de provar que Jesus é maior que Moisés, precisamos observar que a ressurreição não faz parte da argumentação. Em vez disso, o argumento está baseado somente na identidade, já vista nas Escrituras do AT, de que Jesus é o divino Filho de Deus.[23] Mas, independentemente da abordagem, o autor é verdadeiramente paulino em sua explanação de como Cristo ofuscou completamente a Moisés. A pergunta da perpetuidade da autoridade de Moisés surgiu muito cedo na Igreja, mesmo em Jerusalém, e a primeira grande assembléia foi convocada para resolver esta questão (At 15). Na sua firme oposição à tendência dos judaizantes de tornar o cristianismo uma forma de judaísmo, Paulo e o escritor aos Hebreus, se não são a mesma pessoa, tinham ao menos a mesma opinião.

1. *A Base da Superioridade de Cristo* (3.2-6a)

a) *Uma nomeação superior* (3.2). A ênfase neste versículo não deveria ser colocada no fato de que Jesus foi **fiel,** mas no fato de que Deus **o constituiu,** i.e., o tinha "constituído" Apóstolo e Sacerdote do programa redentor. **Moisés** também foi **fiel** em **toda a sua casa** (casa de Deus, não a de Moisés — veja Números 12.7), mas sua constituição foi para um ofício inferior na economia divina. No que diz

respeito à *fidelidade,* Hebreus concede honra igual a Moisés, mas isso não ocorre em relação à *posição* ou *função.*

b) *Uma dignidade superior* (3.2-6a). A constituição de Cristo como Apóstolo e Sumo Sacerdote foi justificada pela identidade da sua pessoa: seu relacionamento com a casa de Deus era a de um Edificador, não de administrador; e por "edificador" entende-se não somente o contratante ou operário, mas o *autor,* aquele que provê a casa, como dono, arquiteto, investidor, construtor e fornecedor, tudo em uma única pessoa. Portanto, Jesus é intrinsecamente **tido por digno de tanto maior glória do que Moisés,** exatamente da mesma maneira e com o mesmo grau **quanto maior honra** (maior dignidade) **do que a casa tem aquele que a edificou** (3).

Nos versículos 4-6a, o autor inspirado expressa clara e corajosamente o que acabou de concluir. A comparação entre Jesus e Moisés não é somente de Edificador e casa, mas de Filho e servo. Ele se move em direção a este clímax ao lembrar que **toda casa é edificada por alguém,** e o Autor de **todas as coisas é Deus** (4), que certamente incluiría a casa particular da qual está falando. Mas nesta **casa** de redenção, **Moisés foi fiel [...] como servo** (5), enquanto **Cristo, como Filho,** foi fiel **sobre a sua própria casa** (6a). Além do mais, como servo, Moisés era meramente "um escrevente para testemunho das coisas que seriam faladas" (Mueller). Ele foi um humilde servo cuja tarefa era registrar o que Deus fez e disse. Em forte contraste com ele, Jesus foi fiel **como Filho, sobre a sua própria casa.** Em outras palavras, a casa na qual Moisés trabalhou era de Cristo, que significa que Moisés era um servo humilde e temporário sob a autoridade de Jesus, Aquele de quem os cristãos hebreus estavam tentados a se envergonhar!

Esta era uma reivindicação radical e firme do cristianismo autêntico. Se os cristãos hebreus realmente conseguissem enxergar isso, o poder quase hipnótico de Moisés sobre suas mentes seria quebrado para sempre. O culto a Moisés já não teria mais o mesmo fascínio. Moisés tinha cumprido sua tarefa e falecido; o Filho não era para uma geração, mas governaria a casa de Deus para sempre. E essa grandeza suprema e superioridade incomparável de Jesus seriam irrefutáveis,

se o autor, de fato, tivesse demonstrado de maneira bem-sucedida que o Servo Sofredor de Isaías e o Filho Conquistador eram o mesmo Messias, Jesus. Visto que seus argumentos estavam baseados nas suas próprias Escrituras, e particularmente na Septuaginta, com a qual estavam familiarizados, eles devem ter sentido o peso esmagador da causa dele. Certamente, seus corações começaram a se aquecer e se encher de uma alegria contagiante a respeito do Homem Jesus Cristo.

2. *Os Termos Inferidos da Segurança do Cristão* (3.6b-19)

Mas a epístola aos Hebreus não toma este avivamento como certo. Em vez disso, o autor inicia uma longa aplicação e exortação que se estendem até o final do capítulo 4. Na superioridade de Jesus sobre Moisés há importantes implicações. A principal delas é que a medida desta superioridade é a medida do perigo da apostasia para com Cristo. Fundamentalmente, o raciocínio é o mesmo usado em 2.2-4 em relação ao perigo comparativo de rejeitar a palavra falada pelos anjos e a palavra do evangelho. Se a rejeição de Moisés pelos israelitas no deserto resultou na morte deles, apesar do livramento miraculoso do Egito, quanto mais certa será a morte final e eterna daqueles que permitem que a infecção da descrença tome conta depois de terem sido unidos com Cristo!

Esta transição repentina do argumento construtivo para a aplicação pessoal ocorre nitidamente na segunda cláusula do versículo 6: **a qual casa somos nós.** A declaração de um fato central importantíssimo é seguida de uma advertência (w. 6c-ll), e esta advertência é seguida de uma exortação fervorosa (w. 12-19).

a) *Uma declaração do fato* (3.6b). Há uma clara continuidade entre a casa na qual Moisés participou e a casa atual de Cristo. Ela é constituída de pessoas, não de tijolos e argamassa — **a qual casa somos nós** — que significa que é o lar do povo de Deus em todas as épocas. O relacionamento de Cristo como *Cabeça* não é novo; mas sua *revelação* como Cabeça é um elemento novo. Essa casa nunca foi a de Moisés, mas sempre foi e sempre será a casa de Cristo.

Houve um tempo quando a casa podia olhar legitimamente para

Moisés como representante temporário e administrador principal de Cristo; mas agora que Cristo foi revelado, esse tempo passou para sempre. Cristo foi revelado abertamente como Cabeça; portanto, doravante, todos os olhos devem estar voltados para Ele.

O termo **casa** não pode ser diluído para incluir "mercenários" ou partidários não regenerados da fé. Seu significado é semelhante à Igreja como corpo de Cristo e, em certo sentido, ao Reino; mas suas notas centrais são *família* e *governo.* E a família — ou *nova raça* — do povo de Deus governado por Deus, o Pai, e Cristo, o Filho. Não é possível simplesmente aderir a ela, mas é possível nascer nela por meio de um segundo nascimento (cf. G16.10; Ef 2.19; 1 Pe 2.1-10). Adeclaração **a qual casa somos nós** claramente reconhece o estado regenerado dos hebreus, os destinatários desta epístola.

b) *Uma advertência quanto ao perigo da perda* (3.6c). Ser membro da casa de Cristo não é incondicionalmente seguro. A contingência é expressa pelo **se** *(ean)* com um verbo do sub-juntivo. Isso significa que, embora a advertência seja dada de forma esperançosa, ela é dada com muita seriedade por causa da real possibilidade de não permanecerem firmes. Se não permanecerem firmes, seu lugar na casa de Deus poderá ser perdido. Nenhum malabarismo de palavras pode ofuscar a força dessa conjunção **se.**[24] **O** verbo é forte (*kataschomen*— manter sob sujeição) e significa apegar-se firmemente, apossar-se de forma completa e segura (cf. 3.14; 10.23). Apegar-se de maneira superficial e descuidada não será o suficiente.

Mas o que deve ser conservado de maneira tão firme? **A confiança e a glória da esperança.** Estas são palavras que expressam segurança positiva e esperança exultante. A primeira, **confiança** *iparresian),* significa liberdade e coragem no falar (cf. 4.16; 10.19), indicando o entusiasmo aberto e imperturbável a respeito de Jesus, com a prontidão para declarar a nossa fé. A boca fechada é o sinal de um coração temeroso. O segundo elemento essencial da nossa fé que dá testemunho da sua vitalidade, que devemos conservar firmes, é **glória** ("exultação", ARA - *kauchema*), uma exultação jovial na esperança cristã, quase um orgulho santo nas promessas do Senhor.

Está claro que a segurança não se encontra na experiência passada, mas na vitória presente, não em uma fé vacilante, mas em uma fé triunfante, não em apegar-se de maneira inflexível e mal-humorada à fé cristã, mas em uma posse vibrante que está na ofensiva em vez de na defensiva. Não há segurança nem satisfação em um cristianismo tímido e inseguro.

Até quando, pois, devemos manter uma fé viva e dinâmica? Firmes **até o fim** da nossa provação terrena — sem vacilar ou relaxar.

c) *Uma admoestação à fidelidade* (3.7-19). Parece difícil descobrir o equilíbrio deste capítulo. Superficialmente, parece que ocorre uma repetição desnecessária. A natureza condicional da nossa participação em Cristo é citada duas vezes neste capítulo (w. 6 e 14), seguida pela mesma passagem do AT (SI 95.7-11). No primeiro uso, toda a passagem é citada e torna-se a base para a aplicação pessoal imediata (w. 12-13). Na segunda vez, somente a idéia essencial é citada; então os elementos tipológicos do acontecimento do AT (aos quais o Espírito Santo se refere por intermédio do salmista) são dissecados e o paralelo central do *descanso perdido pela descrença é* ressaltado. Nestas duas divisões, descobrimos um crescendo em ênfase e, no segundo, um avanço em idéias que levam diretamente ao clímax do capítulo 4. Tudo isso torna a repetição significativa.

{1) A advertência inspirada e sua relevância oportuna (3.7-13). **Portanto** (7) — por causa do elemento de contingência no seu relacionamento com Cristo — os **irmãos** são estimulados a tomar cuidado (v. 12). A palavra **portanto** introduz a admoestação dos versículos 12-13, não a citação do Salmo 95; por isso a KJV coloca a citação em parênteses. E o caso de um pregador introduzindo uma passagem relevante das Escrituras em seu sermão como um trampolim para sua aplicação solene e apelo. **Como diz o Espírito Santo** (7) — observe a importante doutrina da inspiração inferida aqui. O autor não está sozinho em declarar seu perigo, porque o Espírito Santo já deu a advertência exata nas Escrituras dos leitores. Não era somente para aquela geração, porque seu princípio é eterno. Quando Deus fala, os homens são livres para obedecer ou endurecer o coração; quando endurecem o coração, Deus os rejeita e

eles perdem sua oportunidade. Os cristãos hebreus estão sendo lembrados que em sua própria história nacional há uma triste demonstração deste princípio. A NVI traduz todo texto da seguinte maneira:

Hoje, se vocês ouvirem a sua voz,

não endureçam o coração, como na rebelião,

durante o tempo da provação no deserto,

onde os seus antepassados me tentaram, pondo-me à prova,

apesar de, durante quarenta anos, terem visto o que eu fiz.

Por isso fiquei irado contra aquela geração e disse: O seu coração está sempre se desviando, e eles não reconheceram os meus caminhos.

Assim jurei na minha ira:

Jamais entrarão no meu descanso.

A essência desta passagem é: "Vocês honram Moisés. Não esqueçam que seus pais também honraram Moisés e, no início, o seguiram, e com ele foram receptores do favor divino. Mas seus pais se afastaram de Moisés. Ao se afastar dele estavam se afastando de Deus; por isso, Deus os rejeitou e os seus ossos foram espalhados no deserto. Aqueles que iniciaram sua caminhada para Canaã nunca chegaram ao seu destino. Agora vocês estão correndo o risco de repetir o pecado deles. Vocês seguiram a Jesus — mas agora são tentados a rebelar-se. Se o fizerem estarão rejeitando a Deus e Deus também os rejeitará; seu lugar na casa de Cristo será perdido".

Com este tipo de texto diante deles, os Hebreus não poderíam deixar de reconhecer a seriedade do seu apelo: **Vede, irmãos, que nunca haja em qualquer de vós um coração mau e infiel, para se apartar do Deus vivo** (12). A necessidade de vigilância e diligência constantes é, em diversas formas, um tema recorrente nesta epístola (2.1; 4.1,11; 6.11,12; 10.23-25, 36-39; 12.1-3,12-17). A advertência aqui

não é uma acusação; o texto não diz que eles *têm* **um coração mau e infiel,** mas a recomendação é que estejam vigilantes para não permitir que no futuro venham a possuir **um coração mau** (futuro do verbo "ser/estar", o termo grego *estai).* A palavra **infiel** (*apistias* — substantivo no texto grego) significa falta de confiança e convicção; aqui ela é usada como adjetivo (como se encontra na ARC). Mesmo que não se escolha de forma deliberada, **um coração mau** é um estado de dúvida descuidadamente tolerado. Este tipo de coração fica disposto, mesmo que inconscientemente, para todas as formas de mal. A construção peculiar do grego da frase **para se apartar do Deus vivo** podería sugerir o seguinte: o coração se torna mau e cheio de incredulidade quando começamos a "ficar distantes" de Cristo (NT AmpL). A ausência do artigo (gr., *um* **Deus vivo,** não o ou *do)* podería significar que o autor está buscando contrastar Cristo e Moisés. Se ficar distante de Moisés, que era meramente homem, era algo tão sério em suas conseqüências, quanto mais sério seria ficar afastado de Cristo, que é o Deus vivo. Isto certamente resultaria em um **coração mau!**

Uma forma de impedir este tipo de situação seria exortar **uns aos outros todos os dias** (13). A melhor defesa é o ataque, e a melhor maneira de preservar nossa própria alma é estar alerta à batalha espiritual dos outros. Um forte sentimento de responsabilidade de grupo é a marca de uma igreja saudável. Cristãos são como carvão: juntos alimentam o fogo um do outro e geram grande calor; separados, logo esfriam e apagam. Mas isto não se refere ao mero "encontro social", para comer e se divertir. Deveria haver um profundo tom de devoção e preocupação mútua permeando cada encontro de cristãos, mesmo os chamados "encontros sociais". Quando os cristãos se reúnem, eles podem fortalecer-se mutuamente. Eles deveriam preocupar-se para que em cada momento de comunhão, quer à mesa, durante a recreação ou em grupos caseiros, algo seja incluído que fomente o zelo espiritual e o propósito santo.

O autor vê grande significado na frase: **durante o tempo que se chama Hoje.** Ele volta a citá-la na sua exegese do versículo 15 e em 4.7. Ele, evidentemente, entende **Hoje** como sendo o "dia da

oportunidade" — um período de provação — para a decisão moral, que Deus deu aos israelitas sob a liderança de Moisés e que agora oferece em Cristo. Ele está dizendo aos Hebreus: os dados ainda não foram jogados. Enquanto a porta estiver aberta e as opções da intervenção moral ainda estiverem favoráveis, **exortai-vos uns aos outros todos os dias,** porque virá o tempo quando o **Hoje** terá passado para sempre.

O perigo que esta exortação diária procura afastar é que nenhum deles **se endureça pelo engano do pecado.** Este endurecimento é uma obstinação, uma disposição de ânimo teimosa, que está bem próxima de cada cristão que permite, por meio de um coração duvidoso, afastar-se da lealdade e amor pessoal a Jesus. E muito sério pensar que o coração humano, mesmo o coração que foi cristão, pode endurecer-se como cimento e perder toda a sua maleabilidade. O perigo é agravado pelo fato de o estrago ser feito pela ilusão do pecado. Pecado que é visto como pecado pode e vai mais prontamente ser evitado. Mas quando é disfarçado como algo aparentemente bom, o processo de endurecimento ocorre de maneira despercebida. Somente a vigilância perspicaz que está plenamente consciente da aparência enganosa do pecado pode impedir este endurecimento gradual do coração.

Não está claro se o artigo o diante da palavra **pecado** (*hamartias*) é significativo para a exegese. Se este não é o caso, o autor pensa no pecado de maneira abstrata; i.e., o pecado pela sua natureza é ilusório e aquele que permite que ele ocorra, de qualquer forma, sofrerá as conseqüências. Mas, se o artigo visa a indicar algum pecado específico, a exposição pode incluir as seguintes possibilidades: *a)* O autor pode estar se referindo ao pecado inato ou inerente, que torna todo crente parcialmente santificado propenso a ser levado pela correnteza. Isto pode ser neutralizado somente pela diligência vigorosa e erradicado por meio de uma santificação completa. Ou, *b*) ele pode estar se referindo ao pecado da incredulidade, manifestado pela tendência deles de serem frios em relação a

Jesus Cristo. Este parece ser o seu pecado insistente (12.1). Sua ilusão reside no fato de que isto aparenta simplesmente a adoção de uma

atitude cautelosa e sensível. Ou, c) pode ser que o autor esteja usando o termo, não tecnicamente, mas em seu sentido etimológico mais simples, ou seja, *não alcançar o alvo.* Neste caso, o autor os está advertindo para exortarem-se mutuamente para manter uma devoção incansável, para que não sejam enganados por este falso sentido de segurança que o "não alcançar o alvo" gera. Neste caso, o endurecimento fatal é a conseqüência inevitável.

(2) *Segurança condicional e seu tipo histórico* (3.14-19). No versículo 14, o argumento circular volta ao seu ponto de partida. **Porque nos tomamos participantes de Cristo, se retivermos firmemente o princípio da nossa confiança até ao fim.** Encontramos novamente o gigante **se,** desta vez com maior ênfase e palavras mais fortes. Não é mais *ean,* mas *eanper,* significando *se de fato* ou *absolutamente se* mantivermos nossa confiança. No versículo 6, os leitores cristãos são nomeados membros da casa de Cristo; desta vez, isto é mencionado de maneira clara como a participação do próprio Cristo: **participantes de Cristo** (*metochoi* [...] *tou Christou).* Para entender a força desta palavra observe como o autor a usa em outras partes desta epístola: "óleo de alegria, mais do que a teus companheiros" (1.9); "irmãos santos, participantes da vocação celestial" (3.1); "e se fizeram participantes do Espírito Santo" (6.4); "se estais sem disciplina, da qual todos são feitos participantes, sois, então, bastardos e não filhos" (12.8). Não há como essa palavra ser honestamente interpretada como uma adesão nominal ou uma confissão meramente superficial!

A palavra **tornamos** associada com **o princípio da nossa confiança** é marcante. A primeira palavra é *ginomai,* "tornar-se", no tempo perfeito, indicando um estado presente com base em uma ação passada mas sustentada. Nosso estado de salvação, fundamentado em nossa conversão passada, é sustentado no presente somente se nossa confiança é mantida clara até o fim da vida cristã. No início, a salvação era fervorosa, comprometida e clara. Se isto não for mantido, a nossa participação em Cristo também não será sustentada (Ap 2.4,5).

O autor já chamou atenção à "folha clínica" número um desta deserção e perda na história nacional deles. Agora ele repete a sentença crucial:

Enquanto se diz: Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração, como na provocação (15). A palavra **enquanto** deveria estar associada à frase **até ao fim** do versículo anterior. Enquanto Deus falar **Hoje,** nossa responsabilidade persiste. O final ocorrerá quando a provação terminar, e já não é mais o **Hoje** da salvação oferecida por Deus. Cada vez que Deus fala, em qualquer momento da nossa vida cristã, o perigo de endurecer o coração ao fechar nossos ouvidos está presente. Em cada uma dessas crises, uma nova decisão moral é tomada: ou nós rendemos o nosso coração a Cristo ou o endurecemos.

"Não endureçais o vosso coração como seus pais fizeram **na provocação".** Independentemente do número de ocasiões anteriores em entristecer a Deus, a **provocação** específica que o autor tem em mente é a recusa dos israelitas de entrar na terra de Canaã em Cades-Barnéia (Nm 13—14). Nos próximos versículos, por intermédio de uma série de perguntas dramáticas, a possibilidade de apostasia é estabelecida e a responsabilidade determinada de modo justo.

A ARC deixa escapar a importância interrogativa do versículo 16 e, desta forma, altera o significado. O NT Amplificado traduz de forma mais correta este texto: "Quem foram os que ouviram e mesmo assim foram rebeldes e [O] provocaram? Não foram todos os que saíram do Egito por meio de Moisés?" Eles começaram bem, mas não terminaram bem. E possível ser um beneficiário da graça de Deus e um destinatário da sua promessa, mas no final ser completamente rejeitado. Por que essa ênfase ao escrever aos cristãos? Porque os mesmos princípios da eqüidade divina que eram operativos naquela época valem para nós hoje, os princípios valem tanto para os cristãos como para os judeus do AT. Vamos identificar estes princípios com mais precisão. **Mas com quem se indignou por quarenta anos? Não foi, porventura, com os que pecaram, cujos corpos caíram no deserto? (17).** Os julgamentos de Deus não são caprichosos. Ele estava indignado, não com os inocentes, mas com os culpados. Estes, cujos corpos estavam espalhados pelo deserto, não eram peregrinos desventurados que erraram o caminho por engano; eles eram pecadores. Neste caso, a natureza do seu pecado não

deixa dúvidas. Exteriormente, seu pecado era a recusa deliberada de entrar na terra de Canaã. Interiormente, era a descrença. **E a quem jurou que não entrariam no seu repouso, senão aos que foram desobedientes? (18).** Agora observe a sua conclusão: **E vemos que não puderam entrar por causa da sua incredulidade (19)** — não porque Deus estava indisposto a deixá-los entrar, ou porque era incapaz de levá-los para dentro, mas porque a própria descrença deles os excluía. O tipo de descrença que é tão fatal está claramente indicado no versículo **18: aos que foram desobedientes.** O verbo é *apeitheo (a* mais *peitho,* "persuadir") e significa uma recusa deliberada de permitir ser persuadido; recusar-se a crer, e ao recusar-se a crer, recusar-se a obedecer. O tempo perfeito poderia sugerir um estado determinado de descrença que era resultado de uma decisão maior no passado. Eles não *queriam* entrar, e, como conseqüência, não *puderam* entrar.

Podemos tirar duas conclusões: Uma é que descrença e desobediência são, na verdade, dois lados da mesma moeda. A outra é que o autor aos Hebreus está traçando uma analogia dupla da história israelita. Em parte ele está mostrando o perigo e a possibilidade de perder a vida eterna em Cristo por causa da apostasia. Mas ele também percebe na terra de Canaã um tipo deste descanso e segurança espiritual que é o chamado de Deus para eles em Cristo, e que eles estão, mesmo agora, correndo o risco de perder por não se esforçarem. A recusa no Cades-Barnéia *deles* será tão desastrosa quanto a recusa dos seus antepassados, na verdade, infinitamente maior. Da mesma forma que a terra de Canaã era um tipo de descanso espiritual, assim a morte física no deserto era um tipo de morte espiritual. E em relação a esse perigo maior de perder sua Canaã, pelo mesmo tipo de descrença que os antigos israelitas perderam a deles, é que o autor se volta agora ao capítulo 4.

D. O Descanso Necessário, 4.1-16

Este capítulo poderia ser intitulado: "Entrando no seu Descanso". Este é o tema central do capítulo 4. O termo "descanso" ocorre nove vezes nestes dezesseis versículos, oito vezes como *katapausis* e uma vez como *sabbatismos.* A primeira palavra denota uma paz

estabelecida ou um estado de descanso; e a segunda, encontrada somente aqui no NT, significa "repouso sabático". Este termo "entrar", nas suas várias formas, é encontrado oito vezes neste capítulo, todos em conexão com "descanso".

Este **repouso para o povo de Deus** (9) freqüentemente é entendido como uma segunda obra da graça. Entre os *Quacres* a terminologia de Hebreus tem sido mantida e forma a base para a estrofe de Philip Doddridge:

Agora descanse, meu coração dividido há tanto tempo;

Fixado neste centro ditoso, descanse;

Nunca se afastando do seu Senhor,

Com Ele refletindo todo o bem.

Entre os wesleyanos, a terminologia paulina de santificação completa é comum. A urgência da entrada definitiva é ressaltada nos versículos 1, 6, 11 e, em cada caso, a forma é o aoristo infinitivo, que é categórico em importância. Não há sinal de uma entrada gradual ou parcial no repouso ou descanso de Deus. A lição central é que a história está sendo repetida; exatamente onde os israelitas estavam em Cades-Barnéia, estes cristãos Hebreus estão agora, exceto que a situação é mais grave.

1. *Um Perigo Semelhante* (4.1-3)

Por causa do exemplo histórico diante de nós, **Temamos** ("ter um temor ansioso", Mueller), **pois, que, porventura, deixada a promessa de entrar no seu repouso, pareça que algum de vós fique para trás** (1). Em relação a este **repouso** uma disposição de ânimo casual, que é indiferente ou demasiadamente otimista, está completamente fora de cogitação. Este é um assunto de vida ou morte, por isso o cristão deveria estar profunda e intensamente preocupado, para que não "fique para trás" (Mueller). Os vagarosos estão em perigo bem como aqueles que rejeitam este repouso por completo.

Que esta promessa é deixada, ou "reservada", para nós (*kataleipo*, deixar para trás, reservar"; cf. Rm 11.4) é confirmado no versículo 2: **Porque também a nós foram pregadas as boas-novas, como a eles.** Deveria constar literalmente: "Fomos evangelizados da mesma forma — ou tão completamente — quanto eles". Os israelitas, por meio de Moisés, ouviram as boas-novas da provisão e vontade de Deus para eles. Da mesma maneira, nós ouvimos as boas-novas de Deus por meio de Cristo. **Mas a palavra da pregação nada lhes aproveitou** — não resultou em um benefício completo e final — não porque não foi pregada de maneira adequada, mas **porquanto não estava misturada com a fé naqueles que a ouviram.** Ouvir a Palavra não é suficiente; ela deve ser crida e obedecida. Não importa a profundidade da fé do pregador, precisa haver fé voluntária no ouvinte. A fé deve estar associada à Palavra como um tipo de agente espiritual catalisador, para que o evangelho traga salvação.

O versículo 3 é obscuro na KJV, no entanto, podemos estar certos de que seu verdadeiro significado o liga de maneira coerente ao pensamento iniciado no versículo 1. Aidéia-chave está na expressão "parecem não ter alcançado" (ficar atrás). Novamente o autor está se referindo, por meio de uma breve frase, a Salmos 95.8-11. Ao harmonizar estas idéias aparentemente discrepantes do versículo 3, precisamos observar certos detalhes que ajudarão na compreensão deste texto. A ARC já corrigiu a tradução da KJV de Salmos 95.11, como segue: "Por isso, jurei na minha ira que não entrarão no meu repouso" (Salmos 95.11). E importante observar que as três cláusulas são coerentes e significativas, somente quando interpretadas à luz não somente do contexto imediato mas do contexto de todo o salmo da qual a citação foi tirada. Além do mais, para entender a idéia, é necessário sugerir que o verbo do presente do indicativo da cláusula principal, **nós [...] entramos no...** (*eiserchometha*) deveria ter uma construção futura: "entraremos no".

Quem? **Os que temos crido** (aoristo) entraremos **no repouso.** Nós que confessamos ser cristãos, tendo aceitado Cristo por meio da fé verdadeira, somos qualificados para entrar no repouso que resta para o "povo de Deus" (v. 9), desde que não percamos nossa qualificação ao

endurecer os nossos corações. Porque, de acordo com o decreto divino, eles (os resistentes teimosos, os apóstatas) **não entrarão no meu repouso** (3b). Este ultimato, de que os crentes entrarão e os que rejeitam não entrarão, é verdadeiro, **embora as suas obras estivessem acabadas desde a fundação do mundo.** Como explica o versículo seguinte, **meu repouso** está relacionado com a cessação das obras criativas de Deus. A referência, deste ponto até a conclusão destas obras, implica que Deus desde o princípio desejou compartilhar seu repouso com o seu povo; mas eles não podem entrar sem a obediência da fé, e enquanto não obedecerem, estão excluídos, não importa quanto tempo Deus tem esperado.

Para percebermos a conexão possível entre esta referência às obras terminadas de Deus e a linha anterior de pensamento precisamos ler o Salmo 95 na sua totalidade. O salmista está exaltando a grandeza de Deus em seu trabalho de criação e desafiando seus ouvintes a adorá-Lo. Mas as obras de Deus não incluem coerção. Suas obras terminadas são evidência suficiente do seu poder para levar seu povo para dentro da Canaã deles. No entanto, isto não deve ser interpretado como garantia que, não importa o que façamos, Ele vai dar um jeito de nos levar até lá. Pelo contrário, esta evidência da grandeza de Deus nos deixa completamente indesculpáveis em nossa descrença temerosa; ela justifica sua ira em declarar que, apesar de tudo o que tem feito até aqui, Ele não nos levará para dentro agora (cf. 1 Co 10.1-12).

Estes parágrafos intensos são uma forte tentativa de chacoalhar os cristãos hebreus em sua falsa segurança, ao mostrar-lhes que não possuem imunidade contra os perigos da cerca espiritual. O Salmo 95 é interpretado como uma advertência direta ao povo de Deus — incluindo os próprios hebreus — contra a rebelião da sua Cades-Barnéia.

2. *Um Repouso Espiritual* (4.4-10)

Ao usar o Salmo 95 como uma advertência contra a confiança falsa, e especialmente contra a rejeição da nova luz, o autor interpreta **meu repouso** como o plano e provisão de Deus para o seu povo. Este é um

descanso tipificado por Canaã, e a crise da entrada é tipificada por Cades-Barnéia. As conseqüências desastrosas de fracassar em entrar nesta Canaã foram apresentadas. Agora, nestes próximos versículos, a natureza deste descanso é revelada.

Já temos visto a relevância deste repouso em relação às obras concluídas de Deus no versículo 3. Isto é ampliado imediatamente. O autor cita Gênesis 2.2 (mas, como de costume, sem especificar a referência): E **repousou Deus de todas as suas obras no sétimo dia** (4). De alguma maneira este fato está relacionado com **meu repouso** (5). **Que resta** (6), i.e., para o seu povo entrar.

Visto que a geração dos dias de Moisés perdeu sua chance **por causa da desobediência,** Deus, em sua misericórdia, proclamou mais uma oportunidade por meio de Davi. Há mais um **Hoje** , mesmo **muito tempo depois (7). O** autor vê no Salmo **95** uma profecia especial para a época do evangelho — uma profecia que contém tanto uma promessa quanto uma ameaça.

Também não podia se dizer que o verdadeiro descanso de Deus tinha sido dado por Josué ("Jesus", na KJV; v. 8) quando levou a próxima geração para a Terra Prometida e os estabeleceu nas suas próprias casas, com suas vinhas e campos. Porque se este **repouso** nacional tivesse sido o que Deus queria, então **não falaria** (Deus, não Josué), **depois disso, de outro dia.** Josué deu aos israelitas descanso de um tipo (Js 22.4), como cumprimento de uma promessa (Dt 31.7); mas este repouso político, civil e material em Canaã não era o repouso — era apenas uma tipificação daquele repouso.
Resta ainda (ainda a ser experimentado) **um repouso para o povo de Deus** (9). O povo de Deus, no novo **Hoje,** tem a opção de um descanso que ainda não conhece por experiência, mas que pode conhecer — na verdade deve conhecer — ou deixar de ser o povo de Deus.

Observe os três fios que estão entrelaçados aqui. Fio número um: o **repouso** de Deus e **suas obras** acabadas estão relacionados. Fio número dois: o **repouso** de Deus é espiritual em natureza, não nacionalista. Fio número três: o **repouso** está agora disponível neste

novo **Hoje.** Mas a KJV deixa escapar o significado deste ponto crítico, porque o grego diz *sabbatismos,* "um repouso sabático" (ou "descanso sabático", NVI). O restante que permanece é o repouso sabático da alma — certamente não do corpo, porque o trabalho diário continua sendo necessário. E certamente isto não é uma referência ao sétimo dia — o sábado, como os adventistas ensinam. Isto seria uma inversão da tipificação e uma interpretação completamente errada da realidade, semelhantemente aos judeus que não conseguiam enxergar nada além da prosperidade materialista e autonomia política em relação à Terra Santa. O significado está ligado à explanação subseqüente: **Porque aquele que entrou no seu repouso, ele próprio repousou de suas obras, como Deus das suas** (10). Tudo nesta seção tem apontado para esta proposição conclusiva. Isto representa o repouso sabático que é o repouso de Deus restante para o seu povo. Como uma declaração culminante, ela é habilmente devastadora à essência das suas inclinações judaicas. Quer tenha sido Paulo que escreveu esta epístola ou não, nada podia ser mais paulino (cf. Rm 10.1-11; Gl 3.16; 4.9-31; Cl 2.20-23). A tendência muito forte de voltarem para Moisés, ou pelo menos de se ligarem a ele e a Jesus com sujeição compartilhada, era a evidência de uma relutância em abandonar todas as formas de esforço próprio e depender somente da obra terminada de Cristo.

Veja o significado exato. Deus não descontinuou sua obra de providência e redenção, mas apenas a da criação. O crente que desfruta o repouso perfeito também cessou das suas próprias obras de criação, não no sentido natural ou material, mas no sentido espiritual (Jo 6.62-63). Os israelitas de Cades-Barnéia calcularam sua probabilidade de entrar em Canaã à luz dos seus recursos, e, é claro, se desesperaram. Então quando viram seu pecado, "tentaram subir", mas, novamente baseados em suas próprias forças, e acabaram sendo derrotados pelos amalequitas (Nm 14.40-45). Desta forma, sempre ocorrerá a falência do puramente humano no domínio espiritual. Não pode ser com base em fé e obras. Este é o caminho da ansiedade e frustração — não do repouso. Mas o lugar do "repouso tranqüilo, perto do coração de Deus" é o lugar da autocrucificação, da total entrega de si mesmo a Deus, do completo abandono dos nossos esforços vãos ou

para criar o Reino de Deus na terra ou para criar santidade em nós mesmos. Não devemos apenas nos submeter, mas confiar. "Solte e entregue-se a Deus".

3. *Um Dever Imediato* (4.11-16)[25]

a) *Se uma queda final deve ser evitada* (4.11). Existe um progresso distinto de pensamento em Hebreus, com transições intercaladas, em vez de mudanças abruptas e radicais. Muitas vezes, um versículo de transição está ligado com aquilo que acabou de ser dito, como sua conclusão, e igualmente com a nova idéia que introduz. Além do mais, estes versículos de transição são repetitivos, quase cíclicos, em forma e idéia, ainda que cada um apresente uma idéia-chave sinalizando avanço. Como ocorre no versículo 11: **Procuremos, pois, entrar naquele repouso, para que ninguém caia no mesmo exemplo de desobediência.** Tanto este versículo quanto o versículo 1 falam de entrar no repouso e apresentam uma construção semelhante: **Procuremos** ("Temamos") [...] **para que** ("pois, que").[26]

Mas no versículo 1, a exortação é "temer", e no versículo 11 é procurar "esforçar-se" (ARA). No versículo 1, a advertência era contra a possibilidade de ficar "para trás", i.e., contra o perigo da relutância e lentidão espiritual. No versículo 11, a advertência é contra o resultado inevitável e final desta lentidão (cf. 2.3) — uma queda final e irrevogável — tal como aconteceu com os israelitas no deserto. Mueller traduz a última cláusula da seguinte forma: "não cair no mesmo padrão de obstinação".

Há somente uma maneira de evitar este desastre, isto é, "ser zeloso, empenhar-se e lutar diligentemente" (NT Amplificado). Ninguém flutua indiferentemente para o repouso. Ele deve ser visto como uma esfera indispensável de vivência,[27] um ingresso imediato que requer nossa completa concentração.

Pode parecer incongruente ter acabado de definir este repouso como uma cessação das obras (v. 10) e em seguida insistir para entrar por meio do esforço. De que maneira o esforço pode ser o meio para entrar no repouso que é o fim das obras? O NT nos assegura de uma coisa: E

impossível que o significado seja que devemos trabalhar duro para assegurar nosso repouso no céu.

Uma resposta é dizer que o arrependimento é o labor espiritual, mas um labor que termina no repouso do perdão e um repouso da escravidão das obras da iniqüidade (Mt 11.28). Vamos observar que a consagração — a autocrucificação — também é uma obra (esforço) intensa e árdua, mas que prontamente se torna o repouso do poder da ressurreição espiritual, de habitar em Jesus pelo Espírito Santo, e da libertação da tirania de um ego arrogante e inflexível. E o repouso de um sistema de valores materialistas e escravizantes; um repouso no qual nossas obras, nossa autonomia, nossos direitos, nossos planos e ambições e nossos esforços incansáveis são rendidos de forma determinada e habitual. Esta atitude pode ser tão habitual que a rendição se torna uma disposição de ânimo feliz e segura (Mt 11.29,30).

E importante salientar que o significado primário de *spoudasomen,* seguido de um infinitivo, não significa "esforço" mas "pressa, apressar", e é usado desta forma em 2 Timóteo 4.9, 21 e Tito 3.12. Embora a idéia de esforço esteja incluída por inferência, o sentido temporal é provavelmente a ênfase pretendida aqui, de acordo com o tom do contexto. Este tom é o mesmo tipo de desafio imediato anunciado em alta voz por Josué e Calebe: "Subamos animosamente e possuamo-la" (Nm 13.30); e é o mesmo tom da urgência intensa e dever imediato que vez após vez caracteriza esta epístola. Aquele que está propenso a esperar até amanhã para entrar no repouso nunca entrará nele.

Em 3.17—4.11, encontramos "O Repouso para o Povo de Deus": 1) Existe um repouso prometido, 4.9.2) Devemos fazer um esforço para entrar neste repouso, 4.11. 3)Aféno chamado de Deus é essencial, 4.2. 4) Alguns o deixaram escapar — falharam em entrar nele, 3.17—4.1 (John Knight).

b) *Porque a palavra de Deus continua exigindo resposta* (4.12-13). Estes versículos que falam tão vividamente da penetrante palavra de Deus não se referem primeiramente à palavra escrita na Bíblia

(embora a palavra escrita não esteja de forma nenhuma excluída); nem podem ser adequadamente entendidos sem estarem atrelados à discussão anterior, como se constituíssem uma súbita digressão de pensamento. Eles são essenciais para a exortação geral. O autor não quer ser entendido como estando excessivamente preocupado com as ações dos israelitas antigos. O ponto da lição objetiva é que eles estavam "brincando", não com a palavra de Moisés ou Josué, mas com **a palavra de Deus** (12). Este é precisamente o ponto desta exortação urgente. A palavra de Deus de acordo com Davi, e mais recentemente de acordo com Cristo e os apóstolos, não é uma carta morta, mas **viva.** Ela está em ação neste exato momento. Ela não é como uma linha de energia elétrica velha e obsoleta; ela é viva no momento em que Deus fala. A palavra particular ouvida pelos israelitas era a vontade de Deus para eles a respeito de Canaã, enquanto a palavra particular exigindo a atenção deles é a palavra de Deus a respeito de Jesus e o repouso que Ele deseja que encontrem nele.[28] Esta é a palavra que Deus falou ao mundo "nestes últimos dias, pelo Filho" (1.2); é a mensagem do evangelho da salvação eterna por meio de Cristo que Ele falou por intermédio dos ensinos do nosso Senhor, dos ensinos dos apóstolos e confirmada pela manifestação do seu poder em sinais (2.3-4); esta mensagem do evangelho é a voz predita no Salmo 95 para este novo "Hoje" (3.15; 4.1-2, 7-8). Tudo isto está incluído na "Palavra que Deus fala" (NT Ampl.).

Esta **palavra** divina não está somente viva, mas é **eficaz,** i.e., ativa em convencer, examinar e descobrir. Como uma **espada de dois guines,** a mensagem do evangelho penetra de tal forma no ouvinte que **alma** e **espírito** são divididos; i.e., nosso eu espiritual é separado do nosso eu alma. Podemos ser religiosos — mas não salvos. Podemos ser sensíveis ao homem, mas insensíveis para com Deus. Uma pessoa pode ser culta e atenta na mente e corpo, mas atrofiada e dormente no espírito.[29] Ela pode conhecer o êxtase estético, mas não a alegria espiritual. O mundo ao redor, com o qual se comunica por meio das janelas da alma, pode ser bastante real, e ainda assim o mundo de Deus e Cristo pode ser muito irreal. O evangelho descobre e chama a nossa atenção para este tipo de entorpecimento.

Este poder cortante e penetrante divide **juntas e medulas,** uma sugestão figurada, possivelmente, indicando que o evangelho nos encontra não só no nível da personalidade, mas no nível do nosso eu invisível. E na medula que doenças do sangue se alojam muito antes que o mecanismo do corpo seja visivelmente afetado. As pessoas caminham eretas, no entanto seus ossos podem estar doentes por dentro, como uma árvore que está em pé até que uma tempestade violenta a derruba até o chão, revelando seu cerne apodrecido. E nessa auto-revelação, o evangelho discerne **os pensamentos e intenções do coração.** Nós separamos as palavras e atos de uma pessoa; o evangelho é como quem discerne (um juiz), examina seus motivos e imaginações secretas e pronuncia a sentença. Na verdade, "não há coisa criada" (Mueller) **encoberta diante dele; todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele com quem temos de tratar** (13). A expressão **daquele** refere-se Aquele que é o assunto do nosso discurso. Visto que não podemos esconder-nos de Deus, não podemos escapar do nosso Cades-Barnéia. Nosso fracasso em entrar no seu repouso não pode ficar escondido dele, nem mesmo nossas descrenças secretas ou nossos desejos ardentes pelas cebolas e alhos do Egito.

c) *Porque Jesus nos ajudará* (4.14-16). Estes versículos constituem uma continuação do discurso de exortação acerca do repouso e uma recapitulação e resumo dos quatro primeiros capítulos. Vamos primeiro considerar o discurso acerca do repouso.

Tendo chamado a atenção para a penetrante e inescapável luz da Palavra de Deus, o autor agora redireciona a atenção para a necessidade desesperadora de um Sumo Sacerdote — Jesus, o Filho de Deus. O Deus, a respeito de quem ele tem falado, é o mesmo Deus que rejeitou seus pais antigos na sua ira santa; Ele não pode ser menosprezado e vai igualmente rejeitá-los. Portanto, eles deveriam estar alegres pelo seu Sumo Sacerdote, e rapidamente refugiar-se nele. A terrível e incriminadora revelação do seu coração pela Palavra de Deus é motivo de medo, mas o ministério sumo sacerdotal de Jesus é motivo de esperança. Portanto, **retenhamos firmemente a nossa confissão** (14). Vamos nos apegar à nossa fé pessoal e à confissão

pública de Jesus como nosso Salvador. **Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas** (15). Literalmente, Jesus pode "sentir as nossas debili-dades" (Mueller).[30] A palavra **fraquezas** (*astheneiais)* tem uma conotação moral em Hebreus (cf. 5.2) e significa não apenas fraqueza física ou uma limitação humana, mas uma fraqueza consciente e instável na tentação. Nosso Senhor também nos entende nesta fraqueza, porque, **como nós, em tudo foi tentado.** Visto que foi tentado como nós, Ele sabe por experiência o que significa para nós ser tentado. Ele não foi tentado em todas as particularidades ou em cada situação possível; e.g., Ele não foi tentado como marido, ou pai, ou dono de uma propriedade, ou empregador, ou soldado, porque não exerceu nenhuma dessas funções. Mas Ele foi tentado em três áreas básicas da suscetibilidade humana: corpo, alma e espírito. Jesus conhecia a tentação no campo do *apetite do corpo,* no campo dos *relacionamentos humanos* e no campo dos *relacionamentos espirituais.* Eu — os outros — Deus: Ele foi tentado nestes três pontos. O que deveria governá-lo? Seu desejo por pão? Seu desejo por aceitação? Seu desejo por poder? Ou sua lealdade a Deus? Estas são perguntas fundamentais da vida que cada pessoa deve responder. Certamente, nestes aspectos básicos as tentações do Senhor eram exatamente iguais *(kath homoioteta)* às nossas.

Mas **sem pecado.** Embora seja perfeitamente verdadeiro que Jesus não enfrentou a tentação com a desvantagem do pecado original, esta não é a idéia aqui. O que o autor de Hebreus ressalta neste texto é que Jesus não cedeu uma única vez à tentação. Ele foi perfeitamente triunfante. Se não fosse tentado como nós, não poderia compreender os nossos sentimentos em nossas muitas tentações; por outro lado, se não tivesse sido perfeitamente vitorioso, não poderia ajudar-nos, mas necessitaria Ele próprio de ajuda.

Parece que estava claro na mente do autor a tentação peculiar que estes cristãos hebreus estavam enfrentando. Eles foram tentados a voltar atrás, e desta forma, falhar em entrar no seu repouso prometido. Jesus também teve sua experiência de deserto — em certo sentido, seu Cades-Barnéia — e, portanto, sabia o que estavam

passando. Ele entende o deserto do ataque satânico que segue a primeira emoção gloriosa da fé. Por isso, eles não devem permitir que a idéia de voltar atrás ocupe a mente, nem devem ficar envergonhados ou ceder à paralisia do desespero. Eles precisam chegar **com confiança ao trono da graça, para que** possam **alcançar misericórdia** (perdão pelo fato de vacilar) **e achar graça, a fim de** serem **ajudados** neste **tempo oportuno** (16).[31]

Estes versículos também são um resumo de toda a argumentação até aqui nesta epístola. Jesus é um grande sumo sacerdote, visto que não é um ser angélico nem está numa posição de igualdade com Moisés. Ele é o Filho de Deus, Aquele que "assentou-se à destra da Majestade, nas alturas" (1.3), ou, como está expresso aqui: **que penetrou nos céus** (14). **O trono da graça** ao qual somos convidados a vir **com confiança** em oração é o trono não só de Deus o Pai, mas de Deus o Filho — não só daquele cuja palavra é lei, mas daquele que se tornou Mediador e Intercessor. O Jesus da história recente e o Javé do AT se fundem em um Deus num único trono. Lá, no trono, nossos pecados são condenados e perdoados. Lá encontramos justiça e misericórdia. Lá encontramos acesso renovado para o restante do povo de Deus. Mas tudo isto é mediado por Jesus. Nossa ousadia só ocorre nele e por meio dele. Se Jesus não é o Filho de Deus, que está à destra do Pai, tendo cumprido plenamente e, desta forma, substituído a ordem mosaica, nossa ousadia não passa de uma arrogância insensata. É o Pai, por meio de Jesus, ou é o repouso por meio de Jesus, ou não é nada. E assim que o autor determina a finalidade da pessoa de Jesus Cristo.

0 SACERDÓCIO DE CRISTO É DEFINITIVO

Hebreus 5.1—7.28

A. **Um Sumo Sacerdote Perfeito,** 5.1-10

Embora o sacerdócio de Jesus já tenha sido confirmado, a ênfase maior tem sido na identidade da pessoa de Jesus. Agora, o peso da ênfase muda completamente, quase que abruptamente, para o seu papel de sumo sacerdote.

O ministério mediador de Jesus como sacerdote e sacrifício serve de base para a epístola aos Romanos e aparece também em **1** Timóteo **2.5,6, 1** Jo **2.1,2** e está implícito em 1 Pedro e em outros livros do NT. Mas em nenhum outro lugar o significado da obra do Senhor é tão cuidadosamente revelado como em Hebreus. A verdade seria especialmente importante para os judeus, cuja vida, não apenas religiosa, mas (na ausência de um rei) cívica e nacional, girava em torno do seu sumo sacerdote. Ele era o símbolo da sua unidade nacional e da sua esperança.[1] Para Jesus ser tudo isso no pensar e sentir deles, uma mudança radical era necessária. Uma conversão a Jesus que substituiría tão completamente o sumo sacerdote em Jerusalém, no sentido de que o que acontecia lá já não era mais relevante ou importante, era, de fato, muito drástica e radical para eles. Mas o livro de Hebreus insiste em que nada menos do que isto é aceito por Deus ou coerente com os fatos atuais do caso. A não ser que estes cristãos hebreus enxerguem este sacerdócio divinamente conferido a Jesus na sua plenitude, com suas implicações revolucionárias, e se proponham a separar-se completamente dos laços araônicos, seu cristianismo será inadequado. No fim, acabarão sendo completamente recapturados pelos longos tentáculos do judaísmo.

É compreensível que os cristãos hebreus fossem inicialmente atraídos pelo papel messiânico de Jesus como Profeta e Rei. Ele era o Filho de Davi, cnjo retorno à terra em poder era esperado a todo momento. Também é necessário que entendam seu ofício como Sacerdote, e

percebam que este aspecto provê a chave que destrancará o mistério da sua estranha morte — na verdade, tudo que estava envolvido com a sua primeira vinda. Sua vida e morte terrena não foram um fracasso, mas cumpriram exatamente a sua função predestinada.

Ao compreender a natureza sacerdotal do ministério de Cristo eles também acabarão vendo a natureza essencialmente espiritual da salvação. Jesus veio, não para expulsar o exército romano da ocupação, mas "para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo" (9.26). Esta é a grande necessidade que precisa ser suprida antes de qualquer outra.

Além do mais, este conceito de Jesus como Sacerdote provará ser a chave do AT. O significado e propósito do sistema sacrificial mosaico-araônico podem agora ser revelados. O enigma do "Santo dos Santos" pode agora ser esclarecido.

Mas nesta revelação o autor aos Hebreus mostra cuidadosamente que Jesus, como sumo sacerdote novo e final, inaugurou em sua própria pessoa e obra uma nova aliança (concerto). No seu âmago, isso incluía uma nova profundidade de redenção experimental: um privilégio pessoal de santidade pessoal abordado simbolicamente debaixo do antigo regime, mas agora acessado por aqueles que vêem Jesus na cruz não como vítima romana, mas como o sacrifício pelo pecado do homem.

Tudo isto deve ser visto como constituindo o coração do cristianismo. Sem isto não há santidade de coração nem esperança do céu. Sem isto a visão de Jesus como Profeta e Rei está vazia do conteúdo eficaz. Como Profeta, Ele não se elevaria acima dos seus predecessores do AT nem escaparia do esquecimento venerável da história. Como Rei, ele desaparecería gradualmente em um simbolismo poético e etéreo. Portanto, a exposição de Jesus como sumo sacerdote não é opcional; é imperativa. [1] ingenuidade. A retidão desta moderação no julgamento sacerdotal encontra-se no fato óbvio de que **ele mesmo está rodeado de fraqueza** (cf. 4.15).

Por causa desta fraqueza moral em si mesmo, o sumo sacerdote araônico **deve ele, tanto pelo povo como também por si mesmo, fazer oferta pelos pecados** (3). Ele próprio precisava da ajuda mediadora. Fica claro que a ordem tradicional dos sumos sacerdotes tinha uma superioridade oficial, mas não necessariamente uma superioridade moral significativa. Em função eles estavam acima do povo; no aspecto espiritual eles eram homens pecadores como todos os outros. Esta semelhança em relação à pecaminosidade do seu povo pode ter inspirado sua compaixão, mas também limitava seu poder em elevar o povo a quem ministravam.

Mais uma qualificação de um sacerdócio legítimo é agora expressa (v. 4). O sumo sacerdote não era um funcionário autodesignado. Deus havia especificado que somente Arão e seus descendentes deveriam servir neste ofício (Ex 28.1; Nm 16.39,40; 17.1-13; 18.1), no que tange ao Tabernáculo terreno e à adoração de Israel. Mas neste versículo o autor cuidadosamente ignora a linhagem araônica; somente **o que é chamado por Deus, como Arão,** pode ter um sacerdócio reconhecido. Em outras palavras, Arão era um exemplo de uma ordem sacerdotal divinamente autorizada; mas, embora os israelitas estivessem amarrados a esta ordem araônica, Deus não estava. O autor está agora prestes a ratificar uma ordem nova e superior de sumo sacerdócio, igualmente ordenada por Deus.

2. *As Qualificações de Cristo* (5.5-10)

a) *Uma ordenação divina* (5.5-6). Na única coisa que contava, o sacerdócio de Cristo era tão válido quanto o de Arão: também era verdadeiramente uma designação divina. **Assim, também Cristo não se glorificou a si mesmo, para se fazer sumo sacerdote** (5). O intento na explanação da cláusula seguinte no versículo 5 não está claro na KJV, mas o sentido é dado pelo NT Amplificado: Ele "foi designado e glorificado por Aquele que lhe disse: Tu és o meu Filho; hoje te gerei".

Mas filiação não significa necessariamente sacerdócio. Então mais um texto é apresentado: **Tu és sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedeque (6).** Isto servirá de base para os próximos

três capítulos, da mesma forma que o texto: "Hoje, se ouvirdes a sua voz" é o tema principal dos capítulos 3—4. O mesmo Deus que nas Escrituras, por meio do Espírito Santo, confirmou o Messias como Filho também apregoou o seu sacerdócio.

b) *Uma aptidão pessoal* (5.7-10). O propósito da encarnação foi expresso de maneira concisa em 2.9 e explicado de maneira mais detalhada nos versículos seguintes. Assim, a aptidão completa de Cristo como sumo sacerdote é resumida e, em seguida, desenvolvida em detalhes nos capítulos seguintes. A idéia predominante aqui é a importância que o sofrimento do nosso Senhor teve para qualificá-lo como Autor de nossa salvação. Os sacerdotes araônicos podiam compadecer-se porque também estavam propensos ao pecado. Os sofrimentos de Jesus serviram a um propósito semelhante, mas de maneira mais eficaz, porque o sofrimento evoca um sentimento de compaixão e construção de companheirismo muito mais eficiente do que a pecaminosidade, que é intrinsecamente debilitante, insensível e limitadora — de forma alguma redentora. No entanto, muito mais significativo do que uma simpatia simplesmente persuasiva, os sofrimentos de Cristo eram essenciais para a sua perfeição como sumo sacerdote. Esta perfeição o capacitou a tornar-se **a causa de eterna salvação,** alvo que os sacerdotes araônicos não podiam atingir. Veja os fatores da sua perfeição.

(1) As *orações que Ele ofereceu* (5.7). Os **dias da sua carne** foram os dias da sua humilhação, quando em sua humanidade sentiu fraqueza e dependência de uma maneira muito real, como é evidenciado pela sua vida costumeira de oração. Este hábito de oração alcançou seu clímax durante a luta no jardim do Getsêmani, quando ofereceu **orações e súplicas.** Visto que era o dever do sumo sacerdote oferecer "dons e sacrifícios" (v. 1), Jesus também fez uma oferta. Esta não era uma apresentação formal no Templo, mas uma oferta de oração amarga no jardim quando suou gotas de sangue, e isto, **com grande clamor e lágrimas.** Ficamos perplexos diante desta angústia que reflete a intensidade da sua aflição. O conteúdo da sua petição se encontra na cláusula seguinte: **ao que o podia livrar da**

morte. Ele estava lutando com seu Pai por libertação pessoal. A natureza exata desta **morte** tem há muito tempo desconcertado os comentaristas, como também ocorre com a cláusula seguinte: **foi ouvido quanto ao que temia.** Claramente, uma compreensão apropriada desta última declaração vai nos ajudar a elucidar a anterior. Portanto, vamos primeiro esclarecer a anterior. De forma mais literal, Jesus "foi ouvido por causa da sua devoção", i.e., reverência e submissão devota ("reverente submissão", NVI).[4] **Ouvido** (*eisakouo*) geralmente implica uma resposta afirmativa (Mt 6.7; Lc 1.13; At 10.34; 1 Co 14.21). Mas este não é o significado aqui, exceto no sentido de que o Pai ouviu com compaixão e enviou anjos para ministrar a Ele. O cálice da morte não foi removido, pelo que podemos ser eternamente gratos.

O que era esta **morte** da qual buscou livramento com tanta angústia? Alguns têm encontrado um significado na preposição *ek* que poderia sugerir que Ele temia a morte permanente. Isto dificilmente é o caso devido às repetidas predições de Jesus acerca da sua ressurreição. Certamente, ele conhecia as Escrituras que prometiam: "nem permitirás que o teu Santo veja corrupção" (SI 16.10; At 2.25-31). Além do mais, temos dificuldades em supor que o nosso Senhor, depois de encaminhar-se firmemente para Jerusalém e dar passos diários e decisivos rumo à sua paixão com equilíbrio e deliberação, deveria agora orar com tanta agonia para escapar da morte física na cruz.

É mais provável que a sua alma tenha se encolhido por causa dos aspectos dessa morte, sua identificação com o pecado e sua solidão, quando o Pai escondeu a sua face. Em um certo sentido profundamente misterioso, Jesus deve ter sofrido, embora que brevemente, a angústia da alma perdida. Aquele que nunca havia conhecido a mancha do pecado, ou a sombra do franzir das sobrancelhas do Pai, ou a menor alienação da comunhão com o Pai, estava agora, ao tornar-se pecado em nosso lugar, prestes a sofrer tudo isso como elementos integrais da sua **morte.** Seria impossível para uma alma santa enfrentar tamanha dificuldade com serenidade.[5]

(2) A *obediência que aprendeu* (5.8). **Por aquilo que padeceu** Ele **aprendeu a obediência.** No entanto, nosso Senhor nunca havia sido desobediente, nem teve nenhum tipo de inclinação para isso. Como então poderia aprender obediência? Somente no sentido de que a obediência que causa tremenda angústia assume uma nova dimensão. Em relação a Jesus, o amor pelo Pai era tamanho que a obediência sempre tinha sido um prazer. Nunca houve qualquer hesitação ou o sentimento de um preço doloroso. Mas aqui se exigia uma obediência num aspecto que tocava o próprio relacionamento do Pai com o Filho, uma exigência que na sua essência não podia ser um prazer, mas um castigo. Quando a obediência é fácil precisa estar sob suspeita. Talvez não passe de um egoísmo disfarçado ou simplesmente uma política de conveniência. Mas quando a obediência custa um coração quebrantado é porque a lição foi aprendida e a sua genuinidade autenticada.

O nosso Senhor teve de aprender este aspecto pela experiência pessoal, bebendo o copo até a última gota, **ainda que era Filho.** Se o Filho quisesse tornar-se o sumo sacerdote salvador, adequado para todas as necessidades dos homens, precisava ir até o fim e ser aprovado em todos os sentidos. Somente um sumo sacerdote completamente submisso a Deus poderia representar Deus perante o homem e o homem perante Deus. A dignidade da pessoa de Cristo como Filho não poderia isentá-lo da humilhação do sofrimento, se ele fosse cumprir seu chamado como servo sofredor de Deus (Is 53). Aperfeição da obediência e a extremidade do sofrimento implicada neste versículo tenderia a apoiar a exposição do versículo 7 de que sua oração não foi "ouvida" no sentido de que ele não foi isentado de tomar o "copo".

Gramaticalmente, tudo até aqui nos versículos 7,8 está subordinado ao sujeito principal e ao predicado **aprendeu a obediência.** O sentido, portanto, é que, apesar do "grande clamor e lágrimas" do nosso Senhor, e apesar do fato de que o Pai os viu e ouviu, e apesar do fato de Jesus ser o Filho, era necessário que sofresse para aprender pela experiência a plena inteireza da obediência.[6]

(3) A *perfeição que Ele alcançou* (5.9,10). **E, sendo ele consumado**

(ou "aperfeiçoado"; cf. nota da ARC), ou quando suas qualificações como sumo sacerdote foram plenamente completadas (*teleiotheis*, particípio do aoristo passivo de *teleioo,* "executar plenamente"), **veio a ser a causa de eterna salvação para todos os que lhe obedecem.** Esta é a segunda cláusula principal deste longo período (w. 7-19). Embora gramaticamente coordenada, em essência ela é o ápice da passagem, na verdade, a tese de toda a epístola. O autor elaborará os detalhes mais tarde, mas em suas conexões aqui a proposição está clara. A condição para Cristo tornar-se o Salvador perfeito era que fosse perfeito por meio da obediência. Tornar-se Filho era a escolha coletiva do Deus Trino e Uno. Tornar-se Salvador era a realização do Filho, ao enfrentar corajosa e triunfantemente todas as exigências da sua humilhação.

E provavelmente seguro, com base no contexto, bem como no particípio aoristo **(sendo ele consumado,** "aperfeiçoado"), rejeitar a noção de que a perfeição de Cristo incluía sua morte. Isto significaria, de modo prático, que, tendo morrido na cruz, **veio a ser a causa de eterna salvação.** Antes, deveriamos dizer que a sua perfeição correspondia à consagração de Arão como uma qualificação prévia necessária para o cumprimento da sua função sacerdotal.[7] A perfeição de Cristo foi consumada no jardim quando disse: "Não se faça a minha vontade, mas a tua" (Lc 22.42). Este era o ato final da sua consagração, e cada consagração subseqüente dos crentes inclui uma submissão semelhante. Tendo, pois, sido qualificado livremente, Ele prosseguiu em direção à cruz, onde **veio a ser** (aoristo — pontiliar) **a causa de eterna salvação.** No sentido mais profundo, Cristo não foi o Salvador até que morresse e ressuscitasse. Sua salvação, embora baseada na sua identidade como Filho, é inexistente à parte do Calvário e da ressurreição.

Como **causa** ("Autor", AEA), Jesus é Criador e Fonte de **eterna salvação,** o mesmo tipo que o sacerdócio araônico não podia mediar, muito menos criar. Enfraquecer o papel de Cristo com o artigo indefinido *("um autor"* ou *"uma causa"),*[8] só porque o artigo definido está faltando no grego, é imperdoável. Sua ausência indica neste caso uma força qualitativa (cf. 1.2), como podería ser a intenção das

palavras: “Ele tornou-se pai de toda vizinhança”.

A ordem de palavras no grego é diferente da KJV, que com isso perde um aspecto enfático. Literalmente, Cristo “tornou-se para todos os que lhe obedecem, Autor de eterna salvação”. Para aqueles que deixam de crer ou se tornam desobedientes, Cristo toma-se, na cruz, não Salvador, mas Juiz. O elemento condicional de salvação e da expiação de Cristo é ressaltado ao longo desta epístola. Embora a iniciação e a provisão da salvação venham somente por meio de Deus, seu cumprimento pessoal certamente requer a cooperação do homem.

E este Filho aperfeiçoado que tem sido **chamado por Deus sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque** (10). O chamado profético de Deus é uma prova de que a ação poderosa de Cristo como sumo sacerdote foi válida, no sentido de que ocorreu em perfeito cumprimento com as Escrituras e de acordo com o plano preciso de Deus.

B. A **Necessidade de Perfeição,** 5.11—6.20

O autor deseja agora expor em maiores detalhes a natureza bíblica de uma ordem sacerdotal conhecida pelo nome de Melquisedeque, mas hesita, porque não tem certeza se seus leitores têm maturidade suficiente para compreender este assunto reconhecidamente difícil. Pela segunda vez, portanto, ele se afasta da sua linha principal de argumentação para devotar sua atenção ao perigoso estado espiritual deles. Nesta passagem exortativa, encontramos repreensão, exortação, advertência e encorajamento, nesta ordem. [2] mente **não está experimentado na palavra da justiça,** pela razão óbvia de ser um **menino** (13); e espera-se que meninos (“crianças”) espirituais sejam alunos e não mestres. **Apalavra da justiça** pode significar o próprio evangelho ou o ensino do evangelho, provavelmente o que foi mencionado em segundo lugar, visto que o versículo 12 já deixa claro que deveriam ter alcançado o estágio de mestres. **Mas o mantimento sólido é para os perfeitos** (14). As verdades cristãs — principalmente a perspectiva cristológica do **AT,** que não pode ser encontrada na superfície — podem ser compreendidas e ensinadas somente por cristãos maduros. Estas pessoas maduras são agora

definidas como aquelas que **em razão do costume, têm os sentidos exercitados** (plenamente treinados) **para discernir tanto o bem como o mal. Sentidos** aqui refere-se à sua "percepção interior" (Mueller). **A** habilidade no discernimento é, portanto, a marca da maturidade. **Bem** e **mal** podem ser tanto éticos quanto doutrinários; provavelmente as duas idéias estejam incluídas, embora o contexto sugira uma ênfase imediata na verdade e erro em relação a Cristo e às Escrituras. Mas, duas coisas estão claras: 1) a perfeição neste texto pode ser definida como maturidade; e 2) a "maturidade" confessada em que não há percepção confiável entre o bem e o mal não é genuína.[10]

A frase **em razão do costume** (*dia ten hexin)* implica que maturidade é um conhecimento gradual por meio da prática. Mas isto não está totalmente correto. *Hexin* como substantivo significa "hábito" ou uma condição do corpo ou da mente. O significado podería ser: Os plenamente maduros são aqueles que, por causa do seu estado espiritual avançado têm suas faculdades espirituais plenamente treinadas. Em outras palavras, um nível mínimo de maturidade espiritual é um pré-requisito para a prática habitual. A prática por sua vez evidencia a maturidade e a aumenta.

2. O *Chamado para a Perfeição* (6.1-3)

A repreensão diagnosticada agora torna-se uma exortação. **Pelo que** — por causa da necessidade de maturidade, se o "sólido mantimento" que estou prestes a dar a vocês deve ser assimilado — **prossigamos até a perfeição** (1). E possível que nesta passagem o autor esteja realçando a necessidade de que ele e os seus leitores precisam prosseguir para o *tópico* da perfeição. Mas o peso da evidência contextual favorece a hipótese de que *teleioteta,* "um estado de perfeição", seja o cumprimento da necessidade diagnosticada de *teleios* nos versículos anteriores.[11]0 assunto, já anunciado, e ao qual ele ansiosamente quer dar prosseguimento, é a natureza "melquisedequeana" do sacerdócio de Cristo. A perfeição será incluída nesta discussão em relação às realizações superiores de Cristo, mas este não é o estado subjetivo de maturidade que ele aqui chama de

perfeição.

Vincent identifica o verbo *pherometha* como passivo e traduz: "Sejamos conduzidos..." Mueller traduz: "Avancemos para a maturidade". A preposição **até** *iepi)* implica "um estado atual de apoiar-se em".[12] O tipo de maturidade que se tem em mente agora é um estado realizável para o qual devemos pressionar rapidamente, se estamos determinados a fazê-lo. Os hebreus já deveriam ter alcançado este estágio e são repreendidos por não tê-lo atingido. Eles são exortados aqui a corrigir sua deficiência espiritual prontamente.[13]

Essa interpretação e ação são muito melhores do que a outra alternativa, que é constantemente ter de reparar nosso **fundamento.** Este fundamento é triplo e cada um dos três aspectos é duplo: Primeiramente, a *salvação pessoal — a)* **arrependimento de obras mortas** (provavelmente obras pecaminosas) e, *b)* **fé em Deus** (confiança *em* Deus — *epi* novamente). Algumas pessoas nunca vão além do conceito de pecado diário e arrependimento diário, além da luta diária com dúvidas e escuridão. Em segundo lugar, o *ritual na igreja — a)* **doutrina do batismo** e *b*) **imposição das mãos** (2). Em terceiro lugar, a *escatologia* — a) **ressurreição dos mortos** e o **juízo eterno.** O evangelho em muitas igrejas hoje se resume a estes itens, com o resultado de que a maioria dos cristãos nunca passa do pré-primário quando se trata de assuntos espirituais.

E isso (um avançar resoluto dos primeiros fundamentos para a perfeição) **faremos, se Deus o permitir** (3). Somente Deus sabe quão sério é desviar-se de Cristo. Se as primeiras obras realmente precisam ser repetidas, eles ainda não estão qualificados para um estágio mais avançado. Mas, o que é ainda mais sério, é que, se o seu desvio já chegou à apostasia, então a sua inadequação tornou-se em desqualificação. O tom da passagem agora torna-se abominável.

3. *A Seriedade da Apostasia* (6.4-8)

O autor não está disposto a crer que estes hebreus chegaram a cometer a apostasia (cf. v. 9); por isso ele descreve uma situação hipotética, tão impessoal e objetiva quanto possível. Mas, embora o

argumento seja hipotético, não é a hipótese de uma impossibilidade ou de uma possibilidade que nunca possa se tornar realidade; portanto a advertência precisa ser levada muito a sério.

E recaíram (6; *parapesontas* no grego) não é condicional como está na KJV: "Se recaírem". Os cristãos que recaíram não podem ser renovados — esta é a simples, mas séria conseqüência. Este tipo de "recair" é mais do que um mero tropeço de um cristão fraco que recebeu uma rasteira de Satanás. Quando usado sozinho, *pipto* (que ocorre com freqüência no NT) significa um cair de uma coisa ou pessoa, mas quando usado com *para,* como neste caso (somente aqui no NT), isto implica uma separação entre a coisa ou pessoa de alguma outra coisa, ou seja, um cair de. Isto não é um mero tropeçar na caminhada cristã, mas um afastamento dele. A palavra, como é usada aqui, pode referir-se somente a uma rejeição deliberada de Jesus Cristo. Westcott diz: "A idéia é abandonar o caminho reto, da mesma forma que a idéia de *hamartanein* é errar o alvo".

E simplesmente **impossível** (posição enfática) que **sejam outra vez renovados para arrependimento.**[14]

E impossível encorajá-los para que se arrependam. Se foram até aqui, eles não lançarão "de novo o fundamento do arrependimento" (v. 1). Neste caso, é inútil falar a respeito da possibilidade de continuar a caminhada rumo à perfeição. Deus não "permitirá" (v. 3) que experimentem a perfeição genuína da mesma forma que não permitiu aos israelitas rebeldes que entrassem em Canaã.

A impossibilidade de renovação para arrependimento não reside somente na natureza provocadora e deliberada da deserção, mas na culpa que a sua apostasia vergonhosa está constantemente formando: **quanto a eles, de novo crucificam o Filho de Deus e o expõem ao vitupério** (6). Eles pararam de chorar pelo fato de Ele ter derramado o seu sangue na cruz, e a sua insensibilidade tornou-se tão grande que voluntariamente proveem uma nova cruz para crucificá-lo outra vez. "Eles pregam novamente o Filho de Deus na cruz" (NT Ampl.). Isto pode não ser feito de maneira grosseira, com barulho e gritos, mas por professores descrentes cujos pregos são a dialética da

descrença na sala de aula. A renovação do arrependimento religioso genuíno para aqueles que conheceram a Cristo e que hoje o estão envergonhando abertamente pela sua apostasia é uma impossibilidade moral e psicológica.

Muitas páginas foram escritas na tentativa de abrandar a severidade desta passagem ao minimizar e enfraquecer a experiência anterior destes apóstatas, fazendo parecer que foram apenas simpatizantes do evangelho sem, na verdade, terem se tornado pessoas regeneradas. Mas este mero jogo de palavras não merece a atenção de um exegeta sério das santas Escrituras de Deus, e torna suspeita a premissa doutrinária que aceita tal desvio.

E impossível reconduzir ao arrependimento os apóstatas que chegaram a ser **iluminados** (4), tanto os que **provaram o dom celestial** quanto os que foram feitos (par-ticípio aoristo, voz passiva) **participantes do Espírito Santo. O dom celestial** provavelmente significa salvação por meio de Jesus Cristo.[15] **Participantes do Espírito Santo** são *metoxous,* "associados, companheiros" (1.9; 3.1,14; 12.8; cf. Lc 5.7). Houve um tempo definido no passado quando foram feitos participantes da graça de Deus. Aqui está uma iluminação que não pode de forma alguma ser confinada a uma mera convicção ou um entusiasmo religioso temporário.

Além disso, estes apóstatas eram aqueles que **provaram a boa palavra de Deus e as virtudes do século futuro** (5). A palavra **provaram** *(geusamenous*), usada duas vezes nestes versículos, é uma experiência consciente ("participaram conscientemente de", Vincent). Ela não pode ser reduzida a uma "amostra" dos religiosos ociosos, assim como não pode ser reduzida a uma brincadeira quando aplicada à morte de Jesus (2.9; cf. Mt 16.28; Mc 9.1; Lc 9.27; Jo 8.52). Estes então eram homens que haviam experimentado *a)* as alegrias da salvação, *b*) a comunhão do Espírito, c) o sustento e satisfação da Palavra (escrita ou pregada) e *d)* a confirmação e o reforço do sobrenatural. Estas experiências são os privilégios normais e aspectos da regeneração. Crentes regenerados continuam correndo o risco de apostatarem de maneira final e irrevogável.

A natureza profunda do problema em questão é resolvida além da compreensão de um possível sofisma pela ilustração com a qual a advertência é concluída. Quando a terra reage à chuva do céu e à labuta do fazendeiro ao produzir a planejada colheita, ela **recebe a bênção de Deus** (7). Mas se ela não produz nada além de **espinhos e abrolhos, é reprovada e perto está da maldição; o seu fim é ser queimada** (8). Ela é abandonada como terra imprestável e "a condenação está próxima, e seu fim é ser queimada" (Mueller). Este é um fim triste, visto que esta analogia se aplica a *almas.* Qualquer outra interpretação do texto não faz sentido. Vemos aqui uma bênção divina evidente cuja continuidade depende do lucro do investimento (Mt 13.22).[16]

4. *Os Hebreus Continuam Qualificados* (6.9-15)

O autor está convencido de que os cristãos hebreus não chegaram a se desviar até o ponto descrito nos versículos 4-8; embora cambaleantes e hesitantes, estão qualificados a prosseguir à busca da perfeição. Portanto, **ainda que assim falamos (9),** de forma solene, é com esperança e não desespero. As **coisas melhores** estão em contraste com a traição vergonhosa a Jesus no versículo 6 e a aridez dos versículos 7,8. Ele espera uma reação dos hebreus que pertencem à **salvação.** Ele apresenta razões de que **Deus** não seria tão **injusto** a ponto de desconsiderar sua **obra** e **trabalho de caridade,** manifestado tão zelosamente em favor do **seu nome (10).** Este é um trabalho que eles não só realizaram **aos santos** no passado, mas continuam desempenhando. Qualquer que seja a fraqueza que tenha ocorrido no interior, não se tornou aparente exteriormente em qualquer afrouxamento de serviço humilde conferido aos companheiros cristãos. Exteriormente, a fidelidade deles está sem mancha. Eles podem estar certos de que Deus também inclui isto em sua avaliação completa, e, portanto, ainda não os rejeitou.

a) A *necessidade de diligência* (6.11,12). O desejo ardente do autor é que **cada um** (11), sem exceção, continue mostrando (também cf. v. 10 e Rm 2.15; 9.17) **o mesmo cuidado até o fim, para completa certeza da esperança.** A palavra *spoudan,* **cuidado** ("diligência",

ARA; "prontidão", NVI), é usada como verbo em 4.11: "Procuremos" (ou "esforcemo-nos", ARA). Lá, o propósito que requer diligência, é o repouso; aqui é a **completa certeza da esperança.** As obras deles foram mantidas, mas uma parte desta certeza havia sido drenada da sua esperança em relação ao futuro triunfo de Cristo (e deles próprios). Assim como têm procurado "aplicar-se às boas obras" (Tt 3.8, 14), também devem aplicar-se com a mesma diligência a manter a segurança alegre do resultado final das coisas (3.6-14). Tendo perdido sua alegria e ânimo, eles estavam se lastimando como mártires teimosos leais a uma causa perdida. Este é um estado espiritual perigoso e prejudicial. Se não forem diligentes nesta área vão se tornar **negligentes** (12). Uma das duas situações prevalecerá: diligência ou decadência. Quando uma congregação perde a glória e o fogo, ela logo perde a verdade e o caminho.

Em vez disso, **sejais imitadores dos que, pela fé e paciência, herdam as promessas.** Eles continuam elegíveis para herdar as promessas, mas não continuarão desta forma se não seguirem diligentemente os passos daqueles que herdaram seu direito a esta herança pela paciência e fé obediente em cada teste.

b) *O exemplo de Abraão* (6.13-15). Esta referência a Abraão cumpre três propósitos.

(1) Ela introduz o aspecto do juramento como uma segurança dupla para as promessas. **Porque, quando Deus fez a promessa a Abraão, como não tinha outro maior por quem jurasse, jurou por si mesmo** (13). O significado deste ato é discutido nos versículos 16-20 (veja comentário). Aqui, como ocorre com freqüência, o autor está introduzindo uma nova linha de pensamento simultaneamente com a conclusão da sua ênfase prévia.

(2) A referência a Abraão também serve para revelar uma das promessas. Somente o resumo é citado: **Certamente, abençoando, te abençoarei e, multiplicando, te multiplicarei** (14). A promessa completa está em Gênesis 22.16-18 e inclui a referência messiânica: "E em tua semente serão benditas todas as nações da terra". A promessa de grande bênção sobre o povo hebreu era uma rocha de

esperança para cada judeu. Essa promessa continuava valendo. Este é o aspecto ressaltado aqui. Mais tarde, eles verão que esta é apenas uma das promessas (plural, v. 12) e que esta e todas as outras estão sendo cumpridas abundantemente em Cristo, mas somente nele (exatamente a linha de interpretação de Paulo em Gálatas 3.5-9,16-18).

(3) O propósito mais imediato nestes três versículos é ilustrar o significado da herança das promessas "pela fé e paciência" (v. **12). E assim** (vocês percebem o que quero dizer), Abraão, **esperando com paciência, alcançou a promessa (15).** A espera paciente foi a obediência de Abraão em oferecer Isaque. Nisto ele venceu o teste supremo da inabalável lealdade a Deus. E a imitação deste tipo de obediência ousada que está sendo estimulada no versículo **12. A promessa** que está sendo discutida, portanto, não é a promessa de um filho a Abraão; isto já havia sido cumprido. Era, na verdade, a promessa de uma bênção maior sobre o povo hebreu. Esta era **a promessa** que Abraão obteve como recompensa pela sua espera paciente. Ele não viu esta grande bênção; ele apenas recebeu a promessa. Assim, podemos ver o significado da frase "herdam as promessas" do versículo **12** (cf. o cap. **11).** A idéia é intrigante. Bens herdados com os quais estamos familiarizados — um negócio de família, nome, ou título, com seus direitos e privilégios

— podem parecer estimulantes. Mas promessas herdadas parecem insignificantes, especialmente se vêm se arrastando ao longo de muitas gerações e permanecem sem cumprimento. No entanto, o autor está esforçando-se em mostrar que estas promessas são, sem sombra de dúvidas, a porção mais inestimável da sua herança racial, que eles não devem negligenciar por indolência e descrença.

5. *A Imutabilidade das Promessas* **(6.16-20)**

O autor vai agora argumentar que eles têm todo incentivo para recobrar o ânimo e continuar, visto que as promessas não são somente válidas, mas apoiadas pela maior segurança possível, ou seja, o próprio juramento de Deus. O versículo 13 fez menção disto, mas agora vemos uma explanação mais detalhada.

a) *O juramento de Deus* **(6.16,17). Porque os homens certamente juram por alguém superior a eles (16),** i.e., alguém maior do que eles, alguém que pode apoiá-los e também inculcar fidelidade à palavra deles. Tal **juramento** foi uma afirmação solene diante de testemunhas em nome desta pessoa ou poder maior, que nos tempos bíblicos tomava a pessoa legalmente comprometida. Independentemente da direção em que as conversas informais dos homens apontava, uma vez que uma promessa ou transação era confirmada por um juramento **(juramento para confirmação)** o assunto era considerado finalizado, e **toda contenda,** terminada. Desta forma, para **mostrar [...] a imutabilidade do seu conselho** (plano), Deus **se interpôs com juramento (17).** Este juramento foi motivado pela sua prontidão em mostrar a inviolabilidade do seu propósito. Ele andou a "segunda milha", para provar a sinceridade das suas intenções. Isto não era uma lenda antropomórfica; era, na verdade, Deus acomodando-se à maneira de o homem agir e pensar para poder se comunicar com ele. A Bíblia está repleta desta humildade sublime de um Deus poderoso. Naturalmente, seria absurdo supor que ao jurar Deus estava acrescentando credibilidade à integridade da sua palavra, mas era um modo comovente de se comunicar **aos herdeiros da promessa** (também no versículo **14). Os herdeiros** incluíam os judeus que se qualificavam como herdeiros espirituais em Cristo

— e, de acordo com Paulo, também os crentes gentios.

b) *Nossa esperança* **(6.18-20). O** propósito de Deus era **para que por duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, tenhamos a firme consolação (18).** As duas coisas imutáveis eram a integridade da própria palavra de Deus em sua simples promessa e a obrigação legal do juramento auto-imposto. **Afirme consolação** é a "firme segurança" (Mueller) que eles devem preservar de maneira diligente (v. 11). A diligência deles, portanto, não é a energia agitada da carne em produzir e sustentar a fé; ela é, na verdade, a devoção e concentração com a qual eles mantêm diante deles as promessas divinas e a base da sua absoluta segurança nelas. **Nós** (aqueles que são os detentores dessa segurança feliz) **pomos o**

nosso refúgio (em Jesus) **em reter a esperança proposta.**

Por meio de Cristo, compreendemos a esperança de Israel de forma renovada. A **esperança** é **como âncora da alma segura e firme e que penetra até ao interior**

do véu (19). O conteúdo da esperança judaica verdadeiramente bíblica não estava em um paraíso terreno, com um domínio político do mundo, como tantas vezes tem sido interpretado erroneamente; em vez disso, esta esperança habitava na eterna presença de Deus. Aprofunda esperança de uma alma espiritualmente inclinada deveria penetrar nos mistérios por trás do véu (Lv 16.2) — "uma esperança que alcança mais longe e que adentra a certeza da Presença no interior do véu" (NT Ampl.). Neste Lugar Santíssimo, Jesus, **nosso precursor, entrou por nós, feito eternamente sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque** (20). Jesus entrou no "Santo dos Santos", não como um substituto para nosso acesso, mas como um **precursor,** porque também entraremos nele. O autor tem muito mais a dizer a respeito deste "Santo dos Santos" e da maneira como Cristo o abriu para nós. Mas agora, tendo se afastado por tempo suficiente do assunto principal para estimulá-los a uma diligência maior e ao avanço na maturidade espiritual, o autor volta para a linha principal da sua argumentação. Ele se concentra novamente no papel de Jesus como sumo sacerdote, não da ordem de Arão, mas **segundo a ordem de Melquisedeque.** Indubitavelmente, o autor espera que sua exortação os tenha condicionado a receber as difíceis verdades que deseja agora transmitir.

C. O Sacerdócio da Perfeição, 7.1-28

E sábio lembrar-nos, como reorientação, acerca do propósito ousado e revolucionário do autor. Ele está construindo uma posição lógica e exegética com a finalidade de despedaçar completamente qualquer dependência remanescente do judaísmo. Ele precisa convencer esses cristãos hebreus de três coisas.

Em primeiro lugar, que o sacerdócio de Cristo anula e substitui completamente toda estrutura monolítica do sacerdócio judaico e da

adoração no Templo. Não pode mais haver uma contemporização do conceito da coexistência. Os odres velhos não podem conter o vinho novo, nem a veste velha ser remendada com pano novo. O antigo terminou, abandonado por Deus, e precisa ser abandonado pelos cristãos.

Em segundo lugar, Jesus Cristo, em seu sacerdócio, inaugurou uma nova aliança entre Deus e seu povo, tornando a antiga aliança obsoleta com suas formas ritualísticas e sacerdotais. Esta nova aliança é o cumprimento do significado simbólico da antiga, e igualmente o cumprimento das grandes predições do AT acerca desta substituição. A nova aliança, portanto, não deveria ser nenhuma surpresa para eles e deveria ser adotada prontamente e com gratidão. Ela é qualitativamente superior à antiga em todos os sentidos, visto que inclui a substância em vez da sombra. Esta substância é essencialmente uma perfeição pessoal do adorador, descrita de diversas maneiras como repouso, acesso ao "Santo dos Santos" e santificação.

Em terceiro lugar, a pessoa e obra de Cristo são definitivas e cancelam todas as outras opções. Tendo conhecido a Cristo, não tem como voltar atrás. Não podem mais encontrar abrigo em Moisés da ira vindoura. A tentativa em fazê-lo resultará em julgamentos e conseqüências eternas excedendo em muito a desgraça que a raça havia experimentado previamente por causa da desobediência.

Ao estabelecer este tipo de argumentação, o raciocínio do autor é inteiramente judaico. Muitos elementos têm uma afinidade com o helenismo judaico-alexandrino, como é representado por Fílon, mas outros são compatíveis com a hermenêutica rabínica de Jerusalém. Um ponto de concordância entre essas duas posições era a sua alta consideração pelo AT como a Palavra de Deus divinamente inspirada. Nada era supérfluo ou sem significado.[18]

Mas Hebreus difere tanto de Fílon quanto dos judeus palestinos no princípio hermenêutico básico que sustenta toda a carta, a saber, que Cristo é a chave para a interpretação das Escrituras judaicas. "Para Hebreus", diz Sowers, "o verdadeiro significado da Bíblia não é

desvendado por um exegeta inspirado, como é o caso de Fílon, mas, sim, por Cristo, para o qual aponta todo o AT".[19] Ele, portanto, reconhece textos que provam o que está querendo dizer que não seriam reconhecidos como tais por um exegeta que olhasse através de lentes hermenêuticas diferentes. Mas existem motivos de sobra para acreditar na base histórica e teológica de que ele foi fiel ao princípio introduzido pelo próprio Cristo no caminho de Emaús (Lc 24.27) e que estruturou o pensamento dos apóstolos e da Igreja Primitiva.

Nos capítulos seguintes, portanto, o autor interpreta vários textos cristológicos. O primeiro — e possivelmente o mais crucial — é Salmo 110.4: "Jurou o **Senhor** e não se arrependerá: Tu és um sacerdote eterno, segundo a ordem de Melquisedeque". Deste versículo depende sua polêmica de que Cristo é legitimamente o sumo sacerdote, nomeado por Deus, mas de uma ordem diferente e superior à levítica, e, por esta razão, substituindo a ordem levítica para sempre. Ele já citou o texto (5.6) e referiu-se a ele duas vezes (5.10; 6.20). O autor agora está pronto para expandir o seu argumento.

1. A *Ordem de Melquisedeque* (7.1-10)

O autor revê (l-2a) os fatos básicos apresentados a nós em Gênesis 14.18-20. Então começa uma interpretação da identidade desta figura misteriosa.

a) O *padrão do seu sacerdócio* (7.2b,3). O autor encontra significado em seu nome: **é, por interpretação, rei de justiça** (2). Mas também lhe é atribuída importância em virtude de ele ser **rei de Salém, que é rei de paz.** Aqui ocorre uma concordância tipológica com Cristo logo no princípio por meio do hábil lembrete de que a paz segue a justiça e que não pode existir sem ela.

As descrições **sem pai, sem mãe, sem genealogia, não tendo princípio de dias nem fim de vida** (3), devem ser entendidas em referência à ordem do sacerdócio de Melquisedeque, não à sua pessoa física. Na mente de um judeu, letrado nas idéias levíticas rígidas, era inconcebível que alguém servisse como sacerdote sem ser descendente de pais sacerdotes, **sem genealogia.** Mas, foi o próprio Moisés que

chamou Melquisedeque de "sacerdote do Deus Altíssimo" (Gn 14.18); e ele foi reconhecido como tal mesmo sem credenciais formais. Ele não tinha uma linhagem oficial. Não havia

registro da sua data de nascimento ou da sua morte. Neste sentido, ele foi **feito semelhante ao Filho de Deus,** que também não tinha uma linhagem sacerdotal normal.

O aspecto importante a ser ressaltado é que este Melquisedeque **permanece sacerdote para sempre.** Aqui está a proposta-chave. Tudo o mais é subordinado e descritivo. Primeiro, os fatos da história são reafirmados. Então, o padrão tipológico é desenhado, basicamente como um argumento do silêncio. E as idéias essenciais que o autor vai ressaltar são: 1) esta certamente não é uma ordem de sacerdócio levítica; 2) ela é uma ordem superior e 3) um sacerdócio que é caracterizado pela perpetuidade.[20]

b) *A grandeza do seu sacerdócio* (7.4-10). **Considerai, pois, quão grande era este, a quem até o patriarca Abraão deu os dízimos dos despojos** (4). Os próximos dois versículos são obscuros na KJV, mas uma nova tradução pode esclarecer o significado: "E reconhecidamente aqueles que são filhos de Levi, tendo recebido o sacerdócio, têm uma ordem (ou autoridade) de recolher os dízimos das pessoas de acordo com a lei; estes são os seus irmãos, plenamente descendentes de Abraão. Mas aquele que é sem linhagem entre eles recebeu os dízimos de Abraão e abençoou aquele que tinha as promessas" (vv. 5-6).

O alvo aqui é mostrar a superioridade da ordem sacerdotal de Melquisedeque em relação à ordem levítica. Tendo inferido que a demonstração de seu pai Abraão pagando dízimos a ele provava esta grandeza, o autor rapidamente prevê nos versículos 5 e 6 a possível réplica de que Abraão também paga dízimos a Levi por meio dos seus descendentes; portanto, Levi é igualmente grande. Mas esta é uma exigência da lei, não uma homenagem voluntária; e, além disso, Levi é igualmente um descendente de Abraão, que torna isso uma questão de família, e, deste modo, a "grandeza" por causa do "direito" é cancelada. Mas Melquisedeque era um estranho, não designado pela

lei para recolher dízimos de Abraão como parte de um sistema utilitário doméstico; portanto, o recebimento de dízimos era uma evidência de um ato especial de reverência da parte de Abraão. Em outras palavras, Levi não pode reivindicar igual grandeza simplesmente pelo fato de recolher dízimos, visto que as circunstâncias que governam o ato de dizimar são tão diferentes.

Além disso, Melquisedeque **abençoou o que tinha as promessas** (6). Esta é uma prova conclusiva, porque **sem contradição alguma, o menor é abençoado pelo maior**

(7). Isto seria auto-evidente, porque o pai abençoa seu filho, a pessoa idosa abençoa a mais jovem, o sacerdote abençoa o povo, o rei abençoa os seus súditos — nunca o contrário. Aposição de receptor é inferior à posição de doador, porque receber admite fraqueza e necessidade, enquanto dar sugere poder e influência. Ao dar o dízimo, Abraão estava homenageando — era um ato religioso — enquanto ao receber a bênção de Melquisedeque ele estava aceitando a posição de beneficiário. Por esta razão, nos dois casos ele foi considerado subordinado a Melquisedeque. No entanto, ele é aquele que havia recebido as promessas de Deus de grandeza racial e benefício mundial por meio da sua descendência. Portanto, podia-se dizer que as próprias promessas estavam sujeitas à benção de Melquisedeque. Se, no entanto, vermos Jesus aqui como Melquisedeque, veremos a profunda implicação a que a epístola está aludindo do início ao fim.

O contraste entre Levi e Melquisedeque é levado mais adiante. Os sacerdotes levi-tas eram **homens que morrem** — eles são mortais — mas naquela situação antiga, um deles recebia os dízimos **de quem se testifica que vive** (8). A "testemunha" parece ser deduzida de Salmos 110.4. A lógica é que se o sacerdócio de Cristo deve ser para sempre e, ao mesmo tempo, de acordo com a ordem de Melquisedeque, então esta ordem de sacerdócio deve ter sido estabelecida para sempre. Portanto, Abraão estava dando dízimos a alguém que representava, não uma sucessão de sacerdotes, mas um tipo de sacerdócio que está perpetuamente investido em uma Pessoa perpétua. Este tipo de sacerdócio obviamente é superior à ordem levítica.

O autor agora procura por meio de uma investida final ressaltar a presunção levítica ao recorrer a uma mudança exagerada. **E, para assim dizer** é a frase introdutória. A ARA a traduz da seguinte maneira: "E, por assim dizer". De acordo com Chamberlain, esta frase "introduz uma declaração hesitante. Ela indica que o autor não gostaria de ser entendido literalmente";[21] portanto, não podemos interpretar esta declaração como sendo um princípio sério aplicável à transmissão do pecado original. Mas encontramos aqui uma resposta final à própria resposta dos levitas, usando o tipo de argumento deles. Se pudesse ser dito que Abraão deu os dízimos a Levi por meio dos seus descendentes — por conseguinte Levi era tão grande quanto Melquisedeque — também podia igualmente ser dito que Levi pagou **dízimos por meio de Abraão. Porque ainda ele estava nos lombos de seu pai, quando Melquisedeque lhe saiu ao encontro (9-10).** Isto pode ser chamado de uma *reductio ad absurdum* (redução ao absurdo), mas certamente uma resposta desconcertante e convincente.

Fica evidente que o autor vincula uma grande importância à proposição de que a ordem sacerdotal de Melquisedeque é muito superior à ordem de Levi. Estabelecer esta baliza polêmica significa garantir efetivamente toda sua posição, porque isto traz consigo implicações de longo alcance em relação a Cristo. O autor agora se propõe a mencionar algumas dessas implicações, e, ao fazê-lo, ele está proclamando o fim de todo o sistema levítico.

2 .*A Antiga Ordem é Substituída pela Nova* (7.11-22)

a) A *impotência da ordem levítica* (7.11). As diversas implicações terminam na questão básica da **perfeição,** que neste contexto é habilmente definida como uma "comunhão perfeita entre Deus e os adoradores" (NT Ampl.). Esta é uma descrição exata, visto a partir do conceptualismo do "Santo dos Santos". Mas ela também inclui (de acordo com o conceptualismo da nova aliança) a santificação pessoal, que por si só pode prover uma base moral para esta comunhão. As duas fases são esclarecidas no devido tempo. Mas agora assume-se que tal perfeição é necessária, pela sua própria natureza, tornando-se

o alvo e o fim de toda religião. Qualquer sistema (incluindo o levítico) deixa de prover tal perfeição, sendo inadequado e temporário.

Os judeus acreditavam que o seu acesso a Deus por meio da sua adoração no Templo representava o auge das possibilidades. Mas **se a perfeição fosse pelo sacerdócio levítico [...] que necessidade havia logo de que outro sacerdote se levantasse?** A lógica é irrefutável. A observação entre parênteses: **porque sob ele o povo recebeu a lei,** indica que Deus deu a lei aos israelitas por meio da mediação deste sacerdócio; portanto, seus sacerdotes tinham todas as oportunidades para demonstrar a eficácia salvadora do seu ministério. Era um sacerdócio divinamente ordenado, mediando e administrando uma lei divina. Será que esta combinação não seria adequada para alcançar a perfeição? Mas o anúncio de uma nova ordem prova que a antiga ordem não tinha condições de alcançar esta perfeição.

b*) A invalidação da lei mosaica* (7.12-19). Mas isto trazia consigo uma conseqüên-cia igualmente avassaladora: **mudando-se o sacerdócio** (ou "se o sacerdócio é mudado", um particípio circunstancial condicional), **necessariamente se faz também mudança da lei** (12). Um infere o outro. **Porque aquele de quem essas coisas se dizem** (i.e., Jesus) **pertence a outra tribo, da qual ninguém serviu ao altar** (13), nem era permitido que assim se fizesse, sob pena de morte. **Que nosso Senhor procedeu de Judá** é de conhecimento geral; mas **concernente a essa tribo nunca Moisés falou de sacerdócio** (14). Perceba aqui que o autor está falando, não acerca de Levi ou Arão, mas de Moisés. Por trás da ordem sacerdotal levítica estava a lei mosaica. Se uma ruísse, a outra ruiria junto. Se Deus tornou o sacerdócio araônico obsoleto por meio de uma nova ordem sacerdotal, também tornou obsoleto o sistema de leis do qual o sacerdócio araônico derivava sua autoridade. Por mais perturbador que isso possa parecer, precisamos encará-lo, porque **muito mais manifesto** (incontestável) **é ainda se, à semelhança de Melquisedeque, se levantar outro sacerdote, que não foi feito segundo a lei do mandamento carnal, mas segundo a virtude da vida incorruptível** (15,16). Este texto (SI 110.4) mostra

que o sistema mosaico não está sendo amoldado, mas destruído.

Duas frases nestes versículos merecem uma atenção especial: **à semelhança de Melquisedeque** (15) e **segundo a virtude da vida incorruptível** (16). A palavra **semelhança** (*homoioteta*) traz luz sobre *taxin.* Esta palavra tem sido constantemente traduzida por **ordem** na ARC, como ocorre no versículo 17: **Tu és sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedeque.** Mueller entende que esta palavra significa "grau" ou "posição", e indubitavelmente o grau de Cristo suplanta o de Arão. Mas a idéia de grau não traz a idéia exata de Hebreus e **ordem** chega mais próximo do conceito original. Aqui o autor está evidentemente usando **semelhança** como sinônimo.

O que está sendo ensinado não é tanto uma diferença no grau, mas uma diferença radical no padrão ou tipo de sacerdócio. Por isso, ele ressalta a sua natureza não genealógica, mas, acima de tudo, a sua perpetuidade. Assim, o fato culminante, **a virtude da vida incorruptível,** é confrontado com **a lei do mandamento carnal.** Aqui está a nota central desta nova ordem, que é semelhante a do seu tipo, Melquisedeque. É por isso que a ênfase na interpretação deste capítulo não deveria ser no homem Melquisedeque, como uma personalidade histórica misteriosa, mas na ordem ou tipo de sacerdócio que ele representa. Se tentarmos entender 7.3 e 7.8 literalmente como se referindo a um homem específico, acabaremos nos envolvendo em grande dificuldade. Mas, se entendermos estes versículos como que se referindo à ordem que este homem representa, as coisas se esclarecem. Devemos lembrar que o texto que tirou Melquisedeque da obscuridade e lhe deu significado doutrinário (SI 110.4) vinculava este significado somente ao seu papel como um tipo do sacerdócio de Cristo. A pessoa importante em Salmos 110.4 não é Melquisedeque mas "Tu" (Cristo). E a idéia claramente transmitida é que o Messias serviria como Sacerdote e Rei, um novo tipo de Sacerdote, substituindo e destituindo a ordem araônica, bem como um novo tipo de Rei.

O autor finalmente revela de maneira clara aquilo que estava implícito o tempo todo: **Porque o precedente mandamento** (o

mandamento anterior) **é ab-rogado por causa da sua fraqueza e inutilidade** (18). Por meio da obra substitutiva de Cristo, a lei mosaica tornou-se inválida. O **mandamento** aqui corresponde à **lei do mandamento carnal** (16), que é **carnal** não no sentido de ser mau, ou de origem humana, mas no sentido que é concernente às legalidades físicas e externas, tais como as genealogias.[22] **Lei** aqui seria "operação" (semelhante a **ordem,** 17), e, assim, a frase simplesmente significaria: "não de acordo com o padrão dessas exterioridades temporais". A ordem prescrevendo qualificações e atividades sacerdotais é anulada (substituída, revogada) por causa da sua fraqueza inerente. Ela era incapaz de fazer a obra principal no homem que precisava ser feita. **Pois a lei** (de Moisés, incluindo o mandamento que governava o sacerdócio) **nenhuma coisa aperfeiçoou** (19). Ela não trazia nenhum proveito, nem para os sacerdotes nem para o povo, nem para a adoração nem para os adoradores.

Temos motivos para um regozijo durável em virtude de se seguir uma das conjunções adversativas centrais na Bíblia — **e desta sorte é introduzida uma melhor esperança.** Neste caso, o sentido de **melhor esperança** é a base ou a causa melhor de esperança. Sob a antiga ordem havia a lei, que não estimulava a esperança espiritual, tanto em relação à santidade quanto ao céu. Mas por meio dessa base superior de esperança (que é Cristo) **chegamos a Deus.** Vincent diz: "O cristianismo é a religião da boa esperança porque por meio dela as pessoas têm a oportunidade de entrar numa comunhão íntima com Deus. O antigo sacerdócio não podia realizar isto".[23] A esperança é um incentivo melhor para a oração do que o medo.

c) *A inauguração de um testamento "melhor"* (7.20-22). O autor continua descrevendo as implicações do seu texto (SI 110.4). Ainda existem dois pontos na sua exposição, ambos introduzidos por **E** (20, 23). A conclusão a ser observada nos versículos 20-22 é que **Jesus** foi **fiador** de um concerto **tanto melhor.** Mas o grau de superioridade está fundamentado em um simples fato, recapitulado no versículo 21, que é: **aqueles** foram **feitos sacerdotes** sem **juramento** (sacerdotes constituídos), enquanto Jesus não se tornou sacerdote **sem prestar**

juramento (20). O autor tem considerado a proposição principal do seu texto, mas agora explica o significado da primeira parte. **Jurou o Senhor e não se arrependerá** (21). Esta ênfase é alcançada pelo uso de dois pronomes, *hoson,* **visto como** (20), e seu correlativo, *tosouto,* **de tanto** (22). Assim, **visto como** deveria ser lido junto com **de tanto.** Veremos que a diferença entre a ordenação sacerdotal sem juramento (*horkomosias*) e com juramento é fundamental. Conseqüentemente, vemos a superioridade do novo testamento sobre o antigo. Na mente do autor esta diferença é grande, possivelmente devido a duas considerações: Primeiro, o elemento de caráter final na natureza de um juramento; e, segundo, a natureza daquele que fez o juramento. Não é Deus que ministra o juramento ao Filho, que nesse caso seria o Filho prometendo cumprir seus deveres; é o próprio Deus que jura, prometendo estabelecer o sacerdócio individual do Filho para sempre. Tal obrigação nunca foi aceita no caso de Arão. E o **concerto** (testamento) mediado por um sacerdote que é assim superior deve igualmente ser superior. Por meio do juramento, Jesus tornou-se o **fiador** (garantia) de Deus deste concerto novo e melhor.[24]

3. *A Salvação Perfeita em um Salvador Aperfeiçoado* (7.23-28)

O último ponto que o autor ressalta do seu texto é culminante. Ele examinou as várias linhas de verdade da natureza "melquisedequeana" no sacerdócio de Cristo; agora chegou o momento de uni-las.

a) *Um poder perfeito para salvar* (7.23-25). O contraste entre o novo sacerdócio (de Cristo) e o antigo não se apóia apenas no juramento (ou na ausência dele), mas no fato inferido e confirmado pelos simples acontecimentos da história. E, **na verdade, aqueles foram feitos sacerdotes em grande número, porque, pela morte, foram impedidos de permanecer** (23), **mas este, porque permanece eternamente, tem um sacerdócio perpétuo** (24). Se Cristo vive para sempre, seu sacerdócio é para sempre — Ele "tem um sacerdócio permanente" (Mueller). Não haverá outro sacerdote que o sucederá, que continue a sua obra e talvez a leve mais adiante. Ele é o último. Por isso, seu sacerdócio é final e completo. **Portanto** (por

isso), **pode também salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles** (25). O tempo presente do infinitivo *sozein,* **salvar,** corresponde ao particípio presente, **vivendo sempre.** Visto que sempre vive, Ele sempre pode salvar — cada pecador em cada geração e em cada situação de necessidade. Não há um exaurir dos seus recursos. O poder para salvar está nele, e porque Ele vive, o poder sempre está lá. O versículo 16 destacou a "virtude da vida incorruptível". A natureza deste poder é agora destacada — é o poder para salvar as pessoas. A conexão entre seu poder para salvar e sua intercessão também é significativa. Ele vive com um propósito — "para advogar a sua causa" (Mueller).[25]

Cristo assegura para nós não somente o livramento da sentença da morte, que nossos pecados merecem, mas da depravação da nossa natureza. A palavra **perfeitamente** *(panteles*) revela o grau deste livramento.[26] Ela é completa, sem restrições. Não é uma "sentença suspensa" ou uma limpeza parcial, mas uma justificação plena (Rm 8.14).

Discussões subseqüentes mostrarão mais claramente que a salvação perfeita da condenação envolve a salvação de todo pecado. Além disso, este poder perfeito para salvar perfeitamente é a essência do testamento melhor — isto o autor também deixará claro.

Qualquer pecado no coração do crente é prova de uma salvação imperfeita, e o erro deve ser ou do Salvador ou do crente. Visto que não pode ser do Salvador, e certamente não é uma deficiência de suas promessas ou provisões, deve ser uma deficiência da apropriação. Esta verdade é inferida da frase que marca a própria limitação do poder do nosso Senhor: **os que por ele se chegam a Deus.** Ignorar Jesus significa perder sua salvação. Sua capacidade salvadora está limitada àqueles que se achegam a Deus por meio do Calvário, mas ela não é limitada em poder naqueles que se aproximam dele dessa forma. Aqueles que continuam sendo derrotados pelo pecado ainda não chegaram da forma apropriada.

Esta passagem sugere: 1) Um Salvador vivo — **vivendo sempre.** 2)

Um Salvador adequado — **pode também salvar perfeitamente.** 3) Um Salvador restringido — **os que por ele se chegam a Deus.**

b) *Uma Pessoa aperfeiçoada que salva* (7.26-28). O autor estabeleceu a posição radical e revolucionária de Salmos 110.4. Nada mais será dito a respeito de Melquisedeque, mas muito mais será dito acerca daquele a quem o Pai se dirigiu naquele pronunciamento marcante. Jesus é nosso sumo sacerdote e somente Ele é suficiente para nós porque somente Ele tem todas as qualificações exigidas. **Porque nos convinha tal sumo sacerdote** (26), i.e., foi exatamente apropriado para cada uma de nossas necessidades. Em que sentido? Ele é **santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores e feito mais sublime do que os céus.** Encontramos cinco marcas neste texto. As três primeiras marcas testificam das suas qualificações pessoais e caráter: **santo** de coração, **inocente** na conduta e **imaculado** de consciência. Mas as últimas duas falam eloqüentemente do cumprimento perfeito do seu ofício — "tendo sido separado" (particípio perfeito) **dos pecadores** e "tornando-se" (particípio presente, voz média) **mais sublime do que os céus.** Esta separação provavelmente é uma referência à solidão de oito dias exigida do sumo sacerdote antes de fazer expiação uma vez ao ano no Santo dos Santos. Este aspecto é usado figuradamente aqui, porque a separação de Cristo dos pecadores era moral, não social; era vitalícia, não temporária. Contudo, a figura fala da sua aptidão plena para o ato supremo de entrar no "Santo dos Santos" a nosso favor. Como conseqüência, Ele está firmado no lugar supremo de autoridade. Desta forma, estão resumidas tanto a sua *humilhação* quanto a sua *exaltação* (Is 52.13—53.12; Fp 2.9) e desta forma também está confirmada a sua *divindade essencial,* como cada judeu devoto perceberia (SI 108.5).

Por causa das suas qualificações pessoais de caráter, Ele **não** necessitava, **como os** outros **sumos sacerdotes, de oferecer cada dia sacrifícios, primeiramente, por seus próprios pecados e, depois, pelos do povo** (27). Aqui há uma orientação segundo a qual o ritual diário de sacrifícios era um suplemento necessário para o grande Dia da Expiação por causa do pecado diário repetido, bem

como a eficácia insuficiente da expiação anual. Mas a ênfase aqui é que, no tocante a Jesus, esta repetição diária era desnecessária. **Porque isso fez ele, uma vez, oferecendo-se a si mesmo.** A palavra **isso** deveria ser construída com o segundo sacrifício do sumo sacerdote, i.e., para o povo, visto que o primeiro, i.e., **por seus próprios pecados,** não era necessário. E **uma vez** era suficiente, visto que o Sacrifício era ele próprio. (Cf. 9.24—10.18.)

Porque a lei constitui sumos sacerdotes a homens fracos (28). Os hebreus já foram lembrados desse aspecto (5.1-3). A palavra **fracos** ("fraqueza", ARA; *astheneian)* aqui, como em 4.15; 5.2 e 11.34, tem uma nuança moral e fala basicamente das fraquezas que exigiam que aqueles outros sumos sacerdotes oferecessem primeiro sacrifícios pelos seus próprios pecados. E a inclinação para o pecado, que podemos identificar como pecado original. *Ter fraqueza,* observa Yincent, é mais forte do que o termo *fraqueza,* que isolado "pode inferir somente mostras de fraqueza, enquanto *ter fraqueza* indica uma característica geral".[27] Isto é o melhor que a lei pode fazer — deixar que pecadores ministrem de uma maneira confusa a pecadores — porque até a chegada de Jesus não havia outra escolha.

Mas a palavra do juramento, sobre a qual temos exposto, **que veio depois da lei,** superou-a e a tornou antiquada e **constitui ao Filho, perfeito para sempre** (28). O grego é elíptico aqui, mas a ARC está correta em deixar que o verbo **constitui** sirva para os dois casos. Literalmente, a tradução seria: "Filho, que foi aperfeiçoado". Será que quer dizer "foi aperfeiçoado para sempre" (NT Ampl.), ou o Filho foi constituído Sacerdote para sempre porque foi aperfeiçoado? Mueller traduz este texto da seguinte forma: "... a lei (constituiu) um Filho, tendo sido aperfeiçoado para sempre". Logicamente a perfeição de Cristo deveria ser vista como a antítese da "fraqueza". Encontramos comparações e contrastes aqui, como mostra a palavra **mas.** Sua superioridade como sumo sacerdote consistia, em parte, no fato de que Ele estava livre do tipo de fraqueza que desqualificava os sumos sacerdotes araônicos de um ministério sacerdotal perfeito (e, conseqüentemen-te, permanente). Mas não devemos fazer a antítese tão precisa a ponto de construir o tempo perfeito do particípio (tendo

sido aperfeiçoado) como significando que em certa época em sua vida nosso Senhor foi liberto ou purificado da fraqueza pecaminosa. Em vez disso, o conteúdo exato do seu aperfeiçoamento deve ser entendido à luz de 5.7-9. Pelo sofrimento e pela obediência Ele foi qualificado perfeitamente para ser o sumo sacerdote definitivo e eterno.

E evidente que o autor aos Hebreus está avançando passo a passo até o coração da obra e ministério de Cristo por nós. Suas unidades de pensamento parecem correntes entrelaçadas, salvo pelo fato de haver, com freqüência, várias correntes sendo formadas simultaneamente. Observando isso de outro ponto de vista, seu desenvolvimento parece telescópico. Em cada nova seção o autor introduz uma nova verdade, que ele então destaca e elabora na seção seguinte. Foi mostrado que Cristo é superior aos anjos como Filho, superior a Moisés como Príncipe, superior a Arão como Sacerdote, superior mesmo a Abraão; e agora esta superioridade é mostrada na inauguração de uma aliança (concerto) superior. Tendo expressado este conceito no capítulo 7, ele prosseguirá no capítulo 8 a trabalhar na análise lógica e na natureza desta nova aliança.

1

Os Requisitos do Sacerdócio (5.1-4)

A função de um **sumo sacerdote** é clara. Aquele **tomado dentre os homens** na

ordem araônica **é constituído a favor dos homens;** separado para este chamado divino, para ministrar **coisas concernentes a Deus (1). O** propósito principal desta ordenação é que alguém esteja habilitado para oficialmente oferecer **dons e sacrifícios pelos** (em favor dos) **pecados.** Pecado é aquilo que separa as pessoas de Deus e torna um tipo de mediação sacerdotal necessária.[2]

Para ser devidamente qualificado para esta importante função de mediação e liderança religiosa, o sumo sacerdote precisa apresentar um caráter pessoal tal que **possa compadecer-se temamente dos**

ignorantes e errados (2). Sowers diz que **compadecer-se** (*metriopathein*) "era um termo filosófico referindo-se ao meio termo entre paixão excessiva e apatia.[3] O sacerdote não deve ser severo e impaciente, nem indiferente ou desinteressado. Deve haver uma preocupação moral profunda e atenta combinada com uma simpatia compreensível. Deste equilíbrio no verdadeiro juiz virá um discernimento mais claro dos diferentes graus de culpa, em distinguir entre ignorância responsável e involuntária, entre aqueles que estão **errados** ("enganados", Mueller) devido ao seu próprio descuido e aqueles que foram desencaminhados por causa da sua

A Negligência dos Imaturos (5.11-14)

O autor tem muitas coisas a **dizer** acerca deste pouco conhecido personagem do AT, Melquisedeque, porque é uma figura-chave na compreensão do sumo sacerdócio de Cristo. No entanto, elas são **de difícil interpretação,** i.e., difíceis de explicar, porque estes cristãos são **negligentes para ouvir** (11). Eles não estão *se tornando* preguiçosos no seu apetite e compreensão espiritual; eles já se tomaram preguiçosos (tempo perfeito do verbo), e seu estado presente é o resultado de alguma falha no passado. Ele os envergonha: **devendo já ser mestres pelo tempo, ainda necessitais de que se vos torne a ensinar** (12). Provavelmente, muitos deles consideravam-se mestres, mas não estavam qualificados para tal (cf. 1 Tm 1.5-7). Eles tinham perdido o controle da realidade da fé cristã de tal forma que precisavam de uma atualização no ABC do evangelho, **os primeiros rudimentos das palavras de Deus.[9]** Eles voltaram ao estado primitivo de infância espiritual, em vez de tornarem-se pessoas maduras, a ponto de precisarem **de leite e não de sólido mantimento** ("alimento sólido", Mueller). Este estado vergonhoso não é devido à falta de tempo, porque evidentemente não eram recém-convertidos, mas por causa da falta de aplicação prática.

As marcas contrastantes da primeira infância e da fase adulta são resumidas de maneira precisa nos versículos 13,14. Aquele cuja dieta está confinada ao **leite** natural-

A PAIXÃO DE CRISTO É DEFINITIVA

Hebreus 8.1—10.25 **A. Cristo e a Nova Aliança, 8.1-13**

1. *Introdução* (8.1-2)

O versículo de abertura é um sinal óbvio de que o autor completou um estágio em sua discussão e está pronto para mudar para o próximo. Ele resume **a suma do que temos dito** em uma proposição tríplice: *a)* **Temos um sumo sacerdote tal.** A palavra **tal** (*toiouton*) é um pronome qualitativo. Chamberlain acredita que neste caso ele serve como o antecedente de **que;**[1] mas é mais provável que seja relativo à descrição que acabara de ser completada (7.26-28). Ele está unindo o que acabou de ser dito com aquilo que segue. Agora *b*) é este mesmo sumo sacerdote **que está assentado nos céus à destra do trono da Majestade** (cf. 1.3, 13; 2.9; 4.14; Mt 26.64). Ele foi exaltado pelo Pai para ser o co-regente do universo.[1] Isso é a eminência absoluta. E, terceiro, c) este sumo sacerdote é **ministro do santuário** (2). Aqui está o versículo de transição. O autor acabou de estabelecer a nomeação e as qualificações do sumo sacerdote; agora ele está pronto para examinar a natureza do seu ministério. Um sacerdote exerce um cargo e cumpre uma função. O que faz Jesus? Onde está o foco do seu ministério? De que maneira Ele o cumpre? O que o seu ministério realiza a nosso favor? Estas são perguntas a serem respondidas nos capítulos 8—10, onde o campo de atenção é mudado das suas credenciais para o seu trabalho.

O substantivo **ministro** (2) está em aposição a **que** (1), e o artigo indefinido "um ministro" (de acordo com a KJV) não deveria ser usado, visto que Ele não é um ministro entre muitos. Ele é Jesus Cristo, **ministro do santuário.** A designação é uma palavra

composta (*leitos*, "público" e *ergon* "trabalho") e seu significado principal é uma pessoa de caráter que realiza um dever ou serviço público por conta própria — particularmente verdadeiro em relação a Jesus. No NT, isto significa oficiais ou funcionários oficiais, administradores servindo a outros (Rm 13.6; cf. *diakonos*).

Literalmente, **santuário** está no plural, *ton hagion,* e deveria ser traduzido por "os santos", possivelmente com referência ao santuário externo e ao mais santo de todos; entretanto, se isto está no feminino, este termo tem uma referência especial ao que foi mencionado por último (Vincent). Mas, em todo caso, o lugar da sua ministração é o **verdadeiro tabernáculo, o qual o Senhor fundou, e não o homem** (2). O **tabernáculo** (lit., "tenda") é o lugar onde Deus encontra o homem e o homem encontra Deus. O termo também fala metaforicamente do método em que esta comunhão é arranjada e completada. O tabernáculo celestial corresponde a "coisas celestiais" (v. 5); este é o **verdadeiro tabernáculo** (9.24) no sentido de que é real e definitivo, enquanto o Tabernáculo terreno, embora fisicamente real e visível, era no âmbito espiritual somente típico e temporário. Ele era para a verdade o que a sombra é para a substância. "Coisas celestiais" é uma expressão não tanto de um lugar como de um estado. O tabernáculo celestial está em contraste com o terreno, como o espiritual está em contraste com o material. O Tabernáculo terreno era rico em seu apelo material, mas pobre em sua habilidade de mudar ou satisfazer a alma em seu relacionamento pessoal com Deus. O Tabernáculo celestial, em contraste, é privado de esplendor terreno e materialidade, mas completo em sua substância espiritual. O homem pode fabricar o que é exterior e visível, tornando-o muito impressionante e estético; mas Deus estabelece — ou provê — o que é espiritual. [1] "ainda mais excelente" (Mueller). **Quanto** (*hoso*) simplesmente indica que a medida dessa excelência maior é o grau de superioridade do novo concerto (aliança).

Seis vezes no NT Jesus é conhecido como o **mediador (***mesites*) de um novo concerto; três dessas ocasiões são encontradas aqui em Hebreus (8.6; 9.15; 12.24). No sentido pretendido nesta epístola, a ênfase não está na reconciliação, mas na negociação e instituição. Mas Jesus era mais do que um negociador verbal ou um agente de comunicação. **O** significado mais profundo do seu ofício de **mediador** será percebido em 9.15. A atenção agora deveria estar focada no **melhor concerto,** melhor **porque está confirmado em melhores promessas.** As promessas não são melhores no sentido de serem mais confiáveis, mas melhores no sentido de terem um conteúdo superior. Deus promete

uma substância melhor e termos melhores no novo concerto do que havia sido prometido no antigo. Esta substância melhor é agora indicada.

3. *Um Concerto Melhor* (8.7-12)

Os dispensacionalistas, às vezes, vêem inúmeros concertos (alianças ou pactos) feitos por Deus com seu povo, mas o NT reconhece essencialmente dois: primeiro, aquele que prevaleceu antes de Cristo e, segundo, aquele que prevalece desde Cristo. O AT registra a história e operação da economia do antigo concerto, enquanto o NT expõe o novo. Hebreus é a exposição por excelência, e poderiamos defender a proposta de que seu tema básico é o novo concerto — seu significado, seus recursos e o Mediador. O antigo concerto foi inaugurado (oficial, plena e conclusivamente) por Moisés (9.19,20); o novo, por Cristo.

O conceito do **concerto** humano-divino (*diatheke*) não é tão complexo para ser prontamente entendido. E um relacionamento que Deus inicia com seu povo, mas que o povo deve ratificar. É um relacionamento especial, separando o povo do concerto de todos os outros, possibilitando a Deus dizer: **eu lhes serei por Deus, e eles me serão por povo** (10). Isto envolve da parte do povo não somente certos privilégios mas obrigações definidas, que eles aceitam. Deus promete certas bênçãos, mas de acordo com termos específicos; assim, o concerto assume (somente em um sentido deduzível) a natureza de um contrato, concordado e assumido mutuamente (veja comentários em 7.20-22 e 9.15,16).

a*) A necessidade de um concerto melhor* (8.7-9). Antes de descrever o novo concerto, o autor justifica-o ao lembrar-nos das limitações do antigo: **Porque, se aquele primeiro fora irrepreensível, nunca se teria buscado lugar para o segundo** (7). Em outras palavras, o fato de Deus prometer um novo concerto prova que o antigo era insatisfatório. Se tivesse sido intrinsecamente adequado para os propósitos de Deus, Ele simplesmente o teria renovado, em vez de tê-lo substituído (v. 13). Mas o fato é que nas Escrituras hebraicas há promessas de uma nova ordem. **Porque, repreendendo-os, lhes**

diz: Eis que virão dias, diz o Senhor, em que com a casa de Israel e com a casa de Judá estabelecerei um novo concerto (8; Jr 31.31). No versículo 7, ele infere imperfeição no concerto; agora, no versículo 8, ele atribui imperfeição ou culpa ao povo. No primeiro caso, a idéia é de prováveis limitações inerentes; i.e., havia uma eficácia limitada no primeiro concerto, por causa da sua natureza preparatória. Mas o uso da palavra "falta" (NVI) no versículo 8 indica culpa, como é mostrado no versículo seguinte: **não segundo o concerto que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; como não permaneceram naquele meu concerto, eu para eles não atentei, diz o Senhor** (9). Suas limitações eram inerentes, como Deus já sabia desde o princípio, mas o seu completo colapso era culpa deles.

Que figura primorosamente meiga é a frase: **que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito!** Certamente a falta não era de Deus! Como um pai solícito, que com cuidado meigo toma conta pessoalmente dos seus pequeninos, e aninha suas pequenas mãos na mão poderosa dele para guiá-los por perigos e dificuldades, assim Deus protegeu e abrigou os filhos de Israel. Mas isto apenas aumentou sua culpa. A culpa também aumentou porque não tinham a desculpa de serem crianças. Eles eram um povo maduro que, embora tivesse sofrido muito, tinha exigido muito, recebido muito e prometido muito.

Sua rebelião crucial em Cades-Barnéia foi o início do fim do concerto; no entanto, esta foi apenas uma de muitas deserções nas gerações que se seguiram. Uma tradução melhor do versículo 9b seria: "Visto que não permaneceram fiéis ao meu concerto, eu também me afastei deles". Eles não permaneceram em casa, debaixo do teto nupcial, mas violaram seus votos como uma mulher rebelde e persistentemente imoral (Jr 31.32). Portanto, chegou o tempo em que Deus também os rejeitou.

b*) A essência de um concerto melhor* (8.10-12). No versículo 6, encontramos a declaração de que o novo concerto estava fundamentado em "melhores promessas". O significado possível do plural vai chamar a nossa atenção mais tarde (9.15). Mas aqui

somente uma promessa chama a nossa atenção — Jeremias 31.31-34. Citado da LXX, Hebreus está essencialmente em concordância com o texto hebraico de Jeremias, embora a versão do AT seja mais rica em alguns detalhes. Em alguns detalhes também o texto grego usado na epístola de Hebreus está mais próximo do nosso AT do que algumas traduções como, por exemplo, a KJV. Observe as seguintes comparações:

Jeremias (texto hebraico)

(31) Farei...

(31) com a casa de Israel [...] Judá

(32) invalidaram o meu concerto

(32) apesar de eu os haver desposado

(33) o concerto que farei

(33) a casa de Israel depois daqueles dias, diz o **Senhor...**

(33) porei a minha lei no seu interior

(33) e a escreverei no seu coração

(33) e serei o seu Deus, e eles serão o meu povo

(34) não ensinarão mais

Hebreus (*ARC*)

igual

igual

como não permaneceram eu para eles não atentei igual

depois daqueles dias, farei com a casa de Israel, diz o Senhor

porei as minhas leis no seu entendimento

e em seu coração as escreverei

e eu lhes serei por Deus, e eles me serão por povo.

E não ensinará

Texto grego (*LXX)*

Consumarei

sobre a casa de Israel [...] Judá

não permaneceram

também os desprezei

o concerto (pacto) que farei igual à ARC

igual à ARC

grave-as (pl.) no seu coração

Serei Deus para eles e eles serão povo para mim

e não ensinará de forma alguma

A Paixão de Cristo é Definitiva

Hebreus (*ARC*) igual

porque todos me conhecerão

Porque serei misericordioso para com as suas iniqüidades e de seus pecados e de suas prevaricações não me lembrarei mais.

Jeremias (texto hebraico)

(34) a seu próximo

(34) todos me conhecerão

(34) perdoarei a sua maldade

(34) nunca mais me lembrarei dos seus pecados

Texto grego (LXX)

ao seu compatriota me conhecerão [tempo perfeito]

serei misericordioso para com as suas iniqüidades e de seus pecados não me lembrarei de forma alguma

O leitor terá de decidir se essas variações têm pouca ou muita importância. Possivelmente, a discrepância mais radical está no versículo 32, em que a LXX e Hebreus não mencionam o relacionamento de Deus com a nação como Marido, mas substituem a declaração severa de rejeição — "para eles não atentarei". Outras nuanças serão observadas abaixo, mas nenhuma dessas variações altera os elementos básicos. As partes envolvidas nos dois concertos são as mesmas: Javé de um lado e Israel e Judá do outro. Aqui está uma bela sugestão da unidade essencial dos descendentes de Jacó, apesar da ruptura dos reinos do Norte e do Sul que ainda prevalecia quando Deus transmitiu este oráculo por meio de Jeremias.[2] A designação do povo hebreu como destinatário da promessa não exclui, é claro, os gentios que, pela fé, são enxertados no verdadeiro Israel (Rm 11.1720). Mas esta não é a preocupação do autor aqui. E importante que estes cristãos hebreus entendam que Deus tem um novo plano para eles.

(1) *Santificação.* **Porei as minhas leis no seu entendimento e em seu coração as escreverei** (10). Aqui está um poder redentor não presente no antigo concerto. Debaixo do concerto antigo Deus prometeu abençoar o povo e eles prometeram obedecer às suas leis. Mas a promessa deles, embora sincera, não condizia com sua ilegalidade interior. Como em uma democracia leis sem o apoio da população não podem ser impostas com sucesso, assim as leis sem apoio do coração não serão obedecidas. O antigo concerto provou ser formal e exterior, porque as leis estavam gravadas nas tábuas de pedra e não nas tábuas de carne do coração. A consciência obrigava um acordo verbal, porque o povo sabia o que deveria fazer; mas em muitos pontos o padrão da lei chocava-se com os seus fortes desejos e tendências interiores.

Uma santidade que é meramente exterior e formal não pode satisfazer nem a Deus nem ao homem. Deve haver não apenas uma conformidade completa com as leis de Deus, mas também uma afinidade entre elas nas profundidades mais secretas do ser

humano. Então o concerto será guardado; e o melhor de tudo, guardado com alegria. Em contraste com isso, as leis que foram formalmente aceitas mas são incompatíveis com a natureza se tornam detestáveis e precisam ser reforçadas pela autoridade legal. Sanções e sacerdotes são necessários para forçar um certo grau de obediência exterior. Isto cria uma tensão e uma impressão imprópria de que a justiça é maçante enquanto a injustiça é "divertida". As pessoas deixam de ver que a falta não está na lei mas no coração humano.

Fílon ensinou em Alexandria que a lei moral apoiada pela lei sacrificial tinha o poder de purificar a alma e produzir o caráter que ela requeria.[4] Hebreus é uma refutação completa desta posição. A lei somente especifica o que se deve fazer; ela não pode provocar o desejo de fazê-lo. Alei pode induzir à obediência por medo, mas não à obediência por prazer. É por isso que Deus, por meio de Jeremias, fala no pronome pessoal: [Eu] **porei as minhas leis [...] em seu coração.** Ele não diz que estabelecerá um outro sistema legal que provará ser mais eficiente. Em vez disso, Ele operará diretamente no adorador individual e alterará, de maneira sobrenatural, a sua natureza (cf. Dt 30.6). A isso chamamos de graça santificadora, e ela é a essência do novo concerto.

Quais são as leis que Deus inculcará? A resposta só pode ser os padrões básicos de certo e errado. Estes padrões eram o que a natureza humana repelia, e a lei sacrificial provia expiação somente para as violações. No AT, os padrões são compendiados no Decálogo. No NT, estes fundamentos são esclarecidos, aplicados, ampliados e resumidos (cf. os grandes mandamentos e o Sermão do Monte), mas não essencialmente alterados e nunca cancelados. São as **leis** de Deus que continuam preocupando o homem, e isto é verdade tanto no novo quanto no antigo concerto.

Pode ser difícil provar uma diferença significativa entre **entendimento** e **coração** na epístola aos Hebreus. Em 10.16, os dois termos são invertidos; isto sugere que o autor entende as duas orações como um simples paralelismo e *entendimento* e *coração* como sinônimos. Em 8.10, as leis são impressas no coração enquanto

são postas no entendimento; mas em 10.16 elas são impressas no entendimento e postas no coração. Evidentemente, o autor está ressaltando meramente a internalização da lei. Ela deve ser completamente impregnada no ser moral e espiritual do homem, até que a lei de Deus faça parte dele e que, na verdade, até se possa dizer que a lei é dele mesmo. Quando isso ocorrer, será tão natural obedecê-la como era natural desobedecê-la no passado.

(2*)* *Adoção.* **E eu lhes serei por Deus, e eles me serão por povo** (10). Este era, até certo ponto, o relacionamento debaixo do antigo concerto. Mas era mais um ideal do que uma verdade real. Muitas vezes o relacionamento foi interrompido por infidelidade e entristecido pelo julgamento divino. Mas agora será saudável e estável.

Aqui está um privilégio incrível, o de estar entre aqueles de quem Deus se agradou em chamar "meu povo" (Jr 31.33) e poder dizer com intimidade amorosa: "meu Deus". Este é um relacionamento verdadeiramente pessoal, horizontalmente coletivo, mesmo que individualmente realizado e igual. Neste novo concerto, há respeito mútuo, amor sensível, a alegria de pertencer e a alegria de possuir. Fazer parte do povo de Deus significa não apenas "possuir" Deus mas também seu povo, de tal forma que o relacionamento é triangular. Podemos não somente dizer: "Meu Deus!", mas também: "Meu povo!". No novo concerto, este ideal sagrado será preciosa e gloriosamente real. [2]

Exatamente neste ponto ocorria uma das "falhas" do antigo concerto. Sua transmissão ocorria via ritual comunitário e uma linhagem racial, em vez de ocorrer pelo Espírito Santo. A perpetuação do ritual dependia de um sistema de ensino altamente eficiente e elaborado — os filhos recebiam dos pais, os vizinhos dos vizinhos. Era, assim, mais uma tradição coletiva do que uma posse pessoal. O conhecimento de Deus era mais *sobre* do que *de;* era o tipo de conhecimento que podia ser ensinado. Este tipo de conhecimento é de segunda mão, distante e insatisfatório. Não é algo muito confortante quando o indivíduo é tirado do abrigo de uma situação socialmente coesa e transplantado para um solo hostil e estranho. Alguns em cada geração certamente

alcançavam uma certa medida de familiaridade e comunhão com Deus, mas a vasta maioria dos israelitas (debaixo da antiga ordem) não passava de meros seguidores de acampamento, espiritualmente falando. Agora, debaixo da nova ordem, **todos** (do verdadeiro Israel) conhecerão o Senhor, **desde o menor deles até ao maior.**

Tragicamente, grande parte da religião moderna é de segunda mão e formal. Nações inteiras hoje, bem como comunidades e famílias, fazem parte de um "cristianismo" nominal, ligadas somente pelas pressões e laços de rituais religiosos sociais com suas tradições, costumes e ritos sagrados. A vasta maioria desses grupos homogêneos na realidade não conhece o Senhor melhor do que Samuel o conhecia como menino no Tabernáculo. Quando estes indivíduos são arrancados de suas raízes religiosas e culturais e colocados em uma cidade ímpia ou em uma universidade secular, seus ideais morais logo evaporam e suas práticas religiosas são abandonadas.

(4) *Justificação.* Deus também será **misericordioso para com as suas**

iniqüidades. Jeremias disse claramente "perdoarei". A frase seguinte expressa a eficácia deste perdão: **de seus pecados e de suas prevaricações não me lembrarei mais** (12). **Não [...] mais** *(ou me,* negativo duplo) acrescenta uma ênfase vigorosa a esta declaração. Os pecados destes que conhecem a Deus e que foram trazidos para um estado de harmonia com a sua lei são perdoados completamente e nunca mais serão cobrados deles. Seria incompatível com Hebreus como um todo, e certamente com a estrutura interior deste novo concerto, entender este perdão como uma indulgência geral para continuar na prática do pecado. Trata-se, na verdade, de um perdão que é moralmente absoluto porque está fundamentado no sangue de Cristo. Portanto, ele não é nenhum alívio experimental fundamentado nos sacrifícios de animais, e sujeito à repetição vitalícia destes sacrifícios. Este contraste será o assunto da exegese seguinte, e a essência será dupla: *a)* que o sangue de touros e de bodes nunca pode tirar os pecados de fato; e *b)* estes sacrifícios nunca podem trazer completa segurança à consciência do adorador de que seus pecados foram totalmente cancelados. Mas o perdão genuíno

acompanhado de uma consciência purificada faz parte do novo concerto, junto com a comunhão do conhecimento pessoal e o poder da santidade pessoal.[5]

Aqui estão os quatro privilégios providos pelo novo concerto: santificação, adoção, regeneração e justificação. Embora correlacionados e interdependentes, fica claro que o âmago e a glória máxima do NT é a santificação, sem a qual os outros aspectos não podem ser preservados e corrompem todas as outras bênçãos do AT. Esta santidade íntima é o ideal e alvo de toda religião; mas é somente em Cristo e por meio do novo concerto que a institui que ela é colocada em prática.

4. *Um Concerto Substituto* (8.13)

Outra doutrina de Fílon, vigorosamente promulgada entre os judeus alexandrinos, dizia que o concerto mosaico era eterno. O autor aos Hebreus refuta meticulosamente este ponto. Ele confia na simples lógica do adjetivo **novo.** Ao dizer **novo concerto** (o grego somente traz **novo,** *kainen),* Deus está automaticamente tornando **velho o primeiro.** Literalmente, Ele o está tornando obsoleto. Todo sistema judaico é agora obsoleto e útil somente para as lojas de antigüidades e para a pesquisa dos estudiosos. **Ora, o que foi tomado velho e se envelheceu perto está de acabar.** Mueller é mais literal: "Mas, aquilo que é antiquado e decadente (desvanecendo com o tempo) está prestes a desaparecer". Se este antigo concerto está obsoleto, quer dizer que um dia foi útil. Chegou a hora de um fim silencioso e um sepultamento respeitável. Não tem mais sentido continuar procurando abrigo debaixo de uma árvore morta, prestes a cair, ou multiplicar pedaços de madeira para escorar algo velho e gasto. A frase **perto está de acabar** é provavelmente profética acerca do completo desaparecimento do sistema religioso do Templo judaico em 70 d.C., e, assim, possivelmente a data desta epístola é anterior a esse colapso.

B. A **Nova Aliança e o Sangue de Cristo,** 9.1-28

A natureza definitiva do sacerdócio superior do nosso Senhor e do seu

ministério essencial em substituir o concerto antigo por um novo foi estabelecida. Agora o autor examina em detalhes como o ministério do nosso Senhor foi cumprido e como exatamente ele provê. O modo encontra sua singularidade dramática no fato de que Jesus não era somente sumo sacerdote, mas sacrifício; não apenas ofertante, mas oferta.

1. *O Antigo Padrão do Serviço Divino* **(9.1-10)**

Além do sacerdócio araônico, o primeiro **concerto** (embora não conste no original grego, **concerto** está inferido pelo versículo anterior) tinha dois outros componentes essenciais: *a)* **ordenanças de culto divino;** e, (6) **um santuário terrestre** (1). Havia ritos prescritos para a adoração deles e regras que governavam cada mínimo detalhe. Não só a forma de adoração era prescrita, mas o local onde ocorria esta adoração. O local é discutido primeiro (veja quadro A).

a) *O santuário terrestre* **(9.1-5). O** local era **terrestre** nò sentido de que era visível, material e terreno, adequado para esta ordem terrena (Jo 4.20-24). [3] tramos aqui uma bela figura do coração justificado: a luz interior, alimentada pelo óleo do Espírito Santo, e o pão diário de Cristo no interior, pelo qual vivemos.[6]

(2) *O santuário interno* (9.3-5). O segundo **tabernáculo,** ou uma divisão da estrutura total, era uma câmara quadrada de cerca de cinco metros **que se chama o Santo dos Santos** (3). O véu separando este lugar do santo lugar é chamado de **segundo véu** porque o lugar santo estava separado do pátio externo por um outro véu que, se alguém se aproximasse desta tenda à porta do pátio, seria naturalmente o primeiro véu. **O Santo dos Santos [...] tinha o incensário de ouro** (melhor, "altar") **e a arca do concerto** (4). Somente Hebreus registra os três itens na arca: **o maná, e a vara de Arão, que tinha florescido, e as tábuas do concerto.**[7] Mais tarde veremos que a arca representa o coração santificado que habita na presença de Deus (10.18-22). Neste coração santo há três bênçãos do novo concerto: *a)* a lei de Deus (8.10; 10.16) significa a entronização do estatuto de Deus e a completa submissão da natureza moral deste

estatuto. Isto envolve a reconstrução da imagem moral de Deus que foi perdida na Queda, tornando possível e favorável a justiça da vida. *b*) o fruto sobrenatural do Espírito, agora florescendo e que antes era uma vara sem vida, é simbolizado pela **vara de Arão, que tinha florescido,** c) A força interior permanente do Cristo vivo que habita no interior do crente é representada pelo vaso de **maná** (Jo 6.48-51; Ef 3.14-21).

I. M. Haldeman acredita que a arca é um tipo de Cristo,[8] mas há razões para acreditar que o **propiciatório** (*hilasterion*) mais particularmente representa nosso Senhor. Quando lemos que Cristo "propôs para propiciação pela fé no seu sangue" (Rm 3.25), encontramos a mesma palavra, *hilasterion,* que pode significar ou o meio da propiciação ou o lugar da propiciação.[9] Visto que o lugar da propiciação era a cruz e o meio era o sangue de Cristo, os dois significados da palavra convergem nele. Como **os querubins da glória** (presença de Deus) faziam **sombra no propiciatório** (5), assim o propiciatório cobria e completava a arca (i.e., a tampa da arca, que se encaixava perfeitamente). Assim a alma santa encontra sua plenitude somente debaixo do propiciatório. Mas o **propiciatório** também é uma parte estrutural dos **querubins da glória;** ele é, portanto, o meio de unir Deus e a alma e trazer a alma debaixo do abrigo das asas divinas. Assim como esta união depende da união perfeita com o propiciatório, assim a santidade da alma e o abrigo divino dependem de ser ao mesmo tempo perfeitamente unidos e perfeitamente subordinados a Cristo. Mas esta linha de pensamento não pode ser forçada demais aqui, visto que Hebreus deixa de fazê-lo: **das quais coisas não falaremos agora particularmente.** O autor não está planejando ressaltar os detalhes tipológicos da mobília.

b) *As ordenanças terrenas* (9.6-10). O alvo imediato do autor é mostrar que o ministério sacerdotal ordenado para este Tabernáculo terreno no deserto não supria todas as necessidades. Ele era inadequado. **A todo o tempo entravam os sacerdotes no primeiro tabernáculo, cumprindo os serviços** (6). Esta era uma esfera determinada da sua ministração regular e era a esfera de justificação legal e adoração ritualista. Ela era externa e formal, de forma

nenhuma semelhante à intimidade do "Santo dos Santos", tal como na ocasião em que Deus falou a Moisés "face a face". Moisés foi aceito, mas os sacerdotes não podiam entrar; naquele lugar mais santo entra **só o sumo sacerdote, uma vez no ano** (7), no décimo dia do sétimo mês (Tisri, setembro-outubro no nosso

calendário). Este dia é hoje conhecido como Yom Kippur pelos judeus. Mesmo assim, a forma de entrada do sumo sacerdote era minuciosamente prescrita, e o cumprimento destes detalhes continha alto risco, a ponto de este dia ser considerado um dia de medo em vez de um dia de alegria. Ele não se atrevia a entrar **sem sangue, que oferecia por si mesmo e pelas culpas** — pecados de ignorância — **do povo** (cf. Levítico 16). O fato de o sumo sacerdote araônico ser mais limitado do que Moisés com respeito ao Santo dos Santos certamente implicaria que a ordem araônica não era o caminho planejado por Deus para quebrar a barreira da participação das bênçãos além do véu — **dando nisso a entender o Espírito Santo que ainda o caminho do Santuário** (Santo dos Santos) **não estava descoberto** (8).

A ordem levítica que determinava estes detalhes não foi invenção dos sacerdotes pós-exílicos, mas um segmento autêntico da revelação divina, de autoria do próprio Espírito Santo. As restrições e mistério que envolviam o **Santuário** eram parte da lição. Por meio desta lição, o Espírito Santo "quer nos fazer entender" (Phillips) que todo o sistema levítico-mosaico era um sistema incompleto e permanecería como tal **enquanto se conservava em pé o primeiro tabernáculo,** ou literalmente, "enquanto continuar erguido", i.e., enquanto estiver intacto e mantiver a sua dignidade. Naturalmente a tenda literal já não estava em pé havia muito tempo, mas este não é o sentido pretendido aqui. O termo **tabernáculo,** ou "tenda", é usado figuradamente referindo-se a todo o sistema, que tinha uma permanência válida e autoridade divina até a morte de Cristo. Durante toda esta era o mistério do Santo dos Santos **(Santuário)** era um livro fechado. E isto que estava sendo praticado, tanto diária quanto anualmente, era **uma alegoria** (9), i.e., uma parábola ou comparação, **para o tempo presente** ou "para o tempo atual"

(Mueller). Em Cristo, tanto o significado real quanto o cumprimento real são revelados.

Nesta **alegoria,** ou parábola, era apropriado oferecer **dons e sacrifícios** a Deus. Mas estes não tinham o poder de fazer disso algo que precisava ser feito; eles, **quanto à consciência, não podem aperfeiçoar aquele que faz o serviço** (os adoradores). Eles não alcançavam o fim desejado em purificar a consciência da intranqüilidade e culpa. Os adoradores continuavam necessitando daquilo que todos os adoradores em todo lugar anelam — paz e segurança. Havia uma impotência inerente nos sacrifícios de animais. A perfeição mais precária que podia ser alcançada debaixo deste modelo parabólico consistia[10] **somente em manjares, e bebidas, e várias abluções** (10). Mesmo com o cumprimento meticuloso das regras sacrificiais e cerimoniais havia pouca satisfação. Paulo descobriu que tudo isso era infrutífero e insatisfatório (Fp 3.4-6).

Qual era o propósito deste sistema? Prognosticar, como um tipo parabólico, o sistema melhor, agora encontrado em Jesus, como já foi mostrado nesta epístola. Conseqüen-temente, não se podia dizer realmente que o antigo tinha falhado; ele servia a este propósito (G1 3.24) e nunca tinha sido planejado para fazer mais. Todo o sistema era um conjunto de **justificações da carne, impostas até ao tempo da correção.**[11] Mueller traduz esta frase da seguinte forma: "até um tempo de completa retificação". Isto, no entanto, não é uma correção do sistema antigo. Antes, é uma alusão àquele tempo quando a retificação interior pessoal, que não é possível em uma medida profunda e completa por meio de rituais externos, se tornou possível para todos os adoradores por meio do concerto (aliança) melhor de Cristo. A santidade que era apenas prefigurada anteriormente torna-se real em Cristo.

2. *O Serviço Contrastante em Cristo* (9.11-15)

a) *Sua ação contrastante* (9.11-15). **Mas vindo Cristo** — é Ele que faz a grande diferença, tanto no contraste da sua ação como na superioridade da sua pessoa. Ele tinha vindo como **o sumo**

sacerdote dos bens futuros.[12] Seu serviço divino como sacerdote é diferente do serviço levítico, tanto no que diz respeito ao lugar como no sangue sacrificial usado.

Em relação ao lugar (o primeiro ponto de contraste), seu ministério ocorre em **um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos (11).** Imediatamente, segue-se o comentário explanatório: **isto é, não desta criação. O** santuário com o qual Cristo e seus filhos têm de lidar não é material, visível, local e destrutível; ele, na verdade, é de uma ordem espiritual. Embora a morte de Cristo fosse física e visível, seu significado interior era relevante para uma estrutura invisível de realidade, o Reino de Deus. Este é **mais perfeito** em muitos sentidos, mas certamente não menos importantes são sua permanência e acessibilidade universal.

O segundo ponto de contraste é o sangue que foi usado — não de **bodes e bezerros, mas [...] seu próprio sangue** (12). Aqui também encontramos um terceiro contraste na sua natureza e suficiência definitivas da sua entrada singular — **entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção.** Mueller traduz: "Tendo revelado uma redenção eterna". A redenção eterna não é obtida incondicionalmente, mas tornada possível.[13] O tempo do verbo também apresenta um problema. **Havendo efetuado** coloca a transação crucial antes da entrada no **santuário** ("Santo dos Santos", ARA). Neste caso, a expiação deve estar associada rigorosamente à morte de Cristo no altar do sacrifício, enquanto no plano levítico a expiação era não apenas pela morte de animais, mas em levar o sangue até o Santo dos Santos (v. 7). A tradução da RSV harmoniza melhor com o tipo: "desta forma garantindo (assegurando) eterna redenção". Em outras palavras, a redenção é efetuada pela sua entrada no Santo dos Santos como uma parte culminante e integral do ato redentor total. Robertson diz que este **santuário** (Santo dos Santos) fica no céu. O versículo 24 apóia esta interpretação, mas a ênfase é o céu no sentido de representar "a presença de Deus" (v. 24). Esta idéia está mais próxima do simbolismo real do "Santo dos Santos" terreno, que significava, não céu, mas a presença gloriosa de Deus e um relacionamento desimpedido com Deus em sua

presença. Jesus entrou nesta presença com **seu próprio sangue,** não sangue literal, mas com os direitos que este sangue proporcionou, ao morrer pelos homens. E (o quarto ponto de contraste) Ele **entrou** nesta santa e divina presença a fim de permanecer para sempre — não para apressar a saída, como fazia o sumo sacerdote levítico.

b) O *benefício contrastante* (9.13,14). Não há apenas os quatro pontos de contraste observados até aqui, mas há também o contraste infinito entre a eficácia do sangue de Cristo em comparação ao dos animais (quinto ponto). O valor inerente do sangue de animais seria virtualmente nulo, mas o valor inerente do sangue de Cristo, o imaculado Deus-homem, seria incalculável. No entanto, este quase desprezível sangue de animais assegurava aos adoradores do AT alguns benefícios — **os santificam, quanto à purificação da carne** (13). Esta santificação era uma restauração da sua "pureza exterior" (NEB) e sua aceitabilidade formal por Deus. Eles eram novamente membros sem dolo de uma raça santa, povo escolhido e consagrado a Deus. Mesmo esta conseqüência não era devida ao sangue usado, mas ocorria por intermédio do ato de penitência, adoração e obediência em buscar a reconciliação por meio dos sacrifícios prescritos. Portanto, a lógica é: **Porque, se o sangue dos touros e bodes e a cinza de uma novilha, esparzida sobre os imundos** (13; cf. Lv 16.3,14,15; Nm 19.9,17) cumprirão esta tão grande bênção, **quanto mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará a vossa consciência das obras mortas, para servirdes ao Deus vivo?** (14). A frase **quanto mais** é medida pela distância qualitativa entre criaturas malcheirosas e estúpidas e o próprio Deus, seu Criador. Este sangue sagrado de Jesus Cristo Homem foi elevado a um valor infinito pelo fato de Ele ter realizado sua ação **pelo Espírito eterno,** não o Espírito Santo, mas seu próprio espírito, o Filho eterno.[14]

Agora observamos o sexto ponto de contraste. Enquanto os animais sacrificados do AT eram vítimas desamparadas, este Cordeiro de Deus **ofereceu-se a si mesmo imaculado a Deus.** Jesus não foi apanhado numa armadilha que redundou em uma morte prematura e

trágica; Ele deu-se a si mesmo de forma voluntária, sabendo o tempo todo que tinha o poder de rejeitar a cruz. Assim, o valor intrínseco de seu sangue foi formado pelo mérito ético do seu ato volitivo.

A bênção vastamente superior oferecida a nós por este sangue santo e precioso é muito mais profunda do que uma purificação ritualista, afetando nossa posição; ela afeta nosso estado interior — **purificará a vossa consciência das obras mortas, para servirdes ao Deus vivo.** A purificação da consciência aqui é semelhante ao aperfeiçoamento da consciência no versículo 9. A impotência do sangue de animais é contrabalançada pela eficácia do sangue de Cristo, mas novamente de forma provisória (forma clássica de *kathario,* tempo futuro, "purificará"). O sangue de Jesus é adequado, mas é uma purificação condicional para todos. Não há uma purificação automática, que ocorre incondicionalmente pelo ato da expiação. A fé se apropria do sangue purificador. Somente a fé no sangue como base para a nossa salvação trará uma percepção completa de libertação.

O que precisa ser purificado é a **consciência** ou a percepção moral (almas—Phillips). Apesar da assídua observância das cerimônias levíticas, um sentimento de culpa e violação continuava controlando a consciência dos adoradores. Mas em Jesus eles podem encontrar paz perfeita. O adorador pode conhecer a doce percepção de um homem de 84 anos que testifica: "Pela primeira vez na vida me sinto puro por dentro". Somente o Espírito Santo pode lavar de todo o pecado e dar um sentimento pleno de novidade e pureza; mas isto Ele faz com base no mérito expiatório do sangue de Cristo e em resposta à fé neste sangue. Liberto, o crente é agora capaz de adorar o Deus vivo de maneira aceitável. O contraste entre **Deus vivo** e **obras mortas** é marcante. Obras pecaminosas que trazem morte para a alma nos desqualificam para a comunhão com Deus ou para o serviço ao Deus que é santo. Assim, esta purificação da consciência deve, por necessidade, incluir a regeneração e santificação inicial (Ef 2.1).

c) *O escopo contrastante* (9.15aò). Um concerto completamente novo foi

instituído para que fosse possível uma purificação profunda.[15] **E, por isso, é Mediador de um novo testamento** (15). Nesta nova ordem das coisas, a morte de Cristo provê redenção para todas as **transgressões que havia debaixo do primeiro testamento,** cancelando, desta forma, sua reivindicação sobre elas e, por meio disso, justificando seu fim. **Os chamados,** i.e., aqueles que ouvem o evangelho e obedecem, podem, desta forma, escapar da escravidão da ordem antiga e compartilhar com os gentios crentes a promessa da vida eterna.

É altamente significativo que a morte de Cristo era para as transgressões cometidas debaixo do antigo concerto. Um aspecto disso é visto por Robertson: "Aqui, há uma declaração definitiva de que o valor real dos sacrifícios típicos, debaixo do sistema do AT, estava na sua realização na morte de Cristo. E a morte de Cristo que dá valor aos tipos que apontavam para Ele. Assim, o sacrifício expiatório de Cristo é a base da salvação de todos que são salvos antes da cruz e desde então".[16]Mas isto não é tudo. A palavra **transgressões** (*parabasis*) é a mais forte no NT para uma violação deliberada da lei conhecida, e sempre infere plena culpa e responsabilidade pelo castigo.[17] A palavra é usada somente duas vezes em Hebreus, aqui e em 2.2, onde lemos que debaixo da ordem do AT "toda transgressão e desobediência recebeu a justa retribuição". O pecador deliberado não podia escapar do castigo por meio de uma oferta casual de um sacrifício de animal. O sistema sacrificial era essencialmente para os pecados de ignorância e omissão, cometidos de forma involuntária pelo israelita que procurava andar na retidão. A situação não era fácil para o pecador que cometia um pecado de mão erguida. Ele precisava ser castigado e, em alguns casos, com a pena de morte. Visto que todos eram culpados destes pecados, mesmo que de forma menos séria, os quais muitas vezes não eram revelados, levando-os a sofrer castigo, é compreensível que o adorador sempre percebesse que um sentimento de condenação o espreitava.

Este realmente é o ponto crucial da culpa e alienação de Deus. Para que essa situação moral desagradável pudesse ser resolvida precisava haver um sangue melhor, um sacerdote melhor, um concerto melhor.

E isto pôde ser encontrado em Cristo e na sua morte. Esse é o plano divino maravilhoso que harmoniza justiça e misericórdia na cruz de tal forma que agora a vida pode ser oferecida àqueles que mereciam a morte! A frase **intervindo a morte** indica que a morte de Cristo, embora não um substituto exato para a morte deles, era um preço de redenção aceitável no lugar da morte deles. Encontramos aqui uma nova dimensão de salvação: a misericórdia é estendida para incluir o pecador voluntário e propositado, condenado no antigo concerto. Para ele, o antigo concerto não tinha nada a oferecer além da morte ou era desgraçadamente inadequado. Mas agora ele também pode se qualificar para a promessa da herança eterna. A única condição é que esteja entre **os chamados** ("que obedecem ao chamado de Deus", Phillips).

3. O *Sangue Certificador* (9.15c-22)

Agora o autor prossegue ao mostrar que da forma como o sangue de Cristo provê uma purificação melhor dentro da nova ordem, da mesma forma ele serve para prover a ratificação necessária para a nova ordem.[18]

a*) A herança prometida* (9.15c). O esteio deste pensamento é a cláusula **recebam a promessa da herança eterna.** O novo concerto está relacionado a uma **herança eterna,** de natureza espiritual e celestial, não a uma herança terrena e nacional à qual os judeus tinham se agarrado tão obstinadamente. O que está em jogo agora é a promessa

desta herança; sua realização completa não ocorre de uma vez, mas no futuro. **Recebam a promessa** significa tomá-la na mão, i.e., tomar posse, em nome de Cristo, das provisões que ela oferece. Mas, ao fazê-lo, o suplicante renuncia a todo direito de poder terreno em troca de uma herança invisível e sobrenatural mas eterna e indestrutível.

b) *A morte do testador* (9.16). A referência à "herança" nos lembra que o concerto que promete esta herança em Cristo vem na forma de um testamento.[19] Há um legado incluído no novo decreto. A morte do nosso Senhor foi, conseqüentemente, não somente uma necessidade

sacerdotal mas legal: **Porque, onde há testamento, necessário é que intervenha a morte do testador.** Um legado (herança) é disponibilizado somente pela morte do benfeitor que o escreveu no seu testamento. Neste ponto, Aquele que morreu — claramente Cristo — é identificado como o Testador, ou Autor do concerto; no entanto, em outros textos Javé é o Autor (Jr 31.33; Hb 8.8). E óbvio, portanto, que o Cristo que morreu é também o Deus que por meio de Jeremias disse: "Farei um novo concerto". Como Filho do Homem, é Mediador; como Filho de Deus, é Autor.

c) Os *rituais de sangue do primeiro concerto* (9.17-21). Este princípio não é apenas válido na lei romana — de que um testamento não terá qualquer **valor enquanto o testador vive** (17). Também não era estranho à ordem mosaica, porque **o primeiro** (testamento) **não foi consagrado** (instituído) **sem sangue** (18). Os animais eram mortos no lugar das pessoas, e o sangue testificava que uma morte tinha ocorrido. Este sangue podia ser usado para ratificar o concerto. Quando Moisés declarou os termos do decreto divino, **tomou o sangue [...] e aspergiu tanto o mesmo livro como todo o povo** (19), **dizendo: Este é o sangue do testamento que Deus vos tem mandado** (20). **O sangue do testamento** é o sangue que ratifica (sanciona) o concerto.[20]

Mais tarde, quando a tenda foi erguida, e Arão e seus filhos foram devidamente empossados, Moisés **aspergiu com sangue o tabernáculo e todos os vasos do ministério** (21; Lv 8). Este aspergir posterior provavelmente poderia ser considerado parte do primeiro; ele completava o antigo concerto que Deus tinha **mandado** (20; imposto pelo mandamento oficial) a eles.

d) *O coração da verdadeira religião* (9.22). A necessidade de derramamento de sangue, tipificando a doação de vida, é resumida no versículo 22. No que tange à purificação cerimonial, **as coisas,** i.e., o Tabernáculo e seus acessórios de adoração, lemos o seguinte: **E quase todas as coisas, segundo a lei, se purificam com sangue.** Mas ainda mais indispensável é o sangue remidor oferecido em favor dos pecadores. **Coisas** requerem o aspergir de sangue quando são

consagradas. Mas pessoas requerem perdão; e embora possa haver exceções em relação às coisas, não há exceção no perdão; porque **sem derramamento de sangue** não há **remissão** de forma alguma.[21] Esta é a grande diferença entre o caminho de Deus e o caminho do homem, entre a verdadeira religião e a falsa. O homem tem uma visão inadequada do pecado e despreza o sangue como inerentemente necessário para o perdão. Mas ao exigir sangue, Deus ressalta a excessiva pecaminosidade do pecado; e ao prover o Sangue, Ele revela o seu infinito amor. O sangue do pecador pode ser poupado — mesmo o de animais — porque Deus sacrificou seu próprio "Cordeiro [...] que tira o pecado do mundo" (Jo 1.29).

4. *O Benefício de Sacrifícios Melhores* (9.23-28)[22]

O pensamento desta seção alcança um clímax comovente, quando o escritor resume o benefício e a natureza definitiva do sacrifício do nosso Senhor por nós. Em nenhum outro lugar, ele usa contrastes de forma mais impressionante do que aqui. As **figuras** são contrastadas com as **coisas que estão no céu** (23); o **santuário feito por mãos** é contrastado com **a verdade** (24); a repetição da expiação **cada ano** é contrastada com uma vez **na consumação dos séculos** (25-26); e o **juízo** futuro é contrastado com a **salvação** vindoura (27-28).

Mas os detalhes não devem desviar nossa atenção de Cristo. Ele é o Senhor majestoso que se tornou tanto Sacerdote quanto Sacrifício e é o centro das atenções destes versículos, uma vez que obtém benefícios cósmicos e eternos para nós. Neste resumo, somos lembrados que, ao cumprir o seu ministério como Sacrifício-Sacerdote, nosso Senhor estava satisfazendo uma necessidade própria. A necessidade de que **as figuras das coisas que estão no céu assim** (ritos de sangue) **se purificassem** é um reflexo da necessidade mais profunda de que **as próprias coisas celestiais** deveríam ser purificadas **com sacrifícios melhores** (23). A ordem terrena de adoração chamada **figuras** *(hypodeigmata)* não era o modelo original, mas uma cópia simbólica das coisas celestiais, e a palavra deveria neste caso ser assim traduzida. Isto é a sombra, não a essência.[23]

Tanto as **figuras** quanto a contraparte, **coisas celestiais,** estão no plural, porque os dois esquemas incluem um tabernáculo como um lugar, ordenanças de serviço ou de adoração, um sacerdócio de um ministério mediador e asseguravam benefícios para o adorador. **A** forma neutra *ta epourania,* **coisas celestiais,** realmente não se refere tanto a um lugar como a uma dimensão de realidade; por isso, podia ser traduzido por "realidades celestiais" ou coisas espirituais, que correspondem ao novo concerto que está sendo discutido (cf. 8.2, 5; 9.11). O esquema inteiro do novo concerto precisava ser purificado tão certamente quanto o primeiro concerto.

Qualquer plano de redenção envolvendo um Deus santo e um homem pecador deve ser consagrado e qualificado pelos recursos divinamente determinados. Esta não é uma barreira erguida arbitrariamente; há aqui uma retidão profundamente inerente, na verdade, uma necessidade moral. Pois o pecado já é uma barreira, levantada pelo homem, alta e pavorosa. O homem não pode removê-la, ou escalá-la alegremente, ou estabelecer termos vagos e superficiais de reconciliação de acordo com o seu gosto. Somente Deus, o Soberano ferido e desonrado, pode prescrever termos, e eles precisam ser de tal natureza que reflitam a enormidade do pecado por um lado e a santidade tremenda (bem como a misericórdia) de Deus do outro.

Para que o homem e Deus possam ser reconciliados novamente, isto precisa ocorrer numa base integralmente moral. O amor de Deus gera amor, mas em um contexto tão solene quanto o do fogo do Sinai e do sangue do Calvário para que o amor que é gerado nunca seja negligente ou presunçoso, mas repleto de temor e humildade, admiração e penitência. O carmesim vermelho sempre tem sido o padrão redentor de Deus. E mesmo seu plano final em Cristo, chamado de novo concerto, precisa ser ratificado, mas **com sacrifícios melhores do que estes,** que eram aceitos no antigo concerto. Estes sacrifícios melhores são encontrados na morte singular e na entrada no Santos dos Santos desta Pessoa singular, o próprio Cristo. Eles alcançam para nós benefícios incomparavelmente melhores, três dos quais são resumidos de forma bela e concisa nos versículos 24-28.

a) Agora — *uma representação perfeita* (9.24). Os sumos sacerdotes levíticos entravam no **santuário** (a KJV traz "lugares santos", ou seja, os dois santuários do Tabemáculo) **feito por mãos,** com o propósito de servir em seu ofício mediador como representantes humanos diante de Deus. Mas este Tabernáculo era apenas uma **figura do verdadeiro,** "a contraparte da realidade" (Moffatt). A realidade era o próprio trono de Deus. Aqui Cristo entrou **no mesmo céu.** Isto não é somente uma esfera espiritual ou uma dimensão, mas um lugar definitivo, o assento da administração divina. Foi lá que Cristo nos representou e continua a fazê-lo: **para agora comparecer, por nós, perante a face de Deus.** A palavra face ou semblante (*prosopo*) traz a noção de que este lugar de representação não é meramente a presença de Deus no sentido de onipresença, ou por meio do Espírito Santo, ou como uma glória especial no Templo, mas a presença máxima e perfeita de Deus como um Indivíduo e como o Governante universal.

Se isto parece localizar ou "antropomorfizar" a Deus, nada podemos fazer. Embora a realidade frustre as nossas mentes finitas, só podemos pensar nas categorias que a Mente Divina nos proveu. O tempo aoristo de *emphanisthenai,* **comparecer,** não sugere a intercessão perpétua de Cristo (como em 7.25, onde o verbo está no tempo presente contínuo), mas sua representação oficial como o ápice da sua obra expiatória. Green traz: "apresentar-se". Tendo acabado a fase terrena da missão, Ele apresentou-se ao Pai como Filho do Homem. Na terra, Ele foi o Representante de Deus para o homem; agora Ele volta como Representante do homem diante de Deus, com cinco feridas descobertas como credenciais. O que o sumo sacerdote fazia na sombra do Santo dos Santos, Jesus fez em essência por nós no céu. E Ele foi aceito. E ao aceitar a Cristo, o Pai nos aceitou.

b) *Uma vez — uma expiação perfeita* (9.25,26). O contraste não é somente entre céu e terra — a realidade e a sombra — mas entre o caráter conclusivo daquele único sacrifício no novo concerto e o caráter não conclusivo dos muitos sacrifícios no antigo. **Nem também para a si mesmo se oferecer muitas vezes** (25) amplia o pensamento do versículo anterior ao afirmar que esta auto-representação crucial

diante do Pai não precisa ser repetida, **como o sumo sacerdote cada ano entra no Santuário** [terreno] **com sangue alheio.** Se o ato mediador do nosso Senhor não era mais conclusivo do que o modelo levítico, então seria necessário **padecer muitas vezes desde a fundação do mundo** (26). Se a eficácia salvadora do seu ato propiciatório fosse local, superficial ou temporária, então seriam necessários atos repetitivos. A suposição extraordinária é expressa para mostrar o problema incrível que qualquer tentativa de diminuir o valor da obra do nosso Senhor iria criar. Se Ele não fosse absolutamente singular como pessoa, como Sacerdote e como Oferta, e completamente diferente da ordem levítica, seria necessário que Ele morresse repetidas vezes, por mais impensável que isso possa parecer.

Mas, agora (este **agora** é paralelo com o "agora" do versículo 24), **na consumação dos séculos, uma vez** — ou "uma vez por todas no fim dos tempos" (NVI) — **se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo** (26). Enquanto a palavra "comparecer" no versículo 24 se refere à auto-apresentação de Cristo no céu, a palavra **manifestou** aqui se origina de *phanerao,* "tornar manifesto", e refere-se à sua "automanifestação" na terra. Ele revelou-se ao homem como um Homem para um propósito: **para aniquilar o pecado.** No original, não encontramos um verbo, mas um substantivo, *athetesin,* "anulação, ab-rogação, invalidação"; literalmente "para a invalidação do pecado". **Pecado** é aqui usado no sentido de culpa. **O** direito do pecado sobre nós pode ser cancelado; o objetivo da missão de Cristo era tornar isto possível. Esta realização é precisamente a base da graça precedente, porque esta é uma bênção racial. "O sacrifício de Cristo lidou com o pecado como um princípio; os sacrifícios levíticos tratavam de transgressões individuais".[24]

Cristo cumpriu sua obra **pelo sacrifício de si mesmo,** ou "mediante" *(dia* com genitivo, "por meio"). Aqui o sacrifício e a ministração tornam-se um. Os sacerdotes levíticos tinham somente o **sangue alheio** (25). Jesus negociou a expiação com o seu próprio sangue. Os sacerdotes levíticos lutavam pela vida; Ele submeteu-se à morte; tamanho era o seu amor por nós. Isto o coloca à parte para

sempre de todos os sacerdócios inferiores. O valor infinito da sua pessoa divina em conjunto com o sacrifício supremo da oferta de si mesmo produzem um potencial redentor absolutamente inesgotável.

c) *Futuro — uma salvação perfeita* (9.27,28). O peso da ênfase neste parágrafo está nas palavras **uma vez** (*hapax*). Cristo apareceu somente "uma vez" com o propósito de realizar a expiação (v. 26). Somente **uma vez** o homem **está ordenado** a morrer, seguindo o **juízo** (27). Se o autor tinha a intenção de ressaltar a morte como o destino inevitável de cada homem, as palavras **uma vez** seriam supérfluas; além disso, nós teríamos sido compelidos a indagar a respeito das exceções, como no arrebatamento (sugerido no versículo seguinte). Há, em vez disso, mais um ponto de comparação aqui: **assim também Cristo, oferecendo-se uma vez** por todas, **para tirar os pecados de muitos** (28). Quando Cristo se ofereceu para morrer pelos pecados, este ato foi definitivo e único, não somente com base na sua suficiência qualitativa mas com base na Encarnação. Se o homem pecador é sentenciado somente a uma morte terrena, então somente uma morte deveria ser requerida do Homem Salvador.[25] Esta comparação está baseada no correlato **assim** (*houtos*).

Encontramos mais um contraste de grande impacto nesta comparação. Os homens que morrem sem Cristo somente aguardam o juízo; mas agora que o ato da expiação foi realizado, e que nunca mais precisa ser renovado, aqueles que escolhem crer podem esperar um futuro brilhante além do túmulo. A próxima ação de Cristo será a reunião daqueles que seu sangue redimiu: **aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para a salvação.** Três vezes neste parágrafo (w. 24-28) encontramos três palavras distintas (também no grego) relacionadas à sua aparição: "comparecer", no v. 24, "se manifestou", no v. 26 e "aparecerá", no v. 28 da ARC). Aqui no versículo 28, encontramos o futuro passivo de *horao,* "ver"; o passivo é "ser visto", revelar-se a si mesmo (Lc 1.11; At 2.3) e certamente inclui a idéia de uma aparição visível (cf. At 1.11).

Esta segunda vinda de Cristo será sem **pecado.** Sua vinda futura não

acrescentará nada mais ao Calvário; não oferecerá mais um degrau à possível salvação do pecado. Se queremos ver a salvação completa do pecado devemos olhar para trás, não para frente, porque o pecado não ocorre no ambiente físico nem em corpos físicos mas no coração do homem. A **salvação** prometida, que precisa esperar o retorno do nosso Senhor, não é do pecado no coração do crente. Ela é do pecado terreno e suas conseqüências físicas — a maldição, as manchas, as influências sedutoras, o gemer desta criação escravizada — e da contingência probatória da nossa peregrinação terrena (Rm 8.10-25). A santidade pode ser nossa agora, e a segurança incondicional e eterna virá em seguida. Esta será a etapa final do grande programa de redenção (At 3.19-21; Rm 13.11; 2 Pe 3.10-14).

Mas a salvação final é para uma classe especial: **aos que o esperam para a salvação.** O tempo presente do verbo[26] sugere que a prontidão instantânea é evidenciada por uma expectativa constante. Não há encolhimento ou medo, mas confiança e alegria silenciosa. Para os cristãos este é o acontecimento futuro supremo, e sua perspectiva gloriosa ofusca todo o resto. Eles nunca conseguem ficar à vontade em um mundo com um Senhor ausente. Não fica claro então que aqueles que se acomodam confortavelmente nesta era presente, como se fossem ficar por muito tempo e esquecem seu destino e seu Rei vindouro, não estarão entre os receptores da grande salvação? Possivelmente, esta cláusula restritiva irradia luz sobre os **muitos** cuja culpa é tirada. Embora a culpa racial possa ser tirada no sentido de que a graça precedente está operante, os pecados reais são tirados somente dos **muitos,** daqueles cuja paixão está voltada para as coisas "de cima" e que continuam aguardando a volta do seu Senhor.

C. O Caminho para o Santuário, 10.1-22

No capítulo **10,** a epístola aos Hebreus se aproxima do clímax. Três idéias principais no capítulo **9** são aqui trazidas ao seu desenvolvimento final e conclusivo. Em primeiro lugar, não devemos perder o alvo de vista, que é o livre acesso ao **Santuário** ("Santo dos Santos", **9.8).** Em segundo lugar, precisamos ver que somente o sangue de Jesus pode qualificar-nos ao purificar nossa **consciência**

das obras mortas (9.14). Em terceiro lugar, não podemos perder de vista a validade perpétua e a finalidade definitiva do sacrifício do Senhor **(9.26).** Embora estes sejam pensamentos importantes no capítulo **9,** a ênfase no capítulo **10** está na preparação, não do adorador, mas dos lugares santos. O novo concerto como um testamento precisava ser ratificado, a nova ordem oficialmente instituída e as "coisas celestiais" consagradas. Mostrou-se que tudo isto foi cumprido. Agora o autor inspirado retorna para mostrar que o mesmo sangue precioso que ratificou o novo testamento e consagrou a nova ordem também nos qualifica a entrar no Santo dos Santos. Esta qualificação inclui uma justificação que traz paz e uma santificação ("inicial" e "inteira") que purifica.

O tom do autor no capítulo 10 se torna dogmático. Ele reúne os fios de evidências que têm tecido e declara seu significado para o adorador em uma série de conclusões afiadas e finais. [4] mais do que expiação (embora inclua este aspecto), e certamente muito mais do que purificação cerimonial (a lei era suficiente para isto, 9.13). Ela inclui uma purificação subjetiva do próprio adorador. A palavra é *katharizo* (purificar), e, neste caso, é o particí-pio passivo perfeito, com *hapax* (uma vez); i.e., "tendo sido purificados uma vez e mantidos puros". O tempo perfeito indica uma condição permanente baseada em uma ação completa. Somente este tipo de purificação resultaria em **nunca mais** ter **consciência** (percepção) **de pecado** ("sentimento de pecado", NEB).

Este não é um pretexto geral para pecar continuamente sem que a consciência perturbe. A consciência não é anestesiada, nem o pecado é tolerado ou a lei moral anulada. Mas a necessidade de uma purificação que traz paz absoluta em relação aos pecados passados e um poder suficiente para evitar o pecar contínuo. Isto a lei mosaica não podia fazer (9.9). Pelo contrário, **nesses sacrifícios, [...] cada ano, se faz comemoração dos pecados** (3). Todo Dia da Expiação anual era um lembrete agonizante dos pecados novos e dos pecados antigos. Por quê? Porque é **impossível que o sangue dos touros e dos bodes tire pecados** (4). Não há poder redentor no sangue de animais; acreditar nisto é subestimar grosseiramente a natureza e

enormidade do pecado. O rito anual de matar o touro e o bode e enviar o segundo bode para o deserto como uma figura ilustrativa de mandar embora o pecado era uma prefiguração do verdadeiro cancelamento e purificação que um dia poderia ser proporcionada por um Sangue melhor. Persistir em depositar esperança em sangue de animais, que em si é algo completamente inútil, é o cúmulo da insensatez. A salvação simplesmente não é possível desta forma.

2. *A Lei é Substituída por um Novo Caminho* (10.5-18)

O autor tem recorrido constantemente às Escrituras. Ele aqui introduz uma nova passagem (SI 40.6-8), mas seu uso é ofuscado pela invocação direta do autor ao Deus Trino e Uno, Pai (w. 5-10), Filho (w. 11-14) e Espírito Santo (vv. 15-18). É este Deus Trino e Uno que provê o novo caminho ao Santo dos Santos.

a) *Pela vontade do Pai* (10.5-10). **Pelo que, entrando no mundo, diz: Sacrifício e oferta não quiseste, mas corpo me preparaste** (5). No ato de vir ao mundo como Redentor, Cristo está dizendo ao Pai: "Tu não estás satisfeito com os sacrifícios atuais e me preparaste para tornar-me um sacrifício melhor". O Filho foi encarnado para um propósito redentor: por meio do nascimento virginal, o Espírito gerou no ventre de Maria um corpo físico, Jesus, que se tornaria o instrumento de sacrifício.

Na verdade, a citação é do salmo de Davi (40.6-8); mas Hebreus a interpreta como sendo palavras de Cristo para Deus, em vez de considerá-las palavras de Davi. Ou pode-se dizer que nosso Senhor vê estas palavras cumprindo-se plenamente nele. Além do mais, a citação é uma versão resumida da LXX, não do texto hebraico. Isto explica a substituição de **corpo me preparaste,** em vez de: "meus ouvidos abriste" (SI 40.6). O abrir de ouvidos por ser entendido como uma sinédoque, em que se usa uma parte para o todo. Em todo o caso, o significado não é essencialmente alterado, mas fortalecido e esclarecido.

Holocaustos e oblações pelo pecado não te agradaram (6) é um paralelismo do versículo 5, e, conseqüentemente, um texto

explanatório. **Holocaustos,** representando consagração e ofertas **pelo pecado** *{peri hamartias),* não agradam a Deus, mesmo que Ele os tenha ordenado como um meio temporário de adoração e o seu uso esteja de acordo com a lei (v. 8). Deus não é um Ser sádico que se agrada com a morte das suas criaturas ou de cenas de matança; mas Ele também não se agrada dos resultados do pecado. Muitas coisas desagradáveis e não ideais são necessárias por causa da corrupta e destruidora natureza do pecado, incluindo o repugnante derramar de sangue da época da lei e o infinitamente mais trágico derramar do sangue de Cristo.

A lógica da passagem é simples, e o autor de Hebreus a apresenta de maneira muito clara. O fato de os sacrifícios anuais não agradarem a Deus, junto com o anúncio do Filho: **Eis aqui venho, para fazer, ó Deus, a tua vontade (9),** redunda na seguinte conclusão: **Tira o primeiro, para estabelecer o segundo.** A ação de Cristo é a vontade completa e final de Deus, diferente do sistema anterior (que não tinha sido a vontade final de Deus). **Na qual vontade temos sido santificados pela oblação do corpo de Jesus Cristo, feita uma vez** (10). Basicamente, isto quer dizer que o sacrifício de uma vez por todas de Cristo como a base e o meio da nossa santificação encontra sua eficiência na vontade de Deus, o Pai. A vontade de Deus é o motivo máximo da nossa santificação. A soberania de Deus sustenta tudo. Procuramos aqui pela fonte original e iniciadora. E a "graça de Deus" que traz salvação (Tt 2.11).

A santificação que é assim provida não é somente cerimonial, mas interior e moral. Não somos meramente consagrados pela morte de Cristo, no sentido de que sua morte nos leva a um relacionamento novo e sagrado com Deus. Isto seria somente uma santidade posicionai, que já estava disponível anteriormente. A fraqueza da ordem antiga residia neste ponto — ela não oferecia nada além de santidade posicionai.

A natureza mais completa desta santificação pode ser vista por meio de três detalhes exegéticos. 1) O texto não diz que somos santificados por um ato soberano da vontade de Deus, como a ARC pode dar a entender. A preposição é *en,* "em" ou mais apropriadamente "dentro".

E dentro do contexto da vontade de Deus que somos santificados. 2) O texto também diz que somos santificados **pela** morte de Cristo, havendo o uso da preposição *dia,* com o genitivo, com o significado de "por meio de", no sentido de uma agência secundária. Nossa santificação, então, é da vontade de Deus e se tornou possível pela obra de Cristo. Nossa santificação não ocorreu quando Cristo morreu, mas tornou-se possível neste acontecimento. Subjetiva e imediatamente a obra de santificação é a obra do Espírito Santo (2 Ts 2.13; 1 Pe 1.2). 3) A forma verbal *hegiasmenoi,* "tendo sido santificados", está no tempo passado perfeito, que significa que nós, os adoradores, estamos, por meio de Cristo, em um estado de santificação que resulta de um passado santificador. Mas para a maioria destes cristãos hebreus isto ainda não era subjetivamente um fato da experiência. Portanto, podemos chamar isto de um "perfeito profético", tendo uma força futura. **Pela oblação do corpo de Jesus Cristo** somos provisoriamente santificados e podemos ser pessoal e interiormente santificados.

b) *Cumprida pela obra de Cristo* (10.11-14). A vontade de Deus é implementada por intermédio de um sacerdócio. A tentativa de cumprir esta função mantinha os sacerdotes levíticos **ministrando e oferecendo muitas vezes os mesmos sacrifícios** (11). Não era apenas uma vez por ano no Santo dos Santos que o sumo sacerdote ministrava, mas um batalhão de sacerdotes esgotava-se todos os dias, repetindo a mesma rotina. Seus sacrifícios não eram somente fatigantes, mas ineficientes, como já foi mostrado, e agora reiterado: **que nunca podem tirar pecados** (deveria ser "pecado", singular). Esta é mais uma afirmação dogmática. O verbo reflete grande intensidade, *periaireo,* "remover totalmente". **Mas este** (Jesus), **havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados** ("perpetuamente [pela continuidade ininterrupta]" — Mueller), **está assentado para sempre à destra** do trono **de Deus** (12). No grego, os versículos 11-12 estão na forma: "por um lado — pelo outro lado". Por um lado, o autor aponta para o serviço incessante dos inúmeros sacerdotes no Templo; então, por outro lado, Ele aponta para o Sacerdote único — **este** — que por muitos pecados ofereceu um sacrifício, e então se assentou **à destra do Pai.** Os sacerdotes que

permaneciam em pé ministrando contrastam com o Jesus **assentado.** Esta é uma figura viva de uma obra nunca acabada em comparação com uma obra plenamente terminada e para sempre. Em um caso, os muitos sacrifícios nunca são completos; no outro, o sacrifício único é tão perfeito que sua eficácia nunca é exaurida. De forma silenciosa, este sumo sacerdote bem-sucedido aguarda esperançosamente "até que os seus inimigos sejam colocados como estrado dos seus pés" (v. 13, NVI).[27] A conquista final de todo mal e de toda força opositora emergirá daquele único ato no Calvário. Seu poder é suficiente para a obra completa da redenção.

No versículo 14, a profundidade deste poder para os crentes, disponível agora, é resumida de forma concisa mas abrangente: **Porque, com uma só oblação, aperfeiçoou para sempre os que são santificados** (14). Os tempos dos verbos precisam ser cuidadosamente estudados. "Fomos santificados e continuamos sendo" é a melhor tradução do tempo perfeito do versículo 10. Mas neste versículo, **aperfeiçoado** está no tempo perfeito, enquanto o particípio com artigo *tous hagizomenous,* "que está sendo santificado", está no tempo presente. A vontade de Deus é que haja uma santificação definitiva e completa, na verdade, um estado já experimentado pelo "nós" (oculto) do versículo 10. Portanto, o particípio presente do versículo 13 deve ser interpretado como um presente freqüentativo; consequentemente, são aqueles que estão sendo santificados de tempo em tempo, um após o outro. Todos os que são santificados em cada geração são igualmente aperfeiçoados **para sempre** com **uma só oblação.**

Ser aperfeiçoado não significa ser completo em caráter, no sentido de não mais precisar crescer. Significa, sim, ser levado a uma experiência de realidade e um estado de cumprimento em um relacionamento de coração com Deus que a antiga ordem não podia oferecer. E perfeição no sentido de ser levado a um nível intencional e desejado. Este nível é indicado pelo termo *santificação*,[28] Ser aperfeiçoado **para sempre** não é estar incondicionalmente estabelecido e seguro nesta "santificação". A frase simplesmente declara na linguagem mais forte possível que todo aquele que de tempo em tempo é santificado o é

perfeitamente por meio deste único sacrifício (oblação). Os efeitos da oblação na alma do adorador são tão perfeitos (completos e satisfatórios) como a própria oblação, e estes efeitos estão disponíveis perpetuamente. "O Sangue nunca perderá o seu poder".[29]

c) *Confirmada pelo testemunho do Espírito* (10.15-18). Anossa santificação é a vontade do Pai, e seu aperfeiçoamento é obra do Filho, mas seu cumprimento é a predição do Espírito Santo. **E também** (concernente à perfeição dos santificados) **o Espírito Santo no-lo testifica** (15). Isto, com freqüência, é entendido como o testemunho interior do Espírito Santo ao crente que está buscando a santificação; mas, embora exista este testemunho, este dificilmente é o pensamento aqui. O "testemunho", na verdade, é a profecia inspirada de Jeremias, já citada (8.8-12), delineando o conteúdo do novo concerto. O ponto importante deste "testemunho" se encontra no versículo **17: E jamais me lembrarei de seus pecados e de suas iniqüidades.**[30] A NVI (apoiada por outras versões) traz uma tradução mais clara do que a KJV:

O Espírito Santo também nos testifica a este respeito. Primeiro ele diz:

"Esta é a aliança que farei com eles, depois daqueles dias, diz o Senhor.

Porei as minhas leis em seu coração e as escreverei em sua mente";

e acrescenta:

"Dos seus pecados e iniqüidades não me lembrarei mais".

Onde esses pecados foram perdoados, não há mais necessidade de sacrifício por eles (w. 15-18).

Fica claro que a parte especial do testemunho do Espírito, especificamente relevante no momento, é o caráter final do perdão de Deus, que confirma o caráter final do sacrifício do nosso Senhor. Literalmente, Deus está sendo citado, dizendo: "Não serei mais

lembrado" (Mueller). No antigo sistema "cada ano, se faz comemoração dos pecados" (v. 3). Mas os termos do novo concerto repudiam claramente essas comemorações anuais. "Não quero ser lembrado", diz Deus. Não há esta necessidade, visto que uma expiação perfeita, adequada para todos os pecados, por meio da cruz, torna possível uma remissão absoluta. Tal remissão torna desnecessária qualquer oferta pelo pecado. O pecado debaixo do sangue de Jesus não precisa de mais sangue.

Assim, ao recorrer ao Espírito, o autor prova em seguida o caráter final e a eficácia do sacrifício realizado uma única vez para aperfeiçoar "aqueles que são santificados". Mas, enquanto o versículo 17 é o seu clímax em provar este caráter definitivo, a importante relação entre a remissão absoluta no versículo 17 e a santificação interior do versículo 16 não pode ser negligenciada. De quem os pecados são perdoados e esquecidos? Daqueles que permitiram que Deus colocasse as suas leis (pela sua graça) **em seu coração** e seus **entendimentos.** Estes não são mestres presunçosos que persistem no pecado, ou mesmo crentes inconstantes, mas aqueles que lembram da lei e lhe obedecem de coração. Para eles, a lei não é só de Deus, mas agora também faz parte da sua natureza redimida. O perdão ilimitado depende da realidade experimental da retidão interior. Estes, portanto, são os santificados que foram "aperfeiçoados para sempre". Sua justificação é aperfeiçoada para sempre, bem como a sua santidade. Todos são privilégios perpetuamente disponíveis pelo poder inesgotável deste sacrifício único!

O argumento chegou ao fim. O autor mostrou o caráter definitivo na pessoa, sacerdócio e paixão do nosso Senhor. A natureza e a superioridade do novo concerto foram expostas e o antigo concerto mostrou ser obsoleto e inválido. Agora ele faz uma aplicação exortativa, e, ao fazê-lo, coloca seu dedo no alvo central da nova ordem e o objetivo da sua exposição: o caminho para o Santo dos Santos.

3. *Temos, pois, ousadia para entrar* (10.19-22)

Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar no Santuário, pelo

sangue de Jesus [...] cheguemo-nos (19, 22a). O predicado principal destes quatro versículos é **cheguemo-nos** (aproximemo-nos", ARA); tudo o mais é subordinado. Antes desta oração central, tudo o mais é controlado por **Tendo, pois** (19), e aponta para Jesus como o **novo e vivo caminho (20)** de acesso para o Santo do Santos. Depois desta oração principal, a atenção é dirigida às qualificações pessoais necessárias para entrar. Vamos dividir esta parte por versículos.

a) *O véu rasgado* (10.20). É bom lembrar que o autor colocou o seu olhar no caminho para dentro do Santo dos Santos em 9.8, onde declara que "ainda o caminho do Santuário não estava descoberto". Mas agora o caminho está aberto e revelado. Este caminho é **novo** no sentido de que foi feito novo recentemente. **Novo** (*prosphaton*) literalmente significa "morto recentemente"; aqui há um caminho de entrada que nunca fica velho. Este caminho é **vivo** no sentido de que é válido perenemente, nunca é antiquado; mas especialmente no sentido de que é eficaz.[31]

Dessa forma, **ele nos consagrou** (20). O ato de instituir (aoristo) é a ação que o autor tem discutido. Mas Cristo instituiu este caminho **pelo véu, isto é, pela sua carne.** Véu é *katapetasmatos,* "cortina", de *katapetannumi,* "expandir". **O véu,** portanto, é um tipo de "cortina de ferro" que não só separa mas "expande", no sentido de ressaltar a distância entre Deus e o homem. O tipo original no Tabernáculo é mencionado em 9.3, enquanto o protótipo espiritual é mencionado em 6.19. Lá, a entrada "até o interior do véu" é descrita como a "esperança proposta", e Jesus entrou por nós como "nosso precursor". A cena foi assim confirmada, mas o autor ainda não estava pronto para expor o caminho que transformaria esperança em fé e esta em fato. Neste versículo-chave, no entanto, Jesus não é simplesmente o "precursor" através do véu, mas a **sua carne** (natureza humana) é **o véu.** Este é um conceito radicalmente novo, e altamente figurado, cuja interpretação precisa da iluminação de Mateus 27.51: "E eis que o véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo".

Uma interpretação entende o **véu** como um tipo de Jesus

fundamentalmente. Isto explicaria o fato de que no Tabernáculo o véu era primorosamente belo, com símbolos costurados que representavam a humanidade e a divindade (Ex 26.31-33). Haldeman comenta: "Enquanto Cristo caminhava na terra em sua beleza e humanidade perfeita, Ele excluiu o homem de Deus".[32] Jesus, apenas como Exemplo perfeito traria condenação, não salvação, porque ressaltaria o abismo instransponível entre a pecaminosidade do homem e o requisito de pureza para se ter comunhão com o Deus santo. Se o **véu** deve tornar-se **caminho,** precisa ser sacrificado; precisa ser rasgado. A eficácia salvadora do corpo quebrado e do sangue derramado ocorreu na perfeição da natureza e vida totalmente humanas do nosso Senhor, um substituto apto e aceitável, o "justo pelo injusto". Mas como o Sangue fala mais da expiação, e é a base da nossa justificação (sua vida física como preço pela nossa vida espiritual), assim o corpo de Cristo (v. 5; Sua natureza humana) é mais particularmente associado ao caminho para dentro do Santo dos Santos. Não fala da sua vida dada por nós, mas da sua natureza humana tornando-se disponível para nós, para que a nossa se torne uma natureza transformada (Tt 2.14). Assim, não há só expiação, mas santificação; não só o caminho para dentro do primeiro santuário, com os direitos de perdão, mas o caminho para dentro do segundo, com os direitos de santidade interior — completa unidade com Deus.

Uma interpretação alternativa (e talvez a preferível) **do véu** é vê-lo como um tipo da pecaminosidade do homem, que o desqualifica a ter acesso ao Santo dos Santos. Neste caso, Jesus foi esta natureza — este **véu** — pela identificação espiritual. Ele assumiu em seu próprio corpo a desonra desta natureza e a levou para a cruz (Rm 6.6; 8.30). Este corpo quebrado na cruz liberou poder para a salvação da pecaminosidade do homem: 1) "De alto" — os esforços do homem para mudar sua natureza são em vão; 2) "a baixo" — uma destruição completa da natureza pecaminosa é a provisão; o véu não foi rasgado pela metade (Rm 8.4). Independentemente da interpretação, se entendermos Cristo como o **véu,** ou se o **véu** representa a pecaminosidade do homem, ele nos leva ao mesmo lugar: o obstáculo é removido e temos completo acesso ao Santo dos Santos.

b) *O Sacerdote real* (10.21). O rasgar da carne de Jesus como oferta pelo pecado não era o fim, porque Ele ressuscitou e ascendeu à destra do Pai, onde vive "sempre para interceder" por nós (7.25). Temos um **grande sacerdote sobre a casa de Deus.** Este Sacerdote não só provê o "novo e vivo caminho", mas está próximo para nos acompanhar para dentro e ficar conosco como nossa Garantia. O "caminho" é "vivo" porque o Criador do caminho e Guia do caminho está vivo. O autor já apresentou em 4.14—7.28 o sacerdócio de Cristo e sua relação com a nossa redenção. As grandes verdades da fé cristã requerem ação. Ele se refere a elas como a base do privilégio e obrigação do adorador.

c) A *abordagem certa* (10.22). Por causa da morte de Cristo, tanto para o perdão como para a perfeição, e por causa do seu sacerdócio perpétuo, que é uma certeza de ajuda e misericórdia sempre disponível, o autor faz de uma forma exaltada e ansiosa sua súplica comovida: **cheguemo-nos (22).**

Mas a exortação não é indiscriminada. Ela é tão verdadeira como sempre foi — de que existe um caminho prescrito para entrar, e o privilégio está restrito a adoradores qualificados. O "novo [...] caminho" requer uma maneira certa de usá-lo. 1) Deve haver um **coração purificado.** Isto quer dizer uma dedicação simples e sincera à perfeita e completa vontade de Deus. Um coração dividido, inflexível ou morno será repelido. 2) Também deve haver **inteira certeza de fé.** A palavra*plerophoria* significa "convicção completa", "persuasão firme", "produzida pela fé".[33] Estas grandes verdades fundamentais do evangelho precisam ser cridas tão profundamente que nossa aproximação ao Santo dos Santos seja com ousadia e confiança, sem hesitação.[34] A fé vacilante é o tendão de Aquiles destes cristãos hebreus. Para curar esta fragilidade a maior parte da epístola é devotada a ela. Mas estas duas exigências — consagração e fé constante — são as condições humanas que devem ser satisfeitas na crise da completa santificação. 3) Mas em correspondência com essas duas exigências gêmeas para uma entrada imediata existem duas qualificações importantes: **Tendo o coração purificado da má consciência e o corpo lavado com água limpa.** Estas frases

altamente simbólicas falam de justificação e regeneração, sem as quais não somos qualificados para entrar no Santo dos Santos. Implícito aqui está o sacerdócio de todos os crentes.
Nenhum sacerdote se atreveria a entrar no santuário interior sem ter passado pela purificação do sangue, derramado no altar e um cuidadoso lavar no vaso de bronze. O sangue servia para a expiação de pecados e a água para a purificação da imundície. Haldeman diz: "O vaso à porta do Tabernáculo é o símbolo de regeneração".[35] Mas agora, embora seja usada linguagem figurada, aqueles que entram como "sacerdotes" ministradores e adoradores precisam ter a essência, não a sombra. No sistema antigo, o aspergir com sangue era externo (9.13,19, 21); aqui ele é interno, no coração (1 Pe 1.2). O lavar dos nossos corpos com água pura é tão figurativo quanto o aspergir; portanto, isto não pode se referir à água do batismo. Isto seria uma volta à antiga camisa de força exterior da qual Cristo nos libertou. Enxergar nada além de água material aqui é continuar preso ao sistema judaico. Nenhuma água é pura o suficiente para purificar a depravação da nossa vida terrena.

E necessário agora compreender um aspecto básico que para algumas mentes pode ainda parecer incerto. Desenvolveu-se uma interpretação que entende o Santo dos Santos como fundamentalmente uma santidade de coração em vez de o céu como uma habitação futura. O céu não é apenas um lugar, mas uma esfera de graça divina, e semelhantemente ao Reino de Deus (Lc 17.21), está "entre vós". Hebreus indica que o "céu" é um correlativo espiritual do Tabernáculo terreno (os dois santuários, 9.24, KJV). No entanto, de acordo com Paulo, agora podemos sentar em "lugares celestiais" (Ef 1.3; 2.6). A epístola aos Hebreus também nos admoesta a chegarmos "com confiança ao trono da graça", o mesmo trono compartilhado pelo Filho, e a mesma presença majestosa à qual Cristo entrou além do véu. A única maneira de os sacerdotes se aproximarem da "figura" do Tabernáculo deste trono era entrar no interior do véu. De que maneira chegamos "com confiança" a este trono? Pela oração e fé, o que sugere que tempo e espaço não são barreiras na esfera celestial. O trono de Deus está onde está o suplicante. Pelo Espírito, o Pai e o Filho estão unidos. O desdobramento da exposição do autor indica

fortemente que, para o crente, o Santo dos Santos não é um estado futuro ou um lugar distante, mas um lugar permanente na companhia do Deus Trino e Uno no qual podemos entrar agora e no qual podemos viver. Observe:

(1) A arca refere-se às tábuas da lei; e a essência do novo concerto é a gravação desta lei em nosso coração (cf. Rm 8.2-4).

(2) Há também a vara que florescia e o vaso de maná, emblemas da habitação de Cristo e do fruto do Espírito, que são a norma característica da santidade cristã agora (Ef 3.16-20).

(3) Há também o assento de misericórdia e as asas protetoras da presença divina. Este lugar secreto com Deus pode se tornar o lar das nossas almas agora.

(4) O clímax de Hebreus é a afirmação de que temos "ousadia para entrar no Santuário" (v. 19), ou "plena confiança para a entrar no Santo dos Santos" (NVI). Vincent diz: "Lit. *para a entrada no Santo dos Santos* [...] *Eisodos* no NT habitualmente significa o *ato de entrar".*[36]

(5) Visto que o peso da evidência indica que "ousadia" é nosso direito adquirido para a entrada imediata, devemos entender **cheguemo-nos** neste contexto. Não seria muito razoável que a entrada confiante realçada no versículo 19 fosse reduzida a uma abordagem respeitosa e esperançosa, como seria o caso se um futuro céu fosse o Santo dos Santos. Além disso, o grego não sugere essa hesitação. A palavra *proserchometha,* "cheguemo-nos", é exatamente a mesma usada em 4.16: "Cheguemo-nos, pois, com confiança ao trono da graça". Este trono fica simbolicamente além do véu, não do lado de fora; e não devemos meramente nos "aproximar", parando esperançosamente a uma certa distância, mas "chegar-nos" (veja também 7.15; 12.18, 22).

Há motivo suficiente para acreditar que a exortação **cheguemo-nos** é um clamor urgente para entrar imediatamente nesse relacionamento íntimo com Deus e nesse estado de retidão e santidade interior que não era a norma do antigo concerto, mas que agora está disponível

livremente para todos os adoradores qualificados. É isto que constitui a realização pessoal e experimental do cerne do novo concerto. O apelo perdería a sua verdadeira urgência se a verdadeira intenção se resumisse a uma mera contemplação do céu. Para entendermos de maneira correta o tom de urgência é necessário observar sua conexão com um apelo semelhante em 4.11: "Procuremos, pois, entrar naquele repouso, para que ninguém caia no mesmo exemplo de desobediência."[37]

D. As Obrigações do Santo dos Santos, 10.23-25

Enquanto o sumo sacerdote judeu "se achegava" somente uma vez ao ano, e nunca com "ousadia", é um privilégio para os crentes habitarem no Santo dos Santos. Mas não é um privilégio sem exigências, e não é uma "experiência" definitiva e perfeita. Seus termos precisam ser mantidos e suas obrigações cumpridas. (Observe o esboço homilético dos itens 1, 2 e 3.)

1. *Uma Confissão Resoluta* (10.23)

Ao sermos exortados para que **retenhamos firmes a confissão da nossa esperança,** somos lembrados que uma identificação aberta e pública com o plano de Deus em Cristo nunca deve ser renunciada. O tempo presente sugere a necessidade de continuar a expressarmos a nossa fé, sem nos tornarmos apologéticos ou hesitantes. Não podemos esquecer que as pessoas precisam ser influenciadas pela nossa firmeza e constância. Além disso, a manutenção da nossa própria vitória está em jogo. Quando honramos a Deus ao afirmar a nossa confiança em sua integridade, Ele nos honra ao aprofundar a nossa segurança.

A palavra costumeira na epístola para "fé" é *pistis,* mas a palavra usada aqui é *elpis,* que significa "esperança". De acordo com Thayer, esta palavra era o equivalente na LXX da palavra hebraica "confiança", e no NT chegou a ter o sentido cristão de "uma expectativa alegre e confiante na salvação eterna".[38] A fé necessária para entrar no Santo dos Santos (v. 22) pode ser entendida como a fé de *apropriação,* enquanto *elpis* é a fé de *expectativa* ou *esperança.* A

promessa, a do novo concerto, é cumprida à medida que a apropriação se toma realização. Mas ainda havia muita coisa não realizada. A promessa da Segunda Vinda (9.28) ainda estava para se cumprir. Eles precisavam continuar confessando a confiança nessa promessa específica — **porque fiel** é **o que prometeu.**

2. *Uma Provocação Contínua* (10.24)

O verdadeiro Santo dos Santos, desfrutado agora pela fé, envolve uma certa responsabilidade coletiva e social. Os sacerdotes antigos nunca entravam em grupos ou em dois, mas sempre sozinhos. E no isolamento solitário, com Deus do lado de dentro e o mundo do lado de fora, que somos completamente santificados. Somos santificados como indivíduos, e no Santo dos Santos aprendemos a encontrar o sustento para a nossa alma em Deus, não nas pessoas. Todavia, essa dependência em Deus não pretende fomentar um distanciamento dos nossos irmãos. Há um individualismo moral importante, que faz parte da essência da verdadeira santidade; mas o tipo de individualismo que é desatencioso, e não pode trabalhar com outros, não é apenas uma caricatura, mas uma falsidade. Além da nossa inabalável confissão de fé, **consideremo-nos** (tempo presente — continuar considerando) **uns aos outros, para nos estimularmos à caridade e às boas obras** (24). Vamos nos conhecer mutuamente com o propósito de inspirar e estimular amor e boas obras. Quando provocamos tristeza, raiva e desânimo um no outro, como a negligência de boas obras, é porque não mostramos consideração suficiente. Fomos descuidados em vez de atenciosos. Não demos atenção devida às necessidades do outro e à fineza da nossa forma de agir. E impressionante observar a maneira em que alguns cristãos inspiram seus irmãos para fazer o melhor e fazer sempre mais, enquanto outros mantêm as pessoas ao seu redor em um estado quase constante de irritação e obstinação. Na verdade, o cristão santificado deveria mostrar esta consideração agora, porque ele está num estado de graça, em que pode realmente esquecer-se de si mesmo e mostrar interesse e preocupação pelos outros.

1

Um "ministério tanto mais excelente" (8.3-6)

Visto que um sacerdote é ordenado com o propósito de realizar um ministério sacerdotal, requer-se, se é que deve cumprir o papel de sacerdote, que **também tivesse alguma coisa que oferecer** (3). Mas não pode ser material quanto à sua natureza. **Ora, se ele estivesse na terra,** i.e., pertencendo à ordem terrena das coisas, **tampouco sacerdote seria,** visto que a ordem terrena já está provida de sacerdotes ocupados **que oferecem dons segundo a lei** (de Moisés; v. 4). Jesus não pertence a este grupo de sacerdotes.

Estes homens em Jerusalém **servem de exemplar [...] das coisas celestiais** (5). E, pois, apropriado diminuir o sistema terreno ao chamá-lo de modelo e sombra. Podemos verificar isto pela admoestação de Deus a Moisés: **Olha, faze tudo conforme o modelo que, no monte, se te mostrou. Modelo** aqui é *typon,* "tipo" ou "disposição"; neste caso "projeto" ou "plano". O projeto dado no monte era fundamentado no protótipo espiritual, escondido em Deus como um mistério divino, a ser revelado em Cristo. Isto significa que o Tabernáculo construído por Moisés em conformidade exata com o projeto celestial era uma cópia-modelo (*hipodeigmati*), i.e., uma cópia do modelo, mas somente no sentido de uma sombra projetada na terra pela realidade celestial. Se é uma cópia fiel, tanto a estrutura quanto o ritual têm sua contrapartida em Cristo. Esta é exatamente a suposição do autor e será a base da sua exegese mais tarde.

Não é de admirar então que Jesus Cristo não se encaixaria de forma alguma nesta estrutura sombra-cópia, porque sua tarefa é transformar a sombra em substância. **Mas agora alcançou ele ministério mais excelente (6).** Independentemente da excelência do ministério araônico, por causa das suas origens divinas, o ministério de Cristo é

2

Regeneração. Por que tanta certeza em relação a este relacionamento familiar estável e satisfatório? Porque ele não consiste em um contrato meramente legal, mas em um conhecimento pessoal.

E não ensinará cada um ao seu próximo (compatriota), **nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece o Senhor; porque todos me conhecerão, desde o menor deles até ao maior** (11). Embora a promessa seja feita ao Israel racial, a essência da promessa é tal que o seu cumprimento constituirá uma nova raça (Ef 2.11-22), cuja participação não dependerá do antigo nascimento, mas de um novo nascimento. Somente aqueles que "conhecem" o Senhor por meio da experiência pessoal (Rm 2.27) fazem parte deste Israel reconstituído. Fica claro que a participação é baseada na regeneração e preservada pela santificação.

3

O santuário externo (9.2). Este local designado era um **tabernáculo** (tenda). Na verdade, o texto indica dois tabernáculos. No **primeiro [...] ao que se chama o Santuário** (2; lit., "chamado santo") ficavam **o candeeiro, e a mesa, e os pães da proposição.** Os **pães da proposição** eram doze bolos representando as doze tribos de Israel, mantidos sempre na mesa como um memorial perpétuo ou uma lembrança do concerto de Deus com seu povo. Acreditava-se também serem um tipo de Cristo, o Pão do céu, a ser comido pelos sacerdotes (todos os crentes). Do lado oposto da sala ficava **o candeeiro,** a única fonte de iluminação, visto que não havia janelas. Encon-

4

A Lei é uma Rua sem Saída **(10.1-4)**

O autor primeiro recapitula a total impotência de todo o sistema sacrificial mosaico. **Porque, tendo a lei a sombra dos bens futuros e não a imagem exata das coisas, nunca, pelos mesmos sacrifícios que continuamente se oferecem cada ano, pode aperfeiçoar os que a eles se chegam (1). Nunca [...] pode!** Isto é claro e inequívoco; portanto, apegar-se esperançosamente ao Templo é algo completamente vão. Esta incapacidade é provada pela repetição dos sacrifícios; se estes sacrifícios aperfeiçoassem o adorador, por que precisariam ser realizados novamente? **Doutra maneira, teriam deixado de se oferecer, porque, purificados**

uma vez os ministrantes, nunca mais teriam consciência de pecado (2).

A purificação aqui explica o aperfeiçoamento no versículo 1. A oferta pelo pecado não aperfeiçoou o adorador; apenas o purificou cerimonialmente. Esta exigência inclui muito

3. *Uma Prática Constante* (10.25)

A esta exortação de consideração mútua constante o autor acrescenta: **não deixando a nossa congregação.** A preservação fiel desta comunhão que pode desenvolver-se somente na adoração coletiva é um dos meios de "estimular" um ao outro. Portanto, devemos prestar atenção à graça regularmente, se por nenhuma outra razão, ao menos por "consideração" pelos outros. Mas esta fidelidade é também uma das "boas obras" às quais devemos encorajá-los — e, certamente, não há um meio melhor de fazê-lo do que pelo exemplo. **O** triste reconhecimento: **como é costume de alguns** sugere que alguns desses cristãos hebreus não achavam necessário participar dos cultos da igreja. Isto pode ter sido motivado por uma piedade falsa, que supunha que a adoração solitária era melhor; ou uma presunção religiosa, que achava que a necessidade para a adoração coletiva era coisa do passado; ou um declínio do fervor espiritual, que resultou em uma indiferença crescente. Mas, independentemente do motivo, a negligência no que diz respeito à freqüência nas reuniões pode ser fatal, tanto para a nossa influência quanto para a nossa própria alma. A entrada no Santo dos Santos não anula nossa necessidade da igreja, nem nos garante privilégios especiais que nos isentam das nossas obrigações coletivas. A prática de se reunir regularmente não é dispensável, mas indispensável para a santidade.

Somente ao nos reunirmos podemos cumprir o dever positivo contido na expressão **admoestando-nos uns aos outros.** A palavra *parakaleo,* "exortar", tem muitos sinônimos: convidar a vir, chamar, invocar, admoestar, persuadir, rogar, implorar, encorajar e consolar. Que ministério gracioso e multiforme! Não somos chamados para ir à igreja para criticar, raramente para repreender e sempre para encorajar. Do púlpito deveria vir esta nota confortadora e encorajadora; e esta deveria ser a nota do nosso testemunho público e saudação pessoal. Para isso não precisamos de uma "licença para exortar!".

Esta preocupação afável e fiel de uns para com os outros aumenta à medida que contemplamos a Segunda Vinda: **e tanto mais quanto**

vedes que se vai aproximando aquele Dia. Quanto mais crermos que a sua vinda está próxima, maior é a nossa responsabilidade de um para com o outro. A apostasia dos nossos dias deveria nos alertar contra a negligência e relaxamento tanto em nós como em nossos irmãos.

A NOSSA CONFISSÃO DE FE E DEFINITIVA

Hebreus 10.26—13.25 A. A **Alternativa para a** Fé, 10.26-39

A tríplice exortação do parágrafo anterior é o clímax da epístola, visto que a exposição doutrinária foi sendo desenvolvida até este ponto culminante. A partir daqui as implicações e obrigações práticas e pessoais são realçadas para os leitores. O caminho de Cristo é, no presente, um caminho de fé, em contraste com o culto visível e colorido do passado, com seu apelo ao sentimento, e o Reino visível e concreto do futuro. Esse caminho de fé é um intervalo entre uma visão do passado (que apenas atormenta) e uma visão do futuro (que consumirá tudo). Mas o caminho de fé, se aceito plenamente, será inteiramente satisfatório, já que traz bênçãos espirituais imediatas no Santo dos Santos, e estimula a fé para o Dia que se aproxima (v. 25). [1]

substituto do sacrifício de Cristo tem algum valor. O pecado propositado contra o qual somos advertidos é uma falha contra todas as obrigações de discipulado depois de conhecermos a verdade do novo concerto e a salvação em Cristo. Quem pensa que existe um substituto para o sacrifício de Cristo entende que Cristo é apenas *um* caminho e não o *único* caminho, que podemos encontrar outra cobertura para o nosso pecado, e que a nossa falha em obedecer às admoestações dos versículos 22-25 realmente não importam.

Mas isto é impossível. A única coisa remanescente, i.e., "agora deixada", é **uma certa expectação horrível de juízo e ardor de fogo, que há de devorar os adversários** (27). Esta é uma expectativa certa e definitiva do julgamento apavorante e ardente da ira de Deus. "Quando Deus prepara um martelo, ele não será feito de seda". No Egito houve um lamento à meia-noite em cada lar que havia desprezado o sangue. Mais tarde, a pena de morte se tornou inevitável quando alguém desprezava a lei de Moisés. Deus anulou esta pena por meio de Cristo (7.18), mas o homem não tinha o direito de fazê-lo, e aqueles que tentaram fazê-lo, seguindo "outros deuses", eram apedrejados "até que morram" (Dt 17.1-7), totalmente **sem**

misericórdia (28). Se a rejeição a Moisés e sua lei era tão séria, de **quanto maior castigo cuidais vós será julgado merecedor aquele que** apóstata de Cristo? (29). Visto que o autor aos Hebreus tem mostrado de forma tão convincente e cabal a infinita superioridade de Cristo e seus atos, ele desafia os leitores a chegar à conclusão por conta própria. Se eles refletirem de maneira sóbria, saberão que ex-cristãos, para quem foi realizado tanto mais, e que tem tanto mais em jogo, merecerão um castigo muito pior do que uma rebelião contra Moisés, visto que Cristo é mais digno de lealdade do que Moisés.[1]

Esse merecimento de castigo é visto na sua verdadeira magnitude quando reconhecemos o que o apóstata fez. Em primeiro lugar, ele *pisou* **o Filho de Deus** (29). Esta é uma figura de extremo escárnio. Nós pisoteamos o que consideramos sem importância. O apóstata se une a este mundo para pisar não somente Jesus de Nazaré (como talvez esteja pensando), não somente o Homem da Galiléia (como também pode estar supondo), mas o eterno Filho de Deus. Em segundo lugar, ele *profanou* **o sangue do testamento, com que foi santificado.** A KJV acrescenta: "uma coisa profana", que traz a idéia de comum e ordinário, ou seja, não melhor do que qualquer outro sangue. Este Sangue do novo concerto, por meio do qual havíamos sido feitos santos no passado, é agora negado. "Como caíram os valentes!" (2 Sm 1.19). Podemos despencar da eminência espiritual mais elevada até profundezas incríveis. Mas, quer apóstatas ou ainda pagãos, quer pregadores ou teólogos que declaram que o sangue de Jesus não era diferente em seu valor eterno e poder salvador do sangue de qualquer outro homem são culpados deste sacrilégio. Em terceiro lugar, o apóstata fez **agravo ao Espírito da graça.** Ele "insultou" (Phillips), "assim profanando" (NT Ampl.), o Espírito. A frase **o Espírito da graça** *(to pneuma tes charitos)* provavelmente não é um genitivo subjetivo, mas um genitivo objetivo, significando que é o Espírito que concede graça (NT Ampl.). Todo o mover interior do nosso espírito em direção a Deus por intermédio dos anos da graça antecedente, toda a liberação e purificação e poder da justificação e da santificação, toda alegria espiritual e renovação e ardor do favor divino e a capacitação divina

são a obra miraculosa interior do Espírito Santo. Insultá-lo seria o mesmo que cometer suicídio (6.4; Mc 3.28-30).

Como o homem muda de maneira tão deplorável? Em primeiro lugar, pelo fracasso espiritual — fracasso em entrar no Santo dos Santos, em se firmar na sua profissão de fé, em estimular ao amor e às boas obras e em reunir-se para adoração e comunhão (w. 1925). Em seguida, a decadência doutrinária é o próximo passo inevitável. O intelecto segue o coração. Um coração alienado produzirá uma mente traiçoeira e desleal. Quando a alma é obscurecida pelo pecado, a mente ficará obscurecida pela confusão e incerteza. A apostasia incrível descrita no versículo 29 implica na negação da doutrina do Filho de Deus, da doutrina do Sangue santificador e da doutrina do Espírito da graça; pois o cristianismo é tanto doutrina como experiência. E fatal separar estes dois aspectos ou exaltar um em detrimento do outro. E é perigoso mexer com a "fé que uma vez foi dada aos santos" (Jd 3; também Gl 1.23; 3.23; Fp 1.27). A apostasia completa nunca é esperada; ela gradualmente toma conta daquele que começa a apostatar em algum aspecto. Quando reduzimos o evangelho gradativamente, chegará um momento em que não sobrará muita coisa dele.

A mortalidade desse tipo de pecado precisa ser claramente vista por estes cristãos hebreus, **Porque bem conhecemos aquele que disse: Minha é a vingança, eu darei a recompensa, diz o Senhor** (Dt **32.25). E outra vez: O Senhor julgará o seu povo (30;** Dt **32.36;** SI **135.4).** Eles estão lidando com o Deus das suas Escrituras, o Deus em quem professam crer. Além disso, eles alegam ser seu povo, que os deixa totalmente sem desculpas. Então vem uma exclamação solene: **Horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo (31),** i.e., um julgamento adverso. Não haverá escape das mãos de Deus nem apelo para instâncias superiores. O Deus cujas mãos conduziram os filhos de Israel no deserto **(8.9),** que estendeu suas mãos diariamente "a um povo rebelde e contradizente" (Rm **10.21),** cuja mão "não está encolhida, para que não possa salvar" (Is **59.1),** humilhará, por estas mesmas mãos, o orgulhoso, e desarraigará o poderoso e expulsará o ímpio da sua santa presença para a escuridão

eterna. A ira de Deus é sua repugnância eterna e santa do pecado. Seu amor proveu um escape (salvação) do pecado e, portanto, um escape da ira. Se este escape é rejeitado, não há outro: a ira precisa esgotar-se. O amor pode oferecer o Calvário, mas não pode alterar a separação entre a santidade e o pecado. Se Deus não pode alcançar-nos por meio do Calvário, será que nos salvará pela força? Não. Se não formos salvos pelas mãos furadas pelos pregos, não poderemos ser salvos da mão com a espada desembainhada. "Considera, pois, a bondade e a severidade de Deus" (Rm **11.22).**

ritual era tão grande que **com gozo** permitiam esta perda, **sabendo que, em vós mesmos, tendes nos céus uma possessão melhor e permanente** (34; Mt 6.19,20). Sua segurança interior pelas realidades espirituais era forte o suficiente para desfazer-se destes vínculos mundanos. Quando nosso único tesouro está no "aqui e agora", e nossa fé no futuro é insegura, não conseguimos nos alegrar quando a perseguição se apodera de nós. Eles não se regozijavam porque seus haviam sido tomados, mas porque seus bens materiais não constituíam sua verdadeira riqueza; isto estava reservado para aqueles que estavam em perfeita segurança, imaculados pelo tempo e intocados pelos opressores.

Mas, evidentemente a situação agora havia sido atenuada. Em vez de prosperar espiritualmente como era o caso das igrejas palestinas (At 9.31), sua prosperidade foi acompanhada por um declínio espiritual. O autor espera que uma recordação desses dias melhores do passado, quando a sua fé custava mais, mas a sua comunhão era mais íntima e suas almas mais radiantes, desperte um avivamento espiritual.

3. *O Caminho da Fé não é Opcional* (10.35-39)

Em vista das *a)* conseqüências terríveis da apostasia e 6) dos triunfos da fé no passado, não é razoável desistir agora. **Não rejeiteis, pois, a vossa confiança (35). Confiança** *(parresian)* é a mesma palavra que foi traduzida por "ousadia" no versículo **19** (cf. também **3.6; 4.16).** Sua ousadia passada em confissão leal de Jesus e sua ousadia dada por Deus para viver no Santo dos Santos não deveria ser abandonada por vantagens sociais ou temporais. Nada neste mundo pode ser

igualado ao **grande e avultado galardão** (no mundo vindouro) que pertence à sua ousada fidelidade. Deus vai compensar: **Porque necessitais de paciência** (perseverança; cf. **12.1), para que, depois de haverdes feito a vontade de Deus, possais alcançar a promessa (36). A vontade de Deus** que deve ser feita (tempo aoristo) é explicada nos versículos **19-25.** Em vez de retroceder, eles deveriam avançar com ousadia para dentro do Santo dos Santos e perseverar nisso. No Santo dos Santos, experimentarão por fé o cumprimento de "melhores promessas" (8.6) com relação ao novo concerto, e desfrutarão completa renovação pela lei gravada no coração. Somente estes crentes receberão o cumprimento desta outra promessa do retorno de Jesus **(9.28;** Jo **14.1-3;** *et al.).* Fica claro que a obediência em relação ao Santo dos Santos é indispensável se alguém quiser qualificar-se para encontrar o Senhor.[3]

Que a promessa agora em mente trata-se da vinda do Senhor é ao menos sugerido no seguinte versículo: **Porque ainda um poucochinho de tempo, e o que há de vir virá e não tardará** (37).[4] Esta aplicação harmoniza com o versículo 25 e com a segunda parte da citação: **Mas o justo** (meu justo) **viverá da fé; e, se ele recuar, a minha alma não tem prazer nele** (38).[5] Apesar da certeza, expressa em termos de proximidade, os cristãos devem andar "por fé e não por vista" (2 Co 5.7), enquanto aguardam a vinda de Cristo. Independentemente dos privilégios preciosos e empíricos que o Santo dos Santos possa apresentar, a vida santa continua sendo uma vida de fé. As glórias futuras da redenção em Cristo continuam futuras e, portanto, invisíveis. Para pessoas de carne e osso, esta invisibilidade é um teste constante, porque a terra presente, por contraste, é absolutamente visível e próxima. E fácil "retrair-se" (Phillips) de uma vida que em tantos momentos rejeita uma terra que pode ser vista para qualificar-se para um mundo que não pode ser visto.[6] Mas Deus **não tem prazer** naquele que **recuar,** porque esta é a ação da mentalidade mundana e da descrença.

A fé acredita na realidade do invisível, no valor maior do que é espiritual e no Deus que prometeu que em Cristo o invisível se tornará visível e o espiritual se tornará concreto. E este tipo de fé que

torna a comunhão no Espírito possível. De forma determinada e esperançosa, o autor admite a unidade resoluta deles com ele: **Nós, porém, não somos daqueles que se retiram para a perdição, mas daqueles que crêem para a conservação da alma** (39). Não fazemos parte dos hipócritas ou daqueles que "se afastam secretamente" (Robertson). Isto seria às custas da nossa alma eterna. Somente aqueles **que crêem** (*pisteos*), i.e., aqueles que fazem parte dos crentes (genitivo), vão finalmente ser salvos. Claramente, de acordo com esta passagem, não podemos ser apóstatas e crentes ao mesmo tempo.

B. As Credenciais da Fé, 11.1-40

Seria natural para os cristãos hebreus questionar se o caminho de fé era necessário ou mesmo válido. Suas esperanças judaicas pelo reino messiânico não foram erradicadas pela aceitação de Jesus, mas foram transferidas para Ele. Visto que o conceito materialista deles não foi cumprido pela sua primeira vinda, ficou vinculado à sua segunda vinda. Enquanto esperavam que isto pudesse ocorrer muito em breve — certamente durante a vida deles — eles tinham nesta esperança incentivo suficiente para suportar pacientemente perseguição e perda, visto que logo seriam vingados, vindicados e restaurados ao poder terreno. Mas, à medida que o tempo ia passando e com o agravamento das tribulações, sem qualquer sinal da sua vinda, eles começaram a experimentar apreensão. Será que Jesus era, de fato, o Messias? Valia a pena todo esse sacrifício? Inevitavelmente é mais fácil chegar a um acordo com o mundo quando paramos de ter certeza da razão do conflito com o mundo.

Esta esperança para um futuro glorioso, embora perfeitamente válido, estava misturada com resquícios do nacionalismo judaico e outras divergências sérias. Jesus, e mais tarde Paulo, tinham tentado tirar da mente dos discípulos esses enganos. Eles ensinaram, primeiro, que as glórias futuras eram essencialmente espirituais, e que a razão real para seguir a Jesus era a salvação eterna da alma, não um desejo egoísta de estar no poder quando o seu governo mundial fosse estabelecido. Segundo, que o retorno de Cristo em poder não deveria ser esperado imediatamente, mas que haveria um período de duração

indefinida. Durante esse tempo sua atenção deveria estar voltada, não para a esperança da Segunda Vinda, mas para a evangelização do mundo.

O Pentecostes mudou completamente o entusiasmo da Igreja Primitiva de um governo terreno e visível para a pregação do evangelho, de que Cristo habitaria no coração das pessoas pela fé. Eles nunca perderam de vista a "esperança", mas ela se tornou mais espiritualizada e certamente mais subordinada à sua tarefa imediata. O Pentecostes substituiu a visão materialista por um conceito espiritual enérgico e eficaz. Eles viram agora que a arena da sua luta era moral e espiritual, não política ou material; que o pecado e Satanás eram os verdadeiros inimigos, e a santidade (agora) e o céu (mais tarde) eram os verdadeiros objetivos; que o poder não era nem a espada nem o discurso, mas a Palavra, o Sangue e o Espírito.

De alguma forma, essa compreensão mais abrangente não tinha alcançado estes cristãos hebreus. Seu Pentecostes não tinha chegado. Eles continuavam inconstantes.

Neste estado, havia uma forte tentação de desprezar o caminho de fé, que parecia ineficaz. Jesus não era mais visível, e a promessa do seu retorno não havia sido cumprida. Não seria melhor andar por vista em vez de por fé? Não seria melhor voltar a Moisés e ao Templo? Seria melhor ter alguma coisa concreta e visível do que apegar-se obstinadamente a uma fé no que parecia o país das maravilhas mas de uma certeza e esperança nebulosas. No meio dessas dores de parto, eles estavam em perigo de repetir o erro dos seus pais (Ex 32.1).

A necessidade elementar da fé, como parte integral do plano divino, tem estado implícita em toda a epístola, vindo à tona ocasionalmente. Mas agora o autor se volta a este tema com atenção exclusiva. Ele precisa mostrar que o caminho da fé é superior, não inferior, e que é eficiente, não ineficiente. Para fazê-lo, ele desenvolve no capítulo 11 as credenciais da fé, ao explicar sua natureza e ao mostrar que como uma exigência divina o caminho de fé não é novo, mas tão antigo quanto a história do povo de Deus. Por meio deste caminho de fé, os justos no decurso da revelação especial foram o que foram. Se não

tivessem sido homens de Deus, a geração presente não poderia desfrutar da rica herança hebraica.

1. *O Significado da Fé* (11.1)

O autor inicia com uma proposição geral em relação à natureza da fé. **Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que se não vêem.** A palavra **fé** *(pistis)* pode significar crença, confiança, fidelidade, persuasão firme ou convicção firme. Mas na Bíblia ela sempre encontra seu propósito em Deus. Fé bíblica não é crer em si mesmo ou no homem, mas em Deus. O uso constante do dativo de instrumento ("pela fé") neste capítulo não atribui nenhum poder mágico à fé, mas simplesmente mostra que a fé é o meio pelo qual recebemos *de* Deus, a fonte do nosso serviço *para* Deus e a única base aceitável de um relacionamento satisfatório *com* Deus.

Portanto, a proposição do versículo 1, embora não defina **fé** exatamente, mostra *a)* sua relação com a esperança e *b*) sua relação com o invisível. A palavra **fundamento,** no grego *hypostasis,* traz a idéia de "colocar por baixo". Neste caso, esta palavra traz a idéia da confiança de que as nossas esperanças são válidas e o fundamento para que se realizem. A fé fica na base das **coisas que se esperam** e as preserva para nós. Se perdermos a nossa fé, nossas esperanças não se materializarão. Alguém disse: "Fé é o documento de propriedade ou a escritura definitiva". O mero *sentimento* de segurança, no entanto, pode não ser uma escritura definitiva, mas sim esta segurança plena na promessa de Deus, independentemente do sentimento pessoal.

A proposição também indica a relação entre a fé e a ordem invisível da realidade. Mais uma vez, a tradução da palavra **prova** pode ser enganosa, porque a fé em si não prova nada. Estritamente, é verdade, a palavra *elengchos* significa **prova.** Mas aqui ela é usada no sentido de uma "persuasão completa", tão completa que não é necessária uma prova complementar. Vemos as coisas pela fé e não com os olhos naturais. Phillips capta o sentido na sua simplicidade. "Ela [a fé] significa estar certo das coisas que não podemos ver". Fé, portanto, é

muito mais do que um pensar desejoso ou um esperar anelante.

2. *A Certeza da Fé* (11.2-3)

Foi com esse tipo de fé que **os antigos** (os pais antigos) **alcançaram testemunho,** i.e., "obtiveram afirmação" (v. 2). A atestação mais básica recebida pela fé (por eles, mas compartilhada por nós) é nossa compreensão de **que os mundos, pela palavra de Deus, foram criados; de maneira que aquilo que se vê não foi feito do que é aparente** (3). Está inferido aqui o princípio epistemológico de que a fé é uma forma de alcançar conhecimento. Muito do nosso conhecimento vem pela fé em uma pessoa ou fonte autorizada de informação, em vez de por uma presença e prova pessoal. Estamos certos da criação divina, mas não estávamos lá para vê-la. Ainda mais ligado à defesa da fé do autor está o fato metafísico expresso não somente de que o "universo foi formado pela palavra de Deus" (NVI), mas que neste ato criativo o "o visível foi feito a partir do invisível" (NEB). Portanto, o mundo real, o sentido máximo de realidade, não está na ordem dos fenômenos, mas na ordem invisível. O que parece real para o nosso sentido físico é, na verdade, somente um produto daquilo que parece irreal em nossos sentidos. A fé, portanto, não é um pensamento ilusório em um mundo imaginário, mas exatamente o oposto; ela penetra através do mundo superficial da aparência para apoderar-se da realidade fundamental e eterna por trás das aparências. A fé, portanto, não é um assentimento da religião no nível de jardim de infância, mas é um integrante da religião madura e está no coração de uma filosofia saudável.[7]

3. *A Justiça da Fé* (11.4,5)

a) *O caminho da fé da justiça* (11.4). Não somente obtemos conhecimento por meio da fé, mas a fé também é o meio de recebermos certeza da aprovação divina. Abel ilustra a obtenção da justiça pela fé e do testemunho de Deus, enquanto Enoque ilustra a preservação pela fé deste relacionamento com Deus até o fim da vida. **Pela fé, Abel ofereceu a Deus maior sacrifício do que Caim, pelo qual alcançou testemunho de que era justo, dando Deus testemunho dos seus dons** (4). O testemunho de Deus para Abel de

que ele era justo foi uma evidência (testemunho) da aceitabilidade das suas ofertas. **Pelo qual** refere-se não à **fé** mas ao **sacrifício.** Era o **maior sacrifício** que se tornou a base da aceitação. Por este ato, **depois de morto, ainda fala;** assim somos lembrados que a fé simplesmente na bondade de Deus não justifica ninguém. A fé justifica indiretamente, não diretamente. Ela se achega a Deus por meio de um sacrifício. A fé é ativa em sua percepção de Deus e do pecado, e na sua convicção de que Deus está ávido por ser propiciado. A fé está, portanto, depositada no sacrifício como um acesso válido e também na disposição de Deus de aceitar o sacrifício; mas a fé não supõe que Deus é indiferente ao modo de acesso.

A fé do humanismo entende que o sacrifício não é necessário, mas ela não traz a paz. Esta é a fé do orgulho e da presunção. A fé evangélica se aproxima de Deus por meio do Calvário. A superioridade do sacrifício de Abel[8] estava fundamentada tanto no seu espírito humilde quanto no conteúdo que foi oferecido (Gn 4.3,4). Os "Cains" de hoje também precisam saber que as ofertas sem derramamento de sangue realizadas por homens farisaicos, o trabalho de mãos humanas e as realizações da cultura humana não compram o acesso ao Pai. O pecado tornou tudo isto inválido como base para a "unidade" divino-humana. Deve haver sangue, e somente o sangue do Cordeiro santo de Deus é válido. Vamos oferecê-lo pela fé e nós também conheceremos o testemunho interior da justiça.

b) *O caminho da fé da justiça* (11.5). De Enoque aprendemos que é possível e necessário manter este relacionamento de fé ao longo da experiência terrena. **Pela fé, Enoque foi trasladado para não ver a morte.**[9] A palavra **trasladado** (*metetethe*) significa literalmente "transpor", de um nível mais baixo para um mais alto (mesma palavra usada em 7.12). Em Atos 7.16, esta palavra é usada referindo-se à transferência dos ossos de Jacó do Egito para Siquém, em Canaã. A afirmação de que **não foi achado** sugere que por dias sua família e amigos procuraram por ele, mas em vão, porque Deus o havia trasladado para uma posição celestial. Mas a transposição exterior foi justificada pela transformação interior. Por trás do "dom das asas" havia um caminhar devoto (Gn 5.24). Este não era o

arrebatamento de um pecador, mas de um santo, que, **antes da sua trasladação, alcançou testemunho de que agradara a Deus.** O Espírito de Deus testemunhou que tudo estava bem; nenhum ajuste de última hora foi necessário. Aqui novamente o papel da fé foi indireto — a fé, em si mesma, não pode transladar ninguém para o céu. Mas o caminhar de Enoque com Deus foi por fé e a trasladação foi a recompensa soberana de Deus pela sua fidelidade nessa caminhada.

4. *A Essência da Fé* (11.6)

Agora um grande princípio da fé está claramente expresso. Primeiramente, vemos este princípio exposto de forma negativa: **Ora, sem fé é impossível agradar-lhe.** Se Enoque não continuasse crendo, ele não teria recebido a certeza contínua de que estava agradando a Deus. Esta é uma lei simples, mas inescapável do Reino. Deus deve ter súditos que confiam nEle como Deus — e isto inclui sua sabedoria, sua bondade e seu poder. Duvidar é difamar. Confiar é honrar. Todos os outros tributos são insultos se o tributo da fé está faltando. Não somos guardados pelo sentimento, mas pela fé, porque somente ao crermos em Deus podemos agradar-lhe.

O princípio é então ampliado de forma positiva: **porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe** — este é um ponto de vista intelectual do teísmo. E um teísmo personalista — **aquele que,** não "o ser" que. Mas o homem pode acreditar que Deus existe e não ter comunicação nem comunhão com Ele. Portanto, o teísmo teórico deve tornar-se a confiança humilde de **que ele existe e [...] é galardoador dos que o buscam.** Aqui está uma confiança dupla: primeiro, na atenção de Deus em buscar o homem, e, segundo, na integridade e benevolência do caráter de Deus. Ele vai galardoar aquele que o busca, e o galardão vai ser de acordo com a necessidade (Lc 11.9-13). Somente esta confiança torna possível um relacionamento significativo e pessoal. Mas esta confiança está vinculada a um busca diligente. Os galardões de Deus da graça divina não são espalhados de maneira promíscua e indiscriminada. O relacionamento deve ser interpessoal — de duas vias. O homem deve querer Deus, não somente seus dons, mas para o seu próprio bem, e querê-lo a ponto de procurá-lo. O homem também deve tomar a

iniciativa, como evidência de um desejo sincero.

No versículo 6, vemos "Como Obter Algo de Deus": 1) Pureza de motivo: **o buscam** — sua presença, sua vontade, sua glória. 2) Deve haver sinceridade de propósito. Esta busca deve ser diligente — sincera, aberta e persistente. 3) Deve haver simplicidade de fé: **creia que ele existe e que** é **galardoador** — uma fé refletida na busca diligente, uma fé que aposta tudo na integridade de Deus, uma fé que se afirma a si mesma.

5. *A Obra da Fé* (11.7)

Pela fé Noé [...] preparou a arca (Gn 6.8,9, 13-22; 7.1). No entanto, a iniciativa não foi humana, mas divina: **divinamente avisado. O** nome de Deus não é citado, mas inferido pelo particípio, *kramatistheis,* "tendo sido divinamente avisado e advertido" (cf. 8.5). **Temeu** indica a motivação interior. De que maneira a fé é compatível com o temor? Simplesmente, pelo fato de que o temor foi gerado pela sua confiança implícita na Palavra de Deus. Ele creu que uma enchente viria e foi estimulado a agir por causa da perspectiva assustadora de ser apanhado despreparado. O resultado da sua fé-ação foi a **salvação da sua família.** Quando o homem crê em Deus e age de acordo, obtém a salvação, tanto física quanto espiritual, na vida dos outros.

6. *A Obediência da Fé* (11.8)

Quando o "pai da fé" foi **chamado, obedeceu, indo para um lugar que havia de receber por herança.** Isto também ocorreu **pela fé** visto que *a)* havia um pano de fundo de fé-familiaridade com Deus; 6) ele cria que esta impressão (este chamado) era a voz de Deus; c) ele cria que existia este lugar se Deus havia dito; *d)* ele cria que Deus o protegeria durante a viagem e depois da sua chegada; e) ele cria que Deus identificaria o lugar à sua maneira e a seu tempo e *f)* ele cria que a promessa de Deus de dar a ele a terra certamente se cumpriría (Gn 12.1-4). Este é o tipo de fé que instiga a obediência e é provada por ela. Atuar pela fé, realizando grandes coisas para Deus, sempre é uma simples questão de obediência, em que Deus toma a iniciativa.

Mas a fé deve ser forte o suficiente para obedecer mesmo quando Deus mantém em segredo alguns detalhes que gostaríamos de saber. Abraão não sabia para onde estava indo. Ele conhecia apenas a direção. Nenhum mapa topográfico foi-lhe apresentado, somente a promessa: "Eu te mostrarei" (Gn 12.1). Algumas pessoas nunca alcançam nada para Deus porque não querem obedecer um passo por vez; elas querem muita informação adiantada. Elas querem eliminar da obediência todo mistério, incerteza e risco aparente. Mas isto também significaria a eliminação da própria fé.

7. *A Peregrinação da Fé* (11.9,10)

Depois que Abraão chegou, **habitou na terra da promessa** (9); literalmente, "ele tornou-se um peregrino". Ele instalou-se na terra, não como dono ou conquistador, mas como estrangeiro, **como em terra alheia;** i.e., não sua própria terra, mas como pertencendo a alguém outro. Ele não brandiu a espada e proclamou o seu governo; ele não tomou nada em suas próprias mãos. Este também é o caminho da fé: deixar Deus cumprir suas promessas no seu tempo e à sua maneira. Não precisamos forçar as coisas ou provocar guerras para cumprir a sua vontade. Uma fé fraca sempre rói as unhas.

Exigiu-se de Abraão uma confiança calma e paciente por um longo tempo, e não somente dele, mas do seu filho e do neto, Isaque e Jacó, **herdeiros com ele da mesma promessa.** Três gerações de herdeiros, vivendo **em cabanas** (tendas), não cidades ou casas, mas como estrangeiros em sua própria terra! Será que eles foram tentados a questionar se não haviam se enganado, ou se Deus tinha esquecido, ou estava demorando demais? Na ordem das coisas de Deus, a verdadeira situação muitas vezes está oculta. Davi era rei na "mente" de Deus muitos anos antes que se tornou rei na mente das pessoas. Mas a fé sabe esperar, porque vê os fatos por trás das circunstâncias. Ela não precisa gritar; também não tem necessidade de abandonar a esperança e entrar no desespero. O exemplo de Abraão talvez foi apresentado para envergonhar estes cristãos hebreus que estavam entrando em pânico porque nem todas as promessas de Cristo haviam se concretizado.

Abraão talvez tenha admirado as cidades cananéias, mas não as invejou — **Porque esperava a cidade que tem fundamentos, da qual o artífice e construtor é Deus**

(10). "Pois ele esperava a cidade que tem alicerces [de realidade eterna], cujo arquiteto *(.mestre de obras*) e edificador (*empreiteiro)* é Deus" (NVI). Ele podia esperar; porque muito tempo depois que as cidades cananéias tivessem se transformado em pó, a cidade de Deus permanecería em pé. Nós também podemos nos dar o luxo de esperar.

8. *A Descendência da Fé* (11.11,12)

A fé também era a chave para a concepção miraculosa de Sara: **porquanto teve por fiel aquele que lho tinha prometido (11). É** verdade, quando ouviu pela primeira vez a predição, "riu-se Sara consigo" (Gn 18.12), porque na sua idade avançada ela sabia que no mundo natural a idéia era absurda. Mas seu riso dócil de deleite se transformou em uma fé firme quando o Senhor a repreendeu e no final tornou-se um riso de alegria santa (Gn 21.6). Sua confiança em Deus capacitou-a a receber uma força sobrenatural para esta experiência.

Por meio da fé de Sara e Abraão, Deus foi capaz de fazer suas promessas, dadas antes de Isaque nascer e então reafirmadas depois que Abraão foi provado no monte Moriá (Gn 15.5; 22.17). **Pelo que também de um, e esse já amortecido** (lit., já impotente), **descenderam tantos, em multidão, como as estrelas do céu, e como a areia inumerável que está na praia do mar** (12). Mas não somente a raça hebraica é a descendência da fé, mas os crentes gentios também, visto que "os que são da fé são filhos de Abraão" (Rm 4.9-25; G1 3.7-9).

9. A *Confissão de Fé* **(11.13-16)**

A fé bíblica sempre olha para frente bem como para cima, e abrange a eternidade, bem como o tempo. O autor descreveu de maneira sucinta a vida de fé dos patriarcas, a quem as promessas foram dadas. Agora ele nos lembra que eles não abandonaram a fé só porque as promessas

não se materializaram da noite para o dia. **Todos estes morreram na fé, sem terem recebido as promessas (13).** Naturalmente, a forma muda de *pistei,* "pela fé", para *kata pistin,* "na fé". Eles não morreram pela fé, mas **na fé,** crendo em Deus até o seu último respirar. Eles receberam **as promessas,** mas não haviam recebido o cumprimento (a mesma palavra usada em **10.36).** A promessa de um filho (Isaque) havia sido cumprida; evidentemente, portanto, **as promessas** nas quais mantinham os seus olhos e pelas quais viviam e morriam eram maiores do que esta promessa específica. O nascimento de Isaque era apenas um símbolo da plenitude futura.

Nos versículos 13-16, vemos que "A Confissão de Fé" inclui:

a) **A** *posse da visão* — **mas, vendo-as de longe.** Este era o discernimento do profeta ou vidente em relação ao futuro. Eles sentiam que a visão que Deus tinha dado era para um dia distante. Mas eles eram grandes o suficiente para ver o todo, não apenas as partes e ver adiante, não apenas o presente; eles estavam dispostos em ser pequenas peças no plano maior de Deus. Eles sabiam que o Deus que tinha dado a visão não iria morrer quando eles morressem.

b) *Uma persuasão de valor* — **e crendo nelas, e abraçando-as.** Eles não só estavam convencidos de que as promessas eram "boas", mas entregaram-se completamente aos valores superiores que representavam. As duas frases são uma tradução dupla de uma palavra, *aspasamenoi,* "tendo saudado", e significa neste caso "tendo abraçado mentalmente", tendo recebido "no coração ou no entendimento".

c) *Uma profissão de peregrinação* — **confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na terra.** Aqui estão reveladas a profundidade e a grandeza da visão dos patriarcas, nem sempre reconhecidas. Sua visão ia além de Canaã. Eles não eram apenas viajantes na terra prometida da Palestina, mas **estrangeiros e peregrinos na terra. Porque os que isso dizem claramente mostram que buscam uma pátria** (14) e, obviamente, eles não têm em mente Canaã ou a terra dos seus ancestrais, a Mesopotâmia, quando se referem a esta verdadeira pátria. Certamente, **se**

lembrassem daquela de onde haviam saído, teriam oportunidade de tornar (15). O significado do tempo imperfeito nos dois verbos principais não é observado na KJV (a idéia do subjuntivo não faz parte do texto grego). A tradução deveria ser a seguinte: "E se eles realmente tivessem lembrado daquela (terra) de onde tinham saído, eles teriam tido continuamente a oportunidade de voltar".[10] O olhar crônico para trás produz também pés voltados para trás. Quando o homem deseja voltar atrás (*anakampsai*), seus olhos descobrirão uma série de maneiras e razões. **Lembrassem** significa "fixar os pensamentos em algo", referir-se, falar de. Se as pessoas não querem apostatar, é melhor manter o seu passado fora da sua imaginação e conversa. Se Deus está disposto a esquecer, é melhor que também estejamos.

Os santos do AT, no entanto, não tinham nenhum interesse em olhar para trás; eles estavam enamorados demais com o futuro. **Mas, agora, desejam uma melhor, isto** é, **a celestial** (16). Literalmente, "eles se esticam", tão intensa é a sua devoção. Que os patriarcas tinham uma idéia do céu — ou pelo menos uma teocracia espiritual — é claramente expresso, porque o contraste não é somente com a terra antiga, mas com a pátria onde agora estavam caminhando como nômades. Canaã era agradável, mas não preenchia a revelação interior que Deus tinha dado a eles. Eles podem ter visto na terra um tipo de Reino, como viram em Isaque um tipo do Messias e uma expectativa da bênção que deveria vir sobre todas as famílias da terra. Possivelmente, esta é a razão por estarem dispostos a ser contados como estrangeiros na terra; eles de qualquer maneira nunca se sentiram em casa jeito. E triste que seus descendentes perderam a visão (o mesmo perigo que estes cristãos hebreus estavam correndo), e se acomodaram com esse apego intenso a esta terra. Peregrinos não estão demasiadamente preocupados com posses e possuidores avarentos logo deixam de ser peregrinos. Como C. S. Lewis diz: "Muitas pessoas pensam que estão encontrando seu lugar no mundo, quando, na realidade o mundo está encontrando seu lugar nelas".

Por causa da atitude espiritual deles, **Deus não se envergonha deles, de se chamar seu Deus, porque já lhes preparou uma**

cidade. Alguns que professam crer em

Deus são uma desonra para Ele devido às suas almas miseravelmente presas à terra. Mas este não era o caso de Abraão, Sara, Isaque e Jacó (Ex 3.3-16); deles Ele recebia com alegria o título **Deus.** Ele, em Cristo, preparou a cidade — uma moradia eterna e segura (Jo 14.1-4; Ap 21.2). Visto que olhavam para o futuro com fé, eles são tão favorecidos por Cristo como nós que também olhamos para o futuro com fé, embora nossa fé seja reforçada com o conhecimento adicional do Calvário, que nos deixa sem desculpa para deixar escapar a Cidade Santa.

10. *O Teste da Fé* (11.17-19)

Há uma confiança sublime e ao mesmo tempo pungente na fé perfeita, como é revelada em Abraão quando ele, sendo **provado** (colocado à prova), **ofereceu [...] a Isaque** (17). O autor deliberadamente ressalta a severidade intensa deste teste: **aquele que recebera** (acolhera, recebera com alegria) **as promessas ofereceu** (estava no ato de oferecer) **o seu unigênito** — de quem foi **dito: Em Isaque será chamada a tua descendência** (18). Para alguém com menos fé, isto poderia parecer um completo despedaçar de esperanças. Mas o equilíbrio de Abraão tinha uma simples explicação: **Considerou que Deus era poderoso para até dos mortos o ressuscitar. E daí também, em figura, ele o recobrou** (18-19). Isto é, figuradamente falando, Isaque era um dom da vida a partir da morte; o Deus que fez um milagre quanto ao cumprimento da promessa poderia realizar mais um. A expressão **era poderoso** não atribui a Abraão a certeza de que Deus *faria* mas que Ele *poderia fazer*. Esta era a única solução que Abraão conseguia enxergar; mas a sua confiança era tão grande na integridade de Deus que sentiu-se perfeitamente seguro de obedecer absolutamente e deixar os caminhos e meios para Deus. E importante observar que Abraão venceu esta prova porque Isaque nunca havia se tornado um ídolo.

Nesta passagem vemos "A Fé Testada e Triunfante". 1) A fé é testada *(a)* quando os sacrifícios exigidos parecem excessivos, (ò) quando os mistérios da providência permanecem insolúveis, (c) quando a

promessa de Deus parece irrealizável. 2) A fé triunfa porque (a) ela acredita na grandeza de Deus, apesar das dificuldades, (ò) confia na bondade de Deus apesar das aparências, (c) obedece às ordens de Deus apesar das conseqüências.

12. A *Coragem da Fé* (11.23)

Foi a fé que capacitou Anrão e Joquebede a esconder **Moisés, já nascido [...] três meses [...] porque viram que era um menino formoso; e não temeram o mandamento do rei** (Ex 2.2ss). A ordem era que cada infante masculino fosse lançado no rio (Ex 1.22). Mas os pais perceberam que este menino era **formoso,** i.e., bonito. **O** adjetivo principesco ou magnífico transmite melhor a idéia do original. Todos os pais têm orgulho de seus filhos e acham que são especiais; há uma dica aqui, no entanto, de uma percepção profética de que esta criança tinha um destino especial. Esta visão e fé deram aos pais a coragem de crer que Deus os ajudaria a frustrar a ordem do rei. Eles **não temeram** (lit., não estavam apavorados ou intimidados). Quando o bebê se tornou tão barulhento aos três meses que se tomou impossível manter a sua presença em segredo, prepararam um berço flutuante e designaram sua irmã maior a cuidar do menino. Em vez de lançá-lo no rio, eles o colocaram sobre o rio, crendo que se Deus tinha um plano especial para Moisés, Ele poderia de alguma forma preservá-lo. E Ele o fez, de tal forma que se tornou uma história mais interessante do que as melhores histórias de ficção.

13. A *Escolha da Fé* (11.24-26)

Os primeiros anos, normalmente, são mais importantes do que os anos posteriores na vida da criança. Felizmente, a mãe de Moisés esteve com ele quando ele era mais moldável e deve tê-lo educado bem no conhecimento do único e verdadeiro Deus. Como jovem, ele ponderou cuidadosamente a vida do povo simples e temente a Deus da sua mãe e a vida resplandecente, mas corrupta da corte. **Pela fé, Moisés, sendo já grande, recusou ser chamado filho da filha de Faraó** (24). Foi um repúdio claro e definitivo, como o tempo aoristo sugere. Ele rompeu com a realeza egípcia de uma vez por

todas, **escolhendo** (lit., tendo escolhido), **antes, ser maltratado com o povo de Deus** (25). A rejeição exterior foi o resultado de uma decisão interior prévia. A habilidade de tomar decisões e de escolher sempre o lado certo é a marca do caráter forte. Outra vez, o autor está envergonhando estes cristãos hebreus em virtude da forma vacilante e indecisa de eles se comportarem.

Moisés conhecia bem a opressão cruel e a privação sofridas por este povo; ele não era ignorante ou ingênuo. Mas ele pesou o sofrimento deles com **o gozo do pecado,** porque percebeu que aqueles que sofriam eram o **povo de Deus,** portanto, interiormente superiores, e se sairiam melhor no final, porque **o gozo do pecado** era apenas por **um pouco de tempo.** Assim, as vantagens da corte egípcia eram vistas como sendo superficiais e temporárias. Sua escolha, portanto, era inspirada pelo seu modelo de valores: **tendo, por maiores riquezas, o vitupério de Cristo** ("o estigma que está sobre o Ungido de Deus", NEB) **do que os tesouros do Egito. O** estigma continua presente! Muitos estudiosos modernos tentam de todas as maneiras possíveis desfazer e desacreditar o caminho cristão, mas podemos estar certos de que na medida em que tiverem êxito em tornar Cristo palatável ao homem natural, nessa mesma medida moldaram um Cristo falso e imaginário. Que conceito Moisés tinha de **Cristo** (lit., o Cristo)? Provavelmente o seu conceito não era claro, mas seu conhecimento de que os hebreus eram o povo de Deus indubitavelmente incluía um conhecimento vago de um Ungido prometido (1 Co 10.1-4). Embora sua mente possa ter estado nebulosa quanto a detalhes, sua fé estava segura, tão segura que por causa dela ele estava disposto a arriscar seu presente e seu futuro.

O autor continua mostrando que o sistema de valores de Moisés estava baseado em grande parte na sua habilidade de olhar para o futuro: **porque tinha em vista a recompensa** (26). Literalmente, a palavra *apeblepen,* "ele estava olhando", significa "desviar o seu olhar de todos os outros objetos e olhar para um único". O tempo imperfeito indica que este não era um interesse romântico ou caprichoso, mas um olhar fixo. Ele continuou olhando com uma atenção fixa e séria; inevitavelmente o resplendor egípcio dissipou-se

completamente de sua mente. O segredo de escapar do encanto sedutor do mundo é olhar tão longe para o futuro para perceber duração e conseqüência.

Pela fé, portanto, Moisés foi capaz de perceber os verdadeiros problemas da vida. Na superfície parecia que ele estava escolhendo entre dor e prazer, mas, na realidade, era entre piedade e pecado. Superficialmente, parecia ser uma escolha entre sua mãe e a filha de Faraó, mas, na realidade, era uma escolha entre Cristo e o mundo. Parecia que ele estava escolhendo entre pobreza e os tesouros do Egito; mas, na verdade, era uma escolha entre céu e terra. Parecia uma escolha entre o deserto e o trono; mas, na realidade, era entre a imortalidade e o esquecimento.

Além disso, **pela fé,** ele foi capaz de distinguir o passageiro do permanente. O *passageiro* incluía 1) o sofrimento do povo de Deus, 2) **o gozo do pecado,** 3) **os tesouros do Egito,** 4) **o vitupério de Cristo.** O *permanente* incluía 1) **o povo de Deus,** 2) a pessoa de **Cristo,** 3) o pagamento da **recompensa.**

Nos versículos 24-26, vemos "As Qualidades da Fé Duradoura". 1) Ela percebe a superioridade dos valores morais e espirituais sobre os prazeres temporais e carnais, w. 25,26. 2) Ela está certa de que os valores duradouros estão do lado de Cristo e do povo de Deus, vv. 24,26. 3) Ela escolhe renunciar a uma vantagem passageira para obter um ganho permanente, w. 25,26.

14. *A Persistência da Fé* (11.27)

Pela fé, deixou o Egito, não temendo a ira do rei (27). De acordo com Êxodo 2.11-15, o êxodo juvenil de Moisés foi, na verdade, uma fuga, instigada pelo medo. Portanto, é mais provável que Hebreus esteja se referindo aqui à saída dignificada e deliberada 40 anos mais tarde. A palavra *katelipen,* **deixou,** simplesmente significa deixar para trás e não necessariamente sugere fuga. Em sua mocidade, a fé que Moisés tinha era forte o suficiente para fazer a escolha básica e final, mas ela precisava da maturação do deserto e da sarça ardente para tomar-se à prova de pânico. O segredo do seu

equilíbrio foi que ele **ficou firme, como vendo o invisível.** Ele suportou resolutamente as ameaças e a duplicidade de um Faraó colocado contra a parede e foi fortalecido porque a fé vê o **invisível;** não somente a ordem invisível como tal, mas o "Invisível" (masculino singular). Afé tem um radar espiritual que a descrença não tem (2 Rs 6.16-17; Dn 3.2325). Mas a grande marca distinta da fé bíblica é que ela está firmada num Deus pessoal, não numa lei ou poder impessoal.

15. *O Êxodo da Fé* (11.28-31)

A verdadeira fé sempre sai do Egito. Ela nunca fica. Na verdade, o versículo 27 é tanto um prefácio como uma apresentação prévia desta seção, que consiste em esboçar os pontos altos da migração do Egito para Canaã. A história aqui não é de todo brilhante; uma descrença vergonhosa tomou a história acidentada, com conseqüências trágicas.

Os cristãos hebreus têm sido lembrados deste fato com muita intensidade. Mas a atenção agora está no fato de que a nação nunca teria sido liberta da escravidão, e nunca teria entrado em Canaã, se não fosse por aqueles que tiveram fé. Cada passo importante era uma vitória da fé. Mas a dúvida nunca registrou avanços.

a) A Páscoa (11.28). O primeiro passo preparatório essencial no Êxodo foi a Páscoa. **Pela fé, celebrou a Páscoa e a aspersão do sangue. O** objetivo era escapar da espada do **destruidor dos primogênitos.** Este ato de julgamento divino não era somente necessário e justificado pela teimosia egípcia, mas foi simbólico da morte eterna que é endêmica do Egito espiritual. Semelhantemente, o cordeiro morto era simbólico do futuro Cordeiro de Deus, que tiraria o pecado do mundo (Jo 1.29). Não há escape, quer da escravidão egípcia ou da escuridão ou morte egípcia, sem o aspergir do sangue. Mas note bem, a vida não depende apenas do sangue derramado, mas do sangue aplicado. Somente o derramar do sangue não teria protegido ninguém. Havia salvação somente à medida que o sangue era aspergido individualmente na verga da porta e em ambas as ombreiras das casas (Êx 12.23). A verdade aplica-se igualmente ao sangue do Cordeiro de Deus. Somente quando a fé toma posse e o

Espírito opera que o Sangue salva.

b) O *mar Vermelho* (11.29). **Pela fé, passaram o mar Vermelho, como por terra seca.** Para maiores detalhes, leia Êxodo 14.22-27. A fé agora é atribuída ao povo, bem como a Moisés. Neste acontecimento, vemos a diferença entre fé e presunção. A fé não depende do que é feito, mas com que autoridade. Israel agiu de acordo com a ordem divina, mas o intentar (lit., tentar) dos **egípcios** em fazer a mesma coisa causou o seu afogamento. A mesma ação pode ser apropriada e bem-sucedida ou presunçosa, fanática e desastrosa, dependendo da presença ou ausência de Deus. "Com Deus, ando sobre o mar; sem Ele, nem saio pela porta".

c) Os *muros de Jerico* (11.30). Moisés está morto; os israelitas já não podem mais depender da fé dele. Mas esta fé foi compartilhada pelo seu "afiliado" Josué e, até certo ponto, por toda a nação. Esta era uma nova geração, que tinha se beneficiado, pelo menos em parte, da ruína dos seus pais. Apesar do rio Jordão ter sido atravessado, Jerico bloqueava o caminho para o portão de entrada da Terra Prometida, na realidade mais temível do que os medos de Cades-Barnéia. Mas, pela **fé, caíram os muros de Jericó.** De que maneira a fé pode derrubar muros? Efeitos psicológicos e subjetivos da fé são explicáveis, mas a fé não envia ondas de pensamentos contendo um poder real e físico. A fé alcança seu objetivo indiretamente, por intermédio da 1) obediência humana e 2) do poder de Deus. Os muros, portanto, ruíram somente depois que se marchou em volta deles sete dias.[13] "A fé sem obras é morta" (Tg 2.26). Mas as "obras" devem ser determinadas por Deus, não pelo homem.

d) *A convertida Raabe* (11.31). De acordo com o próprio testemunho dos espias enviados por Josué (Js 2.1-21), seu povo conhecia a história recente dos israelitas, e por causa disso o seu coração ficou paralisado de medo. O que no seu medo foi transformado em fé? 1) Ela percebeu o plano de Deus; 2) ela aceitou o plano de Deus e se ajustou a ele; 3) ela agiu de acordo com a sua nova lealdade, mesmo arriscando a própria vida; 4) ela reuniu sua família e amarrou o cordão de fio de escarlate (Js 2.18; 6.25). No fio de escarlate que foi dado a Raabe podemos ver

um tipo do "fio de escarlate" mais longo que corre desde o Gênesis até o Apocalipse, ou seja, o símbolo do povo de Deus. Tiago cita Raabe como um exemplo de justificação "pelas obras" (Tg 2.25). Não há a menor incongruência aqui. Todo aquele que verificar a verdadeira natureza da fé bíblica chegará a esta conclusão. O princípio de ação na fé é ilustrado aqui como no versículo 30.

16. *A Conquista da Fé* (11.32-35a)

E **que mais direi?** Será que é necessário continuar detalhando os grandes homens da fé para reforçar estes cristãos hebreus? Provavelmente, devido ao espaço desta epístola, o autor condensa as façanhas do AT em um resumo compacto. Sem se delongar, ele menciona **Gideão [...] Baraque [...] Sansão [...] Jefté [...] Davi [...] Samuel** e os **profetas** (32). Todos eram heróis de Israel. Nem todos foram igualmente dignos de honra, mas todos alcançaram a imortalidade porque na hora da crise se levantaram como homens de fé. Deus pode fazer mais com 300 homens de fé (o bando de Gideão) do que com 32.000 homens cujos corações tremiam de medo e dúvida. Tendo enumerado alguns nomes famosos, o autor enumera alguns dos atos poderosos praticados pela fé: **venceram reinos, praticaram a justiça** (elaboraram soluções justas), **alcançaram promessas** (33). Neste caso, intenta-se o *cumprimento* das **promessas** (mesma palavra em 6.15; Rm 11.7). **As mulheres receberam, pela ressurreição, os seus mortos** (35a). Era a fé triunfando sobre a morte.[15] Os versículos 336-34 registram algumas das façanhas mais dramáticas e sensacionais, mas facilmente omitida está a conquista de fé mais importante: **da fraqueza tiraram forças** ("fortalecidos com poder" — Mueller). Mas o leigo, o pregador, o missionário, a igreja e a nação devem primeiro sentir e reconhecer sua fraqueza, então olhar resolutamente e exclusivamente para Deus. Neste ponto, Ele pode inspirá-los com poder (1 Sm 14.6; Tg 4.6-10), e usar um "bichinho" para esmigalhar os montes (Is 41.14-15). Mas, sem dúvida, a fraqueza mais profunda e a montanha mais elevada estão na área moral. Quando um caráter fraco é transformado em um gigante espiritual e moral pelo poder da fé — esse é o grande milagre.

17. *O Triunfo da Fé* (11.356-38)

No meio do versículo 35, ocorre uma mudança brusca por meio das seguintes palavras: **uns foram torturados, não aceitando o seu livramento.** O autor tem relatado os feitos heróicos da fé; agora ele se volta aos seus sofrimentos pacientes. Este é um acorde-chave na sinfonia da fé, embora o tom seja silencioso e reverente. A alusão nestes versículos é a homens e mulheres da história do povo de Deus que poderiam ter salvado suas vidas ao renunciar à sua fé. Eles preferiam renunciar a suas próprias vidas, mesmo diante de muita agonia, **para alcançarem uma melhor ressurreição.** Esta é a marca suprema da fé autêntica: ela está mais preocupada com o que acontece do outro lado do que o que acontece deste lado da morte. A verdadeira fé vai além de toda negação presente e atravessa toda barreira terrena. Sua força não está em provas visíveis e libertações miraculosas, mas é fruto da comunhão com Deus. Portanto, ela transcende a necessidade de auxílio sensorial. Porque a fé em Deus por meio de Cristo está segura do resultado final. Somente a fé fraca não crerá a não ser por meio de sinais e milagres (Jo 4.48).

Muitas vezes acabamos falando: "As coisas estão melhorando, minha fé está crescendo". A verdadeira fé se apóia na integridade de Deus quando as coisas pioram em vez de melhorar. O teste supremo é o momento de agonia quando sabemos que Deus poderia nos libertar se lhe aprouvesse, mas não o faz; quando o chicote atinge as costas desnudas, quando as portas da prisão são trancadas, quando a serra dilacera a carne macia — e Deus permite. A fé em tempos prósperos logo desaparece diante do assalto violento das tempestades que abalam a alma. Se a fé é relevante somente para ser feliz e próspera neste mundo, ela não passa de uma muleta débil e inútil de um mundanismo egoísta. A verdadeira fé cristã, por outro lado, encontra seu maior triunfo, não nos feitos visíveis, mas numa confiança e equilíbrio interior quando não existem circunstâncias encorajadoras. A fé mais brilhante é uma fé que é brilhante quando o certo é derrotado e o errado está no trono, quando a vida parece completamente irracional. Certamente, é isto que se pode dizer destes santos do AT: **dos quais o mundo não era digno**

(38).

18. *O Testemunho da Fé* (11.39,40)

Todos os nobres vitoriosos, **tendo tido testemunho pela fé, não alcançaram a promessa** (39). O NT Amplificado traduz: "Embora herdassem a aprovação divina pela [ajuda da] sua fé, [eles] não receberam o cumprimento da promessa". A mesma afirmação foi feita acerca dos primeiros patriarcas no versículo 13. O motivo para o atraso é então expresso: **provendo Deus alguma coisa melhor a nosso respeito, para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados** (40). Esta **coisa melhor** não pode referir-se ao céu, porque eles vão compartilhá-lo conosco numa base igual.

A coisa melhor pode referir-se somente à provação e privilégio. Nossas vantagens pós-Pentecostes estão no "repouso", "perfeição", "santificação" e acesso ao Santo dos Santos que o autor descreveu. **A** epístola é inequivocamente clara no ensino de que um nível e qualidade da salvação pessoal se tornam possíveis pelos acontecimentos da Sexta-Feira Santa, Páscoa e Pentecostes, que não estavam disponíveis antes. **A** dispensação do Espírito Santo é um avanço real, não somente no método da obtenção da redenção e na revelação da verdade, mas na área do alcance espiritual acessível. Tal profundidade de redenção, obtida no novo concerto, foi predita debaixo do antigo regime, mas agora é desfrutada. Isto foi, evidentemente, o preço da sua fé. Mas, de forma simultânea, com nossas bênçãos espirituais atuais, eles agora nos alcançaram e desfrutam delas no céu. Neste sentido, eles agora são **aperfeiçoados;** a libertação das suas almas está agora consumada. Mas, enquanto a fé deles buscava obter bênçãos além túmulo, nossa fé deve se apossar pelos menos da seriedade dessas bênçãos agora, ainda em vida. Tem sido o alvo de toda epístola estimular estes cristãos hebreus a fazê-lo.

C. A **Perseverança da** Fé, 12.1-29 1. *Recursos em Cristo* (12.1-4)

O autor, tendo provado de maneira tão eloqüente que a necessidade de viver pela fé não é motivo de autopiedade, mas, na verdade, é um caminho trilhado pelos seus heróis ancestrais, agora ressoa com um

retumbante **Portanto** (*toigaroun*). Esta é uma forma duplamente reforçada da partícula *toi,* combinando *toi, gar* e *oun*: "Bem então!" (Ela é usada somente aqui e em 1 Ts 4.8). O autor esteve apontando para os seus pais; agora ele aponta diretamente para eles (mas na primeira pessoa do plural): **nós também, pois, que estamos rodeados de uma tão grande nuvem de testemunhas,** estamos debaixo da obrigação imediata de mudar tanto a nossa atitude quanto a nossa ação. A palavra **também** nos associa com aqueles em 11.39. As **testemunhas** não são meros observadores na tribuna, curiosos para ver como vamos nos sair, mas pessoas que alcançaram êxito, por isso nós também poderemos ter êxito. Eles são uma vasta **nuvem** de incentivadores, um grande "grupo de encorajadores". Afigura é de um grande anfiteatro. Os espectadores são todos amigos, e somos desafiados por eles a ter sucesso na corrida. Nós podemos, se nos dispusermos a fazer algumas coisas básicas. **Deixemos todo embaraço e o pecado que tão de perto nos rodeia.** Esta é uma admoestação negativa e um pré-requisito para alguém qualificar-se para a corrida. Dificuldades desnecessárias que vão nos esgotar e diminuir o nosso ânimo, independentemente de quão inocentes possam ser, devem ser "despidas", da mesma forma que um corredor se livra de roupa supérflua.

Também é imperativo desfazer-se do *ten euperistaton hamartian,* o "pecado que tão facilmente e constantemente envolve". O adjetivo somente é encontrado aqui no NT. A frase da RSV: "pecado que se agarra tão de perto" é apropriada, mas a não inclusão do artigo (seguindo Moffatt) não é justificável, porque na mente do autor havia um pecado específico (NT Ampl.). Transformar o singular em plural ("pecados"), como ocorre nas *Cartas Vivas,* é forçar a interpretação. Não se tem em mente aqui a prática habitual de pecar; é, na verdade, uma tendência de que é difícil se livrar, mas que representará a derrocada final se não o fizerem. Robertson identifica isto como apostasia de Cristo; mas se este é o caso, só podia ser uma apostasia no seu estágio inicial. Uma tendência crônica de descrença, que constantemente os expunha à apostasia, é mais compatível com o capítulo anterior e, na verdade, com toda a epístola. Mas esta tendência é simplesmente uma evidência da mente carnal e uma de

suas manifestações características. Evidentemente, isto pode e deve ser afastado completa e inteiramente. Isto difere de um corredor humano, que espera voltar e colocar sua roupa e reaver suas posses novamente. Este deixar de todo embaraço e pecado significa um despojamento definitivo, porque na corrida cristã não há linha de chegada deste lado do túmulo.

A instrução positiva é: **e corramos, com paciência, a carreira que nos está proposta** (1). A palavra grega é *trechomen,* **corramos.** A primeira parte está no particí-pio aoristo *apothemenoi,* e deveria ser traduzida da seguinte forma: "Tendo deixado [...] corramos". Além disso, em contraste com a determinação e finalidade do "deixar", o correr (tempo presente) deve ser sem cessar — "continuemos correndo". Paciência *(.hypomones*) significa "constância, perseverança". O prêmio não é para aqueles que começam bem, mas para aqueles que terminam bem. Um início de corrida veloz não habilita o cristão a tirar uma soneca logo mais adiante. A **carreira que nos está proposta** ("que está diante de nós", Mueller) engloba a vida toda e é uma disputa para acabar com o pecado, a carne e o diabo. Felizmente, é uma disputa que não somente uma pessoa mas cada participante pode vencer.

Para esta corrida da vida, e para o descartar decisivo do pecado que devemos efetuar agora, se queremos ter alguma chance de vitória no final, há uma graça apropriada ao olhar **para Jesus** (2), nosso Salvador Vivo. Ele é nosso Recurso sempre presente e disponível para dar força e firmeza. Aqui está um outro particípio, também dependen-

te de **corramos;** ele nos relata, portanto, como ser bem-sucedido na corrida. **E,** visto que está no tempo presente, sabemos que esta é uma condição que devemos continuar satisfazendo ao longo do caminho. Quando nossos olhos se desviam de Jesus, nossos pés vacilam e se afastam do curso predeterminado. A palavra é "desviar o olhar" (a mesma que em Fp 2.23) de outras pessoas, de outras coisas, mesmo da "nuvem de testemunhas", e olhar somente para Jesus.

A lógica deste olhar constante é o fato de que Cristo é o **autor e consumador da fé.** Todo este plano e método da fé encontram em

Jesus seu **autor** principal, ou "Comandante de destacamento" (cf. 2.10; traduzido por "Príncipe da vida", At 3.15). Ele não é o **autor [...] da fé** no sentido de tê-la criado e implantado pela operação unilateral do Espírito Santo. Mas pode-se dizer que Ele é o Autor da nossa fé pessoal no sentido de ser seu Objeto, sua Inspiração, seu Fundamento, o que seria impossível sem a total ação redentora do Filho. O sentido de Príncipe (como em 2.10) também deve ser incluído, em levar a imagem de uma raça. Ele é o Príncipe da equipe; olhamos para Ele para receber ordens e liderança.

Ele também é o **consumador** (*teleioten)* da fé. Ele foi aperfeiçoado pelo sofrimento (2.10); o caminho de fé (e, conclusivamente, nossa fé) é aperfeiçoado por este Salvador aperfeiçoado. Em um sentido, Ele aperfeiçoou este caminho no Calvário; em outro sentido, pela Ressurreição; em nós Ele o aperfeiçoou pela correção (v. 5ss) e pela santificação (v. 14ss); em última análise, Ele consumirá a fé por meio da sua segunda vinda e nossa glorificação. Ele aperfeiçoa ao preencher, completar, suprir todas as partes, em cada estágio que o aperfeiçoamento se fizer necessário. Ele aperfeiçoa nossa regeneração, nossa santificação, nossa maturidade cristã e nossa salvação final.

O poder do seu exemplo e sua suficiência como fonte da graça são agora expostos mais especificamente: **o qual, pelo gozo que lhe estava proposto, suportou a cruz, desprezando a afronta.** O opróbrio da cruz, sua vergonha e estigma social, estavam se tornando um embaraço para estes cristãos; seu Messias havia morrido em uma odiada cruz romana como criminoso comum. Mas Aquele que sofreu a maior vergonha — o próprio Jesus — desprezou-a por completo. Ser esmagado pela sombra social da cruz era perder a verdadeira perspectiva. Ele foi capaz de suportar e desprezá-la por causa do resultado certo — a alegria que seguiria os sofrimentos. A confiança no amanhã é o sustento para hoje. Esta é a atitude que estes hebreus deveriam ter. Eles deveriam estar muito mais envergonhados da sua fuga da cruz do que do fato de Jesus ter carregado a cruz. Visto que agora Ele é Senhor, assentado **à destra do trono de Deus,** há um futuro absolutamente seguro, se crerem — mas um julgamento igualmente seguro se eles se tornarem desertores.

Ele então os estimula a ficar firmes, dizendo: **Considerai, pois, aquele que suportou tais contradições dos pecadores contra si mesmo** (3) — i.e., "tal oposição e hostilidade amarga" (NT Ampl.) — **para que não enfraqueçais, desfalecendo em vossos ânimos** (almas). As provações e perseguições deles não podiam ser comparados com as dele. **Ainda não resististes até ao sangue, combatendo contra o pecado**

(4). Isto deveria tê-los deixado muito assustados. Evidentemente, estes cristãos hebreus tinham passado pelas perseguições com pouca perda. Eles podem ter perdido posses (10.34), mas não tinham perdido sangue, como ocorrera com Jesus, e com alguns daqueles citados no capítulo 11.

2. *Estímulo na Correção* (12.5-11)

O autor agora se volta às Escrituras, para desenvolver uma filosofia de sofrimento cristão. A sua tese básica é que os sofrimentos deles deveriam ser interpretados como correção e como evidência de filiação e favor divino — portanto, não uma ocasião para desânimo, mas para encorajamento.

a) *A premissa bíblica* (12.5-8). Debaixo da pressão das circunstâncias adversas é fácil esquecer os textos relevantes da Palavra de Deus, que servem para nos confortar e firmar em tempos de necessidade (SI 119.49-52, 105-107). E **já vos esquecestes da exortação que argumenta convosco como filhos,** ele repreende. A admoestação seguinte é de Provérbios 3.11,12 (LXX; cf. Ap 3.19): **Filho meu, não desprezes a correção do Senhor e não desmaies quando, por ele, fores repreendido** (5). Em geral, **correção** (*paideias*) refere-se à disciplina, treinamento e instrução (pediatria e pedagogia são termos modernos baseados no termo grego *pais);* neste contexto, o lado desagradável da disciplina está na mente do autor. No versículo 6, o castigo é especificado, significando castigo corporal — ou seja, o uso da vara. Nosso Pai celestial sabe dos benefícios do conselho que deu aos pais humanos na Palavra (Pv 13.24). A pedagogia moderna, que eliminou a vara, não produziu crianças melhores. Alguém disse: "Se a psicologia da permissividade estivesse certa, seríamos uma

nação de santos". Desprezar isto significa "negligenciar, considerar levianamente, dar pouca importância". Se tivermos uma atitude errada em relação à disciplina, perderemos o seu benefício.

Esta correção não é uma expressão do desprazer de Deus, mas do seu favor. **Porque o Senhor corrige o que ama** (6). Se você está experimentando a correção de Deus, deveria sentir-se confortado pelo fato de que Deus está simplesmente nos tratando **como filhos** (7). Que privilégio elevado ser tratado por Deus como seus filhos! Antes ser corrigido por Deus do que ser mimado pelo diabo! A pergunta retórica: **porque que filho há a quem o pai não corrija?** Subentende-se aqui que já que isto é esperado dos pais humanos como um padrão normal de educação, não deveriamos estar surpresos quando Deus, como Pai, age de acordo com o seu papel característico. Também subentende-se que todos os filhos humanos são imperfeitos, tanto assim que uma ausência de correção pode sugerir uma falta do interesse verdadeiramente paternal ou de laços paternais: **Mas, se estais sem disciplina, da qual todos são feitos participantes, sois, então, bastardos e não filhos.** Prosperidade demais e lisonja podem ser um mau sinal. Isto deveria ser lembrado quando os charlatães modernos pregam uma religião de "saúde, riqueza e prosperidade". Deus está interessado em salvar almas e desenvolver um caráter forte, não em cuidar para que "todos tenham um tempo agradável". O que podemos concluir até aqui?

(1) Que os reveses e adversidades da vida são enviados ou permitidos por Deus como um valor disciplinar.

(2) Todos nós precisamos desta disciplina; portanto, ela deveria ser aceita com humildade e gratidão, em vez de com ressentimento e inquietação.

(3) Que não estamos sozinhos nessas experiências, porque elas são

universais para os filhos de Deus e deveriam ser esperadas.

(4) Que elas são a evidência mais segura possível, não do desinteresse de Deus, mas do seu profundo interesse e preocupação

por nós como indivíduos — membros da família real.

b) *O exemplo dos pais* **(12.9,10).** Além disso, o autor pergunta, visto que temos este tipo de correção de nossos pais humanos e **os reverenciamos; não nos sujeitaremos muito mais ao Pai dos espíritos, para vivermos? (9) O** dever dos pais no treinamento cuidadoso e firme dos filhos era universalmente reconhecido entre os judeus. O desrespeito e a rebelião eram quase desconhecidos. Certamente, eles não deveríam ter dificuldades em ver uma adequação lógica ainda maior em aceitar a mesma coisa de Deus, o **Pai dos espíritos,** de quem nossa vida eterna é derivada. Homens são pais biológicos; Deus é nosso Pai espiritual (Jo **1.12).** Esse relacionamento familiar é espiritual, embora tão real quanto o relacionamento físico com um pai humano. Esta frase não necessariamente infere apoio bíblico ao "criacionismo" como uma teoria para a origem das almas individuais. Ela é simplesmente uma afirmação de que o nosso relacionamento com Deus é mais essencial para o homem interior e mais eterno em natureza do que o nosso relacionamento com nossos pais humanos.

Há ainda uma outra razão para conceder a Deus um respeito ainda maior: Nossos pais humanos eram faltosos na administração da disciplina, mas tal coisa nunca pode ser atribuída a Deus. **Porque aqueles, na verdade, por um pouco de tempo, nos corrigiam como bem lhes parecia** (10); ou "segundo lhes parecia melhor".[16] O versículo não infere que eles castigavam apenas para sentirem-se melhor, mas de acordo com o que julgavam ser certo na época; e, muitas vezes seus métodos não eram os mais conducentes com o fim desejado. Tal falha não pode ser atribuída a Deus: **mas este, para nosso proveito** *(epístola to sumpherom*); a frase deveria provavelmente ser traduzida da seguinte forma: "de acordo com o que é apropriado".

A finalidade exata é expressa: **para sermos participantes da sua santidade** (lit., "para a participação da sua santidade"). Este é o alvo e desejo supremo de Deus para o homem e é o objetivo de todos os seus atos redentores. Podemos não compartilhar dos atributos

naturais de Deus que pertencem somente à divindade — como onisciência, onipotência etc. Mas podemos ser semelhantes a Ele na santidade, visto que esta é uma qualidade moral possível (por meio da graça) para todos os agentes morais pessoais. E esta é a única base suficiente de comunhão (1 Pe 1.14-16).

c) *O "fruto pacifico"* (12.11). A santidade é o alvo, e a correção parece um dos métodos de Deus. Mas o alvo do método não é sempre óbvio; nem a eficiência do método é sempre imediatamente evidente. **E, na verdade, toda correção, ao presente, não parece ser de gozo, senão de tristeza.** Quando estão no meio da agonia do sofrimento, os cristãos têm dificuldades em ver alguma coisa em que se alegrar. Eles podem ser incapazes de perceber qualquer lógica em tudo que está acontecendo, e somente uma fé firme pode dar graças em tudo (Rm 5.1-5; Fp 4.4-6; 1 Ts 5.18; Tg 1.2-4; 1 Pe 1.5-7). Mas, embora o completo significado do nosso sofrimento nunca venha a ser revelado nesta vida, o benefício espiritual no nosso interior se tornará gradualmente aparente: **depois, produz um fruto pacífico de justiça** — não para os não participantes ou teóricos acadêmicos, mas para aqueles que são **exercitados por ela.** Somente aqueles que compartilham do sofrimento também compartilharão das bênçãos pessoais. O tempo perfeito de **exercitados** indica ação completa: a provação é coisa do passado; a lição acabou. Deus nos leva para *dentro,* mas também está conosco *durante* a correção — embora alguns túneis sejam mais longos do que outros. Diferentemente de **exercitados,** o termo **produz** está no tempo presente, sugerindo um amadurecer contínuo de benefícios. A palavra significa devolver, restituir. Ela é, portanto, o retorno de um investimento ou a colheita da semente semeada. **Justiça** ("santidade", v. 10) é o próprio **fruto pacífico** (mesma palavra, Tg 3.17). O **fruto** da **correção,** que é **justiça,** é **pacífico** no sentido de que concede paz e pertence à paz (Rm 14.17).

Admitindo que **justiça** e "santidade" são sinônimos nestes versículos, podemos concluir que a *participação* (v. 10; infinitivo aoristo — pontual, indicando a posse definitiva) de santidade é obtida por meio da correção.[17] Há aqui uma inferência significativa, mas também uma

ou duas perguntas. A inferência é que esta santidade é um estado subjetivo de caráter, não meramente uma imputação. Uma justiça (ou santidade) atribuída pertence à justificação e é aferida somente com base no Sangue expiatório e na fé apropriada. Ela absolutamente não depende da influência purificadora dos sofrimentos.

As perguntas são: 1) Até que ponto devemos compartilhar da santidade de Deus? Obviamente, somente em um sentido progressivo, à medida que a "buscamos" (v. 14) e caminhamos na luz. Mas a santidade completa deve ser almejada pelo menos no sentido da exclusão de pecado (v. 1). 2) Porventura a correção é o único meio de produzir santidade em nós? De forma alguma. Há um grau de santidade que ocorre na regeneração; subseqüentemente, há um outro grau, concedido pelo Espírito, no cumprimento do novo concerto (10.10-17). Nenhum sofrimento prolongado irá produzi-lo. Esta é, na realidade, a comunhão de santidade — essa vida "próxima do coração de Deus" no Santo dos Santos — no qual podemos entrar pela fé (10.19-25). Essa santidade, que é o alvo da correção, está particularmente relacionada à maturidade em vez da pureza.[18] 3) Finalmente: de que maneira o sofrimento pode nos tornar mais santos? Ele não pode fazê-lo de maneira direta. Ele só o faz de maneira indireta, à medida que permitirmos que a graça de Deus santifique o sofrimento e o usa para aprofundar nossa compreensão, aumentar nossa compaixão, fortalecer nossa fé, estabilizar nosso propósito, espiritualizar nossas perspectivas, suavizar e amadurecer nossas atitudes e, assim, nos tornar mais parecidos com Cristo em caráter e personalidade. Os benefícios da correção não são automáticos. Eles podem nunca ocorrer — certamente não ocorrerão se nos rebelarmos e apostatarmos. Devemos "confiar e obedecer"; devemos submeter-nos à mão moldadora do Oleiro se queremos nos beneficiar da correção.

3. *Diligência na Santidade* (12.12-17)

O autor explicou que a correção é motivo de exultação, não de tristeza. Agora ele exorta os cristãos a agirem de acordo.

a) *Santidade na vida* (12.12,13). **Portanto, tornai a levantar as**

mãos cansadas

e os joelhos desconjuntados (12). Saia da postura (tanto literal quanto figuradamente) de desânimo. Levante as mãos em louvor, estenda-as aos necessitados e coloque-as debaixo dos fardos da vida. Há trabalho para realizar. Não permita mais que os joelhos tremam de medo e levante-se como homem (Ef **6.10-13). E fazei veredas direitas para os vossos pés** ("direitas, *orthas,* rastro de rodas" — Robertson) **para que o que man-queja se não desvie inteiramente (13;** cf. Pv. **4.26,** LXX; Is **35.3).** Não está totalmente claro se o que **manqueja** *(to cholon)* se refere à fraqueza pessoal do pé espiritual do crente que está em perigo de se desviar (*ektrape*) (como é interpretado por algumas versões) ou se é um cristão fraco, como membro do corpo de Cristo, que está correndo risco de se desviar completamente em virtude dos caminhos tortuosos dos crentes mais antigos. Alguns interpretam a passagem como se referindo a indivíduos: "Não permitam que almas mancas sejam perturbadas, em vez disso, endireitem-nas" (Moffatt); "Um quadro ilustrativo de preocupação pelo fraco" (Robertson). Por outro lado, o gênero neutro singular sugere o impessoal **o que;** *ektrape,* **desvie,** é interpretado por alguns como (neste caso) um termo médico significando: "para que o que é manco não seja deslocado".[19]

Independentemente do caso, é melhor não perder de vista a natureza altamente metafórica deste versículo, como que se referindo, não a pessoas, mas a aspectos da vida cristã. Como as mãos são uma metáfora de serviço, e joelhos são uma figura de atitude (quer corajosa ou ansiosa), assim os pés são uma figura do caminhar cristão diário. Se este caminhar é cambaleante e tortuoso, nossa fraqueza se tomará pior e nossa influência sobre os outros será prejudicada. Deus deseja a cura; mas nem as nossas próprias almas nem a nossa influência serão curadas a não ser que estejamos dispostos a corrigir o que está errado em nossas vidas. O arrependimento é o pré-requisito para a cura da alma.

b) *Santidade no coração* (12.14). O versículo 14 amplia o pensamento e explica-o de maneira mais ampla; não há quebra no modo ou na

ênfase. **Segui a paz com todos** (cf. SI 34.14). O imperativo **segui** (*diokete*) significa neste caso correr rapidamente para alcançar o alvo. A referência não é primeiramente a um caminho ou uma vereda a ser seguida, mas a uma certa intensidade de energia em fazer o que precisa ser feito naquele momento. A mesma palavra é traduzida por "prossigo" em Filipenses 3.12,14, em que se visa um alvo final (o "prêmio" no final da corrida). Aqui em Hebreus visa-se um alvo imediato.

O primeiro alvo imediato é **paz com todos.** Se nosso alvo é levantar mãos cansadas, joelhos desconjuntados e endireitar nossa maneira de viver, devemos começar com os relacionamento pessoais desordenados. Esta certamente não é uma admoestação geral para seguir uma política de apaziguamento com o mau ou fraternização com o ímpio, mas em buscar imediatamente um estado de reconciliação onde relações pacíficas foram rompidas de maneira pecaminosa, e manter este estado de paz interpessoal que faz parte da justiça.

E **a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor,** indica que a paz que é

buscada deve ser compatível com a santidade. Certamente, uma acomodação com o mal não satisfaz esta exigência. O grego deixa claro que a cláusula **sem a qual** está associada à **santidade,** não à **paz.** Na medida em que estar em paz com os homens faz parte de tornar-se santo, a paz pode ser incluída. Mas nossos esforços honestos em procurar a paz podem ser frustrados pela obstinação da outra pessoa; portanto, o sucesso nesse esforço não é uma necessidade absoluta para ver a Deus, mas o sucesso em obter santidade.

E impossível limitar a visão de Deus que está em jogo aqui a uma compreensão espiritual momentânea, embora isto esteja incluído. **A** palavra **verá** (*opsetai*, tempo futuro de "ver com os olhos") metaforicamente se refere, neste caso, a fazer parte da comunhão íntima e abençoada com Deus em seu reino futuro (cf. Thayer, Mt 5.8). Moffatt diz que sem ela "ninguém jamais verá o Senhor". Não vamos nos enganar: nossa salvação final depende da santidade. Portanto,

está perfeitamente claro que este deve ser um tipo de santidade que é possível agora, visto que a morte pode bater na nossa porta na hora seguinte. A busca da santidade não é um esforço vitalício nunca plenamente alcançável. Isto poderia ser o caso se o grego tivesse tornado o "ver" dependente do "seguir"; mas o ver depende da santidade. A implicação é que o tipo certo de esforço levará à indispensável santidade; uma falta de santidade persistente provará que a ordem de "seguir" não foi obedecida como deveria.

Como podemos descrever esta **santidade** *(ton hagiasmon*)? Ela difere de *hagiotetos,* "santidade" (de Deus) no versículo 10, a qual compartilhamos por meio da correção. Este é o genitivo singular de *hagiotes,* que é um substantivo de qualidade, significando que a qualidade de santidade é inerente à natureza de Deus.[20] No versículo 14, no entanto, a palavra vem de *hagiasmos,* um substantivo de ação, significando o estado resultante de uma ação, um "ser feito santo" ou um "tornar-se santo" (Arndt e Gingrich), e é uma palavra peculiar na literatura bíblica e cristã. Somente o cristianismo tem o conceito de tornar-se santo neste sentido. No NT, a palavra é usada de forma coerente em referência a um estado de graça disponível aos crentes.[21] Em cinco casos, ela é traduzida por "santidade", e cinco vezes por "santificação". A forma do substantivo é usada somente aqui em Hebreus, mas diferentes formas do verbo *hagiazo,* "santificar", aparecem sete vezes (2.11, duas vezes; 9.13; 10.10,14, 29; 13.12). Deus *é* santo, mas o homem caído precisa *tornar-se* santo. A santidade é original de Deus e pode ser concedida por Deus. O homem obtém a santidade de Deus e depende da sua graça.

(1) E uma obra definitiva da graça, como um estudo destes tempos verbais vai indicar.

(2) É um estado compreensível, pessoal e subjetivo (em vez de simplesmente um estado imputado) ou a ordem de segui-la não teria sentido. No capítulo 10, a santidade é apresentada em relação à obra sumo sacerdotal de Cristo e em relação ao novo concerto; no capítulo 12, ela é apresentada do lado da responsabilidade humana quanto à sua obtenção.

(3) É o fruto da entrega definitiva na vida do crente (Rm 6.19, 22).

(4) É a vontade imutável de Deus (1 Ts 4.3).

(5) E a obra da graça de Deus por meio da qual os crentes são capacitados a manter a pureza moral (1 Ts 4.4, 7).

(6) Sua fonte é Jesus Cristo e seu sangue (13.12; 1 Co 1.30).

(7) Sua realização é o ministério principal do Espírito Santo (1 Ts 4.18; 2 Ts 2.13; 1 Pe 1.2).

(8) Se esta santidade está relacionada ao Santo dos Santos e seu antítipo, então o exercício da fé está incluído na sua busca (10.22).

(9) Esta santidade inicia na regeneração, visto que *a)* o arrependimento acompanha o princípio e a prática do viver santo; *b)* um acompanhamento da regeneração é a purificação e santificação inicial da depravação adquirida; c) a vida espiritual recebida na regeneração é, em si, santa; *d)* o crente é santificado e consagrado devido ao seu relacionamento com Deus como Pai e Cristo como Salvador: por esta razão pode-se dizer que ele é santo de forma ética, inicial e posicionai.

(10) Mas a santidade do crente não pode ser completa, i.e., perfeita, até que tudo aquilo que não é santo seja excluído. A ordem do versículo 14 é buscar uma santidade completa. Mas esta busca envolve: *a)* desfazer-se imediatamente do excesso de peso e do pecado envolvente, 12.1; *b*) fé perfeita em Jesus como o único Consumador e Autor da "fé" (12.2); c) submissão à vontade de Deus, incluindo a correção (12.5-11; Rm 6.13; 12.1-2); *d)* correção das nossas atitudes, relacionamentos e maneira de viver, naquilo que estiver ao nosso alcance (12.12-14a; 2 Co 6.17—7.1).

c) *Santidade na Igreja* (12.15-17). A ordem de *seguir* é o verbo principal dos versículos 14-16 e gramaticalmente rege o todo. **Tendo cuidado** é um particípio presente ativo, em que a ação de *ter cuidado* coincide com a ação de *seguir*. Isso também está no tempo presente;

i.e., o buscar da santidade, sua obtenção, sua manutenção e sua vivência é uma obrigação contínua do crente, tanto como indivíduo quanto como igreja. Enquanto buscamos nossa própria santidade, também devemos estar constantemente preocupados com a guerra espiritual dos que estão ao nosso redor em nossa comunhão. **Tendo cuidado** (*episkopountes*) é a tarefa principal dos presbíteros (1 Pe 5.2, mesma palavra usada), mas num sentido menor em relação a toda a igreja. A palavra presbítero é derivada de *episkope* ("episcopal"), relacionada a "inspeção, investigação, visitação". Temos a responsabilidade uns pelos outros. O amor cristão não exige um policiar excessivo, mas também não inclui uma confiança presunçosa que nunca diz: "Como está a sua alma?".

Por outro lado, o particípio **tendo cuidado** governa três cláusulas subjuntivas subordinadas,[22] cada uma começando com **de que.** Cada perigo advertido representa um avanço na degeneração e apostasia, sendo que o segundo e o terceiro são decorrências do primeiro.

(1) Devemos ter cuidado, primeiro, **de que ninguém se prive da graça de Deus**

(15). Este é o perigo fundamental e a falha fundamental. As vezes, esta falha (ou privação) é interpretada como sendo o cair da graça de Deus. Neste caso a advertência seria contra a apostasia. Mas aqui a palavra *hysteron* vem de *hystereo,* "estar atrás" (4.1 — "ficar para trás"). Thayer diz o seguinte acerca deste versículo: "fracassar em tornar-se participante" da santidade, que é o *sine qua non* para ir ao céu. O perigo destacado aqui não está numa rebelião aberta, mas numa obediência parcial. No versículo 14, a ordem é esforçar-se. Pessoas bem intencionadas podem não atingir o objetivo da santidade por não se esforçarem. Samuel Brengle disse: "A santidade não tem rodas"; ela não virá a nós. Devemos devotar-nos à sua obtenção com um desejo sincero e uma determinação resoluta. Cristãos preguiçosos que podem ser facilmente rejeitados serão rejeitados.

(2) O perigo que desponta nessa falha básica é expressa nas palavras de Deuteronômio 29.18 da LXX: **de que nenhuma raiz de amargura, brotando, vos perturbe.** A **amargura** é mais do que

alguma coisa desagradável; ela é venenosa. A **raiz** é a pessoa que não alcança a santidade e que ameaça a saúde da igreja. Mas também é a **raiz de amargura** dentro dela, que é a natureza carnal. Ninguém pode ser uma **raiz** de **amargura** nos relacionamentos da sua igreja, a não ser que tenha uma **raiz de amargura** em seu coração. E este espírito de egoísmo, maldade e mau humor, muitas vezes escondido por trás de uma fachada de amabilidade, que constitui a disposição carnal do crente. O objetivo específico na ordem urgente de seguir a santidade é a remoção deste espírito. Cada crente que fracassa em se esforçar para alcançar a santidade é uma ameaça ao bem-estar da igreja: **e por ela muitos se contaminem.** Um cristão carnal pode espalhar veneno e causar uma devastação em todo o corpo. A palavra **brotando** no grego retrata um "processo rápido" (Robertson). Mueller traduz "crescendo muito". Sempre há o perigo de uma erupção da parte dos crentes insatisfeitos, causando uma interrupção de comunhão e culto.

(3) Mas a carnalidade tolerada, em vez de erradicada, sempre cresce, em uma direção ou outra. **E ninguém seja fomicador ou profano, como Esaú, que, por um manjar, vendeu o seu direito de primogenitura** (16). O cristão amargo é tipificado pelo "irmão mais velho" da parábola do filho pródigo. Esaú, por outro lado, tipifica manifestações grosseiras de carnalidade. O cristão que não é santificado pode degenerar do tipo irmão mais velho para o tipo Esaú — o que ocorre com freqüência. Ou ele pode permanecer na igreja como um membro respeitado, cuspindo veneno por um espírito mau. Seus pecados não serão tanto da carne quanto do espírito (Tg 3.8-18; 3 Jo 9). E possível que o cristão que fracassa em esforçar-se para viver em santidade nunca passe do estágio da amargura, mas gradualmente é enredado pela venda trágica do direito da primogenitura de Esaú.

Quando alguém negligencia a santidade, acaba desprezando e, finalmente, vendendo-a por uma autogratificação. Uma forma de autogratificação é indicada por **fornicador,** mais precisamente, um "prostituto"; mas, neste caso, inclui todo aquele que é promíscuo e auto-indulgente na atividade sexual. O autor pode ter usado

fornicador num sentido figurado de idolatria, tão comum no AT. Em todo o caso, o colapso completo de Esaú na crise foi o resultado da auto-indulgência habitual antes da crise. A outra forma de autogratificação é o *secularismo.* O pecado de Esaú não foi profanação (necessariamente) como usamos este termo hoje em dia, mas o pecado de tratar de coisas sagradas como se fossem comuns. **Profano** (*bebelos*) vem de *belos,* "soleira de porta", aquilo em que pisamos quando entramos e saímos, meramente um instrumento de conveniência. Quando pessoas querem usar Deus em vez de serem usadas por Deus, quando transformam a igreja em uma ferramenta para proveito pessoal, elas estão se aproximando perigosamente da posição de Esaú. O pecado completo é alcançado quando elas finalmente trocam valores espirituais por valores materiais, quando a igreja e a espiritualidade vital são sacrificadas para satisfazer sua cobiça por mais coisas e por mais prazer. O adepto do secularismo e o materialista são gêmeos. Ambos colocam valores materiais e carnais acima de valores espirituais e eternos.

Nos versículos 15-16, encontramos a seguinte situação: "Santidade, a Salvaguarda". Somente por meio da santidade a igreja será protegida: 1) Da quebra da comunhão (v. 15). 2) Da corrupção da moralidade (v. 16a). 3) Da destruição da religião (v. 16b). A semente de tudo isso — amargura, fornicação, mentalidade carnal — está em todo coração não santificado. Portanto, uma ênfase constante de santidade não é apenas justificada, mas exigida pelo simples fato de sermos humanos.

Em relação à destruição da religião, o termo "destruir" é definido como "reduzir, anular ou eliminar os poderes e funções de algo, tornando a restauração impossível" *{The New Century Dictionary).* Que grande verdade em relação a Esaú! **Porque bem sabeis que, querendo ele ainda depois herdar a bênção, foi rejeitado, porque não achou lugar de arrependimento, ainda que, com lágrimas, o buscou (17).** Esaú pode ter alcançado arrependimento para a salvação eterna, mas não readquiriu seu direito de primogenitura.[23] Alguns procedimentos são irreversíveis. Há um ponto em que não é mais possível retornar. Isto também vale para as coisas espirituais. Nesse caso, as lágrimas são impotentes para

realizar mudanças. O bocado de carne logo desaparecerá, mas as conseqüências da escolha jamais. Para o crente, a morte é a linha divisória final, o selar do procedimento irrevogável. Persistir em vender santidade, que é o nosso direito de primogenitura, pelo prato de lentilhas que este mundo oferece vai finalmente selar nossa condenação. Há esperança para o relapso, mas não há esperança para o apóstata absoluto, e não haverá uma "segunda chance" após a morte.

1

Devoção ou Desastre (10.26-31)

As exortações sérias de "chegar-se", de "reter firme" e de "estimular" um ao outro no amor, e de fazê-lo com um fervor acelerado à medida que vemos "se aproximando aquele Dia", se não obedecidas, terão conseqüências horripilantes. **Porque, se pecarmos voluntariamente** (deliberadamente), **depois de termos recebido o conhecimento da verdade, já não resta mais sacrifício pelos pecados** (26). Deus não tem outro meio de expiação de reserva, para o benefício daqueles que escolheram rejeitar a Cristo. Os sacrifícios levíticos são obsoletos e já não são mais aceitáveis. O sacrifício de Cristo não será repetido, e não há um terceiro caminho para o céu. E todas as religiões estão descartadas, como ocorre com toda forma de dádivas humanistas culturais ou rituais. Nenhum

4. *Um Ultimato Terrível* **(12.18-29)**

A palavra enfática é *gar,* **porque.** Esta é a explicação para o tom da urgência e o pronunciamento da finalidade na seção anterior. Pense com o que e com quem você está lidando e a racionalidade do pedido se tornará evidente! Há uma mudança de exortação para uma advertência solene. O argumento está novamente na forma de contraste; primeiro negativo, depois positivo — **não chegaste (18-21), chegaste (22-29).**

a) *Não o monte Sinai* **(12.18-21).** Desta vez a confrontação não é com o Legislador do Sinai — tão assustador quanto possa ter sido, acompanhado do **sonido da trombeta,** e da **voz das palavras (19),** com as horrendas ameaças, a ponto de Moisés exclamar: **Estou todo assombrado e tremendo (21).** Este era o **monte palpável (18),** simbolizando uma teocracia terrena e visível, dada como um pedagogo ou mestre para preparar a nação para Cristo. Era uma ordem temporária e preparatória. Mas, independentemente disso, embora fosse temporário, justificava o apedrejamento até a morte. Toda narrativa histórica você encontra em Êxodo **19.1-25.**

b) *Mas o monte Sião* **(12.22-29).** Mas **chegaste** para esta ordem permanente do reino de Deus entre os homens do qual o monte Sinai era um aviso prévio. Lá a lei foi dada; aqui ela é cumprida perfeitamente. Lá Deus era o Legislador; aqui Ele é o Administrador da Lei, por meio de uma soberania absoluta desimpedida. Toda vontade recalcitrante será removida. Sem santidade não nos encaixaríamos neste regime de controle absoluto; esta é a implicação. Nesta ordem celestial toda maldade é instantaneamente repelida.

A imagem é majestosa, mas reflete a realidade. Todas as verdades cuidadosamente desenvolvidas na epístola são aqui reunidas em um grande crescendo sinfônico. O lugar é a **cidade do Deus vivo,** a **Jerusalém celestial (22).** A orquestra é formada de **muitos milhares de anjos,** e o coral, cantando o hino do Cordeiro, é formado pela **universal assembléia e igreja dos primogênitos,**

incluindo os **espíritos dos justos aperfeiçoados (23;** homens santos glorificados no céu). No trono está **Deus, o Juiz de todos,** e ao seu lado está **Jesus, o Mediador de uma nova aliança.** Os redimidos também tiveram acesso **ao sangue da aspersão, que fala melhor do que o de Abel (24).** Realmente melhor! **O sangue** de Abel aqui não se refere ao seu próprio (derramado por Caim), mas ao sangue que ele ofereceu, por meio do qual "alcançou testemunho de que era justo" e por meio do qual "depois de morto, ainda fala" **(11.4).** Seu sangue, portanto, falou de justificação pela fé, mas o sangue de Cristo fala não somente de justificação mas de santificação.

Portanto, **Vede que não rejeiteis ao que fala (25).** Não rejeite as "coisas melhores" das quais Ele fala, porque ao rejeitá-las, você estará rejeitando a Ele. Perceba a ordem categórica. O autor deixa de lado o seu falar mais brando e fala agora de forma categórica e direta. Está mais do que na hora de pararem com sua insensatez perigosa, **porque, se não escaparam aqueles que rejeitaram o que na terra os advertia, muito menos nós, se nos desviarmos daquele** (e da sua oferta de santidade) **que é dos céus.** Quando Ele falou no Sinai a terra foi abalada, mas em Ageu **2.6** Ele promete: **Ainda uma vez comoverei, não só a terra, senão também o céu (26).** Haverá um peneiramento, classificação e rearranjo de todo o universo. Tanto o domínio material quanto o espiritual serão avaliados para destruição ou reforma. **Ainda uma vez** (final da história), **mostra a mudança das coisas móveis** (i.e., as coisas "abaláveis" da criação), **como coisas feitas** (fabricadas para a ordem deste mundo), **para que as imóveis permaneçam (27).** Deus, Cristo, a Igreja, a santidade, o amor — estas coisas são inabaláveis. Elas permanecerão eternamente, e aquele que se apropriou delas pela graça e que as incorporou (não de maneira panteísta, mas espiritualmente), também permanecerá.

Nesta época, às vezes chamada de "pós-cristã", quando os valores antigos são desafiados e instituições respeitáveis estão se desintegrando, é imperativo que o cristão lembre que, quando as nações se enfurecem e buscam destronizar o próprio Deus, "Aquele que habita nos céus se rirá" (SI 2.4). Nada é mais irônico, e ao mesmo

tempo trágico, do que a provocação insignificante do homem, cujo orgulho estúpido é motivo de escárnio devido a sua fragilidade. Um manuscrito incompleto foi encontrado depois da morte do autor Albert Payson Terhune. Este manuscrito terminava com uma palavra profética: "Deus escreverá a sentença final". E esta sentença final não será o epitáfio da Igreja, mas a confirmação do pronunciamento do nosso Senhor de que "as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mt 16.18).

Pelo que, tendo recebido um Reino que não pode ser abalado, retenhamos a graça (lit., continuemos retendo a graça) — tudo que Deus disponibiliza para nós **(4.16) — pela qual** (assim) **sirvamos a Deus agradavelmente com reverência e piedade (28).** Não pode haver um culto aceitável se deixarmos de apropriar-nos da graça justificadora, santificadora e mantenedora que é nossa por meio do sangue de Jesus. **Porque o nosso Deus é um fogo consumidor (29;** cf. **10.31;** Dt **4.24).** Ou Ele consumirá o pecado em nós ou nos consumirá em nosso pecado.

D. O **Caminho da** Fé, 13.1-19

O caminho de fé da religião cristã certamente inclui perseverança na santidade por parte do crente. As conseqüências em falhar quanto a essa perseverança são derradeiras e definitivas. A epístola tem pronunciado solenemente a advertência máxima. O último capítulo agora é uma espécie de desenredo. Ele não contém novas advertências, mas reúne diversos elementos de admoestação final, tanto práticos quanto doutrinários. Uma leitura casual pode dar a impressão que se trata somente de um agrupamento de diversas idéias com um pouco de coerência. Mas um estudo mais detalhado mostrará uma ênfase ética dividida por um interlúdio doutrinário pertinente (w.8-15) e, em seguida, uma conclusão que contém não somente algumas observações pessoais, mas uma oração abençoadora culminante e apropriada.

1. *Um Caminho de Santidade Prática* (13.1-7)

a) Amor em relação aos irmãos (13.1). A sentença que retrata o tópico

deste parágrafo é a admoestação inicial: **Permaneça a caridade fraternal.** Este termo **caridade fraternal** (*philadelphia*; "amor fraternal", ARA) foi escolhido por William Penn para expressar o princípio fundamental da sua colônia e tornou-se o nome da quarta maior cidade dos Estados Unidos. Esta é uma expressão social de *ágape* — a comunhão genuína e a camaradagem alegre que é coerente com o amor *ágape* que Deus colocou no seu coração (Rm 12.10; 1 Ts 4.9; 1 Pe 1.22; 2 Pe 1.7). Este amor precisa "permanecer" (*meneto*, continuar) a todo custo. Independentemente de perdas ou ganhos, este tipo de amor precisa fazer parte da vida deles.

b) *Bondade para com o estrangeiro* (13.2). A mesma palavra *philia,* "amor", que no versículo 1 está associada com "irmãos", está aqui associada com *zenos,* "estrangeiro". Não permitam que o calor da sua afeição e hospitalidade seja uma coisa exclusiva, limitada ao seu círculo imediato de amigos crentes; portanto, **não vos esqueçais da hospitalidade** (6.10), **porque, por ela, alguns, não o sabendo, hospedaram anjos** (Gn 18—19). Isto não significa que devemos tratar cada maltrapilho que passa como um convidado de honra, mas significa que há recompensas inesperadas e escondidas em um espírito de hospitalidade generoso, que vale para os de fora bem como para os de dentro. Nossa bondade pode não descobrir anjos, mas pode contribuir para a formação de santos.

c) *Compaixão pelos que sofrem* (13.3). Também devemos lembrar **dos presos,** como se estivéssemos presos com eles. Não pode haver verdadeira empatia se nos restringirmos a lágrimas de crocodilo em casa. Devemos entrar no sofrimento dos outros por meio da oração, da escrita, da visitação, às vezes por meio de ajuda jurídica ou financeira. Muitos estão **presos** pela doença em hospitais ou inválidos em casa. Estes também precisam ser lembrados. Devemos ser atenciosos com todos que sofrem adversidades, de qualquer tipo, como se nós mesmos estivéssemos sendo maltratados **no corpo.** Se no momento não estamos passando por tribulações semelhantes isto não deve ser motivo de presunção e, certamente, nenhuma evidência de favoritismo divino; nem é uma garantia para o futuro. Estar **no corpo** é ser igualmente exposto a todos os riscos que pertencem à

vida na terra. Os cristãos muitas vezes são protegidos sobrenaturalmente, mas nem sempre. Eles não estão imunes a doenças ou isentos de sofrimento. Por que Deus permitiu que Tiago fosse morto por Herodes, mas poupou Pedro de maneira miraculosa? Por que Ele permite todas as outras injustiças aparentes? Isto é um mistério que está escondido em sua soberania inescrutável e perfeita.

d) *Cuidado em relação a padrões morais* (13.4). O grego não traz um verbo aqui; assim o texto deveria ser literalmente entendido da seguinte maneira: "matrimônio honrado entre todos". A segunda frase (também sem um verbo) podia ser um paralelismo qualificador: **e o leito sem mácula.** O único matrimônio honrado é o matrimônio que não é manchado pela infidelidade. Em vez de **porém,** deveria ser: *pois* **aos que se dão à prostituição** (fornicadores não casados) **e aos adúlteros** (fornicadores casados) **Deus os julgará,** tanto nesta vida como na próxima. O prazer proibido acabará custando caro no final. Não podemos agradar a Deus sem observarmos o padrão cristão de pureza sexual e fidelidade matrimonial de maneira rigorosa e completa.

e) *Independência em relação ao dinheiro* (13.5,6). **Sejam vossos costumes** (lit., maneira de vida) **sem avareza.** A palavra *aphilargyros* não é o termo comum para **avareza** e literalmente significa "sem amor ao dinheiro" (mesma palavra, 1 Tm 3.3). O aspecto do amor é essencial na santidade cristã! Dois tipos de*philia,* "afeição", são *ordenados* nos versículos 1-2. Aqui está um tipo que deve ser zelosamente *evitado.* "Mantenham sua vida livre do amor ao dinheiro" (RSV) e às coisas que o dinheiro pode comprar. Em vez disso, **contentando-vos** (estar satisfeito) **com o que tendes** (cf. 1 Tm 6.5-11; a Bíblia tem muitas advertências deste tipo). Olhos impacientes e desejos não-controlados são incompatíveis com o repouso ou descanso da alma e incongruentes com uma vida de santidade. Se estivéssemos satisfeitos com menos coisas e com casas menos ostentosas, teríamos mais equilíbrio, mais quietude de espírito, mais felicidade interior e, certamente, mais tempo de oração, adoração, culto e o cultivo de valores de vida mais nobres. Mesmo os cristãos, com muita freqüência, não são muito melhores do que

bárbaros opulentos e bem nutridos, com pouca apreciação pela cultura da mente e alma.

A chave é a profundidade do nosso amor por Deus e a fé nele. Os cristãos podem aprender a estar contentes com vantagens materiais limitadas se realmente crêem em sua palavra que diz: **Não te deixarei, nem te desampararei.**[24] Devemos realmente preferir a posse da sua presença à posse de coisas. A convicção da presença divina é a melhor garantia de segurança. E, **assim, com confiança, ousemos dizer: O Senhor é o meu ajudador, e não temerei o que me possa fazer o homem (6;** cf. SI **118.6). O** antídoto do medo é o seguinte: não é a ousadia forçada de alguém "assobiando no escuro", mas uma firme confiança de alguém que está disposto a levantar-se e declarar a sua fé.

0 *Atitude de honra em relação a líderes falecidos* (13.7). A KJV sugere uma situação de tempo presente, mas virtualmente todas as versões modernas interpretam isto como uma referência a líderes passados. **O** aoristo de *elalesan,* **falaram,** bem como outras nuanças em palavras e na fraseologia confirmam isto. Literalmente, o versículo deve ser traduzido da seguinte maneira: "Sempre sejam atenciosos com aqueles que governaram vocês, cuja fé vocês deveriam continuamente imitar, examinando cuidadosamente o resultado da maneira de viver (deles)".[25] Sua maneira de viver é um caminho de fé, e um caminho de santidade prática — aquilo que o autor está agora delineando. O resultado final da sua maneira de viver foi fruto bom e não ruim. A igreja não precisa de memoriais ou mesmo de memórias que são arquivados e esquecidos. A igreja está constantemente necessitando de um estudo cuidadoso das vidas e ensinos de líderes do passado para que a sua maneira de viver e a fé que a sustentou sejam transmitidas às gerações seguintes. Muitos acham que é inteligente desprezar ou depreciar o passado. Mas, somente quando nos alinhamos com os nossos fundadores podemos dirigir um percurso reto para o futuro. Em vez de desprezá-los, deveriamos ser inspirados pela sua devoção, e assiduamente esforçar-nos a seguir o exemplo deles em grandeza de alma.

2. *Uma Forma de Lealdade Absoluta* **(13.8-16)**

O versículo 8 é uma frase de transição, introduzindo uma digressão doutrinária importante.

a) *Jesus, o Cristo* (13.8,9). Esta seção nos lembra mais uma vez que, em todo o nosso viver santo e nossas atividades religiosas, **Jesus Cristo** é a Fonte e o Centro. Jesus não é "o fim [ou o objeto] da conversa deles", porque temos estudado que "fim" significa "resultado" e "conversa" significa "modo de vida". Ele é o Objeto e Foco constante da sua fé;

devemos seguir a Ele. A fé pela qual vivemos não deve em momento algum ou em qualquer grau ser deslocada de Jesus para qualquer outra coisa. Não devemos nos voltar para um novo ascetismo ou ao ritualismo antigo e, certamente, não devemos ser enganados por doutrinas novas.

A santidade cristã verdadeira é plenamente centralizada em Cristo. Porque somente Jesus é imutável e eterno — **o mesmo ontem, e hoje, e eternamente** (8). Primeiramente, Jesus de Nazaré foi o Cristo. Isto precisa estar firmado em nosso pensar. Então o que **Jesus Cristo** foi **ontem** nos dias da sua carne (2.3; 5.7), e o que Ele é **hoje** à direita do Pai, Ele será **eternamente.** Como Revelação de Deus, Ele é final e nunca "será suplantado" (Moffatt). Visto que temos em Cristo o Fundamento, a Pedra de Esquina, o Refúgio certo, não devemos nos deixar **levar em redor por doutrinas várias** (diversas) **e estranhas** ("desconhecidas", 1 Pe 4.12; v. 9). **Levar em redor** *(parapheresthe)* significa ser "impelido" (Jd 12), levado, desencaminhado, seduzido. Cristãos não consagrados e imaturos, especialmente supostos intelectuais jovens, ficam facilmente impressionados com o novo e heterodoxo. Qualquer coisa nova os desperta; o antigo os entedia. Entretanto, Jesus é antigo, mas sempre novo; se eles cavarem fundo o suficiente, espiritualmente falando, encontrarão nele uma Fonte perene de estímulo. Ele é a Verdade. Qualquer doutrina que enfraquece sua influência no coração deles, ou sua autoridade sobre suas mentes, é uma inverdade.

Porque bom é que o coração se fortifique com graça, i.e., seja constante e resoluto por intermédio da (dativo) **graça.** A graça de Deus, que é o favor de Deus concedido por meio da expiação e a habilidade divinamente dada para ser santa, é mediada somente por meio de Jesus Cristo. Afastar-se de Cristo é perder o direito à graça (Tt 2.1114). A alternativa específica para o caminho da graça que atraiu estes hebreus foi a tentativa de tornar-se moralmente e espiritualmente fortes **com manjares** ou "regras de dieta" (Phillips). A referência é ao complexo sistema alimentar (cerimonial) do judaísmo, que alguns sentiam que os cristãos ainda eram obrigados a obedecer. Mas o autor os lembra da futilidade e impotência destas observâncias legalistas ao ressaltar **que de nada aproveitaram aos que a eles se entregaram,** i.e., que obedeciam a estas normas rigorosas. A incapacidade do ascetismo em consagrar pessoas está historicamente comprovada (G1 3.3; 4.9,10; Cl 2.16-23).

b) *Jesus, o crucificado* (13.10-14). O grande altar à porta do santuário (veja Diagrama A) era o ponto central do judaísmo, onde eram realizados os sacrifícios de animais. Este altar, portanto, simbolizava todo o sistema mosaico, incluindo as regras dos alimentos cerimoniais. Nos dias do Tabernáculo, depois no Templo de Salomão, de Zorobabel, e finalmente, de Herodes, o altar representava o único caminho para aproximar-se de Deus, a única esperança de perdão e vida. Agora, o escritor os lembra: Nós também **temos um altar,** a cruz, no qual Jesus foi oferecido como o Cordeiro sacrificial. Mas, nosso **altar** não pode ser dividido com o altar de Herodes: **de que não têm direito de comer os que servem ao tabernáculo** (10). **O comer** é metafórico, semelhantemente ao altar; assim, a idéia é tomar parte.

O **direito** é negado a todos que adoram no Templo. Esse direito deve ser entendido no sentido de permissão e competência. Visto que a cruz cumpriu e aboliu o Templo, a persistência na adoração no Templo significa rejeitar a cruz. Alguns judeus achavam que podiam ter os benefícios de Jesus sem descontinuar suas antigas práticas no Templo e, por um tempo, era possível tolerar as duas práticas. Mas, intrinsecamente, os dois são incompatíveis, e uma falha em perceber isto mostra que o significado da cruz não foi entendido. Significa

reduzir a cruz a um complemento do altar mosaico, quando, na verdade, isto representa uma completa rejeição. Portanto, o autor é dogmático: é necessário escolher um ou outro.

A epístola tem mostrado cuidadosamente que a morte de Jesus substitui as ofertas pelo pecado. Agora uma identidade adicional é especificada: **Porque os corpos dos animais cujo sangue é, pelo pecado, trazido pelo sumo sacerdote para o Santuário, são queimados fora do arraial** (11; cf. Lv 4). Nada era comido. Ocorria um remover total. A função principal deste sacrifício era a absoluta separação do pecado — tanto da culpa quanto da presença do pecado. Nosso Senhor também cumpriu os detalhes da expiação típica: **E, por isso, também Jesus, para santificar o povo pelo seu próprio sangue, padeceu fora da porta** (12). Ele sofreu até a morte, indo voluntariamente até o Gólgota, não somente porque foi rejeitado em Jerusalém, mas porque Jesus e seu Pai desejaram que Ele fosse uma Oferta de Pecado aperfeiçoado. Seu corpo foi "queimado" **fora da porta.** Ele sofreu essa separação da cidade — i.e., esta quebra total com todos os poderes e sistemas terrenos, inclusive judaicos — **para santificar o povo pelo seu próprio sangue.**

A conexão entre sua competência de santificar e seu sofrimento **fora do arraial** (13) é, provavelmente, não mais do que seu cumprimento deliberado das exigências completas da oferta pelo pecado. Em outras palavras, Ele desejou qualificar seu próprio sangue como o agente santificador em todos os sentidos possíveis. O objetivo glorioso da santificação já foi exposto. A santificação envolve mais do que consagrações e purificação cerimonial, que era possível debaixo da ordem antiga. Ela incluía a completa renovação do adorador, uma purificação que representava a essência da nova aliança. Mueller diz: "tornar as pessoas santas". Isto é efetuado "com" (não "pelo") seu sangue, deixando claro que a expiação deveria ser incondicional. **Pelo** (por meio) é indicado por *dia* com o genitivo, expressando uma atividade secundária. O Sangue é a causa mediadora da atividade santificadora do Espírito Santo. O **povo** seria instantaneamente reconhecido por estes leitores hebreus como o povo de Deus, porque um paralelo está sendo traçado entre o altar cristão e

o judaico. Da forma como apenas os circuncidados podiam beneficiar-se do altar judaico, assim somente aqueles iniciados na casa de Deus pelo arrependimento e fé podiam ser elegíveis para o benefício pleno e santificador de Cristo.

Assim como Jesus rompeu com a Jerusalém judaica (uma das suas tentações no deserto) para tornar-nos santos, assim devemos romper com cada vestígio do judaísmo se queremos ser feitos santos.

No que diz respeito à separação, o custo de apropriar-se da santidade não pode ser inferior **ao custo em provê-la. Saiamos, pois, a ele fora do arraial, levando o seu vitupério** (13). Devemos nos identificar com Jesus em sua vergonha e opróbrio, se queremos ser identificados com Ele em seu reino futuro. Uma vez que Jesus desprezou a vergonha, nós também devemos fazer o mesmo (12.2). Não há mais santidade na Jerusalém dos sistemas religiosos obsoletos do que na Atenas da filosofia humana ou na Roma das leis humanas. A fonte da santidade é a cruz. Devemos nos dirigir a ela. Chega um tempo em cada vida cristã quando a pessoa precisa se separar da segurança das paredes humanas e do consolo do conforto humano e da esperança de templos humanos e entregar-se somente à cruz de Cristo. Mas não uma cruz abstrata. A entrega não deve ser à cruz, mas a **ele.** A cruz sem o Cristo morto e vivo é somente um sentimento. Mas vamos nos agarrar nele e com Ele vamos permanecer (G16.14).

Na cruz de Cristo me glorio,

Elevando-me acima das ruínas do tempo.

Olhar para Jerusalém e buscar segurança nela é algo vão: **Porque não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a futura** (14). Os judeus acreditavam que Jerusalém era eterna (mal interpretando certas promessas), mas logo seria destruída por Tito (70 d.C.).[26]

O sentimento e a esperança depositados em uma cidade ou cultura ou sistema da ordem deste mundo são mal aplicados. Mas "buscamos a que há de vir" (NVI). Quanto mais ocupados estivermos nesta busca,

tanto menor será o nosso interesse pelas cidades presentes, que tendem a se tornar cidades de Babel modernas.

c) *Deus, o Autor de tudo* **(13.15-16).** Como ocorreu com os versículos **13-14,** os versículos **15-16** são complementares. Estes versículos lembram a estes hebreus que, enquanto os sacrifícios de animais sobre o altar antigo não são mais obrigatórios, existem sacrifícios que peculiarmente pertencem à identificação dos crentes com o altar novo. Primeiramente, *o sacrifício de louvor:* **Portanto, ofereçamos sempre, por ele, a Deus sacrifício de louvor, isto é, o fruto dos lábios que confessam o seu nome (15).** "Ofereçamos continuamente [tempo presente] louvor". Sempre estamos em dívida com Deus e sempre deveriamos ser gratos. Mas esta gratidão deve ser expressa. Como uma esposa amorosa quer ouvir do seu marido que a ama, assim Deus espera que expressemos nossa gratidão e devoção. A segunda parte do versículo explica a primeira. O louvor é o **fruto** apropriado — o produto natural e apropriado — dos **lábios** que confessam Jesus como Senhor. Se confessamos o nome de Cristo, i.e., se professamos que somos cristãos, o mínimo que podemos fazer é demonstrá-lo por meio da ação de graça aberta e habitual (SI **50.14, 23).** Esta é uma razão suficiente para a realização de reuniões de testemunho público. Os cristãos que recebem mas não respondem por meio do louvor oral, tanto em público quanto em particular, logo se tornam um mar Morto espiritual, salgado e venenoso. Uma lealdade silenciosa e secreta a Jesus não é aceitável.

Em segundo lugar, o *sacrifício de boas obras.* Na conjunção **e** *{de* no original grego) existe uma advertência de não presumir que expressões verbais de louvor constituem uma obrigação total de oferecer sacrifícios na nova ordem. Há uma obrigação exterior e uma interior. A piedade e a caridade devem andar lado a lado (Tg **1.27). E não vos esqueçais da beneficência e comunicação (16;** ARA: "a prática do bem e a mútua cooperação"). A palavra **comunicação** (*koinonias*) aqui é um substantivo e geralmente significaria: "Não se esqueçam de ter comunhão" (Mueller). Isto é compatível com o conselho geral do autor em outra parte da epístola **(10.25);** mas nesse contexto, como em **2** Coríntios **9.13,** a idéia pretendida é uma

preocupação amorosa pelos companheiros crentes que resulta em ajuda prática e monetária (Tg **2.15,16; 1** Jo **3.17).** Isto também faz parte da nossa lealdade absoluta a Jesus.[27] No entanto, quando o autor conclui com a cláusula: **porque, com tais sacrifícios, Deus se agrada,** a palavra **tais** provavelmente inclui o sacrifício de louvor bem como o sacrifício de ações benevolentes. Deus estava completamente enfadado com os sacrifícios de animais, mas ele nunca se cansará das expressões cristãs de gratidão e amor.

3. *Um Caminho de Submissão Humilde* (13.17-19)

O versículo 16 é de transição, porque o pensamento muda de maneira serena da discussão doutrinária parentética (w. 8-16) para a linha principal da ênfase do caminho de fé da santidade prática (w. 1-7). Como o versículo 7 os instruiu a manter uma atitude de honra apropriada aos líderes passados, o versículo 17 claramente ordena a obediência aos líderes presentes. **Obedecei a vossos pastores e sujeitai-vos a eles.** A palavra **obedecer** aqui tem um sentido peculiar no sentido de permitir ser persuadido (lembra a marca de Tiago acerca da verdadeira sabedoria: "fácil de ser pedida"). **Sujeitai** *Qiupeikete)* transmite uma idéia similar: "ceder, submeter-se à autoridade de alguém" (Arndt e Gingrich). Nem sempre concordamos com os líderes; podemos até debater uma diferença com eles. Mas, se eles são insistentes, mesmo duros, o seguidor é aquele que deve ceder. Da mesma forma que ceder a vez ao outro no tráfego é o melhor a se fazer, assim submeter-se aos nossos líderes chamados por Deus e ordenados por Deus é a parte melhor da religião. A habilidade de submeter-se graciosamente, sem revolta, rabugice ou altivez, é a verdadeira marca da grandeza. E também é uma marca da vida cheia do Espírito (Ef 5.18-21).

A razão desta tarefa de submissão humilde é observada na natureza da responsabilidade dos nossos líderes: **porque velam por vossa alma, como aqueles que hão de dar conta delas.** "Porque eles estão contínua e incessantemente envolvidos na luta espiritual de vocês, porque Deus esperará uma prestação de contas deles" (paráfrase). Phillips diz: "Eles são como homens que vigiam sobre seus

bens espirituais e tem grande responsabilidade". Nossos líderes também estão debaixo de sujeição e liderança. Não foram eles que pediram para pastorear nossas almas. Eles receberam esta responsabilidade por parte de Deus. Se ignoramos esses pastores estamos impedindo que cumpram a sua missão, e contribuímos para que sua tarefa seja feita com gemidos (cf. Rm 8.26) e não **com alegria.** A tarefa deles já é bastante pesada! Não vamos colocar um peso maior sobre os seus ombros. Ainda mais sério do que desprezar os pastores é desprezar a Deus, que colocou esta responsabilidade sobre eles. Os leigos dos nossos dias, que desejam minar a autoridade dos líderes e que estão buscando eliminar a linha entre clero e laicato, deveriam ler cuidadosamente esta passagem e lembrar que a ordem eclesiástica que estabeleceu o clero na Igreja não foi inventada por eles; foi estabelecida por Deus.

Mas a passagem faz um adendo. A obediência é requerida somente aos líderes que verdadeiramente são chamados por Deus, que **velam por** nossas **almas** e cuja causa principal de alegria ou tristeza é a luta espiritual do seu povo. Clérigos que apenas trazem o nome de pastor, cuja preocupação principal é com o seu próprio bem-estar, que estão mais empolgados com brincadeiras do que com almas, e que não gemem pelos perdidos e os errantes, não possuem o direito divino conferido ao verdadeiro ministério cristão.

Os dois versículos seguintes são verdadeiramente marcantes. O autor apresenta o outro lado da moeda. Pregadores não são super-homens, mas humanos e frágeis, incapazes de levar a tremenda responsabilidade com suas próprias forças. Eles não só têm direitos mas necessidades, e uma delas é o apoio em oração e a confiança amorosa da

Igreja, bem como a sua obediência. Orai por nós, porque confiamos que temos boa consciência, como aqueles que em tudo querem portar-se honestamente (de

maneira honrosa; v. 18). Independentemente de quem tenha escrito essa passagem, é impossível lê-la sem pensar em Paulo (2 Co l.llss;

17ss; 1 Ts 2.18). Há aqui um medo de ser rejeitado, um medo de que a sua obra possa ser refutada por causa do preconceito alimentado por relatos difamatórios. Paulo nunca foi muito popular com os judaizantes, que pareciam estar no comando dessa congregação hebraica. **E rogo-vos, com instância** ("com muito empenho", ARA), **que assim o façais para que eu mais depressa vos seja restituído** (19). Ele crê que as orações deles farão diferença no tempo da sua libertação. Se os pastores têm uma obrigação para com os leigos, o mesmo vale para os leigos em relação aos pastores! Porque suas orações têm poder para acelerar a obra do ministério ao fortalecer as mãos do ministro.

E. **Conclusão,** 13.20-25

1. *A oração abençoadora* (13.20,21)

Não há oração mais sublime do que esta, constituindo um epítome reverente e ao mesmo tempo exultante da epístola. **Ora, o Deus de paz,[28] que pelo sangue do concerto eterno tomou a trazer dos mortos a nosso Senhor Jesus Cristo, grande Pastor das ovelhas** (20), **vos aperfeiçoe em toda a boa obra, para fazerdes a sua vontade, operando em vós o que perante ele é agradável por Cristo Jesus, ao qual seja glória para todo o sempre. Amém!** (21). O período abrange os dois versículos, mas no versículo 20 encontramos o sujeito (com modificadores), enquanto no versículo 21 temos o predicado. Uma paráfrase condensada podia ser a seguinte: *a)* Que o Deus que agiu tão maravilhosamente por nós (v. 20), *b)* aja proporcionalmente dentro de nós (v. 21), c) por meio de Jesus Cristo.

a) **Deus** é o sujeito da sentença e o Agente da petição inferida. O Deus a quem se dirige de forma indireta é Aquele que trouxe de volta à vida (mesma palavra em Rm 10.7) o **grande** (forte ênfase, cf. 4.14; 10.21) **Pastor de ovelhas** (20).[29] A expressão **pelo sangue do concerto eterno** claramente modifica **tornou a trazer,** em que a preposição *en* é corretamente traduzida por "em" ou **pelo** (por meio de). A Ressurreição ocorreu "na esfera de" ou no contexto total do **sangue do concerto eterno.** Se o sangue de Cristo não tivesse sido o

sangue do concerto não teria havido Ressurreição. É digno de nota que o autor não procurou provar a Ressurreição na sua epístola e então trabalhar a partir daí. Em vez disso, ele provou a identidade de Jesus como Filho e Sumo Sacerdote, cujo sangue inaugurou o novo concerto, expiado pelo pecado, e fez os preparativos para todas as bênçãos da redenção. A aceitação da Ressurreição segue naturalmente. Na teologia histórica, é questionável se uma negação da Ressurreição chegou a ser associada a uma percepção evangélica do Sangue remidor.[30]

b) A oração é que este Deus vos aperfeiçoe em toda a boa obra, para fazerdes a sua vontade, operando em vós o que perante ele é agradável por Cristo Jesus

(21). No versículo 16, lemos acerca do tipo de sacrifícios que agradam a Deus. Aqui o autor refere-se a uma obra interior da graça que é agradável a Ele. Deus se agrada em receber o tipo certo de culto da nossa parte, mas também a realizar uma obra em nós (Rm 12.2). O que Deus faz deve servir de fundamento para o que nós fazemos. O particí-pio **operando,** (*poion*) está no presente, sincronizando com a ação do verbo principal: **vos aperfeiçoe.** Mas se ele é somente explanatório ou suplementar depende de se "nós" é a tradução certa ou se deveria ser **vós.** Em outras palavras, será que o texto quer dizer: **vos aperfeiçoe [...] operando em vós** (ARC), ou ele quer dizer: "vos aperfeiçoe [...] operando em *nós..."* (NEB, Mueller, Goodspeed, NVI)? O texto de Nestle traz *hemin,* "nós" e o apoio textual para isso parece esmagador. Se este é o caso, então a NEB faz muito sentido: "vos aperfeiçoe em toda bondade para que possam fazer a sua vontade e que Ele faça de nós o que quer que sejamos". Isto supõe duas orações em uma: uma pelo aperfeiçoamento deles e outra pela Igreja toda.

A oração pelo aperfeiçoamento deles deve agora ser destacada. Chamberlain diz que **aperfeiçoe (***katartisai*) é um modo optativo volitivo, que dá o sentido de uma oração: "Que (Deus) ajuste plenamente". Geralmente, em Hebreus, "perfeito" é uma tradução de *teleios* em alguma forma. A palavra *katartizo,* no entanto, é usada

na epístola somente aqui e em 10.5 (“mas corpo me preparaste”) e em 11.3 (“os mundos [...] foram criados”). A RSY e Phillips trazem “equipar”; Mueller traduz “preparar (equipar de novo)”; Goodspeed diz “ajustar”. Observe a tradução da RSV: “vos equipe com todo o bem para que possais fazer a sua vontade”. Claramente, este é uma capacitação espiritual para a realização plena e desimpedida da vontade de Deus. “Com todo o bem”! — um coração puro pelo presença do Espírito Santo; e o tempo aoristo sugere uma ação divina plena e completa. Que descrição apropriada de uma santificação completa como uma segunda obra definitiva da graça! E esta bênção é **por Cristo Jesus, ao qual seja glória para todo o sempre. Amém!**

2. *Saudações pessoais* (13.22-25)

Após a nobre oração, o autor prontamente leva a epístola ao término. Em primeiro lugar, seu comovente pedido pessoal por aceitação expresso nos versículos 18 e 19 é renovado, agora de maneira mais direta: **Rogo-vos, porém, irmãos, que suporteis a palavra desta exortação** (22). Ele roga pela paciência deles ao acrescentar que “na verdade é uma carta breve” (NEB). Então ele traz algumas boas-novas quanto à soltura de Timóteo e promete: **com o qual (se vier depressa) vos verei** (23). Evidentemente, Timóteo teria de viajar uma longa distância para unir-se ao autor; e o autor está planejando ver os destinatários da sua carta, que parece sugerir uma congregação específica ou pelo menos uma localidade definida. Eles são orientados a saudar todos os seus líderes e **todos os santos** (24). **Os da Itália vos saúdam** (veja Introdução).

Finalmente: **A graça seja com todos vós. Amém!** (25). Este autor, semelhantemente a Paulo, vê a graça como o *summum bonum* do homem. Não há dom maior que ele possa desejar aos seus leitores em sua saudação final.[31]

Notas

INTRODUÇÃO

[1]B. F. Westcott, *The Epistle to the Hebrews* (2* ed.; Londres: Macmillan & Co., 1892), pp. 63-4.

2 *Ibid.,* p. 64.

3 *Ibid.*

4 *Ibid,* pp. 65-6.

5 Eusebius, *Ecclesiastical History,* traduzido por C. F. Cruse (Grand Rapids: Baker Book House,

1955 [reimpressão]), p. 234 (VI. 14).

6 *Ibid.,-p.* 246 (VI.25).

7 *Op cit.,* p. 71.

8 Alfred Wikenhauser, *New Testament Introduction,* trad. J. Cunningham (Nova York: Herder

and Herder, 1960), p. 467.

9 *Ibid.,* p. 469.

10 Paul Feine e Johannes Behm, *Introduction to the New Testament.* Completamente reeditado

por W. G. Kuemmel e traduzido por A. J. Mattill, Jr. (Nashville: Abingdon Press, 1966),

p. 282.

11 *Op cit.,* p. 42.

12 *Op. cit.,* p. 468.

[13] "The Epistle of the Hebrews", *Introduction to the New Testament,* ed. A. Robert and A. Feuillet,

traduzido do francês por P. W. Skehan, *et al.* (Nova York: Desclee Co., 1965), p. 529.

[14] *New Testament Introduction: Hebrews to Revelation* (Chicago: InterVarsity Press, 1962), p. 29.

[15] *Introduction to the New Testament* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co.,

1964), p. 351.

[16] *Op. cit.* p. 30.

SEÇAOI

[1] Herman Edwin Mueller, ***The Letter to the Hebrews, a Translation (2~*** ed.; Jennings Lodge, Oregon:

The Western Press, 1945).

[2] "Este ponto central na história, pelo qual o AT aguardava e para o qual o autor olha em

retrospectiva, dividiu a ***Heilsgeschichte*** em duas partes. Ao dizer: '[Deus] falou-nos, nestes últimos dias, pelo Filho' (1.1b), o autor de Hebreus quer dizer que na revelação por meio do Filho o período pré-escatológico chegou ao fim e um novo período na ***Heilsgeschichte*** começou. Também é possível que H. L. MacNeill esteja certo ao argumentar acerca da última parte de 1.2. Ele diz que quando Deus, por meio do Filho, 'fez ***tous aionas',*** ele não está pensando no mundo (cf. 11.13; 9.26), mas nas duas eras, em que Cristo é o ponto central. Frases tais como o 'tempo da correção' (9.10) e o 'tempo presente' (9.9) distinguem esta era da anterior" (Sidney G. Sowers, ***The Hermeneutics of Philo and Hebrews*** (Richmond, Virginia: John Knox Press, 1965), pp. 92-3).

[3] O acréscimo de **por si mesmo** (na KJV) é justificada pela voz média do particípio. Mas **nossos**

(nossos pecados) não é gramaticalmente justificado.

[4] Cf. João 1.13; 1 Co 8.6; Cl 1.16-17.

[5] Literalmente, o versículo 2 diz que Deus tinha falado *em um Filho,* ou *no Filho.* Chamberlain

comenta: “Uma força qualitativa é muitas vezes expressa pela ausência do artigo: *em tois prophetais* (Hb 1.1), ‘nos profetas’, chama a atenção para um grupo particular, enquanto *en huio* (Hb 1.2) ‘no Filho’, chama atenção para a posição do Filho como ‘porta-voz’ de Deus. A ARV procura ressaltar a força desta frase e a traduz da seguinte forma: ‘em seu Filho’, grifando ‘seu’” (William Douglas Chamberlain, *An Exegetical Grammar of the Greek New Testament* [Nova York: Macmillan Company, 1960], p. 57).

6 Thayer traduz “reflete”. Chamberlain diz: “o substantivo *apaugasma* (He 1.3), de *apaugazo,*

poderia significar ‘um raio de luz refletiu de volta como um reflexo’, ou ‘um raio de luz brilhando de um objeto como uma emissão de luz’. O problema do intérprete então é: acaso o autor queria dizer que Jesus é o ‘esplendor’ da glória de Deus, ou a ‘refulgência’? Somente o uso pode decidir este ponto. O uso de Fílon é dividido. Calvino achava que se tratava de ‘refulgência’. Os pais gregos foram unânimes na sua interpretação. Eles acreditavam tratar-se de ‘brilho’ ou ‘esplendor’, nesta passagem” *{op. cit.*, p. 135).

7 O versículo 3 é uma extensão do conceito Logos, mencionado em referência ao versículo 2. Esta

idéia não era nova para os judeus, pelo menos para a escola Alexandrina. Declarações paralelas em Fílon são muito marcantes, como mostra Sowers, op. *cit.,* pp. 66ss. No entanto, é muito significativo que, embora o conceito Logos esteja presente, o autor não usa em lugar algum este termo para Jesus; na verdade, parece que ele procura evitar cuidadosamente esta relação. Seu título identificador é Filho, não Logos.

8 Sowers diz: “Sentar no trono de Deus na literatura pseudo-epígrafe significa participar no julga

mento de Deus sobre o mundo” (op. *cit.,* p. 82).

9 A importância vinculada a isto e o vigor com que o argumento é apresentado são fortes indícios

de que esta congregação hebraica devia estar fascinada pela tentação de designar a Jesus um lugar na ordem angelical. Isto pode indicar uma contaminação gnóstica, à qual a congregação alexandrina, ou qualquer congregação helenística de cristãos judeus, estaria mais provavelmente exposta. Seria uma tentativa de preservar um rigoroso monoteísmo mas em detrimento da pessoa do Salvador. O autor inspirado desta epístola não concorda com esta hipótese. Ele entende que se o Salvador é meramente um anjo encarnado, independentemente da sua posição, Ele era essencialmente uma criatura e nunca poderia estar associado à divindade. Ele percebe uma grandeza e majestade na pessoa de Jesus, que são necessárias para lhe conferir poder redentor por meio do seu sangue, e que não pode ser interpretado legitimamente à parte de uma identificação corajosa e radical com o Logos eterno, visto não como um demiurgo, mas como uma hipóstase na verdadeira divindade.

[10] Mais uma referência provável à encarnação. Por intermédio da virgem Maria, Deus literalmen

te gerou o Deus-homem. As muitas referências ao "início" de Cristo não estão relacionadas ao seu lugar eterno na divindade como o Logos. Hedegard diz: "Um conhecido estudioso bíblico alemão escreveu há muitos anos: 'Ninguém pode *tomar-se* Deus — ou ele *é* Deus ou não é'. Este tipo de declaração deveria ser ponderado por aqueles que defendem visões adocionistas e que acham que a personalidade de Jesus foi inteiramente humana, mas que foi divinizado depois da sua carreira terrena e, portanto, não deveria ser adorado" (David Hedegard, *Ecumenism and the Bible* [Londres: Billing and Sons, Ltd., 1964], p. 13.

[11] Apoiado por Alford, *Expositor's Bible,* Vincent, Wuest.

[12] Salmos 45.6-7; 104.4.

[13] Sowers diz que **a palavra falada pelos anjos** (v. 2) "só pode significar a lei [...] Gálatas 3.19 e

Atos 7.38 ratificam a crença judaica de que a lei foi mediada por anjos no Sinai. Veja o comentário de Strack-Billerbeck acerca de Gálatas 3.19 por mais evidências desta crença na religião judaica" *{op. cit.,* p. 77).

[14] A cláusula **o constituíste sobre as obras de tuas mãos** está no salmo, e incluído na ARC,

mas não se encontra no texto grego.

[15] Eric Sauer apresenta uma posição semelhante, alegando que a missão suprema do homem era

arrancar o controle deste pedaço do universo do Adversário e restaurá-lo para Deus. Veja *The King ofthe Earth* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1962), pp. 92-100.

[16] Desde que Jesus ascendeu ao céu eles não conseguiam ver Jesus da maneira como os apóstolos

o tinham visto; o tempo presente do verbo sugere uma clara visão mental de uma Pessoa recente, totalmente histórica e intimamente conhecida; possivelmente o autor e alguns da congregação tinham sido testemunhas oculares da "sua majestade" (2 Pe 1.16).

[17] Sowers nos lembra: "O cumprimento do Salmo 8 em Jesus ocorreu porque Ele foi coroado com

glória e honra em seu sofrimento, e não porque tem todas as coisas sujeitas a Ele. Essa

sujeição ocorrerá no 'mundo futuro' (2.5)" (*op. cit.,* p. 81). Além disso, a KJV conecta a frase **por causa da paixão da morte** com a cláusula anterior, expressando desta forma o propósito da encarnação. Uma exegese mais acurada conecta a frase à cláusula seguinte, indicando, assim, que precisamente a sua morte é a base para sua glória e honra atual (Fp 2.8-9).

[18] "The Epistle to the Hebrews", *The Expositor's Greek Testament,* ed. W. Robertson Nicoll (Grand

Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, sem data), vol. IV, p. 263.

[19] Uma discussão da santificação a esta altura não é exatamente adequada, como a referência é

subordinada à corrente principal de pensamento, que visa a estabelecer a necessidade da encarnação, se o Salvador deve ser qualificado para fazer e ser tudo que é exigido.

[20] Nenhum dos três textos é citado em outro lugar no NT, e a aplicação, especialmente das frases

de Isaías, parece arbitrária. No entanto, o conteúdo das duas passagens era amplamente reconhecido pela Igreja Primitiva como sendo messiânico. Veja Sowers, *op. cit.,* p. 86.

[21] **Império,** *kratos*, aqui significa domínio, de acordo com Thayer. A. T. Robertson comenta: "Cris

to quebrou o poder [...] do Diabo sobre a morte (por mais paradoxal que possa parecer), certamente por causa do medo da morte que o homem tinha. De alguma forma inexplicável Satanás tinha influência sobre o reino da morte (Zc 3.5 ss.)". *(Word Pictures in the New Testament* [Nova York: Harper & Brothers, 1932], vol. V, p. 349.

[22] **Cristo** não se encontra no texto grego.

[23] Chamberlain diz: "O uso de um só artigo para 'apóstolo' e 'sumo sacerdote' chama atenção para

o fato de que os dois ofícios estão ligados à mesma pessoa. 'Jesus' está em aposição explanatória para deixar claro quem essa pessoa é" *{op. cit.,* p. 55).

[24] Robertson diz: "Esta nota de contingência e dúvida ocorre repetidas vezes ao longo desta epís

tola [...] O autor não faz nenhum esforço para reconciliar esta advertência com o propósito eletivo de Deus. Ele não está exortando a Deus, mas estes cristãos oscilantes. Todas elas

são palavras paulinas" *{op. cit.,* p. 355).

[25] Veja o título do sermão expositivo e seu desenvolvimento em *a, b* e c.

[26] Nestes dois versículos, o verbo *erchomai,* "ir", é um infinitivo aoristo — definitivamente

pontiliar — e é seguido pela preposição *eis,* "para dentro". Portanto, isto possivelmente não pode ser uma exortação para esforçar-se "em direção a", como alguns a interpretam. Observe também os quatro subjuntivos exortativos neste capítulo: w. 1, 11, 14, 16. Veja Chamberlain, *op. cit.,* p. 83.

[27] Note que o repouso não é algo que procuramos e encontramos ou lutamos para obter, mas

alguma coisa na qual entramos, como os hebreus na terra de Canaã. Este repouso deve, portanto, ser entendido como uma esfera de ser e uma maneira de vida, um verdadeiro repouso sabático; não tanto aquilo que nós possuímos, mas aquilo que nos possui.

[28] Sowers está provavelmente errado ao supor que o versículo 12 é uma referência ao Logos eterno

(de acordo com o estilo de Philo); no entanto, esta é uma referência ao Filho encarnado (***op. cit.,*** p. 67).

[29] Sowers observa: "O autor de Hebreus está evidentemente se à divisão da alma na qual, de

acordo com Philo, o Logos penetra até alcançar a 'alma da alma', cuja essência é o espírito" ***(op. cit.,*** p. 69).

[30] O infinitivo ***sunpathesai,*** de ***sunpatheo,*** "sofrer com", é ativo, não passivo. Jesus tem um senti

mento de companheirismo por nós.

[31] Ou "por ajuda oportuna" (Mueller). O uso duplo de graça (***charitos***) ilustra seu significado

duplo; o trono do ***favor divino imerecido*** é o lugar para onde nos dirigimos com ousadia; lá obtemos ***energia divina*** ou força moral.

SEÇAOII

[1] Veja Sowers, *op. cit.,* p. 120.

[2] A distinção entre **dons** e **sacrifícios** não é clara. O texto podia ser traduzido da seguinte forma:

"dons e também sacrifícios pelos pecados". Neste caso o sacerdote deveria liderar a adoração, oferecendo os dons da consagração e louvor e também oferecendo sacrifícios propiciatórios, para que os pecados pudessem ser perdoados e a consciência aliviada.

[3] *Op. cit.,* p. 121.

[4] É bastante questionável se esta frase pode, de maneira apropriada, ser interpretada como "foi

ouvido quanto ao que temia", como também é entendido por Berkeley, Phillips e outros. Amdt e Gingrich reconhecem que esta interpretação é possível, mas não concordam com ela. Visto que somente o autor de Hebreus usa a palavra *eulabeias,* "medo", e em outra ocasião (11.7), ela obviamente significa "reverência". E bastante improvável que signifique "medo" neste texto.

[5] Veja uma excelente discussão das várias interpretações deste versículo em H. Orton Wiley, *The*

Epistle to the Hebrews (Kansas City: Beacon Hill Press, 1959), pp. 180-6.

[6] **Ainda que** (*kaiper*; v. 8) simplesmente duplica a intensidade da ênfase que começa na cláusula

anterior.

[7] Cf. Sowers, *op. cit.,* p. 113. Também é um erro ver na morte de Cristo uma similaridade tipológica

com os sacrifícios de animais por meio dos quais Arão e seus filhos eram consagrados, como faz Sowers. Em vez disso, uma tipologia mais próxima da sua morte era o cordeiro pascal (Ex 15.5; Jo 1.29; 1 Co 5.7). Este cordeiro era tornado perfeito ao ser morto no sentido de que seu propósito era assim cumprido; mas também precisava ser perfeito no sentido de ser "sem mancha" como uma qualificação prévia para seu uso aceitável como sacrifício pascal. Acreditamos que é neste sentido que Hebreus está se referindo ao aperfeiçoamento de Cristo.

[8] Cf. Sowers, *op. cit.,* p. 92.

[9] **Palavras** significa palavras faladas (cf. 4.12-13) e provavelmente correspondem aqui à "pala

vra" de 6.1 — os ensinos fundamentais do evangelho, incluindo os ensinos de Cristo e dos apóstolos e a exposição cristológica do AT.

[10] Neste caso, Hebreus também é paulino, porque para Paulo o discernimento é uma marca de

maturidade espiritual (1 Co 2). Cf. Sowers, *op. cit.,* p. 78, nota de rodapé.

[11] Thomas Hewitt escreve: "Uma exortação é agora dada estimulando os leitores a saírem da

infância espiritual e a prosseguirem para a maturidade espiritual" (*The Epistle to the Hebrews,* "Tyndale Bible Commentaries" [Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1960], p. 103).

[12] Chamberlain, *op. cit.,* p. 121.

[13] **0** subjuntivo de exortação **(prossigamos),** em que o autor se identifica com eles, pode ser

entendido como uma forma educada de falar.

[14] Alguns interpretaram este texto da seguinte maneira: "renová-los mais uma vez para (ou sem)

arrependimento". Mas não há apoio textual e exegético para esta interpretação. A. T. Robertson diz que este texto "nega completamente a possibilidade de renovação para apóstatas de Cristo (cf. 3.12—4.2). Esta é uma figura terrível e não pode ser diminuída" *(op. cit.,* p. 375).

[15] Marvin R. Vincent vê o **dom celestial** como sendo o Espírito Santo, que é, assim, o objeto tanto

do provar quanto do participar (*Word Studies in the New Testament* [Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1946], vol. IV, p. 445.

[16] Um aspecto importante a ser ressaltado é a freqüência de vezes em que o verbo aparece no

tempo presente. Aqui está uma terra que repetidas vezes recebe chuva do céu, e a bebe — repetidas vezes absorvendo-a de maneira egoísta — e repetidas vezes é adornada pelo trabalhador (profetas e sacerdotes), no entanto, repetidas vezes e persistentemente não produz nada. Esta terra somente pode merecer ira no final.

[18] Seu conceito das Escrituras como as "palavras de Deus" ou "oráculos de Deus" (5.12) signi

fica simplesmente que "Deus é visto [ou em algumas passagens o próprio Cristo] como o

locutor direto nas passagens das Escrituras citadas em 1.5, 6, 7, 13; 4.3; 5.5; 6.14; 7.17, 21 (cf. 5.6); 8.5, 8-12; 10.30, 37, 38; 15.4" (Sowers, *op. cit.,* p. 76). Isto pode explicar porque ele não cita normalmente o autor humano ou a referência. Também cf. Sowers, *op. cit.,* pp. 82, 124.

[19] *Op. cit.,* p. 79.

[20] Sowers entende que Hebreus atribui o termo "eterno" de Salmos 110.4 literalmente a

Melquisedeque bem como a Cristo. "Diferentemente de sacerdotes mortais, Melquisedeque 'vive' (7.8)" *(op. cit.,* p. 124). Mas supor que o homem histórico que encontrou Abraão era literalmente sem início ou fim de dias seria o mesmo que torná-lo divino. Não é necessário que interpretemos a epístola desta forma. (cf. Wiley, *op. cit.,* p. 232).

[21] *Op. cit.,* p. 173.

[22] Sowers, *op. cit.,* p. 100.

[23] *Op. cit.,* p. 463.

[24] Vincent diz que a etimologia clássica de *enguos,* **fiador,** significa alguém que dá segurança, e

em referência a uma esposa, alguém que é comprometida. "A idéia essencial [...] é colocar algo na mão de alguém [...] como fiança" *(op. cit.,* p. 464).

[25] Acerca da intercessão do nosso Senhor, Vincent diz: "A idéia não é intercessão, mas interven

ção" *(op. cit.,* p. 465). Westcott comenta: "Qualquer coisa que o homem precisar, como homem ou como homem pecador, em cada circunstância de esforço e conflito, sua carência encontra a interpretação (por assim dizer) feita pelo Espírito e a defesa efetiva de Cristo nosso (sumo) sacerdote [...] em João 17 encontramos a substância das nossas maiores necessidades e da intercessão de Cristo [...] a defesa de Cristo é tanto social quanto pessoal: a favor da igreja e a favor de cada crente" *(op. cit.,* p. 192).

[26] **A** palavra **perfeitamente** deriva-se de *pas,* "todo", e *telos,* "perfeito", significando perfeito e

completo. A palavra é usada aqui e em Lucas 13.11, em que se encontra no negativo. Esta palavra composta é a expressão mais forte para perfeição. Ela também pode ser traduzida por "capaz para salvá-los perfeitamente", referindo-se não somente à sua durabilidade, mas à sua imediata eficácia e perfeição. A capacidade de Cristo se estende até o fundo do coração bem como até a eternidade; Ele é capaz de salvar do pecado agora bem como do inferno mais tarde, limpar completamente e sustentar. Vincent diz de maneira enfática: "totalmente completo [...]

Não perpetuamente, mas perfeitamente" *(ibid).*

Westcott diz: "Se o sacerdócio de Cristo tivesse falhado em algum aspecto então a provisão teria sido feita para alguém outro. Mas, como está, a salvação obtida por Cristo alcança o último elemento da natureza e vida do homem [...] o pensamento aqui não é 'do mundo' (João 3.17), mas de crentes: não da salvação em seu sentido mais amplo, mas na realização da salvação até a perfeição naqueles que receberam o evangelho. Assim, o tempo presente (*sozein*), diferenciado do aoristo *(sosai),* ressalta a força plena. O apoio vem em cada momento da provação". Ao referir-se à frase *eis to panteles* comenta: "Os antigos comentaristas estranhamente explicavam esta frase como se fosse *eis to dienekes* — perpetuamente" *{ibid,* p. 191).

27 *Op. cit.,* p. 467.

SEÇÃO III

1 *Op. cit.,* p. 48.

2 Wiley diz: "Conseqüentemente, temos o trono, a Majestade e os céus representando a sua auto

ridade real; e intimamente relacionado com isso, suas funções sacerdotais no verdadeiro tabernáculo, como ocorre nos céus. A palavra 'está assentado nos céus à destra do trono' sugere um ato voluntário, de Alguém que toma seu lugar pelo mérito de uma tarefa cumprida ou um propósito completamente alcançado; enquanto a 'destra' sugere o lugar de honra e poder, bem como de satisfação e prazer" *{op. cit.,* p. 262; cf. Sowers, *op. cit.,* p. 82).

3 No versículo **10, Israel** deveria ser entendido como representando todo o povo.

4 Veja Sowers, *op. cit.,* pp. 100-1.

5 A palavra **Porque** (*hoti)* que introduz o versículo 12 torna-o subordinado. Portanto, acredita-se

haver um relacionamento entre a comunhão envolvida em conhecer a Deus e a certeza do perdão dos pecados. A comunhão perfeita é impossível enquanto existirem situações não resolvidas. Ou o *fato* ou o *sentido* da culpa interferirá como uma nuvem escura e encobrirá a face de Deus. O perdão, portanto, não é somente um acompanhante da vida regenerada mas indispensável a ela como o seu fundamento lógico.

8 De acordo com Êxodo 40.26, o altar dourado de incenso também ficava no primeiro santuário, enquanto Hebreus o localiza no segundo (v. 4). Para um estudo mais aprofundado

veja Êxodo 25—26; 30; 40; *The International Standard Bible Encyclopaedia,* vol. V, p. 2887; e H. Orton Wiley *{op. cit.,* pp. 282-3), que conclui: "Conseqüentemente, o altar de ouro ficava no lugar santo, mas em suas participações rituais ele 'pertencia' ao Santo dos Santos". Veja também NT Ampl., nota de rodapé.

7 Êxodo 16.33-34; 25.16; 26.34; 40.20 e Números 17.1-11 sugerem a presença do vaso de maná e a

vara de Arão com as tábuas da lei.

8 *The Tabernacle Priesthood and Offerings* (Westwood, New Jersey: Fleming H. Revell Company,

1925), pp. 166ss.

9 W. F. Arndt and F. W. Gingrich, *A Greek-English Lexicon ofthe New Testament and Other Early*

Christian Literature (Chicago: The University of Chicago Press, 1957), p. 376.

10 Consistindo, em itálico na ARC, não é justificado (veja A. **T.** Robertson, *op. cit.,* p. **397).**

11 As **justificações da carne** *{díkaiomata sarkos)* não é o terceiro item da série, como a KJV

coloca. Em vez disso, esta frase (não deveria constar a palavra **e)** é uma justaposição aos "dons e sacrifícios" (Robertson). Todo o sistema sacrificial e cerimonial foi imposto como uma medida temporária.

12 Nestle (1958) traduziu o termo grego *genomenon* da seguinte maneira: "tendo vindo" (ou "que

estavam por vir", conforme a nota de rodapé da NVI). Isto tornaria a chegada da nova ordem de bens futuros sincronizada com a chegada de Cristo.

13 A voz média de *heurisko* pode significar "achar (para mim mesmo), obter" (Arndt e Gingrich),

mas se esta é a intenção, aqui então deveria ser traduzido: "tendo obtido redenção eterna por ele mesmo". Phillips traduz: "tendo conquistado".

14 A. T. Robertson diz: "O próprio espírito de Cristo que é eterno como Ele é", ***op. cit.***, p. 400.

15 **Novo** (*kainos*) significa um tipo novo, maravilhoso, nunca ouvido antes. Desta forma, o novo

concerto é bem diferente do antigo.

16 *Op. cit.,* pp. 400ss.

17 Atos 1.25; Romanos 2.23; 4.15; 5.14 Gálatas 3.19; 1 Timóteo 2.14; 2 João 9, ***et al.***

18 No capítulo 7, a vida sem fim de Jesus como sumo sacerdote constitui a garantia de um concerto

novo e melhor. No capítulo 8, este concerto melhor está fundamentado em promessas melhores. No capítulo 9, vemos o custo deste novo concerto — o próprio sangue de Cristo. O autor se move em círculos convergentes em direção à cruz.

19 **A** palavra *diatheke,* "concerto" (aliança), significa última vontade e **testamento,** bem como um

plano decretado. Somente em um sentido menor e geralmente não bíblico, o termo significa um contrato ou pacto entre iguais (veja Arndt e Gingrich).

20 **O livro** que Moisés aspergiu era o "livro do concerto" que ele escreveu e, em seguida, leu para

o povo. Depois de recitá-lo para o povo, ouviu a resposta unificada deles: "Todas as palavras que o **Senhor** tem falado faremos" (Êx 24.3-8). Os termos foram deixados claro duas vezes antes que o sangue selasse o concerto. O conteúdo do livro foi provavelmente Êxodo 20—23. Imediatamente depois da instituição deste concerto, Deus chamou Moisés para o monte Sinai novamente, desta vez para dar-lhe o modelo do Tabernáculo e o sistema sacrificial levítico (Êx 24.12ss).

21 A palavra *haimatekchusias,* "derramamento de sangue", é uma palavra composta encontrada somente aqui no NT. O verbo nesta oração é *ginetai,* "tornar-se". Sem derramamento de sangue não ocorre perdão.

22 Observe as possibilidades homiléticas de 9.23-28: "As Maravilhas da Redenção de Deus". O

tema é desenvolvido debaixo de *a, b* e c.

23 Cf. 8.5, em que a palavra *hypodeigma* é traduzida por "exemplar"; a palavra "modelo" é uma

tradução de *typon,* "tipo".

24 Yincent, *op. cit.,* p. 492.

25 **A** frase **para tirar os pecados de muitos** é uma citação de Isaías 53.12, e claramente identi

fica Jesus com o Servo Sofredor. A palavra *anenegkein* é o infinitivo aoristo de *anaphero,* "pagar, assumir"; neste caso "mais no sentido de tirar" (Arndt e Gingrich). Este é um termo técnico do sistema levítico; "tirar pecado" significava sofrer a completa responsabilidade e castigo (Lv 20.20; 22.9; 24.15; Nm 9.13). Mas o pecado da congregação era levado embora pelo bode vivo usado no Dia da Expiação: "Assim, aquele bode levará sobre si todas as iniqüidades deles" (Lv 16.22). A mesma palavra é usada em 1 Pedro 2.24 em relação ao sofrimento vicário de Jesus. Ele foi tanto o bode que era morto como o bode vivo. Como bode morto, Ele proporcionou o Sangue para a expiação. Como bode vivo, Ele levou nossos pecados "ao deserto" — significando que nossa culpa foi tirada. O fato de "pecado" estar no singular, no versículo 26, e pecados, no plural, no versículo 28, não altera o significado, desde que entendamos que em ambos os casos a referência é à culpa. Se levarmos nossos pecados, não há esperança. Jesus os tirou por nós, de maneira vicária, e, desta forma, tirou a culpa de nós.

26 *Apekdechomenois,* particípio articular, presente médio de *apekdechomai,* "aguardar, esperar,

antecipar" — a palavra exata usada por Paulo em Filipenses 3.20. Veja também Romanos 8.19, 23, 25; 1 Co 1.7; G1 5.5.

27 Mais uma citação de Salmos 110.1. Veja também 1.3,13; 8.1.

28 Não existe descrição melhor do conteúdo da santificação do que Efésios 1.4 e 1 Tm 1.5 (RSV).

29 Para uma discussão completa e útil do versículo 14 veja Wiley, *op. cit.,* pp. 324-8.

30 Isto está inferido pela preposição *meta,* **depois,** seguida pela elipse entre os versículos 16 e 17;

mas é tornado ainda mais claro no versículo 18 pela importância vinculada à sentença de perdão (veja Robertson, *op. cit.,* pp. 409-10).

31 Dods diz: "...não como um caminho que permanece (Chrys., etc), nem como um caminho que

leva para a vida eterna (Grotius, etc), nem como um caminho que consiste em ter comunhão com uma Pessoa (Westcott), mas como um caminho eficaz, que leva os seus seguidores ao

seu alvo" *(op. cit.,* p. 346; cf. 4.12).

[32] *Op. cit.,* p. 127. Veja também pp. 123-40.

[33] Vincent, *op. cit.,* p. 501.

[34] Veja uma frase grega semelhante em 6.11.

[36] *Op. cit.,* p. 236. Veja também João 15.3; Efésios 5.25-26; Tito 3.5; 1 João 3.5.

[36] *Op. cit.,* p. 499.

[37] Veja Wiley, *op. cit.,* pp. 331-4.

[38] *Op. cit.,* p. 205.

SEÇAO IV

[1] Robertson chama isto de argumento "do menor para o maior" e cita Moffatt que diz que este tipo

de argumento "é a primeira das sete regras de exegese de Hillel" ***(op. cit.,*** pp. 413-4).

A inferência aqui é que o castigo para a rejeição de Cristo será muito mais severa do que a rejeição de Moisés. Naturalmente surge uma pergunta aqui. O que seria pior do que morrer "sem misericórdia"? Se alguém pecasse tão deliberadamente a ponto de ser condenado à pena de morte, esse castigo supostamente seria infligido sem benefício da mediação sacerdotal e sacrificial; conseqüentemente, o transgressor morreria sem perdão — morrer, i.e., sem a misericórdia divina e sem a misericórdia humana. E se ele morria como alma perdida, será que a sua perdição era menor do que alguém que rejeitou a Cristo? Será que há graus de "perdição"? Existem três respostas possíveis. Primeira, Jesus claramente ensinou graus de castigo, com base no grau de luz e oportunidades (Lc 12.46-48). Segunda, Ele também ensinou que rejeitar o Filho do Homem excedia em pecaminosidade toda rebelião e impiedade passada e precipitaria uma ira maior (Mt 11.20-24; 12.41,42; 21.33-41; 23.34-38). Mas, terceira, podemos estar dando ao castigo do AT um significado definitivo e eterno que não está lá. A pena de morte podia ter sido uma necessidade pública, não um testemunho de destino eterno. O arrependimento pessoal pode ter sido possível com ou sem sacrifícios expiatórios. Possivelmente Hebreus 9:15 é relevante aqui, bem como Mateus 10.28 e possivelmente 1 Pe 3.18-22.

[2] **Dos que estavam nas prisões** é uma tradução melhor do que a tradução da KJV que traz:

"Vos compadecestes de mim em minhas algemas".

[3] E possível ver ***poiesontes,*** "tendo feito", como aoristo constatativo, em que a obediência exigida

para qualificar-se para ver o Senhor inclui a vida cristã completa, desde a conversão inicial até o fim da provação, e inclui não somente entrar no Santo dos Santos, mas a posse da paciência ali. Isto certamente elimina a obsessão por segurança em virtude de um ato inicial de obediência.

[4] O versículo 37 apresenta um problema complicado. O autor está aqui juntando uma breve frase

temporal de Isaías 26.20 com idéias de Habacuque 2.3, seguindo a LXX, como de costume. O uso da frase **um poucochinho** não é interpretativa de Isaías 26.20, mas é simplesmente aplicado ao acontecimento específico descrito por Habacuque. Aquela profecia parece mais pertinente à primeira vinda de Cristo do que à segunda. Além do mais, *mikron hoson hoson,* **um poucochinho,** coloca mais fogo na lenha, visto que literalmente significa "breve, muito em breve" (NVI). A ênfase deliberada está na extrema brevidade. Se a referência é, na verdade, à Segunda Vinda como é aceito acima, é necessário entender **um poucochinho** como um princípio eterno ou um ponto de vista constantemente válido. O autor, como homem, pode ter mal-interpretado este texto e esperado o retorno imediato do Senhor. Mas o Espírito, que inspirou a adoção dessa frase, tencionava que essa fosse uma expectativa instantânea de cada geração. Assim, a sua vinda é sempre "iminente". E, do ponto de vista de Deus, para quem "mil anos [são] como um dia" (2 Pedro 3.8), e do ponto de vista da eternidade, o atraso é, na verdade, um momento no tempo.

[5] O singular *dikaios mou,* "meu justo", nos lembra que a Igreja não vive uma fé coletiva, mas pela

fé individual dos seus membros. A voz média, *zesetai,* "viverá", sugere a seguinte tradução: "O justo manterá a vida dentro dele por meio da sua fé".

[6] A expressão também se refere àqueles que ocultam seu testemunho como cristãos. Cf. Atos

20.20,27, em que Paulo testifica que não se calou nem se refreou em anunciar publicamente qualquer verdade devido à covardia. O fato de alguém **recuar** é uma condição de terceira classe que indica que recuar, embora não certo, é uma possibilidade. Hebreus não está desperdiçando palavras em relação a possibilidades hipotéticas que Deus nunca permitiría que se tornassem reais.

[7] A preposição **pela** no início do versículo 3 é a tradução de uma palavra grega diferente da

preposição geralmente usada neste capítulo, mas que não apresenta um significado diferente no grego.

[8] Lit., "mais sacrifício". Sua excelência maior é sugerida no grego, em vez de declarada.

[9] O uso de *tou* com o infinitivo neste caso não significa propósito, mas resultado. Deus não o

transladou para libertá-lo da morte, mas a sua "isenção" da morte foi o resultado da ação de Deus. Veja Robertson, *op. cit.,* V. p. 420.

[10] Chamberlain, *op. cit.,* p. 197.

[11] A próxima frase deveria ser: "e adorando sobre a extremidade do seu bordão", da LXX. Isto

corresponde a Gênesis 47.31: "e Israel inclinou-se sobre a cabeceira da cama". A LXX traz a idéia de inclinar, enquanto o texto hebraico apresenta a idéia de adoração. Quer o texto se refira a **bordão** ou "cama", Robertson diz: "A palavra hebraica permite os dois significados com diferentes vogais" *(op. cit.,* p. 425).

[12] A pessoa que tem a intenção de escrever a respeito da filosofia cristã da história deveria come

çar com este capítulo.

[13] Para mais detalhes acerca de Jerico, veja o artigo de George Frederick Wright em *The International Standard Bible Encyclopedia,* vol. III, p. 1592.

[15] As mães de 1 Reis 17.17ss e 2 Reis 4.8-37 testemunharam *anastaseos,* uma ressurreição, mas a fé olha mais adiante para uma *kreittonos,* "ressurreição melhor". Qualquer ressurreição agora seria temporária e meramente física. Mais adiante do crente está uma ressurreição que é total, permanente e celestial (1 Co 15).

[16] Robertson, *op. cit.,* p. 436; cf. Phillips.

[17] Não há contradição aqui. A idéia pontual é de precisão e inteireza, mas nem sempre significa

instantaneidade.

[1S] Veja Wiley, *op. cit.,* pp. 390-3.

[19] Arndt e Gingrich. Cf. RSV, Phillips, NEB, Vincent.

[711] O único uso desta palavra no NT (2 Co 1.12) fora de Hebreus traz dificuldades textuais.

[71] Romanos 6.19,22; 1 Coríntios 1.30; 1 Ts 4.3,4,7; 2 Tessalonicenses 2.13; 1 Timóteo 2.15; Hebreus 12.14; 1 Pedro 1.2.

[22] A terceira é subjuntiva no sentido, embora a forma verbal esteja omitida.

[22] Uma interpretação alternativa é: "impossível de mudar a posição do pai".

[21] "Uma paráfrase livre de Gênesis 28.15; Deuteronômio 31.8; Josué 1;5; 1 Crônicas 28.20" (Robertson, *op. cit.,* p. 445).

[25] Acerca de **lembrai** (mnemoneuete) cf. uso da mesma palavra em 11.15, 22.

[26] "Vincent argumenta acertadamente que a epístola deve ter sido escrita antes da destruição de

Jerusalém" (A. T. Robertson, *op. cit.,* p. 449).

[27] A "comunicação" sistemática aos pobres fazia parte do início do Metodismo. Mas não devemos

limitar a idéia somente à caridade, porque os cristãos são obrigados a "comunicar" a todas as necessidades da Igreja cristã. Ofertas públicas são tão aceitáveis e agradáveis a Deus quanto os cultos públicos de louvor. Quando o pastor diz: "Vamos adorar ao Senhor com nossos dízimos e ofertas", ele está pisando em sólido terreno bíblico.

[28] Uma frase paulina usada seis vezes (Rm 15.33; 16.20; 2 Co 13.11; 2 Ts 3.16; Fp 4.9).

[29] Uma figura profética bastante conhecida desses hebreus que criam na Bíblia (SI 23.1; 80.1; Is

40.11; Jr 31.10; Ez 34.23; 37.24).

[30] A maneira de expressar a frase não só na KJV mas também em outras versões parece vincular

a frase **pelo sangue** a **vos aperfeiçoe** do versículo seguinte, inferindo que Deus nos aperfeiçoa por meio do Sangue. Embora em certo sentido isso certamente seja verdade, a outra interpretação dessa passagem, dada acima, parece estar mais em conformidade com a ordem das palavras no grego. **O grande Pastor** é declarado pelo nome na frase apositiva: **nosso Senhor Jesus,** lit., "o Senhor de nós, Jesus". No grego, essas palavras não seguem a frase **tomou a trazer dos mortos,** como ocorre na ARC, mas aparece no final deste versículo. **O** Deus que é o único que pode agir de forma redentora,

portanto, é o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, e o que o Pai faz por nós e em nós é feito por meio de Cristo como o Cordeiro sacrificial e o Pastor vivo. Veja Wiley, *op. cit.,* pp. 428-9.

[31]A subscrição: "Escrito aos Hebreus por Timóteo da Itália", não faz parte do texto.

Bibliografia

I. COMENTÁRIOS

Alford, Henry. *The New Testament for English Readers,* vol. II, Londres: Rivingtons, 1866. **Barclay,** William. *The Epistle ofHebrews.* The Church of Scotland, sem data.

Brown, John. *An Exposition ofHebrews.* Londres: The Banner ofTruth Trust, 1961 (reimpressão).

Dods, Marcus. "The Epistle to the Hebrews", *The Expositor's Greek Testament,* vol. IV. Ed. W. Robertson Nicoll. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, sem data (reimpressão).

Hewitt, Thomas. *The Epistle to the Hebrews,* "Tyndale Bible Commentaries". Ed. R. V. G. Tasker. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1960.

Moulton, W. F. *Hebrews,* "Layman's Handy Commentary". Ed. Charles John Ellicott. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1957 (reimpressão).

Murray, Andrew. *The Holiest ofAll.* Londres: Oliphants Ltd., 1962 (reimpressão).

Pink, Arthur W. *An Exposition ofHebrews,* 2 vols. Grand Rapids: Baker Book House, 1963.

Robertson, Archibald Thomas. *Word Pictures in the New Testament,* vol. V. Nova York: Harper and Brothers, Publishers, 1932.

Robinson, Theodore H. "The Epistle to the Hebrews", *The Moffatt New Testament Commentary.* Ed. James Moffatt. Londres: Hodder and Stoughton Limited, 1953 (reimpressão).

Vincent, Marvin R. *Word Studies in the New Testament,* vol. IV. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1946 (reimpressão).

Weiss, Bernhard. A *Commentary on the New Testament,* vol. IV. Trad. George H. Schodde e Ephphanius Wilson. Nova York: Funk & Wagnalls Company, 1906.

Wiley, H. Orton. *The Epistle to the Hebrews.* Kansas City: Beacon Hill Press, 1959.

II. OUTROS LIVROS

The Analytical Greek Lexicon. Nova York: Harper and Brothers, sem data.

Arndt, W. F. and Gingrich, F. W. *A Greek-English Lexicon ofthe New Testament and Other Early Christian Literature.* Chicago: The University of Chicago Press, 1957.

Chamberlain, William Douglas. *An Exegetical Grammar ofthe Greek New Testament.* Nova York: The Macmillan Company, 1960.

Haldeman, I. M. *The Tabernacle Priesthood and Offerings.* Westwood, Nova Jersey: Fleming H. Revell Company, 1925.

Mueller, Herman Edwin. *The Letter to the Hebrews, a Translation.* Jennings Lodge, Oregon: The Western Press, 1940.

Sauer, Eric. *The King ofthe Earth.* Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1962. **Sowers,** Sidney G. *The Hermeneutics ofPhilo and Hebrews.* Richmond: John Knox Press, 1965.

Thayer, Joseph Henry. *Greek-English Lexicon ofthe New Testament.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1963 (reimpressão).

Thiessen, Henry Clarence. *Introduction to the New Testament.* Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1943.

Richard S. In\ lor A. F. flarper Roy S. Nicholson Eldon li. Fuhrinan Harvev .1. S. Blane\ Delberl H. Rose Ralph Earle

0 *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracionai. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que “subsiste eternamente”.

ISBN 85-263-0694-4

9 788526 306943